

**"INTELIGENTE E UM
POUCO ASSUSTADOR."
THE TIMES**

**"AMEI! GOSTARIA
DE TER ESCRITO."
MARIAN KEYES**

**"PERFEITO PARA
OS DIAS DE HOJE."
NEWSWEEK**

ADULTOS



EMMA JANE UNSWORTH



Adultos

Emma Jane Unsworth

Tradução de Ana Rodrigues



Copyright © 2020 by Emma Jane Unsworth

TÍTULO ORIGINAL

Adults

REVISÃO

Agatha Machado

Ulisses Teixeira

PROJETO GRÁFICO

Anderson Junqueira

DESIGN DE CAPA

Ellie Game / © HarperCollinsPublishers Ltd 2020

FOTO DE CAPA

© DEEPOL / PlainPicture

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Anderson Junqueira

REVISÃO DE E-BOOK

Manuela Brandão

GERAÇÃO DE E-BOOK

Joana De Conti

E-ISBN

978-65-5560-004-9

Edição digital: 2020

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

SUMÁRIO

[\[Avançar para o início do texto\]](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Sumário](#)

[Dedicatória](#)

[Prólogo](#)

[Alguns meses antes](#)

[Art disse](#)

[Eu volto](#)

[Rascunhos](#)

[Dizem](#)

[Interior do quarto da jovem Jenny](#)

[Nos bastidores](#)

[Dizem](#)

[Posto](#)

[Dizem](#)

[Um útero todo seu](#)

[Sessão de terapia #1 \(monólogo dramático\)](#)

[O dever das curtidas chama](#)

[Imagine a cena](#)

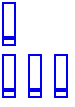
Caixa de entrada
Busca no Google
Eu disse
As patatas bravas
Kelly tinha dito
Mensagens sexuais sóbrias
Abluções
Meu banheiro dizia
Última gota
Minha mãe disse
Eu tinha dezoito anos
Art disse
Alguém diz
Um péssimo sinal
Mia diz
Caminho
Twitter bêbado
Rascunhos
Toctoctoc
Tiradas
Digo
O ultraje
Bebê elefante
Art disse
Minha mãe diz
Como conheci Kelly
Caixa de entrada
Art disse

Art disse
— O que dura? —
Stand-up ruim
A melhor anfitriã de fantasmas
Acordo assim
Rascunhos
A mente cria o abismo
Eu adorava
Rascunhos
Art disse
Você
Apelido carinhoso
Se
A mãe do Art disse
Rascunhos
Totalmente desesperada
Almoço infeliz no vietnamita
Respirando por um
Problemas populares
Rascunhos
No ônibus
Contas
Vovó disse
O mundo é meu circo e todos são meus macacos
E-mails na lixeira
Mensagens sob o efeito de drogas
Esgotamento
Sessão de terapia #2

Ressaca (um dia inteiro)
Ideia de aplicativo
Rascunhos
Olha, sem as mãos
Rascunhos
Oi oi oi
De volta em casa,
Enviados
Caixa de entrada
Provas A e B
Rascunhos
Pessoas famosas boas
Minha mãe
Natureza morta
Saímos
Rascunhos
— É engraçado
Se livrando
Rascunhos
Art disse
Conjuntos da obra
Kelly disse
Fake news
Me procura no Google
Lagarta social
Agora é sério
Acordos com estranhos
Do noticiário

Nicolette diz
Enviados
Meia hora mais tarde
Bunda efervescente
Naquela noite
Por acaso aconteceu
#Frapeh
Minha mãe diz
E o coração atravessa o abismo
Criança grande
Caça-fantasmas
Ambição nua
Soho Square
Chefe executivo das emoções
Ela diz
Int. quarto de Jenny. Noite
Kelly diz
Pergunta sincera
Desenho da figura humana
Relaxo
Deitamos
Rascunhos
Noite feliz (e razoavelmente silenciosa)
Caixa de entrada

Agradecimentos
Sobre a autora
Leia também



Para minha mãe, Lorraine.

Continue a navegar, garota brilhante.

PRÓLOGO

SOHO SQUARE

Eu me sento e espero por ela, balançando os pés embaixo do banco. Ela vai chegar logo e vai saber onde me encontrar.

Adrenalina. Aperto meus próprios braços. Bato com a ponta do pé. Odeio esperar. É isso que venho fazendo durante todos esses anos? Esperando por ela? Talvez todos aqueles terapeutas tivessem razão. Talvez terapia não seja apenas um stand-up ruim que a gente não tem coragem para apresentar.

Olho ao redor, para as pessoas conversando, posando e se reposicionando, se distraíndo nessa sexta-feira fria. Faltam poucas semanas para o Natal e a cidade está toda iluminada. As pessoas estão sorrindo demais, bebendo demais, querendo demais, usando lantejoulas demais. Nada dá tanto destaque à natureza efêmera da vida quanto lantejoulas.

Olho na direção do portão norte da praça, e é então que a vejo. Desarrumada, ajeitando o casaco. Ela observa os bancos, me vê e para. Aceno. Ela inclina a cabeça para um lado e pisca devagar, como se apelando para alguma compreensão antiga entre nós, como se tudo aquilo fosse um episódio roteirizado, algum tipo de piada interna genial. Eu a encaro sem emoção. Não estou brincando. Ela me encara de volta. É xeque-mate com a velha rainha.

Ela começa a andar. Quase não a reconheço vestida. O que é uma coisa bem estranha para se dizer sobre a própria mãe.

ALGUNS MESES ANTES

OLÁ, MUNDO!

São 10h05 da manhã e estou na fila do balcão de café da manhã do coworking em que trabalho, no lado leste de Londres. O clima lá fora é outonal, mas abafado, e eu me agasalhei demais. Estou com as axilas úmidas e me perguntado se devo dar uma fugidinha para comprar uma camiseta nova na hora do almoço. Fiz *dal* para o jantar da noite passada, com uma receita que peguei em um livro de culinária vegetariana barata comprado num bazar de caridade — e preciso dizer que ficou incrível. Agora estou fazendo um post para as redes sociais sobre um croissant, o que tenho certeza de que vai me definir como ser humano.

Olho para o celular. Estou bastante satisfeita com a foto. Usei o Clarendon para acentuar volumes e profundidades, tornando os claros um pouco mais claros e os escuros um pouco mais escuros. Acrescentei uma moldura branca para dar um toque artístico. A imagem parece transcendental — tanto quanto um croissant pode parecer. No entanto, estou tendo problemas com o texto. Já mexi nele tantas vezes que não consigo mais dizer se faz sentido ou não. Isso acontece com frequência. Demoro tanto escolhendo as palavras, pensando em como serão recebidas, me perguntando se haveria opções melhores, que elas acabam perdendo toda a

espontaneidade. Tenho medo de palco. O resto do mundo desaparece diante desse pequeno ponto de existência. É como aquele trecho de *Alien 3* em que a Ripley diz para o alien: *Você está na minha vida há tanto tempo que já não me lembro de mais nada*. Eu costumava pensar que estavam falando sobre a maternidade. Agora sei que era sobre as redes sociais.

Olho para a tela.

CROISSANTS, UHU! #CROISSANTS

Será que essa é mesmo a melhor descrição para a minha experiência no momento?

Corto o UHU e a vírgula.

CROISSANTS! #CROISSANTS

Encaro a frase de novo. Tento me lembrar da inspiração original, para ser guiada por ela. É o mínimo que posso fazer, interrogar a mim mesma. Afinal, esse deveria ser o objetivo quando já chegamos à metade da casa dos trinta: um autointerrogatório constante. Ter coragem para mudar o que pode ser mudado, e um terapeuta para aceitar o que não pode. O que eu realmente *quero* dizer sobre croissants? Como os croissants *me fazem sentir* de verdade? Por que é importante que eu compartilhe isso *neste momento*?

Deleto o ponto de exclamação e encaro as duas palavras restantes. São a mesma palavra. A única diferença é que uma delas é uma hashtag. Elas significam a mesma coisa ou algo coisa diferente? Há mais valor na repetição? Vale a pena deixar uma sem hashtag para preservar o sentimento original, intocado pelos acessórios digitais? É muito

importante fazer tudo isso corretamente. Quero que as pessoas saibam na mesma hora, em uma olhada, que esse post é sobre croissants em sua forma mais pura. Esse é o Croissant Platônico.

Deleto a hashtag e agora o post diz apenas:

CROISSANTS.

Com ponto final ou não? Um ponto final sempre parece decisivo e determinado, mas também pode ficar mais descolado e casual se apenas deixarmos a palavra solta, como se disséssemos: ah, estou tão ocupada com a minha vida fascinante que nem tenho tempo de pontuar o post. A verdade sórdida é que eu pontuo em excesso quando estou estressada/empolgada. Posso chegar a quatro pontos de exclamação em um dia bom/ruim. Pontos de exclamação são a pontuação escolhida por pessoas que se preocupam em agradar. Nos fazem parecer ansiosos e dóceis. Que incrível falar com você! Você!!!! Sempre reparo na pontuação dos outros. Quando alguém me manda uma mensagem sem pontos de exclamação ou beijos, ganha meu respeito. E também penso: será que estão deprimidas? Será que fiz alguma coisa para ofendê-las?

Às vezes, vejo pessoas usando uma fileira inteira de emojis e só quero dar um abraço nelas.

CROISSANTS

Perfeito.

Sim, acho que isso diz tudo.

Hum.

Mas não é o bastante, não é?

Ah, caramba. Eu. Não. Sei.

— Posso ajudar?

Levanto os olhos, assustada. É a minha vez de fazer o pedido.

— Hã...

Olho para os croissants sobre a bancada de pedra bruta. Agora vejo que há um problema. Tenho quase certeza — e sou muito observadora — de que um deles é de ontem. Parece mais duro do que os outros, o modo como está curvado na frente, como se estivesse tenso. Aquele croissant definitivamente tem uma textura e uma cor diferentes do resto. Não sei se isso sugere idade mais avançada, ou algum tipo de contaminação por bactérias, ou outra coisa qualquer. Como não reparei nisso? Tenho certeza de que, se eu pedir um croissant, vão me servir aquele.

Estou paralisada. Não sei o que fazer. Não me sinto capaz de pedir por um croissant específico, embora com certeza sinta que mereço um. Faço um cálculo rápido. Há oito croissants ali, e o defeituoso está no meu lado e não no da atendente, portanto é improvável que ele seja empurrado para mim. Solto o ar. Decido arriscar. Preciso dessa experiência para realizar minha... experiência planejada.

— Um croissant, por favor.

A atendente assente, mas então, por alguma razão que só ela poderia explicar, estende a mão para pegar o CROISSANT DA CALAMIDADE na frente.

— Hã, oi! Com licença. Poderia, por favor, não me servir esse croissant?

Digo isso cheia de medo, mas também com total determinação.

A atendente estala a língua. E diz, devagar:

— Eles são... todos iguais.

— Poderia me servir um dos que estão mais para trás, por favor? — peço. — Obrigada!

Todo mundo está olhando para mim.

Ela fala ainda mais devagar, como se eu fosse uma idiota.

— Mas... são todos iguais.

— Aquele tem uma cor diferente, acho — digo, mais baixo.

A mulher examina os croissants. A pessoa que está atrás de mim na fila também se adianta para olhar. O barista abandona a cafeteira e se aproxima. O caixa também. Todos olham para os croissants e, depois, para mim.

— Na verdade, é uma preferência minha — sussurro. — Pode colocar qualquer croissant no saco, por favor.

Ela coloca o croissant no saco de papel. Ele atinge o fundo com força. Pressiono meu cartão na máquina de leitura e espero o bipe. Bipa, pelo amor de Deus, bipa, cacete, porra, bosta.

Ele bipa. Eu saio em disparada.

Corro para o banheiro feminino, jogo o croissant no lixo e dou uma choradinha. Mas tudo bem. As pessoas choram o tempo todo na WerkHaus. O lugar tem aqueles reservados pequenos perto da recepção, para ligações privadas, mas, na maior parte do tempo, as pessoas só usam as cabines para chorar mesmo.

Quando paro de chorar, faço xixi. Enquanto me seco, confiro para ver se encontro sangue, como sempre.

Olho para o celular.

CROISSANTS

O sentimento permanece o mesmo, ainda que a realidade tenha saído de um jeito diferente. E é o sentimento que conta.

CROISSANTS

De certo modo, é perfeito. Factual. Mas ainda não estou cem por cento certa. Eu me lembro de uma coisa que Suzy Brambles disse uma vez em seu “Dicas incontestáveis de avó”. Ela falou: “Siga com o primeiro rascunho.”

Mudo novamente as palavras para:

CROISSANTS, UHU! #CROISSANTS

Certo. Me sinto quase pronta para postar. Para uma última checada, mando uma mensagem para Kelly.

Kelly é a minha amiga mais antiga e a mais confiável editora de redes sociais.

Pfv lê uma coisa pra mim antes de eu postar

Não não eu disse que não ia mais fazer isso

Por favor

Não, você está me deixando louca com esse bombardeio diário

Não é todo dia!

Cara, é quase todo dia

Por favor meu dia já está sendo o pior de todos!!!! Acabaram de
me servir um croissant defeituoso

Não

Eu imploro

Não vou endossar esse comportamento

Que comportamento???

Essa maluquice. Não é saudável. Nem autêntico

Autêntico???

Você disse que “crescemos juntas” em um post outro dia. A
gente tinha 22 anos quando se conheceu

A história ficava melhor daquele jeito! E, de qualquer modo,
quase crescemos juntas, já que nós duas fomos criadas no
Norte!

Tá de sacanagem

O Charlie Chaplin uma vez perdeu uma competição de sócias do
Charlie Chaplin

Tá duplamente de sacanagem

Ora, nós inevitavelmente acabamos colocando um filtro em nós
mesmos, né? Mesmo enquanto pessoas honestas transitando
pela sociedade

Pare de intelectualizar o seu problema. A vida não é uma competição de sócias

Acabei de mandar o post pra você, pfv revisa e me da um retorno

Você só pode estar brincando

Ela vai ler. Sei que vai. Kelly não faz muita coisa enquanto espera para começar seu turno de recepcionista — a não ser ver vídeos de pessoas espremendo cravos, o que acho que, de algum modo, dá a ela uma sensação de que o equilíbrio do mundo está sendo restaurado.

Ela responde depois de alguns segundos.

Está bom. Sério, não entendo com que você está preocupada

Obrigada bj

Mandei um beijo! Espero que ela sinta esse agradecimento. Minha educação-beirando-a-elegância. Então, depois de alguns segundos, mando:

Espero que você tenha demorado algum tempo realmente analisando, que não tenha corrido só para responder, tá?

Ela não responde.

Kelly faz isso às vezes. Se fecha. Ela protagonizou uma versão muito maior disso quando eu estava prestes a ficar com o meu ex, Art — naqueles dias inebriantes que passei

investindo nele com afinco —, e pedi a ela que lesse as coisas que eu mandava para ele. Às vezes, a gente só precisa de uma segunda opinião, sabe? Afinal, para que servem os amigos?

Kelly também é do Norte. Ela é de Yorkshire. Uma rosa branca, enquanto sou uma rosa vermelha. Ela é um anjo na minha vida, mas começou a me menosprezar publicamente e, para ser honesta, isso está começando a irritar. Exemplo: na semana passada, postei uma foto de um banco coberto de folhas no parque, com a legenda:

Outono, você sempre foi meu favorito

E ela comentou:

Você acha que gostar do outono te torna uma pessoa mais complexa?

Alguns dias depois, postei uma vista encantadora de um campo e ela escreveu:

Cara, não tem nada nessa foto

Não é o tipo de coisa que se espera ouvir de uma amiga querida. MAS, se você me perguntar quem mais me conhece, quem mais me *ama*, quem *eu* mais amo — bem, sei qual seria a resposta. Kelly me empolga, simples assim. Ela me empolga. Talvez tenhamos nos afastado um pouco nos últimos tempos, mas temos o tipo de amizade capaz de suportar distância emocional. É muito tranquila. Como um casamento aberto.

Kelly tem um filho, Sonny. Conheço os dois há doze anos, embora tecnicamente tenha conhecido Sonny primeiro. Ele tem catorze anos agora. Kelly ficou grávida de um ex-

namorado na época da faculdade — um cara que ela superou bem rápido, segundo me contou. Ele agora tem um filho com outra mulher e é um ativista sério, do tipo que bloqueia estradas. Esse cara e Kelly uma vez ficaram em cima de uma árvore por seis semanas, enquanto ela estava grávida, e acho que foi durante esse tempo que Kelly percebeu que o relacionamento não tinha futuro. Sair de férias com um namorado e ter que fazer cocô numa sacola plástica, além de passar o tempo todo discutindo sobre quem tem mais comida sobrando, já que não há nenhum entretenimento eletrônico disponível, é, sem dúvida, uma decisão determinante: ou se fica junto para sempre a partir daquele ponto, ou o relacionamento acaba ali mesmo. Kelly ainda tem uma tatuagem de estrela no pulso, da época em que era anarquista. (Mas ela nunca dispensou uma boa tábua de queijos. Acho que com frequência descobrimos isso sobre os anarquistas — eles ainda gostam dos pequenos confortos.)

Na última vez que vi Sonny, uns dois meses atrás, disse para ele parar de seguir garotas com unhas falsas gigantescas no Instagram, porque elas estavam imitando atrizes pornô. Ele respondeu que eu estava sendo preconceituosa com as unhas delas. E me contou a história de um amigo que tinha apertado o botão errado de uma máquina de venda automática nos Estados Unidos, o que fez com que acabasse recebendo uma pílula do dia seguinte em vez de uma bebida — então, o que eu tinha para ensinar a ele, afinal? As pessoas estão deprimidas com o estado totalitário para o qual estamos nos encaminhando — um mundo onde nosso

uso da internet será restrito a vermos os rostos brilhantes e imbecis dos nossos líderes não eleitos —, mas, pelo menos, isso vai salvar as crianças da pornografia. Tudo tem seu lado positivo.

Eu disse para Kelly que temos mais obrigação do que as gerações mais novas de respeitar as redes sociais, porque não somos nativos digitais. Fomos criados com o impresso. Essa mudança vem sendo a maior reviravolta cultural e psicológica da nossa vida. Não tínhamos e-mail até entrarmos para a faculdade. A internet pode nos apresentar algumas surpresas. Uma vez, comprei uma cômoda no eBay, e, quando chegou, era um móvel em miniatura, para uma casa de boneca. Achei que o preço — uma libra e noventa e nove — tinha sido uma pechincha. Além disso, não fomos criados para ser transmissores natos. Tivemos que aprender a usar as tecnologias, e rápido. Eu me lembro desse movimento em direção a um registro documental diário (a cada hora, constante). Anos atrás, uma amiga me deixou maluca durante uma caminhada, porque ficava parando o tempo todo para tirar fotos para o Facebook. Fiquei muito frustrada — eu só queria andar. Era como estar em um carro que morre toda hora. Agora, seria eu a pessoa correndo para o penhasco mais próximo em busca de sinal para o celular.

Falando nisso...

Está na hora de puxar o band-aid. Em um impulso, acrescento uma hashtag de última hora. Agora vai mesmo!

#pessimoatendimento

Posto a foto. A espera começa. É como aquele enigma da árvore caindo na floresta vazia. Se não houver ninguém lá, será que a queda produz algum som? Se você posta alguma coisa nas redes sociais e ninguém curte, será que você existe? Calculo que, com o meu número de seguidores, posso mensurar o sucesso de um post na base de aproximadamente dez curtidas por minuto. Mas a verdade é que não há fórmula para isso — e já tentei de tudo. Uma vez, cheguei até a arrumar uma viagem de um dia para Heptonstall para fotografar o túmulo de Sylvia Plath (literária, trágica, preenchia tantos itens essenciais!), e tantas pessoas deram coraçõezinhos na foto que fez valer as cem libras da passagem de trem. Antes eu fazia as coisas só pelo prazer de fazer, mas agora o desempenho das minhas atividades nas redes sociais é um fator definitivo.

Já se passou quase um minuto e ningu...

Sim! Uma curtida! E outra! E três, e quatro! Obrigada. Agora que o lacre foi rompido, tudo fica sexy. Alguém comenta “Delícia”. Avalio se devo ou não curtir o comentário. É um compromisso, curtir comentários, porque depois que se começa, é preciso fazer a mesma coisa com todos. Na verdade, é melhor nem começar, e também parece menos obsessivo, não dá a impressão de que estamos monitorando as coisas. Vou só deixar isso aqui e ir embora! Como assim, você acha que não tenho nada melhor para fazer no meu dia do que ficar atualizando essa bobagem?

Fico feliz com qualquer curtida, mas, na verdade, estou esperando pelas mulheres que realmente admiro on-line. A

coisa vem tomando esse rumo há alguns anos, e recentemente ficou mais forte. O que eu mais quero é que essas mulheres me notem. Espero por um nome que signifique alguma coisa. Espero por um sinal. Há certas pessoas cuja atenção estou ansiosa para atrair. Margot Ripkin. Buzzface Cruise. Wintering Marianne. Suzy Brambles. Suzy Brambles mais do que o resto, talvez, porque ela acabou de me seguir de volta (há dois dias! E eu a sigo há anos), e isso me dá a sensação de que agora estamos conectadas. Como deveríamos estar. Unidas, você poderia dizer.

Suzy Brambles. Ah, Suzy Brambles, com o corte chanel agressivo, o Citroën DS preto, as aulas de kickboxing, os olhos amendoados e os lábios que parecem estar chupando um zepelim congelado. Como não curtir? E eu curto. E curto e curto e curto. O primeiro post que chamou minha atenção foi o de uma espiga de milho queimada em um churrasco na praia, com a legenda: *A aventura já está dentro de você*. Eu me sentia bastante perdida no que dizia respeito à aventura na época, por isso, aquela espiga de milho se conectou comigo em vários níveis. Essa manhã, Suzy Brambles estava chutando folhas para o alto em Dulwich. Ela é tão divertida! Já vi o vídeo cinco vezes. Suzy Brambles só posta em preto e branco. Isso é porque ela tem integridade. Assisto mais uma vez ao vídeo no parque. Cada vez que assisto, encontro algo novo para admirar na escolha da composição, do ângulo e do filtro de Suzy.

Verifico a hora. Quase onze da manhã. Como isso...

ART DISSE

— Essa é a primeira coisa que você vê de manhã e a última que olha à noite.

Estávamos na cama. Mais ou menos uma semana antes de terminarmos. Eu estava dando uma olhada no meu celular enquanto fazíamos sexo. Entendo agora que aquilo pode ter sido interpretado como grosseria — alguns diriam até uma ofensa. Ele pousou as mãos nos meus ombros e disse:

— Para.

Parei.

Ele falou:

— Jenny, por algum motivo, estou com a impressão de que não tenho toda a sua atenção.

— Tem, sim!

— Não tenho. Mesmo você estando aqui, é como se não estivesse. É como se metade da sua cabeça estivesse em outro lugar.

E estava. Metade da minha cabeça estava em Copenhague, onde Suzy Brambles se divertia muito. A louça de cerâmica de um restaurante em particular era “lambível”.

Art disse:

— É como se essa interação constante tivesse se tornado um muro entre nós.

Eu quase respondi: *Mas o sexo exige atenção total da pessoa?* Afinal, a alimentação não exigia — e provavelmente

é tão importante quanto sexo.

Olhei para o celular de novo. Sorri para a sorridente Suzy.

Art saiu de debaixo das minhas pernas, se sentou na beira da cama e tirou a camisinha. Então, esfregou o rosto.

— Ok — disse ele. — Estamos com um problema.

Terminei de escrever meu comentário, um único emoji simples de um coração vermelho — a escolha clássica, apenas... *o suficiente* —, desliguei a tela do celular e olhei para ele.

Art disse:

— Você fica nessa coisa quando comemos, quando vemos TV, quando saímos para caminhar, e agora está olhando para isso *enquanto fazemos sexo*.

— Era um trecho meio lento!

— Era sexo, Jenny. Não um filme.

Olhei para ele e tentei ser fofa.

— Mas, às vezes, é tão bom quanto nos filmes.

— Hummmmmmm.

Foi um som longo, aquele hummmmm. Como uma campainha de porta, ou uma vespa presa dentro de um pote. Fiquei olhando a luz do sol tremular na parede. O verão estava quase no fim. *Primeira coisa de manhã e última à noite*. Houve uma época — mesmo na minha vida — em que esses espaços de tempo teriam sido reservados para um amante.

Art disse:

— Você está apaixonada por alguém da internet?

— Não! — respondi. O que quase não era mentira.

Ele disse:

— Reparei em uma correlação direta entre você estar cada vez mais distante de mim e mais próxima do seu celular.

E também:

— É como se eu não conseguisse alcançá-la quando você está olhando para o aparelho. Seus olhos ficam arregalados e você fica elétrica, como um robzinho feliz.

E depois:

— Só que você não está feliz.

— Como você sabe que não estou feliz?

— Porque você nunca está satisfeita.

Segurei o pênis dele.

— Talvez eu simplesmente seja assim.

EU VOLTO

para o escritório principal. Todos ali são do tipo criativo — a maioria trabalha com publicidade e mídia. Há muito linóleo. Muitos dachshunds. Muitas plantas de-verdade-imitando-plástico. Vemos homens com relógios de bolso à mostra trocando cumprimentos por cima de MacBooks Air, e me preocupo com o significado disso para a evolução.

Trabalho para uma revista on-line, *The Foof*, que é tão esquisita quanto seu nome. Minha editora, Mia, é de um destemor social assustador — estúpido, admirável? Acho que essa é a sétima ou oitava startup dela. Art a chama de “tonta deliciosa” (não na frente dela). Fico ansiosa para agradá-la, porque sou viciada em conseguir aprovação dos outros, e logo estabeleço uma dinâmica professor-pupilo com pessoas em posição de autoridade. Deveriam me ver fazendo um exame de papanicolau — é como se eu estivesse tentando *vender* a minha vagina superlimpa. Achei que tinha ofendido Mia na sexta-feira, quando disse que aparelhos de clareamento dental com luz ultravioleta eram uma imbecilidade, sem saber que ela estava usando um (achei que ela estava falando daquele jeito arrastado por causa de antidepressivos), mas então Mia curtiu uma das minhas fotos no domingo e suspirei aliviada, porque vi que estava tudo bem entre nós. O sábado foi turbulento — passei grande parte do dia questionando minha vida, meu valor. Embora

não respeite Mia, tenho medo dela e, profissionalmente, isso acaba sendo bom, porque significa que quero impressioná-la, o que me faz dar tudo de mim no trabalho. Só sou eficiente quando estou cercada por pessoas que quero impressionar. Caso contrário, minha energia se extingue. Se realmente me sentisse confortável perto do meu chefe, eu só produziria lixo. Um vago terror social: essa é a minha motivação.

A *The Foof* tem um escritório permanente aqui, no sentido mais livre possível. Há uma placa — *FOOF TOWERS* — em letras gorduchas cor-de-rosa ocupando a parede do fundo. A placa poderia ser retirada a qualquer momento. Assim como a parede.

Cruzo o ambiente até minha mesa. Não vou ao escritório todo dia, por isso compartilho a mesa com Gemma, que escreve os horóscopos e faz críticas de produtos, e que é tão animada que tenho vontade de dar um soco naquela cara. (Desculpe, não quero que pense que só porque trabalho com conteúdo sou uma idiota.)

Eu me sento e começo a escrever um e-mail, que é o que faço depois de qualquer interação social insatisfatória.

RASCUNHOS

Assunto: Aquele croissant

Cara Especialista em Café da Manhã, Rainha da Granola,

Você sabe tão bem quanto eu que aquele croissant era pré-histórico. Era da fornada de ontem, e por isso você estava tentando empurrá-lo para mim. Mereço um croissant fresco, não é mesmo, pelas 3,50 libra que paguei? Nos Estados Unidos, esse tipo de hesitação dentro da indústria de serviços seria inimaginável. NA PRÓXIMA VEZ, SÓ ME DÊ O CROISSANT QUE EU QUISER, PELO AMOR DA DECÊNCIA BÁSICA.

Atenciosamente,

Jenny McLaine

The Foof (colunista)

DIZEM

que é essencial incorporar a atenção plena à rotina diária. Gosto de praticar algumas vezes ao longo do dia, só para garantir. Depois de escrever o e-mail, respiro fundo e conto até dez em hindi. Tenho até um aplicativo para me lembrar de fazer uma pausa de tempos em tempos. O aplicativo grita *FAÇA UMA PAUSA, BABY!*, em uma voz estilo Austin Powers (escolho essa voz entre seis opções). É um pouco agressivo, mas é bom saber que alguma coisa se importa comigo.

Confiro *la situation* do *mon croissant*. Trinta e cinco curtidas. Santo Cristo. Só pode ser brincadeira. A casa dos trinta é um número desastroso de curtidas. Sério.

Enquanto examino o post, percebo que tagueei automaticamente a WerkHaus, e, por mais que esteja chateada com o que aconteceu de manhã, não quero que ninguém perca o emprego por minha causa. Vi o filme *An Inspector Calls* — várias vezes — com a minha mãe. Sei como as pessoas na indústria de serviços são capazes de levar as coisas a sério. Minha vida é um perfeito cenário de guerra de consequências potenciais.

Clico em editar o post e desmarco a localização. Tarde demais! Alguém na WerkHaus — Joel, do The Little Green Bento Den, o restaurante japonês — comentou:

Foi a grandona de queixo projetado? Aquela mulher é um orc.

Cacete, Joel. Penso no que fazer. Não quero que Suzy Brambles ou qualquer outra notável do meu Instagram pense que estou endossando essa agressividade. Também não quero entrar em uma discussão com Joel que poderia durar várias horas e aumentar a minha pressão sanguínea. Já sacrifiquei metade de vários dias por conta de desentendimentos on-line. E tenho uma coluna para escrever. O digital não se opõe automaticamente ao que é de carne e osso, como alguns podem argumentar — tudo isso tem um efeito muito físico em mim.

Digito em resposta ao Joel:

Caprichando na MISOGinia como sempre, pelo que vejo.

Pronto. Acho que é inteligente e definitivo. Não tem como rebater. Agora podemos todos relaxar.

Fico olhando para o meu comentário.

Ah, Deus. Não é nada inteligente. É exagerado e inepto como todos os meus comentários. Cacete.

Deleto o meu comentário e o de Joel, e bem na hora em que estou me arrependendo de ter deletado o de Joel (parece covarde, deletar sem comentar, e ele é o tipo de babaca que vai perceber e comentar de novo), apoio o rosto nas mãos.

— BOM DIA, FLORES DO DIA!

Levanto os olhos. Mia paira acima de mim. Ela usa um vestido branco ofuscante, com uma gola alta gigante que esconde a metade inferior de seu rosto. Parece uma mulher da era vitoriana que acabou de voltar do espaço. A boston terrier de Mia, Simone, está aos pés dela. Simone uma vez arranhou as minhas iniciais com perfeição no piso do

escritório. Pode me chamar de paranoica, mas não há como negar que era, sim, um “J” e um “M”. Outra vitória para o inconsciente. Meu argumento é: você sabe que alguém julga você quando o cachorro dessa pensa julga você. *Nenhuma capacidade de linguagem, mas como é crítica!* Esse tipo de coisa.

— Como está minha ruiva rabugenta favorita? — pergunta Mia, e sua voz atinge diretamente meu rosto e penetra no meu ser. Ela está segurando uma bebida cor de açafrão e uma edição enrolada da *Vogue*.

— Odeio quando você me chama assim.

— Não seja antipática, bebê. Ouvi dizer que inventaram um novo drone pessoal que é também uma bolsinha, uma clutch. Quando você sai, é só lançar ele no ar que o negócio captura sua noite do alto, em imagens de todos os ângulos.

Acho sinceramente que seria capaz de dar um tiro em Mia — provavelmente na cara — se a opinião dela a meu respeito não fosse tão importante para mim.

— Não preciso de um lembrete aéreo do fracasso que foi a minha noite — comenta Vivienne, a editora de reportagens especiais.

Vivienne tem um metro e oitenta, é magra e musculosa, com veias grossas se destacando nos braços fortes. Ela parece o tipo de mulher que passou tempo demais fumando em praias espanholas. Tenho certeza de que já matou alguém. Acho que nunca a vi sorrir, e ela não tem conta em nenhuma rede social — o que só aumenta seu ar ameaçador... e seu valor. Vivienne e Mia são amigas da época

da faculdade de moda. Qualquer um consegue ver que Mia sempre foi a endinheirada e ambiciosa, enquanto Vivienne era a esponja. Vivienne não dá a mínima para nada. Toda vez que estou perto dela, tenho vontade de sussurrar: *Me ensina a comer alcachofra, Vivienne.*

— Você é tão limitada assim, Viv? — pergunta Mia. — Esse é o ângulo da garota adolescente. Imagens do alto fazem todo mundo parecer uma adolescente. Se você compartilhasse algo da cultura popular, eu não teria que lhe dizer isso.

— Não me misturo — retruca Vivienne. — Sou eu quem controla as marionetes.

— Pois bem, encomendei uma amostra do drone/clutch — avisa Mia —, e vou testá-lo, em nome do jornalismo investigativo.

— Falando nisso — diz Vivienne —, vou conhecer o novo restaurante israelense em King's Cross na hora do almoço. Talvez não volte por alguns dias.

— Jenny! — grita Mia, como se tivesse acabado de se lembrar do meu nome. — Como foi o seu fim de semana?

— Ocupado! Alguns drinques, uma vista particular, sabe como é.

— Sim, vi a sua foto.

— Ah, viu? Que legal, obrigada — digo, entusiasmada.

— Você não vai me perguntar o que eu fiz?

— O que você fez?

Ela examina o meu rosto.

— Saí... para comer... e sei que você sabe o que eu fiz, porque você curtiu outras fotos mais ou menos na mesma hora em que postei a minha, então por que não curtiu a minha?

Vivienne posiciona melhor o pescoço. Ela conhece o placar. Ela *marca* o placar.

— Não devo ter... visto? Você sabe que, às vezes, o aplicativo reordena as fotos.

— Humm.

A verdade é que curto os posts de Mia a cada cinco ou seis fotos — nem sempre porque gosto deles, mas meio que para dizer oi e para fazer com que ela lembre da minha existência. Não quero parecer agressiva. Achei que estava gerenciando bem as minhas curtidas. É claro que não estou.

— E como está o Art? — pergunta Mia.

— Está ótimo! Ocupado.

Ela entrelaça as mãos. De novo aquilo.

A título de explicação, basta dizer que há um monte de mulheres que babam pelo Art. Um monte de mulheres de uma certa idade. Sei que não é nada feminista dizer isso, mas é um fenômeno que traz à tona o pior em mim. Em exposições, lançamentos, espetáculos... Ele é o fotógrafo sexy de cabeça raspada. O brutamontes gostoso. Posso ver nos olhos delas: Art é uma fuga bem-vinda dos maridos que têm nojinho de fazer sexo oral nelas.

— Ele consegue aparecer para uns drinques na sexta-feira?

— Não sei.

— Nem mesmo um?

— Um drinque?

— Sim.

— Vou perguntar.

— Faça isso.

— Farei.

— Grata. Então — continua Mia. — Qual é a coluna dessa semana?

— Morar com mulheres versus morar com homens. Um texto meio inspirado pela nostalgia dos meus dias de faculdade.

— Fofocas, comentários cáusticos, tudo arrematado com sabedoria feminina básica?

— Confere, confere, confere!

Ela hesita.

— Só mantenha um tom alto-astral, em vez de melancólico.

— Apimente o texto — sugere Vivienne. — Se não fica chato. Você parece alguém reclamando do sapato naqueles programas de TV de domingo sobre esportes.

Mia diz:

— Calma, calma. Mas sim, Jenny, é verdade. Ficamos entediadas com a sua vulnerabilidade. Guarde-a para sua terapeuta. Precisamos de vozes fortes, não de pedidos carentes de ajuda. Queremos ferocidade. Força. Um rugido de uma fêmea na selva, não um choramingo. Essa é a linha de frente do feminismo. Temos trabalho a fazer. Foque nas pautas. Lembre-se do nome da sua coluna: MULHER MODERNA E INTENSA.

— Mas isso é um paradoxo, não é, focar em *pau-tas* em uma revista feminista?

Mia me encara.

— Por que *pautas* precisariam ter a ver com ereção? Ainda estamos fazendo esse tipo de comentário? POR FAVOR. O termo é forte demais para que seja só de uns babacas. Dê mais força a ele.

Engulo em seco.

— Eu entendi, Mia.

Mas não entendi.

Ela começa a se afastar, mas então se vira e diz:

— O título dessa conversa é: não se contenha. Exploda e fale tudo sobre como é viver com outras mulheres. Enfie uma granada no rabo dessa utopia feminina.

— Entendido.

Simone segue Mia e me lança um olhar de lado, truculento.

Vivienne vai até a pequena cozinha e começa a torturar a máquina de café.

— Por que está mordendo a ponta dos dedos? — pergunta ela. — Ansiedade?

— Não, é porque me acho gostosa.

Confiro mais uma vez as minhas curtidas (quarenta e duas, eu devia me matar) e começo a escrever.

Paro de digitar a cada dois minutos, mais ou menos, e deixo meu polegar e meus pensamentos se dispersarem em um voo rápido, cheio de cambalhotas. Isso, isso, isso, isso.

De volta para o trabalho para mais algumas frases. Mais uma voada. Isso, isso, isso. Minha cabeça transborda.

É assim que eu penso:

Estou fazendo o que deveria, escrevendo. Ah, isso é muito bom. Sou capaz de escrever uma boa frase quando me concentro — não, espere, isso está horrível, por que eu sou tão horrível? Sou horrível assim por causa daquela vez em que beijei meu amigo apesar de estar namorando, porque não consigo separar uma amizade heterossexual platônica de uma oportunidade para sexo? Ah, tem também alguma coisa a ver com política! Eu deveria entender mais de política. Vou curtir isso porque assim as pessoas vão pensar que entendo de política. Ou talvez seja tão horrível assim porque uma vez tuitei um verso de um poema meu, depois de ter ficado acordada a noite toda, e alguém respondeu *Tire a cabeça de dentro do próprio rabo de vez em quando*, e era o irmão de um ex meu. Ou sou horrível por causa do comentário que alguém uma vez deixou — do nada — em uma das minhas colunas: *VOCÊ NÃO TEM INTEGRIDADE*. Sou obcecada por quem quer que tenha escrito aquilo. Como ousa estar tão certo a meu respeito? Também foi o primeiro comentário, por isso será eternamente a primeira coisa que se vê abaixo do texto — não posso acreditar que não é possível remover o comentário com base legal. Eca, essa mulher com seus *haikus* sobre autocuidado é terrível. O podcast dela é o segundo na lista dos mais ouvidos. Eu devia fazer um podcast. Mas sobre o que seria? Talvez sobre política. Talvez falar de política para quem não sabe nada sobre política. Como eu. Sou UMA

MULHER DO POVO. Só preciso de tempo. Não sei como as pessoas encontram tempo para fazer podcasts. Não tenho tempo nem para terminar essa fras...

Meu celular anuncia uma mensagem. Corro para ver.
É uma das minhas inquilinas. Sid.

Oi, você viu a metade do abacate que estava na geladeira? Bj

Ela me manda microagressões como essa todo dia.
Respondo:

Sim, comi no café da manhã, achei que não teria problema, já
que você comeu metade do meu pão artesanal na semana
passada. Bj

Não fui eu, foi o Jonah. Como você sabe, não como glúten. Bj

Mas foi no seu quarto que ele passou a noite. Bj

Jonah é uma pessoa com vontade própria, por que eu seria
responsável pelas ações dele? Bj

Tudo bem. Vou comprar outro abacate. Um inteiro. Bj

Não vai adiantar muito pra mim agora, né? Não se preocupe!
Vou ficar muito grata por você comprar outro abacate. Bj

Repito para mim mesma que esse negócio de inquilino é
só por um tempo, mas não sei como vou dar conta de
sustentar aquela casa sozinha. Provavelmente preciso dar
um jeito de trabalhar mais. Jornalista/podcaster/política.

Afinal, a vida na política não pode ser assim tão difícil. Hoje em dia, estão todos encrocados e renunciando toda hora. Posso me encrocar e me demitir também! Principalmente pelo dinheiro. Vou pensar um pouco a respeito quando tiver algum tempo. Tenho três inquilinas no momento: Sid, Frances e Moon. Todas têm vinte e poucos anos, o que faz com que eu me sinta ótima. Normalmente, quando chego, elas estão dominando a sala de estar. Outro dia, quando entrei, as três tinham ido a um festival no Victoria Park que durara o dia todo. Estavam jogadas no sofá, pálidas e chapadas como uma gangue de fadas do mau. Fadas malvadas que matam bebês. Esse tipo de fadas.

Mia se aproxima. Está segurando a minha coluna, impressa.

— Bem, isso não vai começar uma revolução. Mas pode iluminar alguns recantos menos intelectualizados. Me diga, você tem fotos reveladoras dessa época?

— Tenho certeza de que consigo desencavar alguma coisa — respondo.

— Excelente. Mantenha isso halal.

Olho para minha vizinha de mesa mais próxima, confusa. Ela sussurra:

— Ela está tentando fazer isso pegar. São alimentos preparados segundo as leis islâmicas. É como comida kosher para os judeus.

Assinto para Mia. Ela troca um soquinho vazio comigo e se afasta.

Pego meu notebook e começo a examinar fotos antigas escaneadas, mas acabo me distraindo com fotos em que estou com Art. Paro em uma com ele e minha mãe em um bar. Eles estão com os braços passados um ao redor do outro. Eu me lembro de como a minha mãe surgiu de repente naquela noite — usando saltos altos — e gritou (para ser justa, ela sempre grita — quer dizer, ela *projeta*):

— Pode conseguir um lugar para eu sentar? MINHAS BOLAS ESTÃO ME MATANDO.

Todos no bar olharam — era o que ela queria, claro. Art achou o máximo. Exibidos, os dois.

— Você tem a espirituosidade dela — me disse Art mais de uma vez.

No entanto, gosto de pensar que o fruto caiu um pouco distante da árvore da espirituosidade, rolou para longe no campo da espirituosidade e parou aos pés da Montanha da Espirituosidade.

De qualquer modo, ela foi muito legal com ele naquela noite. Legal demais. Minha mãe nunca tinha sido tão legal com ninguém que eu havia lhe apresentado antes. Mas ela adorou o Art de cara. Quando ele foi ao banheiro, comentei:

— Você parece... muito ansiosa para agradar o Art. Você não é assim.

Afinal, ela já havia dito inúmeras vezes: *Querida, quem precisa de um homem quando se tem uma casa, um personal trainer e uma máquina automática de chá?*

— O que você quer dizer com *você não é assim?*

Ela me lançou um olhar inocente.

Devolvi um olhar cínico.

— Você sempre foi grossa com os meus namorados.

— Gosto da energia dele. Complementa a sua. E a minha.

Eu me encostei na cadeira.

— Você está dando em cima dele? Porque, se estiver, essa situação está chegando perto demais de se tornar um clichê.

— Hahaha! Dando em cima... que ideia!

— Porque mais cedo você se descreveu como “mãe adolescente”. Você realmente usou essas palavras.

— É tudo muito simples: acho que ele é bom para você.

— Sou boa como sou. Não preciso de ninguém para me fazer melhor.

— Sei disso. Mas também sei...

— O quê?

— Como a gente se sente, às vezes.

Na minha cabeça, achei que ela estava querendo dizer “solitária”, mas não quis insistir no assunto e, de qualquer forma, Art estava voltando. E como ela poderia se sentir solitária, aquela mulher que declarava ser constantemente perturbada e perseguida pelas vozes dos espíritos, que invadiam seus pensamentos como crianças desembestadas, segundo ela mesma. Uma vez perguntei à minha mãe: *como você desliga?* Ela piscou e levantou o copo de gim para mim.

No bar, minha mãe apoiou a mão no meu braço.

— Mas você precisa explorar os anos de adolescência do Art junto com ele. Não permita que ele seja evasivo. Não deixe que as experiências... tóxicas que ele teve o impeçam... de experimentar coisas com você.

— Obrigada, mas não preciso de conselhos de relacionamento de alguém que não tem um relacionamento desde os anos 1990.

— Ora, e como você chama isso?

— Isso o quê? — perguntei, confusa.

Ela indicou nós duas com um gesto.

— Eu e você? Ah! Estou falando de um relacionamento de verdade. Um relacionamento romântico.

— *Romântico*. Deus a ajude.

Ela teve alguns relacionamentos, anos atrás — relacionamentos em que investiu bastante, a ponto de sentir ciúmes. Está sentado? Porque vou contar, querendo você ou não.

Muito tempo atrás, nos dias em que o amor ainda era analógico, minha mãe conheceu um homem chamado Roger. Roger, o Produtor Teatral, para dar a ele o título completo. E realmente é preciso fazer isso com homens como ele, senão eles acabam sendo o mesmo que nada. Como a maior parte dos homens da minha mãe, Roger era casado e morava em Londres, mas viajava muito. Na primeira noite que ele passou lá em casa, desci fingindo estar com dor de cabeça, com sede, mas a minha febre era de curiosidade. Tinha treze anos.

A minha mãe estava na cozinha, preparando alguma coisa grande e gelada. Roger era baixo e quente.

Ele se surpreendeu ao me ver, de camisola branca, na porta. *Ah, oi! Você deve ser a Jenny.*

Assenti e fui me sentar na ponta do sofá, ao lado da luminária em forma de cobra enrolada que era o bem mais amado da minha mãe. Sorri para o Roger em expectativa. Tinha coisas a aprender. Gostei do modo como os braços dele se sobressaíam na camisa de manga curta. Estava em uma idade em que ainda confiava em músculos.

Quantos anos você tem?, perguntei.

Quarenta.

Uau. Ele era tão impossivelmente velho. Parecia ser esperto e rico, ter estado por toda parte. Eu nunca tinha ido além do nosso quarteirão. Levantei os pés para cima do sofá, os joelhos abertos — cumprimentando ele e todos os homens excitantes de toda parte!

Ouvi os copos que minha mãe segurava tilintarem. Não me virei. Fiquei sentada ali, os olhos fixos nos de Roger, esperando, contando. Dois segundos, três. *Mamãe, posso ir?* As mãos dela pousaram no meu ombro e ela me puxou para o hall.

Você está grande demais para se sentar daquele jeito.

Ela queria que eu chorasse. Eu queria bater palmas de alegria. Talvez porque finalmente tinha a sensação de que estávamos à beira de algo real. Minha mãe não estava me protegendo com a raiva dela — não como quando eu corria para a rua ou me perdia nas lojas. Além da raiva, havia medo em seus olhos, eu podia ver, mas havia também uma terceira emoção — uma emoção com a qual ela não se sentia confortável, mas que também não conseguia reprimir. Ahá! Ahá! Ah, as epifanias impiedosas da filha confrontando o

guardião do portal. Minha mãe era como o chefão na última fase do jogo, o obstáculo entre mim e algum plano superior, do lado de fora, e eu a derrotaria em algum momento, ela sabia disso. Aqueles surtos dourados de crescimento — eles chegam como marinheiros, dando tudo e tomando tudo.

Então, um dia, Roger deixou de aparecer.

— O que aconteceu? — perguntei.

— A relação seguiu o rumo que tinha que seguir — respondeu minha mãe. — Como deveria acontecer com todos os relacionamentos com homens.

Procurei nos olhos dela pela mentira. Minha mãe me encarou de volta, como sempre fazia, com os olhos semicerrados. Eu olhara tantas vezes dentro daqueles olhos, na vida real e em fotografias, tentando fazer uma espécie de regressão a vidas passadas por conta própria. E como fora a infância da minha mãe?

As Irmãs McLaine eram todas ruivas, as quatro, e minha mãe era a mais velha por três anos. Até os meus avós viam as filhas como uma novidade — eles as faziam cantar juntas em concursos nas férias, em Rhyll, em Blackpool e em outras cidades costeiras. Minha mãe contava que elas ficavam uma ao lado da outra no palco, como as crianças Von Trapp. Usavam culotes pretos, blusas brancas e coletes cinza, como quatro pequenas amazonas. (“Não é o meu primeiro rodeio”, diz minha mãe toda vez que está prestes a subir ao palco.) Elas costumavam ganhar os concursos, mas, quando não ganhavam, isso arruinava as férias. Minha mãe ainda canta

depois de tomar alguns drinques. Ela é o que pode ser chamado de um karaokê descontrolado.

O que sua mãe faz?, me perguntavam as crianças na escola.
Ela é atriz, eu dizia.

Minha mãe ainda faz exercícios vocais toda noite. Ela revê as participações que fez em novelas obscuras (*Under the Doctor*) e em filmes biográficos de baixo orçamento (*Shelly's Shame*). Seu quarto mais parecia um *boudoir*. Quando minhas amigas iam lá em casa, ela tentava corrigir a pronúncia delas e ensiná-las a projetar a voz, a fazer preparação vocal. *Respire fundo, puxando o ar da parte mais baixa dos pulmões, imagine uma faixa elástica ao redor da sua cintura e tente empurrar a faixa para fora conforme respira. Ombros relaxados, respire pelo nariz, deixe o ar sair pelo nariz e pela boca. Flexione os joelhos... Não TANTO, assim parece que você está no vaso sanitário... Relaxe! RELAXE!*

Tínhamos festas de fim de ano incríveis. Uma TV de vinte polegadas. Eu me exibia pela escola com meus sapatos Clark Magic Step, que tinham uma chave escondida no saltinho. Às vezes, saíamos de carro, percorrendo as estradas, indo e voltando das cidades-satélites onde ela se apresentava: Sale, Altrincham, Eccles, Weaste. Eu, no banco do carona, solene como uma sacerdotisa. Costumava perambular por aqueleses clubes e pubs, lugares semiacabados que cheiravam a cerveja velha e madeira fresca. Via os empregados e apostadores se cutucando. *Olha lá, é ela. A Filha. Ela.*

Assim, naquela noite, no restaurante, eu a observei cuidadosamente com Art. O modo como ela ajeitou o

guardanapo para ele, absurdamente satisfeita, e foi como vê-la alisando a gravata de alguém que nunca existira. Minha mãe estava aliviada. Ela não tinha que se preocupar com a possibilidade de eu ficar desamparada. Eu havia encontrado um homem, um homem capaz de ascender socialmente, e ela, mesmo com todos os velhos ossos feministas do seu corpo, poderia relaxar com a certeza de que eu havia — finalmente (já estava ficando empoeirada!) — entrado em alguma versão da vida adulta.

INTERIOR DO QUARTO DA JOVEM JENNY

Noite. Uma cama de solteiro coberta com um edredom com estampa de arco-íris. Um tapete. Uma estante cheia de livros. Uma luminária de cabeceira acesa. Tudo pequeno e exalando esperança. Jenny está na cama. Carmen está andando pelo quarto, lendo um livro em voz alta.

CARMEN

(com ênfase exagerada)

“Se quiser fazer alguma coisa e sair impune, nunca faça pela metade. Deixe as pessoas CHOCADAS. Vá COM TUDO. Faça as coisas de um jeito tão maluco que chegue a ser INACREDITÁVEL.”

Jenny descasca um pedaço de tinta solta da parede. Carmen para de ler.

CARMEN

Pronto, é isso.

JENNY

O quê?

CARMEN

Você não está escutando!

JENNY

Estou, sim!

CARMEN

Sabe quanto as pessoas pagam para me ver hoje em dia?

JENNY

Um milhão de libras.

CARMEN

Setecentos e cinquenta com taxa de reserva.

JENNY

Uau.

CARMEN

Escuta. Tive um dia longo de trabalho depois de uma noite longa e vou sair para trabalhar de novo assim que a tia Bev chegar. Estou tentando ter um tempo de qualidade com a minha filha, e ela não poderia se importar menos.

JENNY

Eu estava ouvindo.

CARMEN

Não estava, não! Você não estava dando a mínima. Aqui estou eu, dando o máximo de mim. PARA A PAREDE.

JENNY

(baixinho)

Você está exagerando.

CARMEN
O que você disse?

JENNY
De novo.

CARMEN
(*bufando*)
Isso é interpretação, querida. É preciso impor a voz.

JENNY
Isso é Roald Dahl.

*Carmen atira o livro no chão e sai do quarto em um rompante.
Jenny suspira, rola na cama, apaga a luminária e vai dormir.*

NOS BASTIDORES

Estávamos no evento Mente Corpo Espírito no Centro Nacional de Exposições, o NEC, de Birmingham. Fiquei parada atrás da divisória, assistindo à apresentação dela — escolhendo pessoas da plateia e transmitindo a elas mensagens do além. Eu tomava um copo de limonada. Ela era grandiosa. Majestosa.

Ela diz que vai ver você dançar, meu bem, consegue aceitar isso?

Ela diz que você esteve ao lado dela o tempo todo, e que seu amor a fez saber que podia partir. Consegue aceitar isso? Você consegue. Obrigada...

Quando terminou, os aplausos foram ensurdecedores. A multidão exigiu bis. Em um determinado momento, ela olhou para o lado, piscou para mim e a sensação foi tão eletrizante que me fez estremecer. Assoprei bolhas na minha limonada, que transbordou e caiu na cobertura cinza do palco temporário. O gerente de palco me mandou sair dali e pediu para alguém levar um pano para limpar, mas não me importei — estava ocupada demais assistindo à minha mãe em ação, inclinando-se, sorrindo, agradecendo, absorvendo tudo. Queria capturar aquela imagem dela, preservar para sempre aquela cena. Lembro de pensar comigo mesma: *Você é minha, toda minha.*

Ela deixou o palco e caminhamos juntas pelo festival. Era como um mercado mágico. Paramos em uma barraca chamada “A deusa com chifres”, que vendia filtros dos sonhos, pedras e cartas de anjos. Fedia a incenso. Minha mãe estava usando seus paramentos completos. Uma criança pulou para longe dela.

— Mamãe, essa senhora está me assustando!

Minha mãe fingiu uma expressão de horror.

— Não sou uma senhora!

Paramos, então, perto de uma pequena caravana de ciganos. *MADAME AURÁCULO: LEITURA DE AURAS E MAIS*, dizia a placa ao lado.

— Quer que leiam sua aura? — perguntou minha mãe.

— Se não se incomoda, prefiro comer uma batata assada com salada de repolho — respondi.

— Vamos — insistiu ela. — Depois disso.

Havia uma espécie de estúdio fotográfico montado na entrada: uma câmera Polaroid em cima de um tripé, uma área separada por uma cortina.

A madame estava sentada em um banco com forro de franjas. Era muito larga e alta e estava toda vestida de turquesa.

— Sou Madame Auráculo — anunciou.

Eu me sentei na cadeira elétrica, aguardando minha execução. A assistente usava uma camiseta larga verde-oliva. Ela me orientou a pousar as mãos sobre as placas de metal nos braços da cadeira. Obedeci porque a garota se parecia com Christina Ricci, e eu teria feito qualquer coisa

pela Christina Ricci. Ela ficou parada na minha frente com a câmera.

— Sorria!

Obedeci.

Alguns segundos depois, a foto foi cuspidada pelo aparelho. Espiei o resultado. Eu parecia surpresa e tensa, como uma diretora de escola com prisão de ventre e camiseta da Adidas que tinha acabado de peidar um arco-íris.

— Agora, vamos à leitura. — A Madame Auráculo pegou a foto e ergueu as sobrancelhas. — Muito vermelho... você é uma pessoa entusiasmada e cheia de energia, está eternamente em busca de novas aventuras. Fica com raiva fácil e é capaz de perder a paciência pelas mínimas coisas. É generosa com seu tempo e sua energia quando é chamada a ajudar. E se entedia rápido.

— Ela não consegue ficar sentada quieta nem para ver um filme — comentou minha mãe.

Madame Auráculo continuou:

— E agora chegamos ao outro lado da sua personalidade... temos muitos amarelos aqui. A parte amarela da sua aura representa seu lado altamente crítico. Mas essa voz exigente dentro de si, tão dura com o mundo e com os outros, é ainda mais dura quando se volta para você, não é mesmo?

— Sim — disse minha mãe —, com certeza. Ela é MUITO exigente.

Assenti.

— Se você for mais gentil consigo, talvez ache mais fácil permitir que os outros a amem por quem você é.

— É a mais pura verdade — comentou minha mãe.

Madame Auráculo assentiu com uma expressão de sabedoria.

— Seu maior defeito é que você pode ser crítica demais. E isso cria um medo que a torna incapaz de se comunicar aberta e livremente.

— Para ser sincera, várias pessoas são assim — retruquei.

A madame tossiu.

— Isso conclui a leitura. A maior parte das auras se estende por um metro ao redor do corpo físico. No entanto, se você é sobrevivente de um trauma, sua aura se estende por quinze metros ao seu redor... o que significa que pessoas à sua volta no ônibus estarão sentadas sobre ela. Sua mãe vai se sentar sobre ela. Todas estamos sentadas sobre ela nesse momento. Sua aura está uma bagunça. Posso limpá-la para você por 5,99 libras.

Fiz que não com a cabeça.

— É melhor fazer uma limpeza rápida — diz minha mãe.

— Não sou traumatizada.

DIZEM

que nunca se deve ler os comentários. Que ir “abaixo da linha” é abrir o portal para a morte e a condenação. Abaixo da linha = Portão do Inferno. Vou lhe dizer, esse tipo de autocontrole é essencial para mente e coração saudáveis. Dito isso, você vai me encontrar gritando e uivando no lago de fogo do inferno digital com todas as piores pessoas da internet. Acenando, me afogando, nadando de costas, fazendo sabe-se lá mais o quê — só que não quero ser salva, não mesmo. Venha, entre! A água está... excruciante.

Minha coluna é publicada por volta das quatro da tarde, para as almas entediadas que estão no transporte voltando para casa. Olhando dessa maneira, pode-se dizer que é pedir por confusão. Estou sentada diante da minha mesa, atualizando a página de comentários sem parar. Gentil, gentil, gentil, gentil — meu cérebro passa por cima desses como se não fossem nada além de ar, como se não fossem nada, como se fossem *cacete, o que você está tentando fazer, ser meu amigo?* —, então... ah!

Um comentário cruel.

Leio e releio e releio, saboreando.

**TEXTO EGOCÊNTRICO DE VAIDADE SUPERPRIVILEGIADA — DUVIDO
MUITO QUE ISSO SEJA MESMO VERDADE**

Sinto as palavras como se fossem fogo sagrado. Me sinto derrotada, mas também vitoriosa. Essa pessoa está certa! Ela

me entende perfeitamente! (Talvez seja o amor secreto da minha vida??) Eu sabia que era odiosa e aqui está a prova! Deixe arder! Deixe a chama fazer justiça! Eu mereço. Mereço tudo isso. Quero mais!

Você mencionou seu peso três vezes em uma coluna.

Procure ajuda.

MAISSSSSS.

Espero que você morra

Aaah! Esse é um clássico. Satisfatório em um nível básico.

Outro, mais ou menos no tema:

Talvez você devesse começar a escrever alguma coisa mais apropriada, como obituários

Reflico sobre aquilo. Gosto mesmo de pensar sobre a morte, então não é uma ideia terrível. Penso sobre a minha própria morte mais ou menos uma vez por dia. Não penso no momento da morte em si, mas na minha autópsia. Ou penso na pessoa, ou nas pessoas, que vão descobrir o meu corpo. Torço para que sejam lindas, e que chorem com ternura. Acho que imaginar pessoas lindas chorando lastimosamente sobre seu cadáver é um dos pensamentos mais incríveis que um ser humano pode ter.

Mais adiante, vejo um comentário de Sid. Ela escreveu:

Como você pôde fazer isso?? Vou receber alguma compensação financeira por essa exposição da minha vida privada? Mas foi um belo texto, meu bem! Bj

Entro em pânico. E se Mia vir o comentário e deduzir que não estou mais morando com Art e que, na verdade, estou morando com PELO MENOS UMA MULHER? As palmas das

minhas mãos estão suadas. Será que posso ir até a mulher que cuida da parte tecnológica e pedir para ela deletar o comentário? Ou isso deixaria as coisas óbvias demais? Eu deveria ter acesso aos meus próprios comentários, com certeza. Estou totalmente exposta. Não é certo.

Chamo o elevador, mas quando ele chega já há algumas pessoas lá dentro. Sorrio educadamente e me afasto, já que a última coisa que quero é conversar. Assim que chego às escadas, verifico o celular de novo.

Eu me sento no metrô e corro o dedo pela tela — estressada, frágil e febril.

* * *

Nicolette está esperando por mim do lado de fora do Yoga Shed, fumando seu cigarro eletrônico. Ela parece uma supermodelo russa: muito magra, o cabelo com as pontas avermelhadas. Sempre cheira a hortelã. É uma amiga nova, embora eu tenha jurado que não faria novas amigas quando fiz trinta e cinco anos. Nós nos conhecemos em uma festa a fantasia alguns meses atrás — aniversário de trinta anos do amigo de um amigo. O tema era 1988. Fui de Garfield, e Nicolette, de Jessica Rabbit. Minha fantasia era sufocante e eu tinha acabado de fazer uma depilação total, por isso estava soltando peidos discretos, secos e ásperos. Sincronizava meus peidos com a música de maneira admirável. Vi uma mulher que também parecia concentrada. Que segredos ela guardaria na calcinha? Fui na sua direção

com passos casuais, devagarzinho, e lhe lancei um sorriso discreto quando o olhar dela encontrou o meu. Parei ao seu lado e foi como encaixar a última peça em um quebra-cabeça que eu já vinha tentando terminar há algum tempo. Perguntei como ela conhecia o aniversariante, e ela respondeu: *Ah, estou só parada aqui, no barato da coca, até me desprezar o suficiente para ir embora.* Eu soube então que aquela era uma pessoa com quem eu realmente poderia aprender alguma coisa. No mínimo, porque, todas as vezes em que usei drogas, perdi a classe na hora. Não sou discreta. Fico muito agitada. Uma vez, eu estava com um grupo de pessoas em um pub, esperando uma entrega de comprimidos, e quando o homem com a bolsinha chegou, eu gritei “COMPRIMIDO!” para todo o pub ouvir, em vez de chamar o nome dele, Chris. Como falei, superdescolada. Todos vocês querem ir para Ibiza comigo.

Na noite em que nos conhecemos, Nicolette na mesma hora começou a me seguir em tudo, até no Pinterest. Ela não entrou suavemente nas minhas DMs, entrou galopando. Audácia pura. “Responder a todos” realmente deveria ser um adjetivo, e Nicolette é muito “responder a todos”. Eu já tinha tomado alguns drinques e gostei da energia dela, por isso nem fiz aquela coisa de esperar-uma-hora-para-parecer-casual (o equivalente a esperar três dias depois de sair com alguém para só então entrar em contato): entrei de cabeça no modo “seguir de volta”. Queria que ela visse a rapidez com que eu era capaz de amá-la também. Ela era minha, eu era dela, e nós duas percebemos isso. Mas tivemos que

conversar sobre o modo como a pressão aumentava e diminuía em relação às necessidades uma da outra de acordo com nossa proximidade física — porque, às vezes, a situação fica muito intensa, como se estivéssemos tentando consertar um problema que, quando estávamos juntas, na verdade nem existia.

Nicolette costumava escrever para publicações de esquerda, mas agora a maior parte de suas matérias é sobre design de interiores. Acho que é assim mesmo: vamos nos tornando mais de direita conforme envelhecemos. Ao longo dos últimos meses, nossa amizade evoluiu da cordialidade desesperada para a agressão sincera. Ela está usando um antigo vestido de noiva cheio de rendas, combinado com uma calça de moletom e botas de couro. É um visual que grita Cossaco em Roupas Esportivas. Nos abraçamos.

— Você está parecendo uma pipoca caramelizada.

— Estava insegura quando saí de casa, mas sabe aqueles dias em que a gente quer aprovação de tudo que está usando? É só apostar nas *garotas das antigas*.

— Defina “das antigas”.

— Uns sessenta ou setenta anos. Se eu receber uma piscadela ou uma sacudida de cabeça de uma garota das antigas na rua, sei que estou fazendo a coisa certa. E recebi seis no caminho para cá.

Nicolette se vira, alinhando os ângulos do rosto com a fachada do prédio.

— Venha — diz, acenando para que eu me junte a ela, sem se mover. — Apareça na foto comigo.

— Não estou gata.

— O preto e branco ajeita tudo.

Paro perto dela e sorrio, só com os lábios, sem mostrar os dentes, porque é assim que me sinto. Olho para as pontas dos dedos de Nicolette segurando o celular — suas unhas de gel muito longas dão um estilo meio prostituta bem legal. Ela tira a foto e posta. Eu me pergunto se devo fazer uma foto também, mas minha hesitação — como sempre — me faz perder o timing. Nicolette e eu já conversamos muito sobre redes sociais — é uma das nossas grandes obsessões, afinal. Categorizamos usuários, incluindo nós mesmas: os que curtem, os que não curtem (usuários fora do radar), os que curtem de forma táctica, e os Verdadeiramente Racionais. Sou mais honesta com Nicolette do que com qualquer outra pessoa, até mesmo Kelly — o que é estranho para alguém que conheço há relativamente pouco tempo. Acho que é um tipo diferente de honestidade. Apenas me permito falar sem freio. Nos meus momentos mais leves, faço isso porque adoro ela. Nos mais sombrios, porque sei que não tenho nada a perder com a desaprovação da Nicolette.

— Me dá licença um instantinho — diz ela. E digita no celular.

Meu próprio celular anuncia uma mensagem. Dou uma olhada. É a Kelly.

Oi, tá podendo falar?

Nicolette levanta os olhos do próprio celular.

— Você cortou o cabelo?

— Cortei.

— Estou falando literalmente, amor. *VOCÊ* cortou o seu cabelo?

— Na verdade, cortei. Mas então pedi para um cabelereiro acertar.

— Está em crise?

— Não! Acho que não.

— Não é uma crítica. Talvez virar psicopata seja a solução. Quase joguei um desses terroristas da caridade no chão hoje mais cedo. Sabe o que ele me disse? *Companheira, você acabou de deixar cair seu sorriso*. Tive vontade de acabar com ele. Mais do que tenho vontade de acabar com o câncer.

— Você deveria ter feito isso. Detesto esses pentelhos. Odeio como tentam nos ensinar a sermos bons seres humanos. A onda de culpa que eles lançam, sabe? Como se fossem responsáveis pela essência da sociedade.

— É mesmo. E também não tenho tempo pra isso. Não parei desde as cinco da manhã. Comi um sanduíche no banheiro do trabalho, para não perder tempo. E aí me lembrei que foi assim que o Elvis morreu.

— É melhor a gente entrar.

— Acho que sim.

No estúdio, assumimos nossas posições nos tapetes.

— Não julguem suas respirações — diz Natalie, a professora de ioga.

Tento não julgar minha respiração. Ei, respiração, só faça o que você tem que fazer. Ultimamente venho me concentrando muito em estabilizar a água na minha tigela

interior. Natalie disse para eu pensar na minha pélvis como uma tigela cheia de água e deixar meu cóccix contraído e meu assoalho pélvico encaixado, para manter a água parada. Soube que Natalie era uma boa pessoa na primeira vez que entrei na aula dela. É uma mulher pequena e agitada, o que acho tranquilizador no contexto da ioga. Deixa claro pelo que ela já passou — espiritualmente, quero dizer. Ela diz que o meu Guerreiro Dois está realmente aflorando e que eu poderia ser poderosa como a deusa Durga se me esforçasse. Assim, toda vez que estou parada em qualquer lugar, procuro me concentrar na minha água interior. Tenho consciência de que, às vezes, devo parecer meio estranha no ponto de ônibus.

Seria muito mais fácil controlar minha água interior sem as lembranças que me invadem assim que tiro meus olhos do presente. Uma porta se abre na minha mente e elas vêm entrando: uma procissão de pessoas que não gostam de mim; pessoas com quem errei de alguma maneira, um maldito Banquo depois do outro — aquele amigo que beijei, aquela mulher que gritou comigo na ciclovia, o homem do VOCÊ NÃO TEM INTEGRIDADE (que, na minha mente, se parece com meu antigo professor de francês, por quem eu tinha uma paixonite). Outro espasmo ao me lembrar de uma reunião com três relações-públicas outro dia, em que usei a palavra “supimpa”. E tudo isso me leva de volta ao croissant, à quantidade patética de curtidas que teve, à minha incapacidade fundamental de ser curtida...

— Mova os braços no ritmo da respiração, Jenny — diz Natalie.

— Estou movendo.

— Está respirando tão rápido assim?

No fim da aula, Natalie nos pede para imaginarmos que somos árvores, enraizadas a partir da base de nossas costas, mas tudo em que consigo pensar é no filme *A Centopeia Humana*, o que faz com que eu me sinta meio abalada. Aquele filme não pode ser “desvisto”. Depois que começo a pensar nele, é como se estivessem enfiando um tubo no meu rabo. Ou como se estivessem enfiando um homem com um tubo na cara no meu rabo, dependendo de quem o cientista tivesse sequestrado.

— Concentre-se na sua respiração, Jenny — diz Natalie. — Não existe nada além da sua respiração.

Ela está me dando mais conselhos do que ao resto dos alunos? Com certeza não sou a pior da turma. Santo Cristo, bem quando o meu dia não podia ficar pior. Inspiro e expiro e tento escutar, mas o som parece o de um tubo de ventilação em um hospital, como alguém sendo mantido vivo, provavelmente contra a própria vontade. Esse não é um pensamento tranquilo. Mas, com toda a sinceridade, não sei se algum dia já fui boa em ser tranquila. Nunca olhei para uma rede e pensei: nossa, parece relaxante. Só penso: aquilo vai virar comigo em cima. Kelly me deu de presente no meu aniversário do ano passado uma sessão em um tanque com privação de sentidos, e saí depois de cinco minutos. Era muito escuro lá dentro! A mulher que me recebeu me disse

que havia um botão em um dos lados para acender as luzes, e um alarme do outro lado, para o caso de a pessoa ter algum problema. Mas depois que as luzes foram apagadas e eu estava flutuando, não conseguia saber se havia girado para a direita, não sabia qual era o botão das luzes e qual era o do alarme, por isso fiquei com medo de apertar qualquer coisa. Ela também me disse que eu saberia que a minha sessão (que duraria uma hora) havia acabado porque, cinco minutos antes do fim, uma “pequena onda” vibraria pelo tanque, vinda do topo da cápsula, atrás da minha cabeça. Ora, eu fiquei apavorada antecipando aquela “pequena onda”. Quão pequena ela seria? Poderia me dar um caldo? Saí depois de cinco minutos porque a tensão era insuportável. Disse a Kelly que foi ótimo, e espero de coração que ela não repita esse presente.

* * *

Depois da aula, Nicolette e eu vamos juntas até o fim da rua. Passamos por uma mulher muito magra, levando um galgo italiano para passear.

— Sabe aquela história de as pessoas se parecerem com seus cachorros? — digo a Nicolette. — Você acha que funcionaria ao contrário? Ou seja, você arruma um cachorro com que queira se parecer e isso acontece, visualmente? Ou, na verdade, somos atraídos por coisas que se parecem conosco, de um jeito meio clone?

— Não acho que alguém iria querer se parecer com um cachorro, iria?

— Eu não me incomodaria de ter o físico de um staffie. Talvez eu tente. Talvez arrume um desses para mim. Talvez isso faça com que as pessoas se transformem, como em qualquer relacionamento, só que física, não psicologicamente.

Meu telefone vibra. É a Kelly de novo.

Ei... recebeu minha última mensagem? Seria bom conversar Bj

Estou pensando no que responder e começo a rolar a tela antes de me dar conta do que estou fazendo, então Nicolette se despede, coloco meu celular de volta no bolso e tento encontrar meu cartão do banco e o que eu estava fazendo? Como já está escuro? Fecho o zíper do casaco e apresso o passo. A rua está coberta de folhas, como se fossem os restos de um desfile que perdi.

POSTO

um vídeo dos meus pés em meio às folhas. Não demora para Nicolette curtir e comentar com uma fileira de corações.

Mando uma mensagem para ela:

Você está fazendo aquele negócio que combinamos de prestar atenção e que prometemos contar uma para a outra a respeito

Que negócio?

Depois que a gente se viu na vida real, lembra? Você não precisa provar nossa proximidade para mais ninguém lá, ou o permanente aprofundamento dos seus sentimentos por mim.

Nenhum cordão foi cortado. O mesmo vale para o caso de a gente não ter se visto ou falado por um tempo – você não tem que NÃO curtir nada que eu posto só para me fazer reparar em
você

Não estou fazendo isso! Esses corações são sinceros

Nicolette, sei a diferença entre uma fileira de corações sinceros
e uma de falsos, e essa é de falsos

Tá bem

Assim que mando a mensagem, vou ver o que a Suzy Brambles anda fazendo. Nada de mais. O que acho bastante

negligente da parte dela.

Pego o trem para Dalston Kingsland e, dali, vou até Stoke Newington. Gosto de descer a Kingsland Road andando, passar pelos açougues e pelos bares. Senhores do bairro tomando cerveja do lado de fora dos últimos bares tradicionais sobreviventes. Folhas de jornal voam pela rua, esbarrando em copos de café de papel e guimbas de cigarro.

Quando chego em casa, abro a porta da frente e passo por cima dos folhetos de pizza e cartões de cooperativas de táxi do dia. Esse corredor está ficando mais escuro, e não é só por causa da época do ano — é a bagunça. Costumava ser espaçoso aqui. Logo depois que eu me mudei, Kelly correu pelo corredor, de botas, gritando: *Essa é a sua casa? ESSA é a sua CASA?* Eu disse que era, por enquanto. Temos um plano, sabe, Kelly e eu. Um plano que resistiu aos anos, a relacionamentos, empregos, tudo. Queremos passar nossa velhice juntas, como um casal de idosas, em uma mansão numa reserva. “A Comuna”, é como chamamos. *Quando estivermos na Comuna... dizemos:*

Vamos tomar martinis às nove da manhã.

Vamos experimentar todas as drogas que tivemos medo de experimentar quando éramos mais novas, como crack e heroína.

Vamos exterminar as hemorroidas uma da outra.

*Vamos ter os melhores colchões que o dinheiro pode comprar**

** E vamos contratar uma pessoa especificamente para colocar as capas de edredom.*

Vamos sair de braços dados, doidonas, ouvindo Jagged Little Pill, da Alanis Morissette, sem parar.

Mas, por ora, eu e esse corredor escuro vamos ter que encontrar uma maneira de coexistir.

Vou até a sala. Sid e Moon estão ali, enraizadas no sofá, tomando os probióticos caseiros de Sid.

Merda. Esqueci de comprar o abacate.

Frances deve estar no quarto. Ela é a única que consigo suportar por mais de cinco segundos.

Sid tem mãos de artista, cheias de cicatrizes e manchas de tinta. Ela trabalha como recepcionista em uma agência de recrutamento e passa a maior parte do tempo desenhando aleatoriamente. Moon trabalha com relações públicas e segue o estilo suéter tricotado neon e cabelo em um penteado estilo colmeia em erupção. As duas estão conversando sobre flora intestinal.

— Alguns argumentos convincentes dizem que somos organismos compostos, não indivíduos — diz Sid. — Às vezes, não sei como eu funciono... se o meu cérebro comanda o meu estômago ou se o meu estômago comanda o meu cérebro. Se for a última hipótese, isso significa que sou comandada por bilhões de bactérias.

— Sei o que você quer dizer — fala Moon. — Já me perguntei várias vezes se tenho mesmo uma personalidade ou se tudo o que eu já disse ou fiz foi uma resposta a *comer ou não comer pão*.

— Nossa, isso é muito verdade — comenta Sid. — Às vezes, acho que a palavra “glúten” dispara uma reação em cadeia no meu corpo. Acho também que é só uma questão de tempo até banirem o termo. E vão estar muito certos...

— Escutem — digo —, vocês se incomodariam de dar uma arrumadinha aqui, se tiverem tempo? Só, vocês sabem... o lava-pés e o fatiador de pão.

As duas me encaram.

— Não se lembrou do abacate, né? — diz Sid.

Faço que não com a cabeça.

— Trago para você amanhã.

— Sem abacate e me chamando de “Stephanie” na sua coluna. É praticamente abusivo. Ha!

— Mudei seu nome em respeito à sua privacidade.

— E escreveu sobre os nossos hábitos pessoais.

— Para que outras mulheres pudessem aprender com a nossa experiência.

— O que tem para aprender? O texto não tem conclusão. E nada nele é relevante.

— A conclusão é que se você compartilha honestamente, se sente menos só.

Moon ri com a cara dentro do *ginger ale* que está tomando.

— Você disse que isso aconteceu há vinte anos. Não é muito honesto.

— Mais uma vez, foi para proteger vocês.

— Acho que falar sobre o corpo das amigas em público é uma coisa bem podre de se fazer.

— É uma revista feminista on-line. E vocês são minhas inquilinas.

— Ora, ora — diz Sid —, isso nos coloca no nosso devido lugar.

Meu rosto está vermelho. Eu me viro e saio da sala.

Tenho trinta e cinco anos, tenho trinta e cinco anos, repito como um mantra enquanto vou para o quarto. Passo pela porta de Frances — a porta para um cômodo que deveria ser completamente diferente. Posso ouvi-la ensaiando seu mais recente monólogo.

— Liga pra mim, Adolf! — grita ela. — Liga pra mim! *LIGA PRA MIM!*

Ela é paga para fazer essa merda. Tudo isso é um pouco demais para mim.

DIZEM

que ficar olhando para telas de aparelhos eletrônicos na hora de dormir faz mal para o cérebro, mas a sensação de segurar um celular me parece terapêutica. Acho o formato do celular tranquilizador. Me acalma. Seguro o aparelho contra o peito como se fosse uma bíblia e, de vez em quando, checo para ver o que mudou no mundo. Sinto o peso do meu polegar. Meu coração bate forte. Minhas veias vibram. Estou viva e ativa de todas as maneiras possíveis. Meu cérebro está iluminado como a Terra vista do espaço à noite.

Recebo mais algumas poucas curtidas pelo croissant. Tenho a impressão de que agora já é razoável concluir que não valeu a pena. Desperdicei uma manhã inteira naquilo. Não posso continuar transformando meras migalhas em grandes coisas.

Rolo a tela.

Uma amiga, roteirista semifamosa, postou uma foto dela mesma em um elevador. Ela não sorri. Parece que está em um anúncio de perfume. Como se estivesse pensando: *Olhe para mim, não olhe para mim, quem é você, não confio em você...* É muito eficaz e desconcertante. Comento:

Bem reflexiva

Somos amigas na vida real, mas ela não me segue no Instagram, o que sempre foi motivo de mágoa. Sei que ela quase nunca entra nas redes sociais, e que tem uma noção

muito estrita de como é “vista”. Mas por que não me encaixo em seja lá como for que ela é vista? Por que não sou o tipo perfeito de seguidora para ela? Além do mais, para piorar, ela segue alguns vloggers fraquíssimos, o que é um verdadeiro tapa na minha cara. Agora que postei o comentário, começo a me preocupar. É como se eu esquecesse esse estágio do processo, como se eu estivesse atrás disso. Ela pode não responder. Já fez isso antes. Então por que sempre sinto como se fosse um fracasso meu? Tenho que me perguntar isso, porque parece mesmo um fracasso. Eu não era assim — tão sem confiança em mim mesma. Acho que perdi o ritmo. É como se tudo estivesse acelerando cada vez mais e eu já tivesse chegado à minha velocidade máxima. Achei que os meus vinte anos tinham parecido a hora do rush, mas não. Meus vinte anos foram só agradavelmente frenéticos. Os trinta é que são a verdadeira hora do rush.

Ela responde, três minutos depois.

Saudades de você Mac

Ora, me siga de volta e não vai precisar sentir saudade é o que tenho vontade de dizer. Assim poderia me ver com frequência. Está ao seu alcance! Mas não tenho coragem.

Não sei quando tudo isso começou a parecer...

A parecer...

Vejo uma foto que Mia postou da cadela.

Decido pensar um pouco se curto ou não. Uma curtida nunca é só uma curtida.

Meu celular apita. Dou uma olhada.

É uma mensagem.

Da minha mãe.

Devo escolher 12 mulheres que tenham tocado minha vida e que acho que devam participar. Na minha opinião, se esse grupo de mulheres algum dia estivesse junto em uma sala, nada seria impossível. Espero ter escolhido as 12 certas. Que meus abraços, amor, gestos e mensagens a façam lembrar como é especial. Por favor mande esta mensagem de volta para mim. Faça um desejo antes de ler a citação. Isso é tudo o que você tem que fazer. Não há nenhum anexo. Só mande isso para 12 mulheres e me conte o que aconteceu no quarto dia. Já fez seu desejo? Se não fizer um desejo, ele não vai se realizar. Essa é sua última oportunidade de fazer um desejo! Citação: “Que hoje possa haver paz interior. Que você possa acreditar que está exatamente onde deveria estar. Que não se esqueça das infinitas possibilidades que nascem da fé em si e nos outros. Que possa usar os dons que recebeu e passar adiante o amor que lhe foi dado. Que fique satisfeita por ser exatamente como é. Que essa noção fique impressa na sua pele e dê à sua alma a liberdade de cantar, dançar, louvar e amar. É o que está no horizonte para cada um de nós.” Agora mande isso para 12 mulheres (ou mais) (você pode copiar e colar) nos próximos 5 minutos. E lembre-se de mandar de volta para mim. Eu conto como uma. Você vai ver por quê. Bjs

Na mesma hora me sinto assediada. Ainda estou encarando o texto na tela quando chega outra mensagem dela.

Como vc tá? Bjs

Não parece certo que alguém mais velho use mais abreviações do que eu, mas é assim. Minha mãe me manda uma mensagem aproximadamente uma vez por semana. Quando a ignoro, ela surge nos meus sonhos. Certa noite, ela estava na porta do meu quarto, usando um par de asas — finas e transparentes, como as de uma libélula. As asas cintilavam sob a luz do luar. Quando minha mãe surge nos meus sonhos assim, tenho que lembrar a mim mesma que as visões são só a minha versão dela — que a pessoa de verdade está a quase quinhentos quilômetros de distância.

Fecho os olhos e vejo. Aquela casa. Falso estilo Tudor. Falso tudo. Nossa rua era ao lado de um enorme conjunto habitacional, e as crianças de lá ficavam jogando maçãs na porta das garagens. Eu via isso da janela do meu quarto no alto da torre e me sentia a própria realeza oprimida. Alguém escreveu “BRUXA” com giz no muro, e minha mãe olhou com orgulho para a palavra, enquanto eu ardia de raiva. *Milhares de anos atrás, as bruxas eram respeitadas como curandeiras, disse ela. Eram as mulheres sábias da comunidade.*

Então, passamos a ter médicos, falei.

Mas será, questionou a minha mãe, que realmente “temos” médicos como tínhamos bruxas? Estou falando de um dom, não de uma escolha de carreira.

No jardim havia uma árvore enorme, uma espécie conhecida como chuva-de-ouro. As lagartas cresciam nos brotos das flores e se penduravam em fios invisíveis no fim da primavera. Minha mãe gostava de plantas de cores fortes.

Cor-de-rosa e amarelas, para atrair boas energias, para espantar os maus espíritos. Tremoceiros, azaleias, corações-sangrentos. Ela arrancou o capim-dos-pampas depois que eu lhe disse que a planta era um código para troca de casais. No meio do gramado da frente, havia uma araucária, a base enfeitada com pedras cinza, ao estilo japonês, inspirada em alguma coisa que ela tinha visto em uma revista. As outras coisas: o pátio cheio de rachaduras, as jardineiras pontilhadas de limo, a casa de pássaros eternamente desocupada. Eu tinha voltado lá algumas vezes. Aniversários. Natais. Momentos aleatórios fora da mira de mais um caso de amor fracassado.

UM ÚTERO TODO SEU

Morei em Stepney Green, em Kentish Town, em Streatham. Economizei como se fosse o Tio Patinhas. Escrevia catorze horas por dia. Estava em uma espécie de modo foguete, abrindo caminho em um rastro de fogo, tentando escapar de um clima antigo. Voltava para casa pelas piores ruas usando um gorro de tricô, tentando parecer maluca (não estuprável), com a minha chave presa entre o polegar e o indicador. Eu tinha um contato — um, de uma professora legal da escola. Fui atrás. Uma revista especializada para um supermercado. Era um começo. Comia um monte de vegetais salteados. Saía com caras cujas guitarras eram tão fora de tom quanto as frases que soltavam. Ah, quem dera voltar a ser destemida em sapatos horríveis, tão destemida e tão capaz de tolerar a mais barata das bebidas e o mais barato dos sapatos. De couro falso, comprados em pontas de estoque e de marcas péssimas, mas com todo aquele tempo pela frente — todo aquele tempo, para usar sapato horroroso após sapato horroroso e acordar em mais um sótão de piso de madeira cheio de guitarras enfileiradas, com uma ressaca preguiçosa e toda a esperança do mundo no coração. Eu deixava um bilhete e ia embora antes que eles acordassem. Voltava para casa, fechava minha porta e ficava feliz ao ver as fotos que tinha pendurado. As cadeiras que tinha distribuído pela casa. Os tapetes que tinha escolhido. A tinta com que eu mesma

pintara as paredes. Comecei a sentir o que poderia ser uma espécie de amor por criar meu próprio espaço. Um amor baseado em cuidado e orgulho, além de inteiramente romântico. Um amor acessível e, se não democrático, uma expressão de meu próprio esforço. Empoderador. Todo meu. Para que dividisse com quem estivesse à minha volta, em diversos contextos. Eu estava me conquistando. E também estava cuidando de mim mesma. Era um progresso.

No primeiro dia no meu primeiro emprego, mandei uma mensagem para minha mãe, para contar a ela, que respondeu:

Boa sorte. Bjss

Boa sorte. Já viu alguma mensagem menos maternal que essa? Boa sorte!

Pensava nela pelo menos uma vez a cada três minutos. Coçava a cabeça e cheirava a mão — tinha o cheiro dela. Entrava no meu apartamento e sentia a energia dela ali, de algum modo latente, em um lugar onde ela nunca estivera. Sentia falta do Norte: dos ventos e musgos, das cidades frias e sedentas. Eu verificava a previsão do tempo para Manchester e ficava feliz quando o clima estava bom. Era um dos lugares que ficavam em destaque no meu aplicativo do tempo. *Meu amorzinho, fico feliz por você ter céu claro essa noite*, eu pensava. Uma vez, cantei “Don’t Look Back in Anger” tão alto no metrô que alguém me deu uma libra. Lembrava da nossa antiga sala de estar, a TV e a luminária ligadas — um cubo de luz na vastidão do espaço. Eu era uma

astronauta fora do território da nave mãe, o cordão umbilical se esticando, se esticando, se esticando.

SESSÃO DE TERAPIA #1 (MONÓLOGO DRAMÁTICO)

Oi, sim, aqui? Tá certo. Consultório bonito. Simples, mas acho que isso é para eu me concentrar no que tenho que fazer, que não é fácil! O que eu acho que é? Destrinchar meu estado mental, haha. Eu provavelmente deveria me exercitar mais. Talvez fizesse uma grande diferença. Percebi que você tem um caiaque preso no teto do carro, lá fora. Gosta de andar de caiaque, ou tem filhos? *(Pausa)* Ah, entendo, bem, estava só jogando conversa fora, eu divago quando estou nervosa, e isso deve ser música para os seus ouvidos. É como se eu não conseguisse suportar o silêncio, e isso provavelmente é porque minha mãe estava sempre falando em casa, e quando estava tudo em silêncio era porque tinha algum problema. *(Pausa)* Não, eu nunca fiz terapia antes — deu para notar? Odeio parecer amadora. Sabe quanto tempo levei para escolher o que ia usar hoje? Dias. Literalmente. Fiquei pensando o que poderia fazer você gostar mais de mim e acabei me decidindo por uma roupa simples, mas com alguns enfeites, e agora estou feliz porque vejo que essa é bem a sua *vibe*. Não estou julgando você, eu mal te conheço. Sei que essa é para ser uma zona socialmente pura, mas não acredito em nenhum espaço em que seja possível se lançar sem consequências — sou assim. Tudo tem consequências, não tem? Todo ato de comunicação é um ato de tradução. Eu provavelmente deveria ter feito filosofia, em vez de inglês e

comunicação. Nem sei muito bem para que serve o curso de comunicação, a não ser como oportunidade para o professor contar sobre a época em que trabalhava em um jornal. O cara nem servia como contato para revistas. *(Pausa)*. Como é o meu relacionamento com a minha mãe hoje em dia? Desordenado. Posso dizer isso? Não é como se ela fosse a pior mãe do mundo. Ela não abusou de mim nem nada assim — e, às vezes, acho que teria sido mais fácil se tivesse feito isso. Se eu tivesse tido alguma coisa concreta com que trabalhar, entende? *(Pausa)* Como está a faculdade? Bem. Bem, eu acho. A não ser pela comunicação. Com certeza me mudar foi a melhor decisão. É uma ótima universidade, e só de fazerem coisas assim... Como chamam mesmo? Cuidado pastoral. Algumas universidades talvez fiquem constrangidas por atraírem um monte de doidos, mas esta não — e eu respeito isso. *(Pausa)* Se tenho algum tipo de relacionamento com meu pai? Não, nem sei o nome dele. Ela nunca me contou. O que dá alguma credibilidade às habilidades de clarividência dela, porque é como se a minha mãe tivesse previsto a internet. Sabe como é, se eu tivesse um nome, teria procurado o homem até os confins do Facebook. O pessoal do colégio costumava me dizer que ele estava preso. As crianças não são maravilhosas? Parasitas, é como minha mãe chama as crianças. Era como ela me chamava. Deu um trabalho do cacete ser filha dela. Eu ralei para cacete. *(Pausa)* Pareço brava? Sim, acho que estou brava. Imagino que seja assim que a coisa funcione. A raiva. É isso que eu quero que vá embora. *(Pausa)* Não, ela nunca

teve notícias dele; se teve, não me contou. Tudo que sei é que ele ligou uma noite, quando ela estava grávida. Minha mãe estava na cama e atendeu ao telefone; ele não falou, mas ela soube que era ele pelo som da respiração. Sinistro, né? Nos meus piores pesadelos, meu pai é um pervertido. Sabe como é, como um daqueles artistas velhos e tarados. *Vem cá, princesa, dá um pouco de carinho para o seu velho pai.* Posso imaginar minha mãe se apaixonando por um tipo nojento desses. Permita-me bancar a doida por um momento: às vezes, eu vejo certas coisas — a parte de baixo das folhas de um sicômoro, poças de óleo no asfalto — e elas me fazem lembrar de um pai que nunca cheguei a conhecer. Uma memória celular, talvez. Um resíduo de aminoácido. Nem sei como a memória funciona, acho que ninguém sabe — essa é uma das coisas em que o seu pessoal está trabalhando. Quando ele ligou naquela noite, minha mãe ficou tão abalada que sua adrenalina disparou e ela disse que sentiu eu me agitar dentro dela, desperta. Penso sempre nesse momento. Meu primeiro encontro com a ansiedade que o mundo viria a me oferecer. Eu não tinha qualquer barreira de contenção. Recebi a ansiedade da minha mãe direto na veia, como bebida alcoólica. Mas isso não foi o pior. A pior coisa que ela já fez foi me deixar sozinha no Natal para ir para as Bahamas. Foi o pior Natal da minha vida. Eu tinha dezesseis anos. Jurei que nunca mais deixaria que ela me magoasse de novo. E não deixei. Ela me mandou um cartão-postal. Ainda tenho ele. É o que você poderia chamar de um bem precioso, porque, de vez em quando, se

sinto minha determinação enfraquecer, releio o tal do cartão. Mas não aceitei a viagem dela feito um cordeirinho. Eu me vinguei. *(Pausa)* Como? Fingi que tinha me suicidado no dia em que ela voltou. Aposto que você nunca viu ninguém gritar tanto. Foi magnífico. Escrevi um bilhete e deixei no andar de baixo, então entrei na banheira com uma lâmina e um pouco de sangue falso. Eu diria que ela provavelmente ainda vai à terapia para falar disso, mas ela é totalmente contra fazer terapia. O gim é a terapia dela. Torço para que ela ainda releia o bilhete de vez em quando. Foi um bilhete bom para cacete. Mas a verdade é que sou muito mais culta do que ela. *(Pausa)* Não, isso não é graças a ela. Minha mãe pagava pela minha educação, e então saía para se divertir a noite toda. Que tipo de espetáculo de autossabotagem é esse? O problema da minha mãe — e ela tem um catálogo próprio de problemas, pode acreditar —, o problema principal dela é não ter amigos de verdade. Ela é solitária. E por isso não tem ninguém capaz de ajudá-la a entrar nos eixos. Não é que minha mãe baixe o nível; acho na verdade que ela não se dá conta de que *existe* um nível...

Minha queridíssima Jenny,

Não sei o que dizer – a não ser que o Roger e eu estamos nos divertindo imensamente, e que aqui não é quente como eu temia, o que, você sabe, é um alívio para quem, como você e eu, sofre com o temido frizz. Você não tem ideia de como são as praias – venho tirando milhares de fotos, portanto, assim que eu voltar, vou mandar revelá-las para poder lhe mostrar. E, com sorte, elas não serão só dos meus joelhos, que mais parecem umas salsichas, ou de uma palmeira pela metade. Espero que esteja tendo um Natal muito feliz e que tenha encontrado o dinheiro no seu cartão embaixo da árvore – compre alguma coisa bonita na promoção para você. Aqui, ninguém parece se importar com o bug do milênio, por isso acho que você deve tentar manter seu pânico sob controle, querida (você se preocupa, sim!), embora o pobre Roger tenha sofrido com um outro tipo de vírus assim que chegamos, mas parece que a maior parte do problema já foi evacuado e certamente não o afastou da diversão. Vejo você no novo ano – e no novo milênio! Espero que traga coisas incríveis para nós duas. Estou me sentindo muito positiva em relação ao futuro, e sei que você vai me deixar muito orgulhosa.

Cuide-se.

Beijos

Sua mãe que te ama

O DEVER DAS CURTIDAS CHAMA

Não respondo à minha mãe. Em vez disso, volto para Suzy Brambles e... Uma postagem nova! Caio dentro rapidinho.

Ela está no Soho. Tomou shots demais. Sucumbiu a um kebab de faláfel. Soho... Tão perto, tão longe. Dou uma *Curtida profunda*. As pessoas reparam em uma curtida intensa. Todos devem reparar. Então comento:

APROVEITANDO OS KEBABS DA VIDA

Sem beijos, para parecer descolada. Aí, fico na dúvida se deveria ter colocado “Curtindo” em vez de “Aproveitando”, para parecer mais jovem. Dou uma olhada de novo em quem Suzy segue, para ver se ainda estou na lista. Faz com que eu me sinta forte, me ver no meio das pessoas escolhidas por ela. Sei que a Suzy está vendo o que eu estou fazendo, mesmo que não sinta necessidade de comentar. Percebo que ela começou a seguir o Art, o que é estranho, porque ele quase nunca posta nada, só o bom e velho café ou algum trabalho legal que esteja fazendo.

A música aumenta no andar de baixo, na sala — o que significa que Sid está atacando de DJ de novo. Uma vez eu disse a ela que aquele equipamento de DJ é uma atividade restrita aos fins de semana, então me senti tão velha que cedi na mesma hora e levei para casa um carregamento de discos de música dance, só para *não* provar o meu ponto de vista. É como quando deixei uma avaliação ruim em um

Airbnb — a única ruim que já deixei — e o dono do lugar respondeu de um jeito tão agressivo que deixei outra avaliação em outro site, fazendo mil elogios, exagerando. No final, estava convencida de que havia me enganado e que, na verdade, tinha me apaixonado pelo lugar, então até agendei outra estada lá. Eles recusaram o agendamento.

Mando uma mensagem para Kelly:

Tudo bem, tô morrendo aqui. Não suporto essas pessoas na minha casa. Tô presa, apavorada com o futuro e cansada de fingir. Mande socorro

Kelly não responde, o que não é muito a cara dela. Espero que não esteja tentando me manipular de alguma forma. Achei que tínhamos feito um acordo de não agir de um jeito passivo-agressivo uma com a outra. Guardamos isso para as outras pessoas nas nossas vidas. Entro no Instagram dela e curto as duas fotos mais recentes, por obrigação. Afinal, ela é minha amiga.

Meu apartamento alugado favorito era em cima de uma loja de móveis. Tinha uma ducha na banheira que eu tinha que segurar embaixo do meu pé enquanto ensaboava as axilas. Quando eu me sentava no vaso sanitário, à noite, traças corriam ao redor dos meus pés. Certa vez, uma barata fez uma breve aparição. A redenção do lugar era uma varandinha suja, com dois baldes virados que serviram de cadeira, onde eu podia me sentar com algum amigo e fumar. Do outro lado da rua ficava um depósito de móveis de vime. Na primeira vez em que Kelly apareceu por lá, falei: *Não me*

pergunte quem iria querer morar em um apartamento assim, porque não tenho a menor ideia.

Ela respondeu: Alguém que quer matar um vendedor de móveis de vime.

Eu disse: Kelly, é por comentários desse tipo que você é o amor da minha vida.

E ela: Ora, não é como se eu tivesse muita escolha em relação a você ser o amor da minha vida.

Não sei o que ela quis dizer com aquilo. Kelly às vezes é engraçada. Ela luta contra os próprios sentimentos. É como se, em algum nível, não estivesse satisfeita com o jeito como as coisas saíram em sua vida. E eu me pergunto se tem a ver só com a maternidade ou com mais alguma coisa dentro dela.

Tento relaxar olhando o perfil de alguém por quem fiquei razoavelmente obcecada quando as coisas começaram a ficar ruins, @Virginiagina. Ela é sedutora, e não uso essa palavra de forma leviana. Virginia é crítica cultural, casada com um cientista pop. Entro na conta dela no Twitter. Percebo que estou secretamente desejando que ela tenha se separado do cientista. Estou procurando alguma evidência disso. Por quê? Sadismo? Solidariedade? Começo a abrir as fotos DELE para ver se ELA curtiu, para tentar descobrir se eles ainda estão juntos. Eu estou muito louca! Mas não consigo parar. A compulsão me domina. Quero a informação completa. Mereço a informação completa. Eles curtiram as postagens um do outro, mas talvez tenham curtido MAIS as postagens um do outro, só porque não estão mais juntos, daquele jeito

generoso e falso dos ex. Estou esperançosa — não há qualquer menção a ele já faz semanas... Clico no link para o blog dela. O post mais recente tem o título de “Recomeçando”. Ahá! Muito promissor! Leio, ávida. Droga, o post é sobre uma incursão recente em aquarela. Ah. Que decepcionante... E as pinturas também são horríveis. E não provam nada. Volto para o Twitter. Pronto, encontrei. Há dez semanas.

Uma foto deles em um churrasco.

Eu me consolo com o fato de que eles talvez tenham se separado desde então.

Estou deitada esperando o sono chegar e escuto “I Love You, Honeybear”, do Father John Misty. E me pergunto se algum dia amarei alguém assim.

Como eu amo o Father John Misty, quero dizer.

(Aliás, será que ele ainda está com a esposa?)

IMAGINE A CENA

Um eco lodge no extremo do Saara. Parece horrível, certo? O que quero dizer é que você poderia se apaixonar por praticamente qualquer um num lugar desses, até por um camelo. Foi uma *press trip*, essas viagens que pagam para a pessoa divulgar o lugar, e Art era uma espécie de aprendiz de fotógrafo de viagem em sua primeira missão. Eu estava fazendo uma matéria sobre hospedagem sustentável para a *The Nonspecific Nerd*. Vinha saindo com três caras, um deles trabalhava em uma editora de livros de poesia, o segundo era o principal crítico de Alexander Pope no Reino Unido e o terceiro era dono de um selo de música independente em Brighton e tinha sido DJ no BAFTA. Todos eram divorciados. Eu costumava passear pelo Soho com eles, um de cada vez, às vezes com dois juntos, aproveitando o verão.

Quando conheci o Art, não me senti instantaneamente atraída. Ele ficava quicando por toda parte — e quero mesmo dizer *quicando* —, tirando fotos com sua Leica, o estojo de couro marrom pendurado no pescoço com orgulho. Eu me lembro da bermuda cáqui que ele usava, as pernas peludas, o colete despojado de grife, o abdômen de gominhos, os equipamentos luxuosos. Era o próprio Homem Branco Determinado.

Art se aproximou quando eu estava parada na recepção, lendo o itinerário. Depois ele me disse que, quando tentou

puxar conversa comigo, eu o encarei como se ele estivesse pedindo dinheiro. Eu era assim. Moderada. Confiante. Superior.

— Incrível, não é? — comentou ele.

Exagerado, sortudo, idiota.

— O quê? Já serem onze da manhã e eles ainda não terem nem servido *café* para a gente? Sim. Incrível.

Ele foi pego desprevenido.

Eu sorri e disse:

— Eu sei, sou uma babaca presunçosa, né? Mas esse é o momento: a Era da Presunção. É como vão chamar esse período daqui a alguns anos. Vai haver uma estátua de mármore de uma mulher como eu, com uma xícara vazia na mão e a cara emburrada, definindo nossos tempos.

Ele riu e senti as minhas asas se expandirem. E por que não? Eu tinha vinte e poucos anos. O mundo era todo meu, para matar, se eu quisesse.

Naquela primeira noite no Egito, o hotel espalhou lanternas de papel pelo caminho que levava até onde seria servido o jantar. Reparei em Art na mesa dele, claro, mas também havia outras pessoas em quem reparar. Eu não estava me limitando. Havia inúmeras possibilidades.

Foi um trabalho glamoroso. Os rochedos ao fundo, o hotel encravado no arenito macio, um passeio de jipe pelas dunas já programado para o dia seguinte. O chef — condecorado com estrelas Michelin — tinha preparado um jantar vegetariano, com ingredientes da horta irrigada e

sustentável da pousada. Era tudo tão legal que parecia imoral.

Depois do jantar, fui tomar meu chá de menta no jardim e Art me seguiu.

Ficamos conversando. A princípio, nossa conversa teve um tom de disputa. Implicávamos um com o outro, nos cutucávamos, nos exibíamos, então recuávamos e voltávamos a atacar. Aquele era o meu modo natural de ser, mas agora vejo que Art só estava agindo assim porque vinha de um momento de mágoa — por mais equivocada e autoindulgente que pudesse ser essa mágoa. Não demorou muito para ele me dizer que falava regularmente com sua ex mais recente, para “testar a temperatura”. Afinal, segundo Art, “as pessoas acabam se tornando santos ou monstros na nossa lembrança”. Ele tinha traído a garota, e ela terminou tudo.

Reparei em uma tatuagem no bíceps. O trishula.

— Você é budista ou hindu? — perguntei, ansiosa para mudar de assunto.

— Nenhum dos dois.

— Só etnicamente confuso.

Eu estava implicando com ele a cada oportunidade que aparecia. Mas ele merecia. Todos os homens brancos que você conhece merecem. Art sorriu.

— O trishula tem um significado para mim. Ele simbolicamente destrói três mundos: o mundo físico, o passado e a mente.

— Conveniente.

Ele suspirou.

— Tenho a sensação de ter destruído alguns mundos recentemente. — Outro suspiro. — Venho pensando em me voluntariar para distribuir sopa para os necessitados ou alguma coisa assim, para tentar restabelecer o equilíbrio.

— Nobre.

— Ela não fala comigo — disse ele, parecendo magoado de verdade. — Não consigo parar de me sentir mal por isso. Ela é maluca, mas quero ajudar.

— Posso ser sincera com você? — pergunto.

— Por favor.

— Detesto esse papinho de *sou um cara tão mau*. É sempre uma tentativa de manter “você”, o homem, como o centro do universo, todo-poderoso e controlador.

— Mas eu me sinto culpado! Consegue entender isso?

Ele me irritou naquele momento, e quase falei: *Nããão. Quer saber? Nããão. Até mais.* Mas então me sentei. E fiquei. E disse:

— Você tem que tomar cuidado com a culpa. Ela é ardilosa. Na maioria das vezes, não passa de narcisismo disfarçado.

Por que eu fiquei? Para educar o cara? O que Kelly diz sobre isso é: *Quando você está em um relacionamento com um homem branco, basicamente administra um reformatório todo santo dia, companheira.* Mas Kelly está solteira há mais tempo do que a minha mãe.

Art me olhou com mais tristeza do que se deu conta.

— Mas eu me preocupo com ela... — falou. — Eliza. É o nome dela.

Eliza. Sei como ela é, conheço as particularidades do currículo dela (que baixei em PDF e depois deletei cheia de vergonha) (ah, meu Deus, será que ela teria como saber??). É engraçado como se consegue chegar perto da ex de alguém pela internet na ressaca pós-sexo. Pelo jeito como Art e eu fazíamos sexo no início, soube do que Eliza gostava. Antes de construirmos nossas próprias impressões sobre o outro, as impressões do passado estão presentes, como uma memória muscular. Os beliscões no bico do peito (ZERO a minha praia); o *quero muito foder você*. É significativo de certo modo, maduro mesmo, esse intercâmbio de histórias. Ele tinha o nome dela tatuado na altura do coração. Nunca pedi para que tirasse, mas era como se Eliza estivesse ali sempre que Art ficava pelado. O corpo dele dizia o nome dela. Eliza era como um eco na sala. Um decalque marcando a luz do nosso amor.

De volta ao Egito.

Eu disse:

— Já considerou a breve possibilidade de que Eliza, na verdade, esteja bem, e que você talvez esteja usando toda essa história de “culpa” como forma de continuar se sentindo poderoso?

Ele não comentou nada.

— Seu grosso — continuei. — Seu canalha, patife. Deixando uma pobre mulher indefesa totalmente só nesse mundo cruel. E não, não, não me diga, você já fez isso centenas de vezes antes, não foi? Há um rastro de corações partidos por onde passou, por todo o mundo, não é?

Art me encarava com a boca meio aberta, chocado... e às gargalhadas. Ele me cutucou no ombro, mas não me deixei abater. Estava *embalada*, cacete.

— Faça uma visitinha a uma prisão ou, melhor ainda, a um banco — falei. — Lá você vai conhecer homens realmente maus. Você é só um molenga de classe média que assistiu a séries demais.

Art me olhava como se quisesse me matar. Então, seu rosto mudou.

— Já saquei você, descolada — disse ele, e abriu um sorriso doce. — Já saquei você. Essa personalidade fragmentada, as restrições na dieta, a camiseta do Pinochet.

Ele também disse:

— Será que não está chateada com essas coisas porque, no fundo, queria que elas fossem com você?

E depois disse:

— Já vi tudo. Meu palpite é que você nunca foi tão amada quanto achou que merecia. Acho que se realmente quisesse mudar o mundo, encontraria um jeito de parar de ser tão raivosa e inusitada.

Tentei pensar em Oscar Wilde. Ou em Aristófanos. *Ser insultada por você é ser adornada de lírios*. Apaguei o cigarro no chão de arenito e olhei para ele.

— Ora, ora. Se não temos todos um lado indelicado...

Ele era um revólver, eu, uma réplica falsificada. A expectativa até aquele ponto talvez fosse de dormirmos juntos naquela noite (não dormimos), mas, com aquelas duas recriminações, fomos lindamente um com o outro.

Acho que nunca sentimos tanto o nosso sexo quando naquele momento.

Bem, talvez uma outra vez.

Ele abriu um sorriso doce de novo.

— Você acha que há uma pessoa certa para cada um?

Neguei com um gesto de cabeça.

— Não. Nunca achei isso.

— Tenho medo de não encontrar a pessoa certa.

— Tenho medo de que talvez o meu objetivo seja *não* encontrar a pessoa certa, várias e várias vezes.

Art assentiu, melancólico.

— Mesma hora, amanhã?

E foi assim que aconteceu. Tomamos chá de menta e fumamos juntos todas as noites no jardim, depois do jantar.

— Ei, estrela de cinema — dizia ele quando me via.

Eu me encolhia de horror. E fazia questão de que isso fosse visível. Ainda assim, ficava sentada lá, esperando por ele, Minha Versão Estrela de Cinema.

No último dia, trocamos endereços de e-mail.

Ele me escreveu enquanto seguíamos em carros separados para o Cairo.

CAIXA DE ENTRADA

Assunto: VOCÊ

É ESPECIAL.

Só isso.

Tenho que admitir que aquilo mexeu comigo. A ousadia. O modo como ele usou o campo do assunto como parte da mensagem. A mensagem. Eu li e pensei — *Beeeeem, talvez a gente tenha alguma coisa aqui.* Eu nunca tinha visto um e-mail daquele jeito. Era como ver meu próprio cérebro preso na tela, se retorcendo. Uma delícia! E mais: inegável.

Não respondi. (Hahaha. Estava nas minhas mãos. Nas minhas mãos.) Fiquei olhando para o e-mail. Me recostei no assento. Vi duas borboletas amarelas voarem ao redor uma da outra. *Está dançando? Está perguntando? Estou perguntando. Estou dançando.* Desliguei a tela do celular, liguei de novo e fiquei encarando o e-mail mais uma vez. Queria que a sensação durasse para sempre.

Mandeí uma mensagem para Kelly:

O que acha disso?

Sei que estava me gabando. Mas achei que merecia me gabar um pouco depois de uma seca tão longa. E tinha

havido uma seca, sem dúvida, na linha de frente das conversinhas sexuais. Eu transava bastante, mas sem muitas brincadeiras sexuais verbais.

Kelly respondeu:

Parece um macho alfa. Boa sorte

BUSCA NO GOOGLE

“como atrair um macho alfa”

“como seduzir um macho alfa”

“é possível amar de verdade um macho alfa quando se é uma fêmea alfa?”

“machos alfa ao longo da história”

EU DISSE

Você é um amor.

Tranquila. Para cacete.

Esperei até saber que o voo dele tinha decolado (ele ia para Paris, uma hora mais cedo). Tive o cuidado de usar ponto final, como ele, e me dei conta de que respeitava muito mais as pessoas quando elas pontuavam o texto adequadamente. Era muito mais fácil levá-las a sério. Ele respondeu, no ar (imagine só!).

Você não saiu da minha cabeça. E olha que estou indo pra Paris.

Não respondi. Embarquei no meu voo. Tomei uma vodca Grey Goose e uma água tônica premium e me senti completamente internacional.

Quando aterrissei, tinha recebido mais três e-mails.

Acabei de chegar no quarto aqui no hotel e torci para você estar na minha cama, mas você não estava.

E:

Estava de pé no metrô e fiquei pensando em como as pessoas são só um bando de células, irradiando cheiros e sons.

E:

Aquilo que você me falou sobre culpa mexeu de verdade comigo. Você é a pessoa mais sábia que já conheci.

Kelly disse:

Jesus Cristo. Ele fala em hipérboles – sinal claro de narcisismo

Ei, eu falo em hipérboles!

Beeeeem

AMO narcisistas. Eles são tão... interessantes

Assim que você mostrar interesse, ele vai ficar quieto, pode acreditar

Mas já era tarde demais. Eu estava interessada. Não parava de pensar no comentário dele sobre “cheiros e sons”. Tentei ser irreverente. E quando se “tenta” ser irreverente...

Mandei:

No fundo, somos todos bestas imundas

Assim que pressionei Enviar, comecei a ficar preocupada. A gente se conhecia havia pouquíssimo tempo. Me pareceu

cedo demais para sugerir que eu não tinha higiene. Ainda estávamos tentando impressionar um ao outro com a nossa cultura alternativa, e lá estava eu basicamente dizendo que fedia a bosta.

Arg!

Passaram-se alguns minutos e ele não respondeu. Tinha desistido de mim. Que coisa abominável para se escrever. Logo eu, supostamente uma profissional da escrita! O que ele devia estar pensando de mim? Ai meu Deus ai meu Deus. E se achasse que eu tinha alguma espécie de fetiche nojento? Aquilo era demais. Não sabia o que fazer. Estava entrando em pânico, em pânico. Agora me dou conta de como mudei rapidamente. De cautelosa e no controle da situação a um caco ansioso. Como? Por quê? Aquele cara tinha mexido comigo. Arrrrrrrrrrrrrrrgggggggggggggg. É quase como se não houvesse mais espaço para romance na modernidade, com o feminismo, o trabalho, os compromissos sociais e a ansiedade.

Kelly não me ajudava.

Você poderia me perguntar como foi o meu dia, ou como foi a primeira vez em que o Sonny dormiu fora

Interpretei erroneamente a irritação dela como inveja.

É romântico!

Protestei. Mas ela também não engoliu aquilo.

Não é romance. É obsessão

Ora, você basicamente já perseguiu pessoas, então...

Foi SÓ UMA VEZ, eu estava em um festival e tão doida que não conta

Me perdoe por querer o apoio básico de uma amiga

Obsessiva

Romântica

Romântica obsessiva. Você é uma amiga ROBSESSIVA

Olha, não mate o mensageiro. Sério

Hermes entrou no grupo

Então, Art respondeu:

Você é um encanto
Bjs

Um encanto! *Moi!*
Mandei para Kelly:

Tudo bem! Ele respondeu!

E disparei para Art:

Ora, se você está dizendo, escudeiro!
Bjs

Ele não respondeu.

Kelly mandou:

Fofo

Deixa para lá, Kelly.

E lá fui eu de novo, na minha espiral... *Escudeiro!* Só de pensar na palavra, já fiquei nauseada. Torci para que Art não achasse que eu era uma dessas pessoas que faziam parte de sociedades de recriação histórica, embora ele TIVESSE dito, no Egito, que gostava de antiguidades (tentei me tranquilizar), então talvez também gostasse de linguagem antiga... Havia tantas outras questões em que pensar. Tanto o que procurar no Google. Mas há um limite para o que se consegue tirar da página do Facebook do primo de alguém. Se houvesse alguma chance de conseguir encontrar mais informações na dark web, teria ido até lá. Teria ido a qualquer lugar. Até a um pub da rede Wetherspoon.

Analizando a situação com olhar crítico, em retrospectiva, acho que eu estava reivindicando Art para mim, de certo modo. Eu achava que estava sendo carinhosa, mas, na verdade, estava... bem, sendo invasiva, estava avançando com força nos desejos passados e presentes dele. Nunca tinha sido daquele jeito com ninguém. Não sei o que deu em mim. Uma espécie de urgência pioneira qualquer. A obsessão busca a posse. É só perguntar à minha mãe.

Um dia depois, mandei um simples:

Como estão as coisas?

Bjs.

Simpática! Jovial! Breve!

Era só um e-mail simpático e fofo, de uma nova amiga fofa para um amigo.

Então...

Ele não respondeu.

Então...

Comecei a me preocupar que Art pudesse achar que eu estava me referindo às bolas dele. Voltei a ficar estressada. Como eu poderia esperar ser vista como uma criatura com uma aura de mistério se me referia às partes íntimas de alguém como “coisas”? Ah, Deus, imagine se ele interpretou assim...

Então:

Acabei de comprar um armário de bebidas que é grande demais para o meu apartamento. Estilo Mid-Century Modern. Isso significa que você vai ter que aparecer aqui para tomar uns drinques, Foxface.

Meus dedos já estavam digitando antes mesmo que meu cérebro conseguisse gritar NÃO, ESPERE UM MINUTO, POR QUE ESSA DETERMINAÇÃO DE VOLTAR A SE TORTURAR, POR QUE NÃO SABOREAR A DOCE AUSÊNCIA DE SENTIR...

Mal posso esperar. Já mencionei que adoro Pênis Colada?
Ops, Pina Colada!

Ah, *eu* achei engraçado.

Tudo.

Em mim.

Ficou tenso.

Então, o alívio abençoado do som de um e-mail chegando, um nome, um *estou-te-vendo*.

Hahahahahahahahahhahaaaaa

Fiquei toda quente e feliz por dentro.

Então, ele escreveu:

Vou destruir você

Você que tente manter a calcinha intacta quando as coisas atingem um ponto desses. Respondi:

Promessas, promessas.

Sem beijos. Só um “vem-que-tem” primitivo. Ah, sim, safado. As insinuações. O pingue-pongue verbal. Você nunca ouviu nada assim! Eram dignas de serem publicadas, nossas trocas de e-mail. Eram sublimes.

Mas todo aquele esforço. A espera, a tentativa, a vontade, o “ligue-os-pontos” ali no meio. A beleza de ter alguma coisa e, ao mesmo tempo, não ter nada. Meu cérebro era — é — bom demais em perceber padrões. Não está a milhões de quilômetros de distância de algum tipo de loucura.

Tentei manter tudo sob controle. Cheguei até — acidentalmente de propósito — a mandar para ele um e-mail que seria para Kelly.

Podemos nos encontrar um pouco mais tarde hoje à noite? Tenho que deixar pronta a coluna da semana que vem, por causa da pausa para o Natal. Bjs.

Eu queria que ele soubesse que eu tinha uma vida profissional empolgante.

Então mandei:

Ih, desculpa, não era pra você!

Minha direção de palco, meu sincronismo, eram perfeitos — ou era o que eu achava.

Ele respondeu:

Imaginei. Boa sorte com a coluna. Bjs.

Anos mais tarde, Art me disse que tinha percebido minha intenção. Que foi “meio forçadinho”. Que foi “o tipo de coisa que ele teria feito anos antes”. Fiquei furiosa. Fiquei puta. Foi ácido. Trágico. Porque no fundo eu sei, além de qualquer mágoa, que nunca mais vou sentir aquele tipo de frisson com ninguém, jamais. Foi como beijar um espelho — mas quando o espelho começa a beijar você de volta. Era um convite ao naufrágio.

Por enquanto, de volta aos dias de salada. Às prosas. Às rosas.

AS PATATAS BRAVAS

No nosso segundo encontro, fomos a um bar de tapas em Victoria Park. Nos sentamos do lado de fora e tomamos vinho tinto cor de cereja, barato e muito ácido, em canecas. Descobrimos que ambos estávamos tentando comer menos carne e ambos tínhamos medo de vespas. Era romântico demais. Eu disse a ele que estava comprando uma casa. Art se recostou na cadeira e assoviou. Ele disse que eu tinha feito bem, que ele provavelmente deveria comprar uma casa também, que sua carreira não duraria para sempre. Venho do nada, como você.

Eu disse:

— Minha mãe tem dinheiro. — Na época, eu a usava como uma carta na manga. — Ela dividiu a entrada comigo. Meio a meio.

— Legal.

— Ela se sai muito bem fazendo o que faz.

— O que ela faz?

— Você e seu trishula logo vão descobrir.

Art tirava fotos de pássaros e borboletas. Eu me lembro dessas fotos, penduradas no apartamento minúsculo dele, e, mais tarde, na minha casa. O mosaico da asa de uma borboleta. As linhas curvas e pretas dos andorinhões. Ele fotografava pássaros-jardineiros e os ninhos extravagantes que faziam para atrair uma parceira. O macho recolhia

objetos coloridos — em geral azuis —, como fazem as pegas, e criavam pequenos jardins para encantar a fêmea. Acho que o que mais me surpreendia era que eu achava os ninhos lindos, e Art também. Então, humanos compartilhavam uma estética com os pássaros. Estranho duas espécies compartilharem uma ideia de beleza. Eu disse isso a Art.

— Você está me atraindo para o seu ninho novo com esses acessórios brilhantes? — disse ele. Eu me recostei na cadeira. — Ah, você tem uma expressão cruel quando fica séria! Para uma garota bonita. Vai me olhar desse jeito por mais quanto tempo? Uau. Estou com vontade de tirar uma foto, só para você ver por si mesma.

— Não estou tentando atrair você para lugar nenhum — retruquei, ofendida. — Você pode fazer como quiser. Não tenho a menor vontade de acasalar ou de me casar. Sou uma mulher ocupada, com planos. Ceder não faz parte da minha natureza.

(Ah, como eu era inocente. Sinto vontade de voltar no tempo e dizer a você que estava errada, e abraçar você e dizer também que as coisas não vão ficar bem.)

Quando fui ao banheiro, ele me mandou um e-mail:

E se eu adorar você?

Eu me sentei no vaso e digitei em resposta:

E daí?

Mas e se eu adorar?

Bem, isso É uma charada...

Alguém bateu na porta. Levantei a calcinha.

— Estamos... categorizados, então? — perguntou Art quando voltei para a mesa.

— Isso é a velha pergunta sobre exclusividade?

Ele riu. E me disse que eu poderia ditar as regras. Ha! Nessa hora, eu ri. Era uma mulher de vinte e oito anos. Tinha como certo que eu ditaria as regras. Encarei Art com uma expressão que dizia exatamente isso. Era uma... repreensão bem-humorada.

— O que você vai fazer em relação a eles, então?

— A quem?

— Os outros três? Seus três amigos. O de cabelo encaracolado especificamente precisa ir embora.

Ah, então ele tinha ido atrás e achado os três. E fizera deduções. Claro que sim.

— Isso é um ultimato? Não lido bem com ultimatos, devo avisar.

— Eu não ousaria.

— Sou totalmente sincera com todos vocês. Tenho tudo de que preciso. Se quiser passear comigo, está convidado, mas eu dirijo.

— E quanto à hora do chá?

— O que tem a hora do chá?

— Não é solitária? O final de cada dia? Você não sente falta daquela sensação de família à noite? De relaxar e falar do dia à mesa de jantar?

Fiquei um bom tempo sem saber o que dizer. Certo, ele tinha atingido um ponto sensível. Aquele ali era ardiloso.

— Há outras formas de conseguir isso.

— Talvez você não precise de outras formas para sempre.

Sabe o que é isso? Efeito da luz. Toda vez. Você é capaz de comprar qualquer coisa — uma casa, uma situação, um sentimento — com a luz certa. Naquela noite, a luz estava certa.

— Só fique sabendo que vou fazer tudo no meu próprio tempo.

— É claro — disse ele. — É claro. Mas... em nome da transparência...

— *Em nome da transparência, sugiro que você tire a camisa e a calça.*

Ha! Que danada. Eu fui épica. “Almaz”, da Randy Crawford, me veio à cabeça. Estranho como muitas pessoas a consideram uma canção trágica.

KELLY TINHA DITO

Você é como uma desequilibrada da época vitoriana

Só quero que as minhas missivas sejam as melhores possíveis!
Me ajude a ser a melhor versão de mim mesma, amiga

Isso são E-MAILS, não missivas. Acorde e sinta o cheiro da tecnologia. Além disso, por que vocês não trocam mensagens de texto? E-mail é uma escolha de meio de comunicação bizarra

É romântico. É o mais perto que conseguimos chegar de trocar
cartas

Além de... trocar cartas

Lento demais

Acho que a lentidão lhe faria bem

Há muito a ser dito em benefício da espontaneidade

Não, não há. A espontaneidade destrói vidas

Ao menos nos velhos tempos as pessoas compreendiam o
verdadeiro poder da palavra escrita

Era só o que eles tinham! Passavam anos entre um baile e outro, cacete! Eles poderiam estar mortos antes de voltarem a

se ver! Agora não é mais assim. Você vai ao Nando's na semana que vem, então relaxa, droga

ESTOU RELAXADA, SOU O RELAXAMENTO ENCARNADO

Vou perguntar uma vez só: do que você tem medo? Eu nunca tinha visto esse lado seu. De onde veio isso?

Hahahahahah não tenho ideia do que você está falando, amiga

Tudo bem. Você começou a mandar os e-mails ou foi ele?

Ele. Por quê?

Só perguntando

E foi um e-mail muito lisonjeiro

Ainda assim, a forma de comunicação foi escolha dele, não foi?
Você está em um cofrinho. É só o que estou dizendo.

Você não gosta dele só porque ele faz você se sentir
moralmente inferior em suas escolhas alimentares. E sei que
isso é verdade porque você começou a comprar salmão
aprovado pelo órgão de prevenção à crueldade contra os
animais

Fico muito surpresa por você ter tempo de analisar o conteúdo
da minha geladeira hoje em dia, quando devota tanto do seu
tempo a ficar on-line

Mas você acha que eu sou excêntrica o bastante pra ele? Ele fotografou Patti Smith outro dia e sabe MUITO sobre filmes

Olha, só porque ele tem uma cópia de *O Encouraçado Potemkin* e umas tatuagens não significa que não seja um babaca convencional

Mas aí eu acho que ela se animou com ele.

MENSAGENS SEXUAIS SÓBRIAS

ONDE

Você está e o que você está fazendo?

Aquela era uma pergunta frequente de Art nos primeiros dias. Eu me deleitava com ela. Demorava para responder. Esticava as costas e estalava os dedos, como fazem os mágicos. Minhas respostas eram artesanalmente pensadas.

Kelly me repreendia por isso. Acho que, a essa altura, ela já estava ficando irritada com a quantidade de e-mails que eu mandava para que ela revisasse e sugerisse piadas melhores.

— São e-mails, Jenny — disse ela. — Não roteiros de comédia para a TV.

— Mas são *importantes* — argumentei. — Não posso me comunicar com ele em um padrão inferior.

— Mas são textos elaborados demais. São... cansativos. Você é melhor quando é rápida e espontânea.

— Shhh. Agora, eu uso a palavra “mistério” ou “magia”?

Comecei a passar rascunhos de tuítes para ela aprovar.

— Não vou fazer isso — disse Kelly. — Não vou alimentar o monstro.

— Que monstro?

— O monstro da sua ansiedade digital.

— Como minha amiga, você deve me dar o que preciso. Eu faria o mesmo por você.

— Você precisa de ajuda.

— Não tem graça.

— Não estou brincando. Os terapeutas ainda não se especializaram nisso? Não existe reabilitação de redes sociais? Deve existir.

— Se chama maternidade.

Kelly ficou em silêncio por um momento, então disse:

— Você está dando cada vez mais alfinetadas desse tipo, espero que esteja percebendo.

Art disse:

Por que a mudança no tamanho das fontes?

Foi porque fiz anotações no meu celular e então copiei e coleí para criar o trabalho perfeito.

Respondi em outro e-mail:

Não tenho ideia! A vida é cheia de magia

Fiquei olhando para a mensagem por horas, lamentando o fato de não ter usado a palavra “mistério”. Mistério era realmente melhor. Às vezes, a palavra mais boba é a mais eficiente. Saco! Por que era sempre preciso *fazer* a merda antes de ver as merdas mais graves que fazemos?

A primeira vez que ele me tuitou, foi o primeiro tuíte dele em dois meses.

@thejenniferMcLaine VOCÊ.

Aquele ponto final. Aquele ponto final me deixava em UM FUROR DE PRAZER. Era como um sol escuro e rígido que me excitava demais.

Ele continuou:

É uma deusa. Eu sou um bêbado fracassado em uma banquetta de piano.

Devolvi:

Se toca, Tom Waits

Arquejei depois de mandar isso. Eu meio que não conseguia acreditar na minha própria sagacidade. Embora estivesse a fim dele, aquele tipo de tática *sou um fracassado* me deixava puta, sabe? É que nem todas essas pessoas que fingem ser “tão nerds” (*sou tão nerd!*), como se estivessem usando aparelho aos trinta e dois anos e andando por aí feito bobas, usando meias-calças listradas. O que essas pessoas realmente estão dizendo é: “Sou esperta e também estilosa. Não se deixe enganar pelo meu visual!” O que Art estava dizendo era: “Sou descolado embora seja comercial!” Eu ainda escuto Tom Waits. E todos esses outros homens velhos e tristes com suas músicas autoindulgentes. De qualquer modo, Art adorava meu desdém.

Ele respondeu:

Tenho tanto respeito e admiração por você, Jennifer.

Por favor, sério.

Como as gigantes caem.

Comecei a mandar e-mails diários para Art, quer ele respondesse ou não. Mandava links para músicas e playlists

de que ele poderia gostar. Mandava os vídeos que achava mais engraçados do Youtube, colecionados por décadas. Dei conselhos a ele sobre como organizar o primeiro coquetel, um e-mail que levei seis horas e três rascunhos para escrever. Tinha uma página, com fotos e links. Que esforço!

Ele não disse se fez os coquetéis. Mas mandou o seguinte:

Fiquei olhando suas fotos on-line pra passar o tempo.

Bj

A

Respondi rápido — não porque tivesse que fazer isso, sabe, mas porque tiraria logo o assunto do caminho e não perturbaria minha noite de sono, com esse problema de pensar no que responder.

Também andei olhando fotos suas.

Bj

J

O que era mentira. Eu vinha olhando fotos da ex dele.

Mandei uma mensagem para Kelly.

Encontrei ela on-line. A ex do Art. É sapateira e se chama Eliza.

Agora não posso mais gostar de sapatos ou do boxe de *Orgulho e Preconceito* da BBC. Que maravilha... Dois grandes prazeres banidos da minha vida.

Uma sapateira?

Tá vendo, só de ler a palavra já fiquei meio nauseada.

E daí? Ela é ex dele.

Mandar dois beijos grandes é o mesmo que mandar três normais? Emocionalmente, quero dizer. Não quero que pareça que estou retribuindo de um jeito óbvio demais, sendo repetitiva, mas também não quero menosprezar o sentimento

Acho que você está pensando demais

PORRA CACETE SANTO DEUS SIM CLARO. Mas é o mesmo ou não?

Jenny, de jeito nenhum ele vai prestar atenção a todos esses detalhes

Sorte dele

Não é sorte

Não é sorte minha ter o meu cérebro nesse momento, sei disso

Você consegue superar. Consegue. Acredito em você.

Posso mandar uma foto da ex dele pra você?

Negativo

Acabei de mandar uma foto pelo WhatsApp. DISCUTA.

QUANTAS VEZES

Posso mandar os últimos e-mails que trocamos pra você
analisar o clima?

Esta amizade mal está passando pelo Teste de Bechdel

Ele não respondeu ao meu último e-mail!

Quando você mandou

Há sete minutos!

SOSSEGA O FACHO, MCLAINE.

Ajude-me, Obi-Wan, você é minha única esperança.

[...]

Jenny? Jenny?

Estava pensando sobre os nossos corpos e sobre o modo como
eles se encaixam
A

Ele acabou de responder! A RESPOSTA MAIS INCRÍVEL. Está
tudo certo Bjs

Cara, você se jogou de cabeça nisso de um jeito que nem
consegue perceber o que está fazendo

Sim Bjssss

Tá certo, nos vemos na próxima vez em que um idiota ignorar
você por 8 minutos, acho

Eles se encaixam muito bem, pelo que consigo me lembrar.
J

No que você está pensando?

Estou pensando no meu pau na sua boca.
Merda – desculpe, quis dizer no seu pau na minha boca!
Eu não tenho pau, é claro
Tá certo, realmente não quero você pensando no fato de eu talvez
ter um pau
A menos que seja isso que você esteja pensando... Mas acho que
não é!

AAAAAAAAAAAAAAAAHHHHHHHHHHHHHHHHHH

O que foi agora?

QUANDO MENSAGENS SEXUAIS SAEM MUITO MAL

Eu quero saber?

Kelly, por favor, por favor, por favor, por favor, por favor, posso
mandar uns e-mails pra você?

Não não não não NÃO Isso é antiético

ANTIÉTICO? VOCÊ CHEIROU COCA NA CRIPTA DA CATEDRAL DE
SÃO PAULO

Sua vaca — a gente combinou que nunca mais ia falar disso

QUID PRO QUO, CLARICE

ME MANDE OS E-MAILS, ENTÃO, SUA CRETINA

Obrigada!

CUZONA

Acabei de mandar. Outra coisa, por que você acha que ele não
me dá o celular dele? Só me deu o e-mail e não tem wi-fi em
casa!

Que tipo de doido não tem wi-fi? Já odeio esse cara. É igual a
esses idiotas que não têm TV. Desgraçados tristes, tentando
defender uma causa idiota. Eu nunca sairia com alguém que não
tem TV. Acho definitivamente ofensivo. Pessoas sem TV são
pseudointelectuais, idiotas demais para perceber que merda
parece melhor quando é vista em uma TV

Acho que ele tem TV E esses que não tem wi-fi? São viciados
em remissão

ABLUÇÕES

Na primeira vez em que Art ficou na minha casa, ele apareceu com um saco de papel. Entrou e escondeu o saco atrás do porta-guarda-chuvas enquanto tirava os sapatos.

— Andou fazendo compras? — perguntei.

— Só peguei rapidinho uma camisa que estava em promoção.

Percebi então, de relance: a ansiedade. Eu tinha visto os comprimidos no banheiro dele: Diazepam. Uma coisinha para acalmar. Por que não? Minha mãe tinha o gim dela, e eu, a minha ética profissional.

Ele ficou parado no hall de entrada, dando uma olhada, lendo a minha vida, mas eu sabia que também estava reunindo autoconfiança.

— Imaginei tanto como seriam os detalhes da sua casa — comentou Art. — Vai ter que me permitir um momento para saborear tudo.

— Tudo bem.

Lembrei como, poucas horas antes, eu estava no chuveiro, lavando o corpo, me preparando para ele, e enquanto eu fazia isso, pensava que ele estaria lavando o corpo se preparando para mim, ensaboando o pênis, enquanto eu passava a esponja na minha vulva. Nós dois, nos preparando separadamente. Tinha dado uma risadinha diante do absurdo da ideia — e talvez da futilidade também. É uma das

grandes perdas do amor, eu penso, toda vez, esse tipo de meticulosidade.

Mais tarde, nós nos beijamos linda e envergonhadamente, nossas cabeças se virando como girassóis, pouco a pouco, diante do jornal das dez. Um grande novo amor nos faz sentir com quinze anos de novo: desajeitados, elétricos, concentrados nos detalhes.

Eu disse:

— Onde você vai trabalhar amanhã?

— West London.

— Você pode ficar. Se quiser.

Era domingo. Hora do chá. De repente, eu não queria ficar sozinha no domingo na hora do chá. Assim, do nada.

— Ok.

— Ok!

Nos beijamos um pouco mais. Então, eu disse:

— Foi por isso que você comprou a camisa, não foi?

Ele enrubesceu.

— Bem, eu não queria aparecer com uma... Então, comprei uma camisa, só para garantir. Mas também foi *só uma camisa nova...* ou seja, sem pressão!

— Tudo bem, não quero que você se preocupe. Que tal combinarmos de não tentar nos preocupar?

Ele deu um sorriso constrangido.

— Parece uma boa ideia.

— Sei que provavelmente não vai ser possível, mas vale a pena tentar, não acha?

— Você é a garota dos meus sonhos.

— Você é o garoto dos meus sonhos. Vamos aproveitar nossa juventude enquanto podemos.

Olhei no fundo dos olhos dele. Era como se tivéssemos decidido mostrar uma carta um para o outro — nossa carta mais secreta — e, ao fazer isso, percebemos simultaneamente (3-2-1, vai!) que era a mesma carta. E, assim, o medo foi embora. Foi nada menos do que (por mais que eu goste de evitar a palavra)... *mágico*.

Art foi ao banheiro e fiquei imaginando ele vendo as minhas coisas ali e tirando conclusões. Eu tinha arrumado algumas, como se montando o cenário no palco. Deixei certas etiquetas viradas de certo modo. Tenho certeza de que Art percebeu o que eu tinha feito, mas saber disso era quase tão delicioso quanto a possibilidade de enganá-lo.

MEU BANHEIRO DIZIA

Banheiro de uma mulher ocupada, mas que toma conta de si

*Banheiro onde talvez você possa tomar um banho com ela
algum dia*

Olhe o tamanho desse boxe. Dá para fazer sexo nesse boxe

*O boxe está muito limpo, o que provavelmente significa que a
vulva dela é limpa também*

Cheire os produtos dela. Você sabe que quer fazer isso

***PARE DE CHEIRAR OS PRODUTOS DE BANHEIRO DELA
VOU CHAMAR A POLÍCIA***

ÚLTIMA GOTA

Depois estivemos juntos num hotel em um balneário, onde Art foi fotografar banheiros de suítes. O sexo foi bruto, rápido, e ele foi mais dominador. Acho que pensou que precisava recuperar algum controle, o que agora me deixa triste. (Será que ele sabia que eu tinha visto os psicotrópicos dele?) No fim, ele tirou e gozou no meu peito.

Eu estava prestes a dizer a ele o que fazer, quando ele se levantou e foi para o banheiro — presumi que para pegar um lenço. Lenços umedecidos de hotel são uma grande coisa para transas em hotéis hoje em dia. Deveríamos fazer mais essas coisas. Não é romântico ter o abdômen esfregado com um lenço de hotel?

Art voltou com o lenço. Eu me sentia como uma mancha. O momento tinha mais do que passado. O momento tinha partido em um voo para o Rio de Janeiro.

— Você gozou? — perguntou ele, se dando conta de repente.

— Não, mas tudo bem.

Abaixei os olhos para os meus peitos, enquanto o esperma escorria para os lados, descendo pelos mamilos.

— Você gozou? — falei. O que achei divertido para cacete.

Mais tarde, tomamos valiums e ficamos deitados na cama assistindo a *Stargazing Live*, o programa sobre astronomia. Amor moderno.

MINHA MÃE DISSE

— Um namorado? Quem nessa terra conseguiu amarrar você?

— Ninguém. Estamos só saindo.

Eu não sentia uma grande vontade de apresentar os dois. As coisas nunca iam bem quando minha mãe me visitava. A longa lista de infâmias incluía um lançamento de livro (com o Papa acadêmico), onde minha mãe tomou tanto vinho de graça que leu a mão de todos os funcionários da livraria, sem que eles pedissem, depois rolou por uma escada em espiral e caiu de cabeça. Eu me senti mais do que mortificada. (*Uma vidente*, debochou Art, quando contei a ele, *que não consegue visualizar uma escada em seu caminho!* Eu disse: *Estava se confundindo com o chão!* Sabe-se lá por que eu a defendia.) Quando a mãe de Kelly a visitava, fazia tortas e limpava a casa dela. E era sempre a mesma mulher que tínhamos visto da última vez. Era bem pé no chão e tinha o neto na discagem rápida do celular.

Mas Art implorou para conhecer minha mãe, e minha mãe implorou para conhecê-lo — por curiosidade também, acho.

Nos encontramos em um restaurante italiano, ela e Art tomaram Camparis Spritz e conversaram sobre a Itália. Pappardelle não era a escolha dos verdadeiros amantes de massa? Pessoas que falavam “um espaguete à bolonhesa animal” não eram idiotas? Fiquei sentada do outro lado da

mesa, encantada. Tinha achado que precisaria amenizar as coisas, sabe como é, como fiz com uma antiga amiga e o pai dela, que ela odiava. Aquilo, sim, foi difícil. (Quando ele morreu, ela deixou de ser minha amiga, o que deixou bem claro o meu propósito na situação.)

Enfim. Art. Minha mãe. Achei que ficaria a noite toda passando o sal metafórico de um para o outro. Mas não, minha mãe e Art estavam entrosados. Tanto que achei difícil conseguir participar da conversa. Eles dividiram um prato. Pediam sempre a mesma bebida. Gostavam do mesmo tipo de música, das mesmas flores, dos mesmos reality shows de merda na TV. Era como assistir a gêmeos se reencontrando. Uma parte de mim achou — ainda acha, apesar da diferença de idade — que os dois formariam um casal melhor.

No fim da refeição, Art disse:

— Me conte uma história de quando Jenny era mais nova.

— Ela foi possuída pelo demônio numa aula de leitura.

Art cuspiu a bebida.

— Foi mesmo?

Eu disse:

— Não tinha muita coisa para fazer na aula de leitura.

(Eu realmente achei que estava possuída por um demônio, anos mais tarde, mas isso foi depois de eu ter assistido a *Atividade Paranormal*, e acho que estava diretamente relacionado.)

Minha mãe disse:

— Jenny nunca respeitou meu dom.

Art perguntou:

— O que mais você faz? Folhas de chá? Bola de cristal?

Minha mãe riu.

— Você pode descobrir tudo sobre os serviços que eu presto no meu novo site, *Médium itinerante*.

Eu disse:

— Nunca subdivulgada, se puder evitar.

— Mas, na verdade, é o que as pessoas quiserem, vivas ou mortas — falou minha mãe. — Eu só recebo as mensagens. Coisas como cartas podem ajudar a montar uma imagem mais clara. Uma história, se você preferir.

— Os seres humanos sempre se deixam levar por uma narrativa — falei, e me servi de mais vinho.

Minha mãe disse:

— Posso contar sobre a vez em que ela ganhou o primeiro lugar em uma competição de natação. Uma fita vermelha pela prova em estilo livre. Ela mergulhou e rasgou a piscina, anos-luz à frente do resto. Você devia ter visto! Como uma serra em uma folha de metal. Daquedaquedaquedaque!

Art sorriu.

Minha mãe continuou:

— Mas o motivo de Jenny ter vencido foi porque ela não respirou! Ela ficou o tempo todo embaixo d'água, prendendo a respiração, e só levantou a cabeça para receber os aplausos!

— Ela está dizendo que não nadei direito — falei. — Que não mereci o prêmio.

— Não — retrucou minha mãe —, não é isso que estou dizendo, de forma alguma.

Art foi ao banheiro.

Minha mãe disse:

— Tenho um ótimo pressentimento em relação a ele. Uma ótima vibração.

— Ainda é cedo.

— Mas vocês precisam conversar sobre por que, para ele, o medo costuma ser maior do que o amor. Vocês precisam conversar sobre isso, porque isso talvez se torne... problemático para vocês mais à frente. Ele perdeu alguém recentemente, não foi?

— Por favor. Só para.

— Quer a minha opinião?

— Se eu quero alguma baboseira maluca em vez do que eu já sei? Não, obrigada.

— Achei que você queria a minha opinião. Achei que era por isso que tinha me convidado.

A pergunta dela me aterrorizou. Por que eu tinha convidado ela? Para agradar ao Art? Ou havia alguma parte antiga que vinha de mansinho dentro de mim e ainda buscava a aprovação da minha mãe? Fosse como fosse, era primitivo.

Art voltou. Ela e eu pagamos a conta. Quando Art tentou deixar uma gorjeta, minha mãe se inclinou para a frente, com o conhaque na mão, e disse:

— Você vai magoar a minha filha.

— Muito bem — falei —, estamos indo.

Art a encarou. Ele nem tentou se mover.

— Eu amo a sua filha — falou.

— Quem faleceu recentemente na sua família? — perguntou a minha mãe.

— Mãe — repreendi.

— Meu tio — disse Art. — No ano passado, pouco antes de eu conhecer a Jenny. Era irmão da minha mãe.

— Sua mãe, Deborah, que Jenny me disse que é uma mulher e tanto. A londrina culta.

— Ela é — falei.

— Sim — confirmou Art. — Meu tio e eu éramos muito próximos. Fui batizado em homenagem a ele.

Olhei para ele.

— Você nunca mencionou um tio.

— O amor não progride em casamentos, mas em funerais — comentou a minha mãe, e deu um gole longo e satisfeito no conhaque.

— O que significa isso? — perguntou Art.

— Ela sempre diz isso — falei. — Não significa absolutamente nada.

— Significa que o medo impulsiona o amor — disse minha mãe.

— Você acredita nisso? — perguntou Art para mim.

— Não — falei para minha mãe, que olhava para ele.

Art sorriu.

— Tenho certeza de que você ensinou muito sobre amor a Jenny.

— É verdade — concordei. — Ela me ensinou que nunca se deve ir para a cama brigado com o outro. Você deve FICAR ACORDADO A NOITE INTEIRA BRIGANDO.

Art riu.

— Peixes? — perguntou minha mãe.

— Ai, meu bom Jesus — falei.

Art assentiu, impressionando.

— Hum — fez minha mãe. — Indeciso. Esquivo. Conheci um desses.

— Hora de ir para casa! — falei.

* * *

— Bem, achei ela um amor — comentou Art, no táxi.

Olhei para ele.

— Está falando sério?

— Sim. Sua mãe é um pouco extrovertida, mas achei fofinho o jeito meio maluco dela. Quase tranquilizador. É como se ela estivesse conectada a um plano mais profundo, entende?

Eu o encarei.

— Ah, Deus — exclamei. — Você é um desses que acredita.

— Tenho a mente aberta.

— Você é apenas mais um millennial buscando significado nos lugares errados. Sabia que ela faz toda aquela merda a partir de minúsculos movimentos com os olhos? Minha mãe só decidiu se tornar vidente depois de a carreira de atriz não ter dado certo. Ela é uma mutante. Se aproveita do luto e do medo.

Art balançou a cabeça.

— Não tinha como ela saber do meu tio. Eu nunca falei e nunca falarei sobre ele.

Eu me afastei dele, quase envergonhada.

— Talvez ela tenha plantado a ideia na sua cabeça.

— Ela não é assim tão tortuosa.

— Quer apostar? Minha infância foi marcada pela ambivalência da minha mãe. Era um constante morde e assopra. Ela era uma bagunça. Era louca.

Eu me dei conta de que estava descrevendo minha mãe do mesmo jeito que a maior parte dos homens descreve suas ex-namoradas. Do jeito como Art descrevera a dele.

EU TINHA DEZOITO ANOS

no dia em que saí de casa e a fiz me levar de carro até a estação. O carro era novo. Os carros eram sempre novos. Alugados ou de benfeitores benevolentes. Aquele era um Jaguar azul. Eu me lembro do modo como a jaqueta de couro da minha mãe vincava quando ela dobrava as esquinas. Na estação, as pessoas ficaram olhando enquanto estacionávamos. Estiquei a mão para a maçaneta.

— Então você vai embora? Assim?

— As filhas vão embora — respondi. — É normal. Esse rompimento é inevitável.

Saí e bati a porta. Poderia ter batido com mais força.

— Isso tem a ver com a escolha da minha vocação? — perguntou minha mãe pela janela aberta. Era uma pergunta normal, mas senti sua raiva e sua violência.

— Tem a ver com todas as suas escolhas. Tem a ver com o seu maldito caos.

Não olhei para trás enquanto entrava na estação, mas ouvi o barulho do motor do Jaguar quando ela foi embora.

Por que aquilo, de verdade? Foram tantas, tantas coisas, ao longo de anos. Um grão de ressentimento que crescera até formar uma placa ao redor do meu coração.

ART DISSE

Eu gostaria de tirar algumas fotos suas, se você não se importar

Que tipo de fotos?

Nada pervertido

Sou eu que vou julgar isso

Gostaria que você estivesse nua

Sai fora

Serão fotos que definirão romance e feminilidade

Fiquei empolgada. Profunda e problematicamente encantada. E pressionei por mais detalhes. Seriam de bom gosto, é claro. Politicamente corretas. Uma semana depois, eu estava deitada de costas no chão da cozinha, segurando algumas rosas sobre a virilha e olhando para o círculo escuro da lente de Art, enquanto ele se equilibrava de pé em duas cadeiras, acima de mim. Uma parte de mim se deleitava em

ser o tema dele. Eu queria ser esquadrinhada, sim. Queria alguém que olhasse e olhasse e olhasse para mim e não parasse de olhar. As rosas pretendiam simbolizar a menstruação — foi o que Art disse em entrevistas. Hahaha! Quem ERA aquele cara?

— Vou comprar um presente para você toda vez que ficar menstruada — falou ele.

— Isso é um compromisso e tanto.

— Que seja.

Antes que as fotos fossem divulgadas, eu costumava me esgueirar para dentro do quarto escuro no porão dele, acender o difusor de luz e ficar olhando, encantada, para mim mesma. Estava eufórica por saber que as fotos iriam para o mundo. Aquela expectativa era minha e só minha. Eu sabia como elas fariam sucesso. Sentia minha proximidade do calor, do acolhimento, do... quase amor. Não conseguia esperar. Não conseguia *esperar*. Como elas me faziam sentir? Adorada. Vista. Validada. Queria que todas as minhas colegas de escola vissem. Tinha a sensação de que aquilo estava nos meus olhos enquanto encarava os outros, letal.

Curvem-se, suas vacas...

Kelly disse:

— Você não se sente um pouco exposta?

Eu disse:

— Está fazendo uma piada fotográfica?

— Não.

— Ele é um artista — falei, na defensiva. — O trabalho dele é expor as coisas.

Um absurdo! Semelhante a:

— Você o amaria se ele não fosse um artista?

Ah, mas (dessa vez eu demorei, já preparada com antecedência):

— *Art não seria Art se não fosse um artista.*

Ele me amava e eu o amava. Nos amávamos. Aplacamos os medos um do outro pelo máximo de tempo que conseguimos. Mas depois que as fotos foram divulgadas, e as pessoas falavam por cima quando ele tentava me apresentar, acabei me vendo pelo que eu era: a parceira silenciosa. Era um legado, mas não o meu legado. Metade de mim se deleitou com a glória de ser vista; a outra metade se sentiu minada. Mas Art ainda me via. Ainda via o que eu tinha lá no fundo. Não via?

Como quando ele me encontrou na cozinha naquele Halloween — nossa terceira festa de Halloween seguida. Tínhamos convidado tantas pessoas — deve ter chegado perto de cem. Havia lanternas de abóbora e teias de aranha nos corrimãos. A sala estava cheia de bruxas e zumbis. Eu estava na cozinha, derramando suco de abacaxi em uma panela quente de ponche de rum. Uma torre de xícaras vintage oscilava perto do fogão.

Art veio silenciosamente por trás de mim e me abraçou.

— Você está bem?

— Estou!

Àquela altura, ele já tinha se mudado para a minha casa. Eu ainda estava me adaptando. Leva um tempo — reorganizar suas partes mais íntimas, abrir espaço,

acomodar. Eu me reorganizei, e reorganizei a minha casa, para ele.

Art disse:

— Pare de se mexer um segundo.

Parei de me mexer (por fora. Ainda estava mexendo por dentro).

— Você sabe que está aqui desde que todo mundo chegou.

— Estou ocupada fazendo as coisas.

Ele me virou para encará-lo.

— Está? Ou está se escondendo?

Eu ri.

— Me escondendo! Por que eu estaria me escondendo na minha própria casa, dos meus próprios amigos? Hahaha!

— Por que você está fazendo *quatro* coquetéis quentes?

— Porque é uma festa!

— Isso são... canapés?

— São.

— Você parece louca.

Eu me sentia louca.

Art sussurrou:

— Sinceramente, também não quero todas essas pessoas aqui. Gosto de muitas delas, mas preferia que estivéssemos vendo TV, relaxando.

— É uma festa! Festas são relaxantes! Adoro festas.

— É mesmo? Ou só queria uma casa cheia, então criou um caos para se retirar da situação?

Merda. Aquele interrogatório me atingiu em cheio. Ali estava ele, expondo camada por camada da minha gentileza

tão cuidadosamente cultivada. Eu me perguntei quantas vezes Art já havia visto além das minhas pequenas farsas: quando eu atravessava uma sala para falar com alguém que estava sozinho, sabendo que ele estava observando. Eu queria todas aquelas pessoas ali porque queria que gostassem de mim. E gostava de muitas delas, de verdade. Mas realmente queria conversar com elas, todas de uma vez? Realmente achava que conseguiria conversar com todas elas? Ou me atrapalhava nas apresentações, entrava em pânico quando mais de uma pessoa tentava falar comigo ao mesmo tempo, pedia licença para ir ao banheiro toda hora, planejava coquetéis extravagantes que me manteriam na cozinha até eu estar alcoolizada o suficiente para mandar umas asneiras em conversinhas superficiais com pessoas igualmente alcoolizadas? Todas aquelas exposições em que sorri o tempo todo. Todas as festas de que fui anfitriã. Todos os jantares a que compareci. Tudo o que eu fui sendo que não era. Eu era uma mentira. A garota festeira antissocial.

Ele sorriu — o arqueólogo agora passando do martelo para o pincel. E disse:

— Você sabe que ninguém dá a mínima, certo? Todo mundo está feliz com o vinho. Fica calma.

— Está dizendo para eu me acalmar? Um homem, para uma mulher?

— Não, só... Sim. Fica calma. Se acalma, porra, é melhor assim?

— Não.

Ele experimentou o coquetel e franziu o rosto.

— Sabe quando você me perguntou sobre as minhas preocupações? Sabe quando você *ainda* me pergunta sobre as minhas preocupações?

— Sim.

— Bem, esse sou eu, fazendo a mesma coisa. Checando. Medindo a sua temperatura.

Lembrei do termômetro ao lado da cama. E disse:

— Ok. Obrigada.

— Agora, o que é isso?

— Ponche quente de rum. Receita da minha mãe.

— Como está a Carmen?

— Ah, ela está bem. É Halloween. A época mais ocupada do ano.

ALGUÉM DIZ

— Com licença, posso me sentar, por favor?

Levanto os olhos do *Eu e meu café com leite de aveia desejamos bom-dia!* da Suzy e vejo uma mulher parada, segurando a barra de apoio. Ela parece perturbada. Prestes a desmaiar. Todos ao meu redor também levantam a cabeça, desviando a atenção dos celulares. Uma voz! Uma voz humana no vácuo! O que pode significar? O fim dos tempos?

A mulher se dirige a outra que ocupa um assento preferencial. A Mulher Prestes a Desmaiar está usando um broche *Bebê a Bordo*. (O que foi que aquele desgraçado me disse na vez em que usei um? *Perdeu o bebê?* Provavelmente porque ele não viu a barriga saliente. Eu estava enjoada e constrangida demais para discutir com ele em um trem cheio. Mas foi um visionário, o desgraçado.)

Para minha surpresa — e de todos —, a Mulher Preferencial diz Não.

— Como? — fala a Mulher Prestes a Desmaiar.

Abaixo os olhos e fico olhando para o celular com a tela desligada.

— Estou cansada — diz a Mulher Preferencial. — Tive uma noite ruim e um dia cheio. Por que minhas necessidades não são importantes? Só porque não estou grávida? Gravidez não é um agente moral, é um estado físico. Se eu ceder o meu lugar para você, vou estar perpetuando a ideia de que

mulheres grávidas têm mais valor... e isso não nos faz nenhum bem.

Levanto os olhos. A Mulher Prestes a Desmaiar parece desnorreada. E cansada. Volto a abaixar o olhar.

Quero me manifestar. Quero ser essa pessoa que se manifesta e fura a bolha de isenção em que vive pelo bem do que é certo. Não — na verdade, quero que essa situação termine agora mesmo. Por que estou no meio disso? Não é justo. Não mereço isso. Por que estou sob tanta pressão assim?

Talvez eu tuíte algo sobre como isso é ultrajante. acredite, eu poderia redigir um tuíte absurdamente indignado a respeito.

Permaneço em silêncio.

— Isso é para o bem de todas nós — diz a Mulher Preferencial —, eu sentada aqui, e você não. Pense nisso como um sacrifício pela equipe.

Levanto os olhos. A Mulher Prestes a Desmaiar está me encarando. O trem parte e ela se firma.

JENNY, LEVANTA. Uma voz, vindo de algum lugar dentro de mim. Uma voz profunda e séria. A voz de alguém que eu nem conhecia. LEVANTA AGORA.

Eu me levantei e ofereci meu lugar para a Mulher Prestes a Desmaiar. Ela aceita com um “Obrigada”, se senta e, na mesma hora, olha pela janela. Eu me afasto, andando pelo vagão.

A Mulher Preferencial está furiosa. Ela se levanta, vem na minha direção pisando firme e me aborda.

— O que foi aquilo? Eu estava defendendo uma ideia pelo bem das mulheres. Cortesia não é progresso, sabe.

Não sei por que ou como, mas digo:

— A gravidez era só uma desculpa. Acho que tem a ver com gentileza. Se alguém pede que ceda o assento, você cede, porque provavelmente a pessoa precisa dele.

— Como sabe se ela está *dizendo a verdade*?

Olho para a Mulher Prestes a Desmaiar.

— Ela está.

— Prove.

As pessoas — todas — estão olhando. Somos o melhor entretenimento possível no momento. Não me importo.

— O quê? Você quer que eu vá comprar um teste de gravidez e faça ela mijar nele?

— Se for o que você tiver que fazer.

— Foda-se se ela está dizendo a verdade. A verdade não tem nada a ver com o que é certo.

— Você é uma idiota.

A Mulher Preferencial está agitada. E a agitação é dirigida a mim. Abaixo a cabeça. Eu me acovardo, esperando pelo próximo golpe, mas ela só se agita, como um espírito malévolo.

Olho para fora, para as paredes serrilhadas do túnel, iluminadas por faíscas. Rezo para os espíritos dos trens e dos destinos de viagem pedindo que essa mulher desembarque primeiro ou que eu desembarque primeiro, e que não tenhamos que caminhar juntas até a catraca. Ela desembarca na estação seguinte. Eu agradeço aos espíritos.

Desembarco em King's Cross. Uma mensagem de Kelly.

Ei. Não sei se o seu celular está funcionando, mas vi que você esteve no WhatsApp – pode entrar em contato quando puder?
Sei que está ocupada

Acho que devia mandar uma mensagem pra ela, embora não saiba por que Kelly não respondeu ao meu grito por socorro. Vou ao banheiro, me sento e respiro fundo, esperando chorar, mas não choro. Espero as notas do meu cheiro chegarem às minhas narinas — para me assegurar de que estou viva de um jeito pequeno, baixo, semiaromático. Quando termino, me seco e verifico o papel higiênico.

UM PÉSSIMO SINAL

Vejam a nova elite criativa do Soho! Isso é o que penso toda vez que entro no Café Monocle. Ele vibra com a influência iminente. O Café Monocle ocupa todo o último andar da WerkHaus. Bem no centro, há uma piscina cercada por espreguiçadeiras listradas. Tenho um pesadelo recorrente em que acabo entrando ali por engano com a minha mãe — e ela mergulha pelada.

Vou na direção de Gemma e Mia, que estão perto do bar principal, como sempre, dedicadas a uma pilha de Negronis. Tentei beber Negronis por algum tempo, para fazer parte da gangue delas, mas tive que voltar ao Aperol Spritz. Simplesmente não consigo suportar bebida amarga sem gás, e se isso me torna antiquada, que seja. Nem sou mais tão ligada assim em beber. Eu penso, de que adianta? Só vai aquecer a minha boca, então se transformar em acetona e outros produtos químicos no meu organismo em seis ou sete horas, o que só vai exacerbar minha ansiedade por volta das três da manhã. Sou mesmo uma grande diversão.

Um drone aterrissa no bar e quase derruba minha bebida. Parece uma clutch branca.

— Me diz se isso não te impressiona? — grita Mia. — É o acessório da temporada. Os pervertidos se dariam muito bem com isso. Entra embaixo de uma saia mais rápido que a mão de um presidente.

— Eca.

— Aperol Spritz? — diz Mia. — Em outubro? Está tentando mudar algum paradigma?

— Cabelo bonito! — comenta Gemma.

Toco meu cabelo. Quis parecer jovem. Um menino, até. Tive que ir em uma profissional para conseguir o resultado certo. Estremeci enquanto a cabeleireira me fazia uma massagem na cabeça e xinguei a mim mesma por estar usando um sutiã sem bojo, torcendo para ela não reparar que os bicos dos meus peitos estavam duros. Era o mais excitada que eu me sentia em meses e odiei aquilo. Mesmo assim, fiquei aliviada por ela não falar inglês. A barreira de comunicação tira a pressão da coisa.

— Muito curto — declara Mia. — Você vai precisar de novas fotos para os créditos da revista, mas talvez seja melhor esperarmos até que se estabilize. Você vive mudando... de forma.

Isso me conforta, pois sugere que ela não pretende me demitir, já que mencionou novas fotos para os créditos. Que nem quando convocou uma reunião de café da manhã e eu cheguei nervosa, então me acalmei quando ela pediu ovos. Porque não é como se você fosse demitir alguém diante de um prato de ovos. Você pode fazer isso diante de uma xícara de café. Ou de um iogurte, se você se esforçar.

Vivienne está tomando champanhe. Vivienne só toma champanhe.

— Boa noite a todas — digo, e me pego forçando um sotaque de Yorkshire. Às vezes, uso os sotaques dos meus

amigos como uma forma de invocar o talento especial deles para lidar com determinadas situações, como um super-herói escolhendo um poder.

— Difícilmente — retruca ela. — Há tantas outras coisas que eu preferiria estar fazendo.

— Como o quê?

— Ah, sei lá. Vômito fecal.

— O que é isso?

— Aparentemente, um péssimo sinal.

Eu me viro e puxo conversa com Gemma, mas o lugar é barulhento demais e preciso me esforçar para travar qualquer conversa. Desanimo. Alguns anos atrás, em uma festa em Dalston, Kelly e eu conhecemos um cara com um taxímetro pendurado ao redor do pescoço. Ele tinha adaptado o aparelho para marcar tempo, não distância. E deixava o taxímetro correndo enquanto estava conversando, assim, todo mundo podia ver quanto valia o tempo dele. Kelly teve uma conversa com o cara (na verdade, foi mais uma briga) que valeu 26,42 libras. Ele era web designer. Achamos o cara um babaca. Agora, aqui, vejo como a ideia dele surgiu. Eu devia ter uma placa na testa com os dizeres *Desculpe, fora de serviço*.

— Qual é o seu signo solar? — pergunta Gemma.

Ah! Signos. Isso eu consigo fazer. Se me concentrar. Deixa eu focar totalmente no momento presente. Embora outro dia alguém tenha me perguntando qual era a minha casa em Hogwarts e eu tenha respondido “Blacksticks”, antes de me dar conta de que isso é um tipo de queijo.

— Aposto que você é de algum signo de água, não é?
Tipo... Peixes — diz Gemma.

— Escorpião.

— Ao que parece, escorpianos são bons jornalistas.

— É mesmo?

— Sim. São excelentes em apuração.

— Eu só escrevo sobre a minha vida.

— Mas isso é o que exige mais apuração. Na sua mente. Adorei seu texto sobre dividir a casa com mulheres. Ignore os haters, é só o que tenho a dizer. Achei incrível.

— Que haters?

— Os comentários.

Engulo em seco.

— Lidar com eles é o meu esporte favorito.

Dou uma olhada ao redor. No cardápio escrito no quadro-negro está um prato que me deixa triste sempre que vejo: *Lula cozida na própria tinta*. Acho insensível servir um animal no seu próprio mecanismo de defesa. Tiro uma foto e posto, com a legenda:

Isso que é chutar cefalópode morto #ASLULASNÃOESTÃOBEM

Mal postei e Mia me chama para perto dela.

— Onde ele está? — pergunta. — O Art?

— Não sei — digo. — Isso importa tanto assim?

— Sim, na verdade, importa — responde Mia. — Eu ia oferecer um trabalho a ele, se não estiver ocupado demais.

— Um *trabalho*?

— Precisamos de outro fotógrafo na casa.

— Achei que a política da empresa era só contratar mulheres.

— Também precisamos pensar na nossa visibilidade. O feminismo vai entender. Além do mais, seríamos burras se não capitalizássemos nosso acesso privilegiado. E se há uma coisa que o feminismo odeia mais do que o patriarcado é a burrice.

Ela me olha. Dou mais um gole na bebida e respiro fundo.

— Art talvez não consiga vir — digo —, porque embora a gente ainda esteja saindo juntos várias noites, não estamos mais superoficialmente juntos-juntos, se é que me entende.

Mia me encara.

— Desculpe, como?

— Estamos juntos de todos os modos, menos do modo técnico.

— Modo técnico?

— É uma amizade moderna e intensa.

— Hein?

— Nós terminamos.

— Ai, meu Deus! Por quê?

— Foi um rompimento amigável. Ninguém fez nada ruim para ninguém. Por isso ainda conseguimos ser próximos.

Mia fica me olhando. Não acredita em mim.

Ela diz:

— Você deve estar *devastada*.

— Para se sincera, não estou.

— Foram sete anos!

— Na verdade, vejo como o tempo perfeito. Relacionamentos não devem ser julgados pela longevidade, mas pela qualidade. Por que as coisas têm que durar para sempre para serem vistas como um “sucesso”? Elas podem chegar a um fim e não terem sido um fracasso. Meu relacionamento com Art *foi* um sucesso. Mas tinha prazo de validade. E agora acabou.

— Santo Deus! Você está mal mesmo!

Alguém se aproxima para falar com Mia, e fico parada ali, inútil e tensa como uma porta, como diria minha mãe. Pego o celular e checo minhas curtidas. Cem e contando. Preciso voltar a fazer fotos de animais com mais frequência. Poderia pegar um gato emprestado por um dia.

Mia está falando de mim para a pessoa com quem está conversando:

— *Devastada* —diz ela. — *De-vas-ta-da*.

Então, faço o de sempre: entro na lista de quem Suzy Brambles segue para ver se ela ainda está me seguindo. Na verdade, é só um hábito. Uma formalidade. É a dose extra de dopamina de que preciso essa noite, me ver ali, no meio de...

Espera. Não.

Não estou onde costumo estar.

Meu coração dispara. Meu polegar entra em pânico.

Saio do aplicativo e volto a entrar.

Continuo não aparecendo.

Desligo o celular.

Ligo de novo.

Confiro a lista dela duas vezes — o que não é uma tarefa fácil, já que há mais de seiscentas pessoas ali. Mas, ao que parece, não sou mais uma delas.

Dobro os joelhos e respiro fundo algumas vezes.

MIA DIZ

É óbvio que você está arrasada, Jenny.

Ela me faz endireitar o corpo e pega a minha bebida.

— Não estou tão chateada assim por causa do Art, sério. —
Minha voz sai como um piado agudo.

— Você ficou cinza!

— É todo esse Aperol.

— Você só tomou dois. Vocês pareciam o casal perfeito. Aquelas primeiras fotos que ele tirou de você! As que explodiram. Elas traduzem UMA ERA. Marcaram *um verão inteiro da minha vida*.

— O que nós sempre tivemos foi uma sólida amizade, e é o que ainda temos — digo, com calma. — Não foi realmente um rompimento, foi mais... uma mudança na definição dos termos do nosso relacionamento. Afinal, quem precisa ficar rotulando tudo hoje em dia? É mais progressista manter as coisas soltas. Somos tão próximos quanto antes, só não fazemos sexo. Mas não estávamos mais fazendo tanto sexo assim, de qualquer forma. Ou seja, em termos de rotina, nada mudou de verdade.

Mia passa o braço ao meu redor.

— Acho que vocês vão voltar — diz. Ela parece determinada. — É só uma pausa.

— Talvez — respondo. — Você me dá licença, Mia? Tenho que ir agora.

— É claro.

Ela tira o braço. Solto o ar e me afasto.

— Vejo você na quarta.

— Tire o tempo que precisar.

— Vejo você na quarta.

CAMINHO

pelo Soho — o terrível e extraordinário Soho, fervilhando com os bêbados de fim de semana e os turistas desajeitados. Entro na Marks & Spencer da Oxford Street, vou direto para a seção de bebidas e compro duas garrafas de vinho branco com pinturas renascentistas no rótulo. Sempre me sinto melhor em relação a comprar vinho quando tem alguma espécie de arte na garrafa. É uma meta de elegância.

Bebo uma garrafa no caminho para o metrô, em goles mornos. Paro do lado de fora a estação, onde um sem-teto está sentado com alguns bonecos da Marvel em cima de um lençol. Dou uma libra para ele.

— Obrigada, querida — diz o homem, enquanto ajeita o Homem-Aranha. — Tenha uma boa noite.

— Sem chance — digo. — Aconteceu a pior coisa possível. Tive um dia horroroso.

— Lamento ouvir isso, querida — diz ele.

— Se alguém curte você por meses, o que faz essa pessoa deixar de te curtir de repente?

Ele me encara.

— Seu cara saiu da jogada?

Balanço a cabeça. Acho que devo ir, mas fico.

— Você está em alguma rede social? — pergunto.

— No Facebook. De vez em quando. Para uns esquemas.

— Bom, então vai entender. Embora eu deva dizer que acho o Facebook bastante suspeito.

— Suspeito como?

— Ele escuta. Está nos escutando agora mesmo, no seu celular. Se eu disser máquina de fazer panini, você vai receber montes de anúncios de máquinas de fazer panini na próxima vez em que logar.

— Então não diga.

— Máquina de fazer panini! Máquina de fazer panini! — grito na direção do celular dele. — Isso deve bastar. Espera só.

Ele desliga o celular.

— Minha mãe está no Facebook, e isso é parte do motivo para eu evitar entrar. É difícil vê-la interagindo com os outros lá. Chega a me dar uma dor física. É como ver ela dançar. Ela começou postando todos aqueles memes passivo-agressivos dirigidos a mim, e essa é a principal razão de eu ter saído do Facebook. Ainda tenho Transtorno de Estresse Pós-Traumático real por causa disso. O Facebook é basicamente o meu Vietnã.

Ele fica me encarando. Bebo mais vinho.

— O Facebook — digo — é uma agência de coleta de dados travestida de encontro social amigável, mas determinado a incentivar a insegurança e o sofrimento. Eles fazem isso para maximizar o poder dos anúncios e, assim, fazer as pessoas voltarem sempre. E, dessa forma, todos podem continuar vendendo a mesma merda de volta para nós com mais eficiência.

Ele diz:

— O Facebook facilita que eu encontre pessoas.

— Você acha isso, mas a única coisa que Orwell não previu foi que colocaríamos as câmeras NAS NOSSAS PRÓPRIAS CASAS. NOS NOSSOS PRÓPRIOS ROSTOS. Entende? Somos nossos próprios Grandes Irmãos. Foi tudo planejado tão perfeitamente que aposto que nem os chefões das redes sociais acreditam. Você sabia que os filhos de todo mundo que trabalha nos QGs das redes sociais frequentam uma escola sem acesso à internet, que funciona com um imenso firewall, assim não podem ficar on-line até terem dezesseis anos, porque os pais sabem que a internet vai arruinar a vida e a mente deles? — Engulo um soluço. — Como arruinou a minha.

Conto a ele tudo sobre Suzy Brambles. O homem fica o tempo todo olhando ao redor, sem conseguir se concentrar, mas percebo que entende a gravidade do que aconteceu. Talvez ele esteja usando aquela droga, Spice, que deixa as pessoas incapazes de focalizar. Fico feliz por poder focar meus olhos nele quando me concentro, porque, se não conseguisse, ficaria preocupada de parecer tão ferrada quanto ele. Abro a segunda garrafa de vinho. As pessoas passam para entrar na estação do metrô, algumas estendem dinheiro para o homem, que diz: *Boa noite*. Outro sem-teto se aproxima e fica parado perto da gente. Ele olha para o homem no chão, então para mim. E sorri, só posso presumir que para dar apoio, enquanto conto a ele o que aconteceu.

— Não venho de lugar nenhum e não vou para lugar nenhum — concluo. — Essa é a maldição da elite liberal.

Quando termino, começo a chorar e o outro homem se afasta, provavelmente para meditar sobre o profundo significado do drama que acabei de dividir com ele.

Quando estou indo embora, dou mais duas libras ao homem no chão. E digo:

— Você tem uma base maravilhosa aqui. E uma comunidade em que pode confiar. Valorize isso.

Ele sorri, mas não parece valorizar o que estou dizendo, o bárbaro.

Fico parada do lado de fora da estação de Oxford Circus. Eu me sinto saturada com a minha própria luta, como a lula no cardápio. Acho que isso me resume muito bem como uma mulher moderna: uma criatura cozida na própria tinta.

TWITTER BÊBADO

@CissyGreenModel:

Como mãe, não poderia simplesmente ficar sentada vendo crianças refugiadas morrerem

@jenniferjenniferMcLaine:

@CissyGreenModel como não mãe adoro assistir a crianças refugiadas morrerem. É um dos grandes prazeres da minha vida

@CissyGreenModel:

@jenniferjenniferMcLaine não foi isso que eu quis dizer

@jenniferjenniferMcLaine:

@CissyGreenModel O que quis dizer, então? Porque pareceu estar sugerindo que a maternidade gera novos níveis de compaixão & empatia

@jenniferjenniferMcLaine:

@CissyGreenModel o que posso lhe assegurar que é uma besteira

@jenniferjenniferMcLaine:

@CissyGreenModel CASO EM QUESTÃO: Rose West

@CissyGreenModel bloqueou você. Você não pode seguir ou ver os tuítes de @CissyGreenModel.

RASCUNHOS

Para: Suzy Brambles

Assunto: Por quê?

Cara Suzy Brambles,

Foi porque eu estava deixando muitos comentários? Sei que talvez tenha sido um pouco presente demais. Cinco comentários em um post talvez seja excessivo — mas as piadinhas funcionam melhor em linhas individuais, já percebeu isso? Admiro você demais — sua produtividade e seu trabalho. Às vezes, gosto tanto das suas fotos que não consigo me fazer “curti-las” porque isso parece quase banalizar a intensidade da emoção, e também... eu meio que odeio você por me fazer gostar tanto de alguma coisa. Me sinto vista demais.

Bebi um pouco, mas é assim que me sinto de verdade, e sei disso porque estava pensando a mesma coisa desde antes de ficar bêbada, então isso é meio que um sonho lúcido. Você significa tanto para mim. Sempre que posto alguma coisa, você é uma das três pessoas-chave que procuro para ver se curtiu. As outras duas são uma comediante famosa que me segue muito aleatoriamente (deve ser engano, mas aceito assim mesmo) e a editora da *Vogue* italiana que encontrei uma vez em uma viagem de imprensa, e que passou a me seguir quando estávamos as duas bêbadas e eu estava sentada ao lado dela em um bar, à meia-noite, pedindo para ela me seguir. De qualquer modo, você é a minha Número

Um porque é a que mais parece comigo – você é o meu animal de apoio digital. De qualquer modo, lamento se fui excessiva, não tinha a intenção. Só estava exprimindo minha admiração.

Será que viu aquele comentário sobre minha integridade naquela coluna? Aquilo certamente me faria sentir repulsa de mim mesma. Aquilo ME FAZ sentir repulsa de mim mesma. Todo dia. Às vezes, toda hora.

Ou foi a foto do croissant? Aquilo foi muito irritante, eu sei. *Agora* eu sei. Mas você não me deu chance de me redimir. Sou muito mais idiossincrática do que aquilo. Na verdade, sou bastante gótica por baixo desse meu verniz moderno. Gostaria que você me desse uma chance de lhe mostrar esse meu lado. Você não tem ideia de como é a sensação de ver que você se foi. Quase torna sem propósito os meus esforços on-line. Na verdade, talvez eu desista. Tenho certeza de que você não gostaria de pensar que alguém abandonou a vida (on-line) por sua causa, não é? Essa traição foi tão sem propósito que nem sei onde eu termino ou começo mais, no que se refere à minha marca pessoal. Achei que você gostava do meu estilo. Mas será que devo mudar agora? Para ser honesta, acho que vou mudar radicalmente. Talvez faça isso. Talvez mude radicalmente o meu estilo.

Considere-se a assassina do meu estilo.

Sinceramente,

Jenny McLaine

TOCTOCTOC

No início, acho que é a minha alma, socando a porta para se libertar da prisão em que está encarcerada.

Então acordo de verdade e escuto de novo:

TOCTOCTOCTOCTOCTOCTOCTOCTOC

Tem alguém na porta.

Meu cérebro começa a gritar. Meu cérebro! Aaaaaaaai. Está grande demais para o meu crânio. Está saindo pelos meus olhos. Preciso de analgésicos em caráter de urgência. Sinto uma sede que nem mil reservatórios de água conseguiriam aplacar. Também deixei o celular cair em cima do meu rosto enquanto estava mexendo nele na cama e acho que fiquei com um olho roxo. Socorro. Quem está aqui para me socorrer?

A porta do meu quarto é aberta.

— Jenny? — Sid enfia a cabeça pela porta. — Você está bem?

Eu me sento. Acho que vou falar um palavrão.

— Não. Que barulho é esse?

— Tem alguém na porta.

Trocamos olhares.

— Alguém na porta? Quem estaria na porta?

— Não sei! Mas TEM alguém. NA PORTA.

— Santo Deus! Não dá para ter nenhuma privacidade? Por que as pessoas estão tão determinadas a invadi-la o tempo

todo? Quem chegaria a uma porta e *bateria nela*?

TOCTOCTOCTOCTOCTOCTOCTOC

Nós duas damos um pulo de susto.

Levanto e pego meu roupão. Abro a porta do quarto e vejo Frances e Moon espiando por cima do parapeito da escada.

— Quem é? — pergunta Frances em uma voz aguda.

— Não sei! Não estou esperando nenhuma visita!

— Quem poderia ser? Quem bate em uma *porta* nos dias de hoje?

— É um ultraje!

— Grosseria!

— Uma afronta!

— Preciso me deitar.

— Sabe, li que estão desenvolvendo um sistema de e-mail

— diz Sid — em que você recebe uma mensagem quando alguém está na frente da sua porta, e então pode atender a pessoa por e-mail.

— Precisamos disso nas nossas vidas.

TOCTOCTOCTOCTOCTOCTOCTOC

— Eu espiei por entre a persiana do meu quarto — diz Moon. — É uma mulher.

— Uma mulher?? Como ela é?

— Robusta. De meia-idade. Cheia de joias. Meio... elegante e durona, como uma celebridade do esporte.

Ai, meu santo Deus, meu bom Jesus. Meu coração dispara no peito. Minha cabeça lateja.

— Deve ser da Amazon — diz Sid. — Parece que há uma van parada também. Você encomendou alguma coisa?

— Não... — Visto o roupão e o amarro bem. — Quer dizer, sei lá! Quem é que sabe dessas coisas? Não se pode esperar que eu tenha um registro de tudo! É para isso que serve o link de acompanhamento de entrega!

Desço na ponta dos pés até o meio da escada.

A abertura para correspondência na porta se abre.

— Sei que você está aí!

— É aquela drogada de novo? — pergunta Moon.

— Talvez seja uma oficial de justiça — diz Sid.

— Não é uma oficial de justiça — falo. — As coisas não estão tão ruins assim.

Moon diz:

— Bom, seja quem for, vamos abrir logo a maldita porta e perguntar o que ela quer.

Sid passa por mim na escada.

— Não! — grito. — Não. — Eu a afasto para o lado. — Não atenda à porta. Talvez ela vá embora.

Mas sei que não é verdade. Essa é a mulher que lia meu diário todos os dias e recolocava no lugar o fio de cabelo que eu deixava como armadilha para ela — eu a peguei uma vez, pinça em punho, a ponta da língua pra fora. Ela é implacável. É como um alienígena.

Frances olha para mim, confusa.

A entrada de correspondência abre de novo.

— Quem está aí? Sei que tem alguém aí. Posso ver FORMAS.

Frances se junta a mim, o corpo colado contra a parede.

Uma mão entra pela fresta da correspondência e acena.

— Essa é a casa da minha filha e exijo que me deixem entrar! — A mão fica onde está.

Frances arqueja.

— Jenny, essa é... a sua *mãe*?

Fico olhando para a mão na fresta da correspondência. É a mão de uma dama. Unhas longas, pintadas de um tom claro de azul, anéis de ouro, os dedos se agitando com impaciência. A mão se recolhe.

— JENNIFER, QUERIDA! ABRA A MALDITA PORTA!

— É difícil dizer — falo.

— Não seria melhor deixarmos ela entrar? — pergunta Sid

Vejo que o poder de minha mãe já se infiltrou por debaixo da porta e entrou no coração delas, como um fungo.

Levanto os olhos para Sid e Moon.

— Deixe ela entrar — diz Moon.

Vou na direção da porta. Hesito um pouco antes de abrir.

Ah, Deus. Será que consigo fazer isso? Se permitir que ela entre por essa porta, não sei o que isso vai significar. Agora me dou conta de que nunca deveria ter dado o endereço a ela para os cartões de Natal. Nunca me senti obrigada a convidar minha mãe para vir aqui. Ela quase arruinou minha formação. Essa é a minha casa.

Destranco a porta. Abro.

O cabelo platinado, o corte repicado. Jeans justos e uma blusinha de babados. Pulseiras subindo por todo o braço, soltas e apertadas mais acima, a pele arrepiada com o clima frio de outubro. Brincos de ouro. Um pingente de holograma com a figura de um olho, que pisca em seu pescoço quando

ela se move. Rímel, delineador, brilho labial e base. Uma risada que parece um soco.

Minha mãe, todo mundo. Todo mundo, minha mãe.

— Jenny! Achei que ia me deixar lá fora o dia todo. Está no controle das suas faculdades mentais?

— Eu *estava*.

— O que você fez com seu cabelo?

— Foi um impulso.

— Isso é um olho roxo?

— Desculpe, mas o que você quer?

Ela gesticula para um homem na rua, perto de uma enorme van alugada.

— Está tudo certo. Me dê só cinco minutinhos.

— Quem é ele?

— Um motorista.

— Cinco minutinhos para quê?

— Não vai me convidar para entrar?

Eu me afasto e ela passa.

— Ora, veja só esse lugar! É ainda menor do que você descreveu!

— Eu mandei fotos.

— Ah, mas aquelas coisinhas nunca contam a história toda, né?

Vejo aonde vão as mãos dela, no que ela toca.

— Ah! — diz minha mãe, levantando os olhos para a escada. — Vocês devem ser as inquilinas. Quem poderia imaginar que tantas pessoas caberiam em um espaço tão pequeno. — Ela analisa o corredor ao seu redor, reparando

em tudo. — Bem, espero que vocês já tenham achado alternativas.

— O quê?

Minha mãe olha para mim.

— Vim assim que pude.

— Do que você está falando?

Ela olha para as paredes.

— Sabem — diz —, a parede do meu corredor é toda coberta pelas matérias dela. Aquela primeira que ela fez para a revista de supermercado... Eles a colocaram na capa.

Vestidos de casamento econômicos — Felizes para sempre ou outro desastre?, dizia a chamada. Uma pergunta imediatamente respondida pelo vestido horrível no meu torso, e que, infelizmente, também estava perto do cabeçalho da revista, em vermelho, que escorreu e manchou meu rosto, me deixando rosa como um presunto. Parei de trabalhar lá logo depois. Não conseguia encarar o refeitório.

— Um vestido de casamento? — diz Sid. — Ela é uma feminista radical que escreve para uma revista feminista radical on-line.

— Foi para um supermercado. Acho que, na verdade, é bastante radical — digo.

— Mas é uma pena que essa foi e será a única vez que Jenny vai usar um — comenta minha mãe. — Sabe, é como eu desconfiava. Não tem uma foto minha aqui.

Eu digo:

— Na verdade, não tem foto de ninguém.

Não havia. Só alguns buracos e pregos perdidos, onde Art pendurara as fotos dele.

— A gente quase nunca vê Jenny com ninguém — diz Sid.
— Ninguém vem aqui.

Lanço um olhar irritado para ela.

— Na verdade, sou uma pessoa muito, muito ocupada. Tenho uma vida social ativa. E, de qualquer modo, vocês todas estão sempre aqui. É praticamente uma sociedade — Viro para minha mãe: — Bem, essas são Sid, Moon e Frances.

Frances dá um passo à frente, como se estivesse prestes a ser ordenada pela rainha. Minha mãe pega as mãos delas, uma de cada vez.

— Energias muito fortes. Muito primitivas. Especialmente você.

Sid recua.

— Mãe — digo —, o que está acontecendo?

Minha mãe arregala os olhos e me encara de um jeito significativo. Ela abaixa a voz.

— Sua mensagem, querida. Seu... infortúnio. Estou aqui para ajudar a organizar as coisas.

Meu estômago parece afundar. Então foi por isso que Kelly não respondeu. Mandeí aquela mensagem idiota e patética, pedindo ajuda... para a minha mãe.

— Ah, Deus! — digo. — Aquela mensagem não era para ter sido mandada para você. E já era madrugada, eu fui dramática. — Olho para minhas inquilinas. — Houve um erro de comunicação. Está tudo bem.

— Não — diz minha mãe —, não está tudo bem. Você evidentemente não está bem. Olhe para essa tumba escura em que está morando.

— Essa casa custa... vale mais do que a sua. Como você bem sabe.

— Isso é Londres, para vocês verem. Uma cidade de idiotas infelizes em casas caras.

Olho para Moon, Sid e Frances.

— Vai ficar tudo bem — digo. — Ninguém está vindo ou indo para lugar algum.

Elas se entreolham, nervosas.

Então, Frances diz:

— Bem, Jenny, a questão é que acabamos de ter uma reunião hoje de manhã, quando você ainda estava na cama. Decidimos que não queremos mais ficar aqui, sendo tão... exploradas.

— Exploradas?

— Pelo seu “jornalismo”. Não vamos pagar esse mês de aluguel e estamos indo embora. Vamos ficar em um Airbnb até encontrarmos outro lugar.

— Isso resolve tudo — declara minha mãe, dominadora, alegre. — Isso é o que chamamos de a boa e velha serendipidade.

— Não — falei. — Não. Só... não.

Frances diz:

— Pessoalmente, não aguento ficar no mesmo lugar por mais de alguns meses. Me prejudica criativamente.

Sid diz:

— Não quero que o brilho da minha vida seja a gaveta dourada para as suas garras aproveitadoras. Você está deturpando minha verdade. Você é correspondência indesejada.

Minha mãe a encara.

TIRADAS

Eu tinha ido à casa de uma amiga e o pai dela havia me feito chorar quando disse: *Bem, aposto que na sua casa ninguém precisa se preocupar em ficar sem fio de cobre.* Por acaso, esse mesmo homem, mais tarde, soltou o seguinte comentário sobre outra amiga, que havia deixado um amendoim cair dentro da blusa: *É bom ver a Victoria finalmente ganhando corpo.* Bom senso não era o forte do sujeito.

Minha mãe foi me pegar de carro — um Mercedes, acho que era, na época — e quando olhou para o meu rosto, simplesmente *soube* que havia algo errado (não era preciso ser vidente...).

— O que aconteceu? — perguntou.

Eu contei.

Ela estacionou o carro e desceu.

— Espera aqui — disse.

Então foi até a porta e bateu. Ele atendeu.

— Você parece achar a cor do cabelo da minha filha divertida — falou. — O que acho perturbador, se não patético, para um homem da sua idade.

Eu conseguia ouvir cada palavra, embora ela estivesse de costas para mim. Como eu disse, a mulher era capaz de projetar a voz.

O homem respondeu alguma coisa, provavelmente sarcástica.

Ela disse:

— Não atormente pessoas extraordinárias. Volte aí para dentro com seu cabelo banal, para sua família de cabelo banal e vivam suas vidinhas banais. Enquanto isso, minha filha e eu estaremos por aí, sendo extraordinárias.

— É por isso que o pai dela nunca está por perto? — perguntou ele (essa parte eu ouvi). — Vocês eram extraordinárias demais, é?

— Não, ele estava morto demais.

A expressão no rosto do pai da minha amiga agora era de pesar.

— Ah, Deus, sinto muito, Carmen, eu não fazia ideia.

— Esse é o seu problema — disse minha mãe, como frase final. — Você não faz ideia.

Ela voltou para o carro e ligou o motor.

— Meu pai está morto?

— Não — respondeu minha mãe, passando a marcha no carro. — Mas foi uma grande tirada, não acha?

Fiquei olhando para o pai da minha amiga enquanto nos afastávamos.

DIGO

— Olha só, mãe, aquela mensagem foi um erro, e mesmo se não fosse, mesmo se tiver sido em algum nível um grito freudiano esquisito por socorro, simplesmente não vai funcionar você ficar aqui, mesmo que só por uma noite. Lamento. — Mantenho minha voz baixa, como se não estivesse certa se acredito nisso.

Minha mãe assente, sim, sim, daquele jeito dela, e depois faz o que quer, cacete. Ela está encarando Sid.

— O brilho da sua vida — diz minha mãe — está aí ao alcance de qualquer um. Ela só pode roubar do ponto de vista dela. É a experiência dela sobre o seu “brilho”, por isso não é considerado um roubo.

— Essa é uma coisa nojenta de se fazer — retruca Sid. — Não é verdade.

— A verdade não existe. Agora, pega suas tralhas e se manda.

Sid diz:

— Aposto que você votou pelo Brexit.

— Tchau!

Fico vendo Moon, Sid e Frances deixarem o hall de entrada (uma a uma, nessa ordem), e seguirem para seus respectivos quartos para arrumarem as malas, felizes por estarem indo embora, e sinto uma certeza assustadora de

que talvez eu queira que minha mãe fique, mesmo que só por uma noite.

*Não a deixe entrar, diz uma vozinha dentro de mim.
Lembre. Lembre sempre daquele Natal.*

O ULTRAJE

Natal de 1999. A guirlanda escandalosa estava enrolada no corrimão. O castiçal de anjos jazia imóvel no aparador, as velas apagadas. Ela estava diante da porta, com a mala Louis Vuitton pronta, a maquiagem exagerada. Ao redor de sua cabeça era possível ver um halo de qualificações para impressionar os clientes conforme eles entrassem em casa. Os certificados do Instituto de Mediunidade de Orange County. A Curandeira do Ano de 1997, da Igreja Espiritualista da Grã-Bretanha. Fotos dela com artistas de novela... O efeito geral era o de uma parede de pizzaria que estava se esforçando demais.

Eu a chamei de vadia interesseira e ela me chamou de *fria*, *dura* — que era o que costumava dizer quando eu a colocava em alguma saia justa moral.

— Sei que você agora é praticamente adulta — disse minha mãe. — E tem seus amigos.

Na verdade, eu não tinha amigos. Tinha várias pessoas com quem eu andava na escola, montes de mensagens no meu anuário, mas ninguém com quem pudesse realmente conversar.

— Por que as Bahamas?

— Roger vai me levar! Bem, ele já está lá, então vou me encontrar com ele!

Minha mãe estava tão empolgada que desejei que ela morresse. Olhei para a parede oposta, onde havia uma foto horrível de nós duas... horrível para mim, pelo menos. Nós duas, na Disney, três anos antes. Eu não tinha passado protetor solar suficiente e meu rosto ficou tão queimado de sol que tive bolhas no nariz, como as escamas de uma cobra. Não dá para ver isso da distância em que foi tirada a foto — essa é a única coisa boa dela. Só o que dá para ver é minha testa e meu conjuntinho de short e camiseta combinando — uma estampa asteca —, sem forma definida. Eu ainda não tinha descoberto o poder dos cintos. Minha mãe estava ao meu lado, a cintura marcada quase como a de uma vespa, em um short e colete, e com óculos escuros estilo aviador inexplicavelmente descolados. Nem os homens do Tinder escolheriam a mais nova entre aquelas duas.

— Duas semanas é muito tempo.

— O freezer está cheio.

— E se o bug do milênio acontecer?

— Tem leite no armário embaixo da escada. Vamos, meu bem. Eu não mereço um pouco de felicidade? Pode me permitir isso? Por favor?

Vi o táxi dobrar a esquina, então chorei de me acabar. Eu não conseguia dizer. *Fica*. De que adiantaria? A mala dela estava pronta. Ela não era do tipo que desfazia uma mala depois de pronta.

Não estou dizendo que sou sábia. Isso seria exagero. Mas sei que essa cena é o fantasma que assombra todos os meus cômodos. Essa Mágoa 1.0 é uma espiral que não consigo

romper, não importa quanta terapia eu faça, quanta distância coloque entre nós, quanto eu me faça de forte. Sempre volta, e volta, e volta mais uma vez, manchando meu coração e minha felicidade.

Do que você tem medo?

De ser deixada para trás.

De que não me queiram.

De vir em segundo lugar.

E quão decepcionante e infantil é isso, meu Deus!

BEBÊ ELEFANTE

Estamos eu e minha mãe na sala, já sob o relaxamento do gim. Está passando um programa sobre vida selvagem na TV. Elefantes africanos se deslocando em um calor absurdo em busca de água e comida. Um bebezinho elefante diminui o passo, no fim da manada. Ele precisa desesperadamente de água. O narrador nos conta que apenas uma pequena quantidade de água o salvaria da morte quase certa.

— Santo Deus! — grito. — A pessoa que está filmando isso não tem uma garrafa de água mineral na mochila? Isso é insuportável.

— É a natureza — responde a minha mãe. — Não podemos interferir.

— É claro que podemos! É isso que nos torna humanos! DÊ ALGUMA COISA PARA O BEBÊ ELEFANTE BEBER, SEU MONSTRO DE MERDA.

— Elefantes são matriarcais — diz ela —, são espertos. Não vão deixar ele morrer.

— Então por que eles não param?

— Porque têm que chegar a alguma fonte de água para salvar a manada toda. Ela sabe o que está fazendo. Aquela grandona ali na frente. Ela sabe.

O bebê elefante desmorona.

— Acho que ela não sabe. Muda de canal. Não consigo ver isso. Quem quer que tenha feito isso deveria sentir muita

vergonha.

Minha mãe balança a cabeça.

— É como o que eu faço. Não posso escolher o que vai ou não ser doloroso para quem escuta. Sou apenas um canal. É o que eles estão fazendo no vídeo. Mostrando a vida como ela é.

— MUDA DE CANAL, UM BEBÊ ESTÁ MORRENDO E EU NÃO QUERO VER UM BEBÊ MORTO.

— O bebê não está morrendo. Veja, os elefantes mais velhos viram uma fonte de água e vão levar um pouco de volta para ele nas trombas.

— Eles não vão conseguir chegar a tempo. MUDA DE CANAL.

Fecho os olhos e tapo os ouvidos com os dedos. Lá lá lá.

— Jenny, estão salvando o elefantinho!

— MUDA DE CANAL!

Ela muda.

— Essa é a natureza, violenta e selvagem.

— Ótimo! Tudo bem! Até pode ser. Mas não tenho que ver os horrores do mundo para saber que ele é uma merda.

Ela volta para o canal anterior. Eu grito.

O bebê elefante está brincando, esguichando água com a trombinha perto da fonte.

— PRONTO! — diz minha mãe, e se levanta. — *EU FALEI.*

— Bem, ainda acho que quem quer que tenha feito isso precisa passar por um teste de psicopatia. Como se pode só “ser o canal” quando alguém precisa de você e você tem o

poder de ajudar? Sua integridade só vai até onde chega sua noção do que é certo?

Ela dá de ombros, então vai para a cozinha preparar mais bebidas.

Quando volta, para diante de uma pintura sua e diz:

— Você acha que eu ainda me pareço com esse retrato?

— Mãe, essa pintura foi feita há vinte anos.

— Eu me sentia velha na época. Você tinha quinze anos.

— Eu lembro.

— Acho que, na minha mente, parei nos vinte e cinco.

Minha personalidade estacionou nos vinte e cinco e nunca mais fiquei nem um dia mais velha. É por isso que minha aparência externa me pega de surpresa às vezes. Não me sinto como aparento.

— Você está com uma aparência ótima.

— Você é um amor. — Ela se senta, ainda olhando para o quadro. — Então — pergunta —, como você está?

— Ótima.

Nós nos entreolhamos. Como sempre, durante essas atualizações compulsórias, imagino que minha mãe vê minha vida como um museu pelo qual ela faz uma visita muito seletivamente guiada por mim. *O que tem nessa sala? Não pode entrar aí, mãe. E nessa? Sinto muito, não faz parte da visita guiada.*

— Ainda está trabalhando naquele sitezinho feminino?

— Sim.

Ela dá um gole na bebida e diz:

— Você... ainda tem contato com Art?

— É claro. Nossa relação é amigável. Nos falamos sempre. Em geral, por e-mail.

— Ainda longos e adoráveis e-mails como antes? Eu adorava ouvir sobre eles.

— Sim.

Ela espera.

— Então, o que aconteceu? Não vejo você desde então e... bem, foi um choque e tanto, querida.

— Queríamos coisas diferentes.

Ela suspira.

— Você já considerou o fato de que, às vezes, os relacionamentos precisam de dedicação, meu bem?

Eu a encaro.

— Tive relacionamentos mais longos do que você.

— Já parou para pensar que sua fertilidade cai pela metade aos trinta e cinco anos?

Finjo surpresa.

— É mesmo? Com certeza isso não é verdade. Achei que a fertilidade das mulheres AUMENTASSE conforme elas ficavam mais velhas. Não? Conte-me mais.

Ela ri.

— Você sabe que pode me falar qualquer coisa.

Rio.

— O que aconteceu exatamente? Estou tentando processar esse término de vocês. Ele também significava alguma coisa para mim.

— Escuta, você se incomoda de a gente não falar sobre isso?

- Como você quiser, meu bem.
- Por que apareceu aqui hoje?
- Vim só visitar uns velhos amigos de Londres.
- Quem?
- Você não conhece. São de antes do seu tempo.

Minha mãe morou em Londres poucos anos antes de eu nascer. Ela conseguiu alguns papéis pequenos no West End e quase conseguiu um grande. Então, conheceu meu pai. *Outro ator?*, eu perguntava a ela, esperançosa. Não, dizia. Isso teria sido ainda pior. Ela disse que leu as cartas de tarô para ele na noite em que dormiram juntos.

E o que as cartas disseram?

Ah, eu não estava prestando muita atenção...

- E eu trouxe champanhe. Vamos abrir?
- Para comemorar o quê?
- Nosso novo capítulo.

Ela se levanta e vai até a cozinha. Eu fico olhando.

Do que eu me lembro de quando morava com ela? De como ela era calorosa. E violenta. E leal. E generosa. Lembro das farpas que lançava. Minha mãe sempre teve que dar a última palavra. Os humores dela eram turbulentos. De vez em quando, ao longo dos últimos vinte anos, eu me dava conta, de repente, de como eu e minha mãe éramos distantes, e uma onda gelada atravessava todo o meu corpo. Então, eu lembrava que isso também acontecia quando eu morava com ela. Às vezes, eu fingia estar com mais medo do que estava, só para deixar minha mãe culpada. (Depois fiz isso algumas vezes com Art, também. Eu me acovardava. Me

encolhia diante dele, ou melhor, diante do medo que ele tinha de si mesmo. Pior: do medo que ele tinha da sua parte *paternal*. Preciso admitir isso agora. Eu tinha consciência dessa manipulação dissimulada.) Eu sabia que o que sentia por minha mãe estava, a longo prazo, correndo perigo de se destilar no mais puro dos sentimentos — um sentimento que, depois da morte dela, pareceria a reclusão mais sombria e inútil.

ART DISSE

— Você está *chorando*?

Eu estava. Estava chorando abertamente diante da TV.

— O que foi? — perguntou ele, o rosto franco, a mão sobre a minha enquanto se ajoelhava à minha frente. — Aconteceu alguma coisa?

— Isso — falei, e indiquei debilmente a tela.

Um peixe-boi estava nadando em um grupo. E havia um peixe-boi menor atrás dele.

— Ah, meu amor, você sabe que não deve assistir a documentários sobre animais!

— Não, está tudo bem! Não estou triste. Isso só... me faz querer ter um bebê.

A expressão no rosto de Art mudou na mesma hora. Ele se levantou.

— O quê? — perguntou, rindo.

— ISSO ME FAZ QUERER TER UM BEBÊ — grito.

— Um peixe-boi grande e feio?

— Não sei por quê. Ordem em meio ao caos? Culpe Darwin. David Attenborough. Sei lá! — Chorei mais.

Ele deu uma olhada no entorno.

— Você... tomou vinho?

— Não! — disse. Percebi que ele notou a taça vazia. — Bom, não em um nível traumático.

Ele passou o braço ao meu redor.

— Por que não coloca uma comédia? Deixa essas criaturas adoráveis para lá.

Ele mudou de canal. Colocou em *Frasier*. Daphne-supostamente-de-Manchester estava abusando afetuosamente de Niall enquanto ele fingia que não estava adorando.

— O que você acha? — perguntei. — Sobre bebês? Detesto ser trivial, mas estou me aproximando dos trinta e cinco anos e, depois que a mulher atinge essa idade, se torna tecnicamente uma mãe geriátrica. É esse mesmo o nome.

— Sim. Talvez. Quer dizer, claro! Não pensei muito sobre isso.

— Então, o que acha que devemos fazer?

— Estava pensando em pedirmos alguma coisa para comer e encararmos uma maratona de séries. — Ele se levantou. Risos enlatados irromperam da TV.

Eu disse:

— Você gosta de sair com a Kelly e o Sonny, não gosta? Gosta daquela dinâmica. Daquele... papel.

— Siiiiim. Kelly é bem chata às vezes, mas não me incomodo de receber os dois aqui, de vez em quando, em um fim de semana ou outro. Agora vamos relaxar e tentar ser criativos? Essa é a vida que dissemos que queríamos, não é? Eu não quero que a gente perca nossa parte mágica — falou Art. — Estou mesmo com fome, você não?

Ele estava comendo uma banana no quarto naquela manhã, parado perto da janela, os pelos das costas como uma aura bruta. Senti uma atração por ele mais forte do que

jamais senti por qualquer ser humano, qualquer primata. Seria o estrogênio disparando? Era uma pergunta válida. Meu desejo por um filho. De onde tinha surgido aquilo? Seria um desejo por uma outra etapa no meu estilo de vida ou o desejo de fazer o que minha mãe não conseguia? Era uma sensação outonal, essa é a melhor maneira que consigo descrever. Aquela alegria. Aquele terror. Aquela urgência. Aquele silêncio. Aquela paz. Aquele medo. Tudo eram poças e pilhas de folhas. Tudo morrendo e ficando dourado. Sabe quando você está diante de uma vista linda e meio que se rende a ela? Você se sente menor e mais fraca, e se curva um pouco, como se estivesse abatida. Reduzida. Mortalizada. Memorizada. E é terrível, mas também é... um alívio do cacete, sabe? Às vezes, quero ser reduzida à minha biologia. Quero que a pressão de todo o meu entendimento se desligue. Isso faz algum sentido?

Mais tarde, deitamos na cama, os rostos a poucos centímetros de distância, nossos hálitos se misturando.

— Acho que eu gostaria de criar alguma coisa que não tive, para outra pessoa. E para mim mesmo, por consequência — disse ele. — Mas tenho medo de não ter as habilidades necessárias.

Eu disse:

— Eu também.

— O que mais você quer? — perguntou ele.

Às vezes, acho que quero andar por um corredor de escola no outono, ver desenhos colados nas paredes e reconhecer os desenhos. Às vezes, quero isso mais do que qualquer coisa.

Outras vezes, só quero ficar sozinha com a minha imaginação. Mas, na maior parte do tempo, só quero não me importar o tempo todo com o que cada pessoa pensa de mim, e quero não ter as opiniões de tantas pessoas zumbindo no meu cérebro, e quero dividir a vida com alguém e não me entediar, e estou muito apavorada de isso não ser possível, porque são muitas caixas para esvaziar e organizar. E, algumas vezes, só quero tomar um banho, colocar um jeans limpo e comer um sanduíche em um café, e me sentir como uma porra de uma pessoa normal.

Não consigo me lembrar do que respondi na vida real.

MINHA MÃE DIZ

— Espere só! Aah!

Ela está montada em uma garrafa de Bollinger. A rolha salta e nós duas sorrimos, chocadas. Ela serve duas taças. E diz, enquanto brindamos:

— Champanhe é um verbo.

A crença dela. Minha mãe costumava dizer isso à noite, cercada por um grupo de pessoas. As sessões espíritas e noites de tarô que acabavam se transformando em orgias sociais. Ela não apenas reunia as pessoas ao seu redor. Ela recebia aquelas pessoas como um gigolô em um iate. Aquelas festas. Toda aquela gente na sala. Alan, com uma traqueostomia fascinante; Donegan, com seu olhar de granito; Glynn, com a careca cintilante, luminosa como a ponta de um foguete reentrando na atmosfera, e a velha srta. Lunt, que tinha sido professora de latim, e ainda soltava alguma frase esquisita quando se assustava (ou ficava possuída). Parecia o inferno na terra. Uma algazarra de vozes. Cantorias catastróficas. Eu ficava sentada na minha cama, tentando ler, torcendo para que todos fossem embora logo. Uma vez, eu me levantei e gritei “*ENTORTADORA DE COLHERES!!!!*” de cima das escadas. Minha mãe subiu os dois andares, correndo como um coelho, com um misturador de mojito na mão. Outras vezes, quando as pessoas não iam embora, eu entrava no banheiro, pegava a escova de dentes

dela, enfiava dentro da calcinha e pressionava as cerdas no meu ânus, como se estivesse dando um beijinho.

— Então, como está Unton? — perguntei com educação, puxando conversa.

— Ainda é a cidadezinha mais feliz do mundo.

Cidadezinha é um termo adequado. Depois do que aconteceu em Hiroshima, o jornal sensacionalista local, o *Unton Chronicle*, estampou a manchete: *HOMEM DE UNTON FERIDO EM EXPLOÇÃO DE BOMBA JAPONESA*. O que já resume tudo que você precisa saber. Outra menção à fama de Unton é um poste preto alto na praça da cidade. Mostrei o poste a Art em uma das poucas vezes em que o levei para visitar minha mãe.

— É um daqueles mastros de dança típica? — perguntara ele, os olhos arregalados.

Eu expliquei que não, que aquele era o “Mastro da Carne” — assim chamado por conta de um costume anual antigo, em que se passava graxa no mastro e prendia um pedaço grande de carne no topo, para então ficar assistindo aos membros da comunidade tentando escalá-lo. Mais ou menos como no filme *O Homem de Palha*, mas sem a mesma habilidade. Se alguém conseguisse chegar ao topo, poderia levar a carne para casa, como prêmio. Essa é a minha herança cultural.

Olho para as dobras de pele ao redor da base do copo na minha mão. Quando eu era adolescente, dois videntes diferentes (amigos dela) me disseram que eu teria quatro filhos, porque tinha quatro vincos na lateral da mão. Hilário. Agora, o que ela queria para mim? Uma carreira como

médica ou advogada, ou, como minha mãe colocava, “até como uma porra de uma contadora serviria, Jenny”.

O que foi mesmo que ela disse?

— Um diploma em inglês só vai aprofundar sua desvantagem como mulher. Vai terminar trabalhando como professora ou alguma outra coisa inteiramente diferente na qual se envolverá depressa, sem treinamento. Alguma coisa humilde. Espera-se que as mulheres nutram e ensinem. Somos chamadas de *arquitetas da sociedade*. Sabe o que eu digo? Foda-se. Sou uma merda em relacionamentos e tenho orgulho disso. Sou uma mulher de ideias. Uma empreendedora. E não trabalhei como uma cadela por quinze anos pra você virar um animalzinho da floresta usando cardigãs.

(Me tornar um animalzinho da floresta usando cardigãs era a minha rebeldia, você entende.)

Mando uma mensagem para Kelly:

Oi

Ela responde:

ELA ESTÁ VIVA!

Que tal essa: minha mãe veio para ficar

Eu sabia que uma crise qualquer devia estar acontecendo

É mesmo uma crise

Ela tá morrendo?

Provavelmente. Vou perguntar

— Você tá morrendo? — pergunto. — Essa é uma situação que vai terminar comigo limpando a sua bunda e lendo passagens de *O pequeno livro da calma*?

— Não — diz ela, e suspira. — Quero ajudar. Estou vendo que você não está bem. E posso ajudar. Beverly vai ficar lá em casa e me pagar aluguel. — Ela dá um gole no champanhe. — E tenho que contar a última, querida. Eu me inscrevi num curso de doula da morte.

— Doula da morte? Que porra é essa?

— É alguém que guia uma pessoa para sair dessa vida e entrar na próxima.

— Ah, tá.

— Já tenho as habilidades de transmissão. Posso oferecer o pacote completo, por assim dizer. Minha lista de clientes é... bem, é *razoavelmente saudável*, mas poderia ser mais, sabe como é, querida. É quase como se o *não saudável* pudesse ser a chave para o meu futuro sucesso, se não for algo de muito mau gosto para se dizer. Não cheguei tão longe para me estagnar. Na semana que vem começa um curso de treinamento de trinta dias, em Balham. Como você pode ver, sua mensagem chegou no momento perfeito. Já tinha mesmo a intenção de vir para cá, e agora... bem, sou como você todos aqueles anos atrás, não é?

— Você não pode passar um mês aqui.

— Eu sei! Que ideia. Tenho certeza de que você tem planos, ajuda financeira, todas essas coisas. Para quem está mandando mensagens?

— Para a Kelly.

— Como ela está?

— Bem, acho.

— Ela ainda deve ser muito grata a você, mesmo tantos anos depois. Ele já deve ser um adolescente.

— É.

— Mas a gente nunca esquece quando alguém faz alguma coisa pela gente. E você fez a coisa certa para eles, não foi? Para sempre.

— Hum.

— Tenho uma garrafa de Amaretto na mala.

— Não tomo mais de dois drinques por noite. Para a pureza do meu sono.

— Pureza do sono? Isso me faz pensar em higienização de carneiros.

— Meu celular rastreia o meu sono e estou dormindo pouco ultimamente.

— Esses celulares estão tentando ser nossos amigos agora, né? Que nem os bancos. Rastreio de sono. Dados de saúde. É assim que eles nos sugam e nos tornam dependentes para depois nos deixarem infelizes de novo. — Ela da um gole.

— Sabe o que eu ouvi? Que se você tomar mais de dois drinques, seu corpo vai precisar gastar mais tempo quebrando as moléculas de álcool do que cuidando de você.

— Sabe o que eu ouvi? Que se você tomar mais de 3,5 unidades de álcool por semana, tem oitenta e cinco por cento mais chances de ser julgada pela sociedade.

COMO CONHECI KELLY

Estava voltando para casa depois de uma coletiva de imprensa. Era hora do rush (sempre é hora do rush). O taxista era legal, e estava tocando “If You Leave Me Now”, do Chicago, na Magic FM. Dei uma desculpa para não ir à festa depois do evento, mas, na verdade, estava com medo de ir para casa — para outra sala cheia de colegas de apartamento. Estava de saco cheio de colegas de apartamento àquela altura — um grupo depois do outro, as exigências e necessidades deles, os pequenos roubos. Mal podia esperar para estar sozinha com a minha imaginação. Eu me sentia tão deprimida com a perspectiva de ir para casa naquela noite que peguei um táxi de quarenta libras para me animar. Não estava funcionando muito bem. Na maior parte do tempo, eu me pegava pensando, *eu poderia ter colocado esse dinheiro na minha poupança e estaria um pouco mais próxima dessa realidade.*

O mais estranho foi que, cerca de cinco minutos antes do momento em questão, um balão preto cruzou a rua, flutuando na frente do táxi — o motorista tinha desviado, e nós dois dissemos *Ah!*, e acho que isso nos fez prestar um pouco mais de atenção, aquele prenúncio-padrão de maldição. Fixei os olhos no caminho, isso é certo. Seguimos por mais alguns minutos e então o vi: uma criança muito

pequena, andando em um passinho oscilante pela faixa de grama na lateral da pista, indo para a rua.

— PARE O TÁXI! — gritei, surpresa ao ouvir o tom de autoridade na minha voz.

O motorista parou.

— Eu vi também! — disse.

— Eu vou até lá! — gritei, já abrindo a porta. — Chame a polícia.

Ainda não sei de onde veio aquela pessoa que incorporei ali.

O menininho continuou a andar, cada vez mais rápido. Fui na direção dele, quase correndo, meus sapatos escorregando conforme eu acelerava. Nunca tinha sentido uma adrenalina como aquela. Eu corri e corri, e quando o alcancei, na grama molhada, ele estava a poucos metros da cancela. O menino usava um pijama verde e pantufas de monstros, sujos de lama. Carros buzinaaram. Uns poucos carros pararam. O menino parou e apontou para a rua. Eu o segurei, e ele lutou para que eu não o pegasse no colo.

— Não! — disse o menino, me chutando com as pantufas sujas. — Não, não!

Eu o segurei como se fosse um tesouro.

— Shh — falei. — Tá tudo bem, tudo bem, tudo bem.

Não sei de onde vieram aquelas palavras. Outra voz aleatória dentro de mim. Outra vida passada ou futura escapando pelas frestas. Ele parou de se debater. Eu me senti aceita, estranha e aquecida por dentro.

Dei as costas para o trânsito e vi Kelly correndo na nossa direção. Estava pálida de medo. Ela berrou duas sílabas quase impossíveis de decifrar, em um pânico animal — um nome que eu viria a saber mais tarde. Caminhei na direção dela com ele no colo.

CAIXA DE ENTRADA

Oi Foxface como você está? Bjs

Ótima! E você, como vai? Bjs

Superbem! Pergunta: você quer as xícaras e os pires vintage? Eu embalei tudo sem querer e só reparei agora! Bjs

Não, brigada bjs

Tem certeza? Você passou séculos escolhendo essas xícaras em bazares. Ficou obcecada em servir vinho quente e ponche nelas nas festas bjs

Obcecada é uma palavra forte! Eu estava só empolgada, pelo que me lembro bjs

Tá certo bem se você estiver livre na próxima sexta aparece na abertura da minha exposição! Seria incrível ver você Bjs

Talvez eu vá. Onde é? Tenho umas coisas rolando no momento bjs

Às 18h30 na Hexagon Gallery em South Bank. Traga alguém bjs

Tá certo, obrigada, eu costumo sair para beber com o pessoal do trabalho toda sexta, mas quem sabe bjs

Vou estar usando um cravo vermelho. E segurando uma bolsa com a louça bjs

Sério, não precisa se preocupar com a louça bjs

Minha mãe estava dormindo na cadeira, o lábio inferior caído. Nunca vi a semelhança, de verdade. Olho mais uma vez para o celular, então entro nos meus contatos e acrescento o sobrenome de Art ao primeiro nome dele. Tão formal! Tão distante! Ele não é só o Art — é *um* Art. É o *Art quem?*

Queria apenas conhecer mais Arts.

ART DISSE

— Escuta, você ainda acha que é bom a gente continuar fazendo isso?

— Como assim?

— Só estou me dando conta de que está se tornando... estressante.

A gente vinha tentando há quatro meses. Eu já havia mijado em um monte de testes de ovulação encomendados on-line. Estava medindo a minha temperatura todo dia de manhã, antes de sair da cama. Não tinha mais foda. Em seu lugar, entrara uma febre. Esse tipo de obsessão apodrece a colheita. Azeda o leite. Eu me sentia passiva, esperando. Odeio esperar. Esperar cria muito tempo para pensar. Pensei muito sobre isso durante aquele tempo: como eu estava regredindo a um papel de puta, enquanto Art ainda continuava na aventura de ser ele mesmo.

— Está? — respondi, roendo a unha do polegar.

— Você está ficando bastante... obsessiva com isso. Como se fosse o objetivo supremo da vida. É pressão demais em cima da gente. E eu não quero isso. Não preciso disso. Sabe, preciso estar em um bom estado mental para fazer o que eu faço. Para fazer bem, quero dizer.

— Sim. Eu só... bem, isso é um projeto, certo? E não gosto de fracassar.

— Fracassar? — disse Art. — Não é uma competição. Vamos relaxar, poxa. Só beleza! Só beleza na minha casa!

— É a minha casa.

— Nessa casa! Na nossa casa! Vamos ter uma vida bonita e nos divertir, não podemos fazer isso?

Ele ainda tirava fotos minhas, de vez em quando. Eu posava para ele. Ficava em pé. Sentava. Deitava. Sorria. Mesmo quando ele estava fotografando só por diversão, só para ele, ainda assim dizia:

— Sorria!

Assim. Como um cretino qualquer lançando cantadas na rua. Mas ninguém quer sorrir o tempo todo, quer?

Então (estão prontos?), comecei a posar sozinha, na sala, perto da janela saliente. Deixava o braço, rígido, pressionando o dedo na boca. Estava esperando que ele chegasse em casa — sabendo que ele iria direto para um bar depois do trabalho, sabendo que eu jantaria sozinha mais uma vez. Mas, ainda assim, ficava parada diante daquela janela, encarando outra tela, esperando que o amor aparecesse.

* * *

Mesmo assim.

Ficamos grávidos. Ao menos acho que sim. Tantas coisas aconteceram para me fazer duvidar que comecei a me sentir como a rainha Vitória, no fim, com sua sucessão de fantasmas uterinos.

Mas lá estava, em azul e branco.

Em novembro, mandei para ele o emoji de uma cruz.

Está virando cristã?

Tente de novo.

Uou.

Sim.

Uau.

Né?

Como você se sente?

Como se estivesse esperando uma transformação. Como você se sente?

Cinco.

Minutos.

Mais tarde.

Empolgado!!

ART DISSE

— Tem certeza? Tipo, certeza mesmo?

Ele tinha chegado com presentes — embalagens enormes de suco e caixas de frutas cortadas. Entreguei o teste para que ele visse o resultado.

— Bem, aqui vamos nós.

— Sim. Acho que essas coisas não erram com frequência.

— Meio que gostaria que você tivesse me esperado pra fazer o teste.

— Eu estava ansiosa, e não acreditava muito que podia ser verdade.

(Isso era só meia-verdade. Eu queria poder administrar sozinha a potencial vergonha. Já tinha decidido que, se desse negativo, simplesmente não contaria nada.)

— Essa história agora é minha também — disse ele. — É assustador!

Eu me perguntei se ele colocaria a mão de um jeito possessivo em cima da minha barriga ou alguma outra coisa horrível e cafona assim. Mas não. Ficamos sentados ali, cada um segurando uma embalagem grande de suco, olhando um para o outro, então para o suco, e daí para a sala, alternadamente, incrédulos, sem saber se devíamos comemorar com um abraço, ou se isso seria nos parabenizar demais, ou se seria inapropriado, dada a ambivalência dos nossos sentimentos (medo/alegria, nervosismo/empolgação,

pânico/satisfação). Pessoalmente, eu estava paralisada. É difícil fazer alguma coisa com uma embalagem grande de suco na mão.

* * *

Meses depois, no hospital, as enfermeiras me fizeram duvidar de mim mesma de novo. *Há tão pouco hormônio HCG no seu organismo que é mesmo surpreendente que você estivesse...*

Que eu estivesse grávida? Era isso que eu queria dizer. Mas estava sem condições de conversar naquele dia.

Às vezes, acho que inventei tudo. Que foi parte da minha perfeita marca pessoal naquele momento, cultivada por mim mesma para mim mesma. Pensada para fazer com que eu gostasse de mim. Ou alguma outra merda deturpada dessas.

— O QUE DURA? —

perguntei pra Kelly, na noite seguinte à que Art saiu de casa. Estávamos na pequena cozinha dela, investindo nos coquetéis e na cocaína, nossas mentes aceleradas e nossos corações apertados. — O que realmente dura, apesar do tempo?

— A paixão.

— O sexo não?

— Em geral, não. Mas as duas coisas podem estar ligadas.

— Art me pediu para “ordenhar” ele, umas semanas atrás.

— O quê?

— É, achei bem perturbador. Por que um homem iria querer ser ordenhado?

— Talvez ele estivesse tentando apimentar as coisas.

— Ah, vá tomar no rabo, né.

— Bem, essa é outra opção.

— Não para essa vaqueira aqui.

Kelly pegou uma cereja com a unha de acrílico.

— Sexo é um negócio engraçado. Muda com o tempo.

— Quem disse isso?

— Minha pe-pe-ka.

Ela não é exatamente um Schopenhauer, a Kelly.

STAND-UP RUIM

Ei como você tá?

Voltando do trabalho pra casa, por quê?

Você ia encontrar a gente no cinema às seis, para o aniversário do Sonny

Ah, merda, desculpa. Foi uma semana difícil. Esqueci completamente. Desculpa mesmo!

Você também ia trazer o bolo

Desculpa! Como eu disse, semana difícil

Tudo bem. Esquece. Só não prometa coisas que não pode fazer. Com crianças, isso é importante

Está falando comigo “como mãe”, daquele jeito que você faz às vezes? Porque a gente já conversou sobre isso

Deixa pra lá, Jenny. Manda um beijo pra sua mãe. Tchau.

A MELHOR ANFITRIÃ DE FANTASMAS

Quando chego ao final da rua, detecto o cheiro inconfundível de sálvia queimando. Meu coração despenca em queda livre no peito. Aquilo só pode significar uma coisa: ela está perturbando o éter.

Dito e feito. Quando abro de mansinho a porta da frente, escuto. *Tem alguém aí? Tem alguém aí?* É uma empreitada extremamente aleatória, né? Meio como aquele site, Chat Roulette, que combina pessoas de modo randômico — só que, nesse caso, com fantasmas. Você tem literalmente uma em três chances de cair com um idiota. Sempre pensei na vida após a morte como sendo parecida com a sala de espera de um aeroporto, cheia de espíritos impacientes, e com um telefone em uma ponta, que toca de vez em quando e todos correm para ele. *É para o Kevin! Kevin?* E um espírito se adiantaria, atravessando com dificuldade a multidão, a mão estendida. *Sou eu! É o Kevin! Espere, não desligue!*

Minha mãe devia estar sentada em cima da mesa, para dominar a sala. Ela sempre se certificava de que sua cabeça ficasse mais alta do que a de todo mundo, como Júlio César. Eu me lembro das noites em que não conseguia estudar porque os gritos eram altos demais. A minha prova oral de francês foi um desastre. Cheguei atrasada e disse que tinha atropelado um cachorro com a bicicleta — uma mentira nada convincente, agora me dou conta. O professor me olhou com

tristeza. Eu me sentei. Tinha perdido metade da prova. Francês foi meu único B. Quando peguei o resultado, foi como ver um par de seios ali, se agitando, zombando de mim, entre os As fortes e triangulares. Eu não conseguia existir direito naquela casa.

Essa é a minha casa.

Minha mãe vira o rosto na minha direção.

— Jenny! Venha se juntar a nós!

Vou até ela e digo, no que espero que soe como um sussurro:

— O que você está fazendo? Sabe que não gosto de estar no meio disso.

— Os espíritos vivem entre nós, Jenny.

— Só Deus sabe onde eles acham espaço, com todos os seus casacos.

— São só algumas pessoas, se conectando.

— Ficando bêbadas, você quer dizer.

— O álcool é a escolha mais segura na capital. Esqueci como a água daqui faz o chá ter gosto de bunda de cabra.

Um homem enorme aparece na sala. Os lóbulos das orelhas dele são como medalhões de carne.

— Carmen — diz ele. Para mim, um dramático e forçado: — Olá. — E novamente para Carmen: — Só fico preocupado de ficarmos sem tempo de fazer contato.

Ele parece arrasado. Essa é a parte que não dá para engolir. Os sofridos e desalentados, os perdidos. Sendo usados.

— Só um instante, Benjamin, meu bem — diz minha mãe.

Abaixo os olhos para uma caixa de papelão aberta, cheia de folhetos em tamanho A6. Pego um.

Carmen McLaine — Curandeira espiritual e Médium Vidente. Especialista em conselhos sobre amor e relacionamentos, assuntos de família, provas, carreiras, empregos, sorte, morte e mais. Vinte e cinco anos de experiência com o Mundo Espiritual. Pagamento depois dos resultados. Facebook: Carmen McLaine

— O que é isso?

— Folhetos. Decidi dar um gás nos negócios localmente.

— Você enfiou esses folhetos por baixo das portas das pessoas? Aqui perto de casa?

Ela assentiu com vigor.

— Não — falei. — Esse lugar não é desse tipo. Temos um grupo no Facebook sobre descarte de lixo para o qual as pessoas estão ocupadas demais. Elas não querem ninguém invadindo suas casas.

— Ora, o retorno tem sido muito positivo. Venha!

Benjamin assente e se senta.

Respiro fundo. Sem a menor ideia de quanto ainda resta da minha reputação, mantenho minha água interior firme e sigo minha mãe até a sala. Há seis pessoas ali: Caroline, que mora do outro lado da rua; Raoul e Leonie, da casa ao lado; e duas outras pessoas que reconheço do fim da rua. A mesa está coberta de tigelas de chips de tortilha e de copos cheios até a metade. A bola de cristal da minha mãe está em cima do rack. As luzes estão baixas e há velinhas acesas, tremulando em cima do console da lareira. Essa não é a

minha sala. A estranheza que sinto é chocante, ainda que reconforte.

— Oi — digo. — Vim só dizer oi.

— Minha filha não acredita — diz minha mãe.

— Não é isso. Na verdade, não tenho um rótulo para o que eu sou. Espiritualmente curiosa. Mente aberta. — E digo especificamente para ela: — Sensata.

— Você não acredita? — pergunta Benjamin.

Ele me olha com tristeza.

— Acredito que tudo isso é uma estrutura social válida para processar o luto ou qualquer coisa assim. Não me incomoda como grupo de apoio. É ao aspecto de ganhar dinheiro que faço objeção — digo, em um tom agradável.

Verdade seja dita, no que se refere à mediunidade, eu com frequência me sentia bastante comovida com o que a minha mãe transmitia — as banalidades, as palavras tranquilizadoras. *Há uma luz no fim do túnel, meu bem... Quando uma porta se fecha, outra se abre...* De certo modo, se parece muito com terapia. E é um pouco mais barato. Um pouco.

— Bem, vou sair, para que vocês façam valer o seu dinheiro. — Aceno com a cabeça em despedida e me preparo para deixar sala. — Tchau!

— Eu lhe darei atenção em um instantinho, Benjamin — diz minha mãe. — Só preciso lavar os meus cristais.

Ela me puxa na direção da cozinha. Há uns petiscos elegantes em cima da bancada. A torradeira está fora da tomada.

— Sei que você tem restrições ao que eu faço — diz ela, enquanto enche um copo de gim com gelo (de onde vieram os copos de gim? Não tenho copos de gim). — Assim como eu tenho restrições ao que você faz. Você está pregando para os convertidos.

Vejo uma pilha de notas no espaço para vinhos. Ela me flagra encarando.

E continua:

— O que eu faço tem valor. É digno. No mundo moderno, o conhecimento textual e verbal é valorizado acima dos outros tipos de conhecimento, e isso não está certo. O que faço é intuitivo. Nem todo mundo é acadêmico.

— Não compare isso a uma ausência de novos bombeiros mecânicos, mãe. Eu preferiria que você fosse uma traficante de armas. É sério, ficaria mais orgulhosa.

— Você acha que é fácil para mim? Todas essas vozes, todos esses anos? Não tenho paz, não tenho privacidade.

Benjamin entra na cozinha.

— Carmen — chama ele —, detesto apressar esse momento pessoal e claramente intenso entre vocês, mas Toby não vai ficar aqui o dia todo. Ele é mais rápido do que você imagina.

Olho para Benjamim. Pobre coitado.

— Sim — diz minha mãe. — Volto em cinco minutos. Por favor, só me dê um tempo para recarregar.

Ele assente e sai.

— Filho? — pergunto. — Marido? Irmão? Amante?

— Tartaruga.

— Ah, Deus. Você agora está lidando com animais.

— É um mercado cada vez mais concorrido.

Eu me viro e me sirvo de um copo de água. Então, me dou conta de que estou me servindo de alguma coisa na minha própria cozinha. Sinto como se estivesse passando dos limites na minha vida.

— Eles vão embora em uma hora — diz minha mãe. — Estou fazendo isso por nós. — Eu não respondo. — Não vou fazer de novo, se houver possibilidade de você estar em casa. Podemos organizar uma agenda, deixar na geladeira. Assim não haverá conflitos. Eu... desculpe, Jenny. Deixa eu levar você para sair amanhã à tarde, para me redimir. Eu pago o jantar. Podermos ir a uma matinê.

— Talvez — digo, e me volto para a saída. — E pare de tirar a torradeira da tomada — falo, já andando. — É enlouquecedor.

Tenho algumas superstições que herdei dela. Não coloque sapatos novos em cima da mesa. Não durma com os pés virados para a porta. Ou para um espelho. Não cruze com alguém em uma escada sem dizer “pão e manteiga”. Simpatias para manter a casa segura. Do quê? De desmoronar.

Tarde demais.

Passo por Benjamin no corredor, esperando ao lado da porta da sala.

— Eu... meus pêsames pela sua perda.

— Obrigado — diz ele, choroso. — Tem sido uma agonia. Toby estava sempre comigo, me fazendo companhia.

Vou para o jardim, acendo um cigarro e, enquanto fumo,
vejo as mariposas atacando a luz da varanda.

ACORDO ASSIM

- a) Suzy Brambles me deixou
- b) Minha mãe está na minha casa e
- c) Esqueci de tirar meu absorvente e ele vazou. O lençol está parecendo a bandeira do Japão.

RASCUNHOS

Assunto: Não é adequado ao propósito.

Caro Útero,

Quero o meu dinheiro de volta. Não só por isso, mas por todas as menstruações. Literalmente um quarto da minha vida. Todo esse tempo, todas as mudanças de humor, todos os absorventes – e para quê? PARA NADA.

Atenciosamente,

Jenny McLaine

A MENTE CRIA O ABISMO

Oi, tudo bem?

Oi! Tô bem. Indo encontrar minha mãe em um pub esquisito e decadente qualquer de que ela gosta, no Soho. E você?

Tudo bem mas escuta surgiu uma emergência e pensei se você poderia ajudar — sinto muito mesmo pedir mas não tenho literalmente mais ninguém — minha mãe está fora e os trens estão ferrados amanhã e o Sonny precisa ser pego na aula de dança às 7 — será que daria pra você fazer isso se eu te mandar o endereço, desculpa de novo por pedir

Claro!

Obrigada mesmo — sei que ele tem 14 mas está escuro e não é a melhor área, e teve outro esfaqueamento bem na semana passada

Sem problemas

Ando até o French Horse, um pub escuro e metido a besta, com bandeiras do lado de fora e uma cozinha enfumaçada isolada por uma faixa de vinil que diz *Stella Artois*. Passei por ali várias vezes, mas achei que o lugar parecia um pouco demais. Chego perto e tiro uma foto. Agora, como legendar...

PUB VIVA #UHU

Não. Não tenho cinquenta anos.

ME DIVERTINDO MUITO NO SOHO! #UHU

Agora pareço uma turista. Deleta deleta deleta.

MOSTRANDO À QUARTA-FEIRA QUEM É QUE MANDA

Ah! Isso tem apelo. Posto e dou uma olhadinha rápida na Suzy Brambles. Nada. Ela já não posta nada há dois dias. O que será que houve? Será que está escrevendo um maldito romance? Talvez sua conta tenha sido hackeada. Talvez o celular dela tenha sido roubado. Ela pode ter quebrado uma perna ou um braço. Se a Suzy postasse, amanhã, digamos, ou depois, uma selfie em uma cama de hospital, com a perna bem torneada em um gesso branco, eu gostaria — lá no fundo, secretamente.

— Jenny! — Minha mãe me vê na porta. — Entra, vem conhecer minha amiga Linda.

Entro e vou até o bar. Minha mãe segura uma taça pequena e delicada de vinho branco. Ela está inclinada sobre o piano, como Amadeus Mozart, no filme *Amadeus*. Um cachorro de olhos insanos e penteado bufante.

— E aí? — diz a mulher atrás do balcão.

Ela tem piercings por toda a lateral de ambas as orelhas — tachas, argolas e correntes — e dentes da frente tortinhos que mostram uma atitude blasé nessa época de tanta habilidade da parte dos dentistas. Desconfiei que esse lugar era administrado por errantes.

— Vinho?

— Imagino que você não tenha café...

— A máquina está desligada.

— Vinho está bom.

Minha mãe ri.

— Linda, essa é a minha filha, Jenny — diz.

A mulher assente e se vira. Suas pulseiras tilintam quando ela abre a geladeira. Minha mãe se inclina na minha direção.

— Já fomos amantes — diz ela, em um tom mais alto do que o necessário. Mas provavelmente Linda tem consciência do fato. Se é mesmo um fato. Então continua: — Quando eu era jovem.

— Que ótimo.

Volto minha atenção para o bar. A mulher me estende uma tacinha de vinho branco.

— Só temos um tamanho.

— Esse é o tamanho perfeito para mim.

— Você pode tomar dez — diz minha mãe. — Pode virar como um shot.

— Há quanto tempo você está aqui?

— Meia hora.

— Uma hora e meia — esclareceu Linda.

— Dedo-duro.

— Ela chegou toda agitada, como se tivesse vindo de um teste de elenco.

Minha mãe fica vermelha. Olho para ela.

— Achei que você estava no seu curso.

— Ah, querida, no fim, não consegui aguentar. Ou melhor... sinto que posso fazer mais. É muito limitante me colocar por inteiro num compartimentozinho. Tenho coisas

a oferecer ao mundo de uma forma mais ampla. Além do mais, não quero terminar mórbida, certo?

Ela deixa as mãos valsarem sobre o piano e começa a tocar “One Moment in Time”, de Whitney Houston. Linda revira os olhos e vai limpar uma mesa. Eu me sento no bar, em um dos bancos altos que sempre fazem com que eu me sinta descolada. Pego o celular e começo a rolar a tela. Pouco antes do primeiro refrão, minha mãe interrompe a música e grita:

— Vamos, Jenster!

— Não me chame assim — digo, ainda rolando a tela. — Parece nome de carro 4x4.

Ela chega ao final da canção, a voz aguda como a de um espírito malévolo. Mal reparo porque o post do pub está se mostrando popular.

— O que é isso? Não estou no das fotinhos quadradas. Meu negócio é só o Facebook.

De repente, ela está colada ao meu ombro.

— Pare de olhar!

— Não olhei *de propósito*, só estava ali. Você sabe que, como humanos, somos treinados a olhar para uma tela. Nossos olhos são incontavelmente atraídos para a oportunidade iluminada.

— Isso é verdade?

— É — concorda Linda. Logo depois vocifera: — Sem telefone em cima do balcão!

— É mesmo, Jenny, sem telefone em cima do balcão — diz minha mãe. — Respeite os velhos tempos.

Linda sacode a coqueteleira. Ratatatata. Ela derrama o líquido violeta em dois copos de martíni e decora cada um com uma amora-preta e uma folha de hortelã. Então, coloca os dois coquetéis roxos diante de nós.

— O que é isso?

— Um Bramble — diz minha mãe. — Pedi a Linda para prepará-los extraordinariamente. Acho que vai gostar.

Eu recuo.

— O que fez você pedir isso?

— Parece bom. Por quê? É terrivelmente *gauche*, antiquado ou alguma coisa assim?

— Não, é só...

— O quê?

A cabeça dela está próxima, muito próxima. Seus olhos... são como os da serpente de *Mogli*, o *Menino Lobo*. Balanço a cabeça.

Minha mãe pega um dos copos e me entrega.

— Muito bem — diz. — Um Bramble pelos seus pensamentos.

Olho para ela e repasso mentalmente todas as possibilidades do que eu poderia ou não dizer, e como ela iria receber cada coisa, e...

Ah, Deus, de que adiantaria, sabe?

Suspiro. Exausta.

— Tem uma pessoa no Instagram com o mesmo nome desse coquetel, e ela parou de me seguir recentemente, e não sei por quê, só sei que as possíveis razões ocupam grande

parte dos meus pensamentos diários. Pode-se dizer que estou um pouco perturbada com isso.

Minha mãe balança a cabeça.

— Explique melhor, querida.

Conto a minha mãe sobre Suzy Brambles. Enquanto falo, ela toma o Bramble, e olha de vez em quando para meu celular. Quando acabo, solto o ar e dou um gole no meu drinque. Minha mãe me observa com atenção.

— Então, vamos ver se eu entendi — diz ela. — Você está chateada porque alguém que você não conhece talvez não goste de uma versão sua que, na verdade, não existe.

— Posso garantir a você que é bem mais complicado do que isso.

— O problema da sua geração, querida, é que vocês acham que inventaram a internet.

— Nós... inventamos. Você está pensando em cocaína e boquetes. Embora nunca tenha pensado que você fosse uma entendida de drogas.

Linda ergue as sobrancelhas. Recordo um incidente, quando eu tinha treze ou catorze anos, quando minha mãe encontrou no bolso do meu blazer um galho que tinha caído de uma árvore, no caminho de volta da escola. *JENNIFERRRRRRRRRRRRR*, ela berrou pela casa. Desci a escada e a encontrei na cozinha, levantando o galho na mão. *Isso são DROGAS?*

Não, mãe, eu disse friamente (na época eu era especialista em exasperação adolescente). *Isso é um galho. A menopausa está deixando você maluca?*

— Espertinha, não? — diz a minha mãe. — Bem, vocês podem até ter inventado a internet, mas não inventaram todos os sentimentos que vêm com ela. A mente cria o abismo e o coração o atravessa. Posso dar minha opinião sincera?

— Posso dizer não?

— Isso é basicamente sobre atenção, Jennifer. Você cultivou um tique quando tinha onze anos, lembra? É verdade, Linda. Ela se sentava diante da TV, toda noite, treinando um tique facial, até ele começar a acontecer espontaneamente. Jennifer mudava a letra dela todo ano, no início do ano letivo. A minha camaleozinha. Agora, como não vou achar que, dessa vez, você também não está encontrando uma nova forma de fazer as pessoas olharem para outra versão de você?

— Porque sinto tudo isso forte demais.

— Mas *por quê*? O que quer dela?

— Jack Nicholson foi descrito como “um solitário muito sociável”. Eu me sinto mais ou menos assim. Sou mais feliz na minha própria companhia tendo como fundo um cenário de adoração geral. Quero ser adorada na minha ausência.

Minha mãe ri.

— Soa um pouco como a morte, querida.

— É, parece mesmo, né?

— Beba seu drinque.

— Pare de olhar para mim.

— Me mostre ela, então — pede a minha mãe. — Essa lendária Suzy Brambles.

— Não diga o nome dela.

— Por quê?

— Faz com que eu me sinta desconfortável.

Não quero isso no ar.

Minha mãe assente devagar, me encarando.

— Não me encha o saco por isso. Você é que fala com fantasmas.

— Sim, eu sou, não é? Agora me mostre esse enigma que está atormentando minha filha. Eu ordeno.

Mostro as fotos de Suzy Brambles.

— Agora, faça o que fizer, não toque nessa tela. NÃO! Você quase tocou. Não toque na tela. Segure o celular pelas beiradas. Assim. Certo, com cuidado.

— *Tão feliz e empolgada por estar no lançamento do novo livro de fotografia da Brigitta!* — fala minha mãe, lendo a última postagem da Suzy. — Não, ela não está. Só está dizendo isso para parecer que conhece alguém que está publicando um livro... repare no tratamento pelo primeiro nome, aposto que ela encontrou a autora uma vez só... e já sai fazendo coisas assim. Ela está mentindo.

— Ela não está mentindo — digo. — As duas são grandes amigas. Foram juntas a WerkHaus FarmHaus há um mês. Suzy não faz parte do clube, mas conhece muitos membros. Mas ela nunca está na WerkHaus em si. Isso seria demais.

— É uma farsa. Ela é uma vigarista, querida. Essa moça tem mais de vinte anos?

— Tem vinte e oito — digo. — Acabou de completar. Comemorou na França. Olha só.

Rolo a tela e mostro à minha mãe as fotos da comemoração do aniversário de Suzy, em uma casinha perto de Dieppe. *Quelle belle vue!* As baguetes eram um escândalo.

— *A melhor maneira de entrar nessa reta final dos meus vinte anos, com vinho, queijo, boa companhia, e muita, muita gratidão* — fala minha mãe, lendo em voz alta. — Hahahahahahaha!

— O que você vê de divertido nisso?

Minha mãe escolhe outro post. *Toda vez que leio um romance francês penso no trabalho maravilhoso que fazem os tradutores e em como é importante reconhecer esse trabalho...*

— “Toda vez”! Sabe o que ela está querendo dizer aqui? *EU LEIO ROMANCES EM FRANCÊS*. Hahahahaha!

— Você está sendo muito dura! Pare de ficar humilhando a Suzy!

Minha mãe olha para mim.

— Todos esses posts, Jenny, na verdade não são sobre nada do que eles falam. São todos sobre *ela*. Ela está se vendendo. E você está comprando, querida. É como quando a gente ia ao teatro e você ficava obcecada com uma atriz em particular, cada vez uma diferente. Você ficava encarando as atrizes durante os aplausos, tentando capturar o olhar delas.

— Você tocou na tela? Eu vi você dando uma batidinha nela quando estava fazendo esse seu argumento ofensivo.

— Não!

— Tocou, sim. Tocou duas vezes. Ai, meu Deus.

Olho para o coração. Foi de vazio para preenchido. Está bem vermelho. Curti uma foto antiga da Suzy, e agora ela vai

saber. Vai saber que eu estava vendo as fotos antigas do perfil dela. Como um verme sinistro, fracassado e esquisito.

— Você curtiu você curtiu você curtiu você curtiu você curtiu. — Apoio a cabeça na mão. E fico balançando o corpo lentamente na cadeira.

— Qual é o grande problema disso?

— QUAL É O GRANDE PROBLEMA????????

— Ela não vai saber que foi você.

— Vai, sim! Essa é a questão de toda essa merda! Foi a mesma coisa quando eu curti sem querer uma das fotos da ex do Art; tive que mudar toda a minha identificação e o nome no meu perfil por uma semana, para que ela não soubesse que fui eu, e até hoje me preocupo com a possibilidade de ela abrir a foto e perceber em algum momento. Herdei seus dedos gordos incriminadores.

Pego o celular de volta e desligo a tela. Dou um gole no meu Bramble, profundamente angustiada.

— Não se preocupe — diz a minha mãe. — É sério, querida. Essa suposta Suzy Brambles é uma farsa.

— Não diga o nome dela.

— Vamos — chama ela. — Levanta.

— Para onde?

— Para todos os meus antigos *points*. Um pouco de ar fresco. De perspectiva. Você se pergunta por que vive tão ansiosa, e passa o tempo todo olhando para um aparelho que faz com que tenha pesadelos. Chega de 2-D.

* * *

— O Soho não é mais o que era antes — comento com a minha mãe, enquanto caminhamos.

— Como? Abandonado e sujo?

— Financeiramente acessível.

— Acho que nunca foi. Mas já fui a umas boas festas em apartamentos por aqui, isso é verdade.

Então:

— Mais devagar — diz ela —, mais devagar.

Desacelero.

— Você já passeou pelo Soho? — pergunta ela. — Não estou dizendo andar em disparada de uma reunião para a outra. Estou falando de se permitir vaguear por essas ruas. Já levantou os olhos para ver esses prédios? — Ela ergue a mão em curva, como se fosse Hamlet.

— Não sei. Acho que não.

— Já fumou um cigarro na Soho Square sem passar o tempo todo olhando para o celular? Não? Foi o que pensei.

Vamos para a praça, encontramos um banco e nos sentamos em silêncio. Ao nosso redor, luzes e conversas tomam conta do lugar. Fico agoniada para checar o celular, mas resisto.

— Deveria ter pedido para Linda nos preparar uns drinques para viagem — comenta minha mãe.

Olho para as árvores quase nuas. As últimas folhas oscilam com o vento. Em geral, não sou uma pessoa que gosta de ficar ao ar livre, mas acho que, de vez em quando, é possível entrar em harmonia com a natureza, se as condições estiverem boas e você estiver infeliz o bastante. Já tive

alguns “momentos” com ratos, raposas e esquilos: contato visual, um sendo o foco do outro por um breve segundo. Tive até uma coisinha com um ganso do Canadá certa vez, mas acho que provavelmente foi fruto de um dano cerebral.

Logo depois do nosso momento, ele voou direto numa grade.

* * *

Quando chegamos em casa, minha mãe decide me preparar um banho. Bolhas de óleo de lavanda e de rosas tremulam na superfície da banheira. Eu me sento e tento deixar meu corpo relaxar na água, mas então desce um enorme coágulo de menstruação. Fico olhando aquilo se espalhar por entre as minhas pernas, como uma samambaia marrom. Que transforma todo o banho em água suja.

Meu corpo parece uma cidade que venho defendendo meio sem ânimo, e vendendo barato, peça por peça. Eu me lembro do primeiro sutiã que usei — triangular e rígido —, as primeiras porções de mim sendo colocadas em moldes para serem vendidas. Eu era floresta tropical, desmatada para que pudesse virar área de criação de gado. Tem um condomínio de novos apartamentos luxuosos bem atrás da minha orelha direita. Meus limites me deprimem porque não têm sentido. Estou destruída por dentro. Fui invadida por um cavalo de Troia cheio do Tempo.

* * *

Depois do banho, desço as escadas. Minha mãe está na cozinha tomando a gemada de toda noite, que ela jura que fortalece sua voz já forte (um suco verde toda manhã regenera o fígado). Do nada, canta um verso de Billy Joel, e eu me lembro de que ela faz isso na própria cozinha — nossa antiga cozinha — para “relaxar o ambiente e dispersar os espíritos”.

— Quer uma?

Faço que não com a cabeça.

Ela pega uma caixa de torradas fininhas no armário, tira uma e espalha cream cheese extra light nela. Fico observando.

— Você não tem ela pendurada em nenhum lugar? — pergunta minha mãe. — Aquela foto sua com as rosas?

— Não. Na verdade, aquilo não tem mais nada a ver comigo.

Nem sei onde está. Acho que Art deve ter levado. A foto era dele, afinal. Eu estava nela — ou melhor, meu corpo estava nela —, mas agora acho que, se a visse, sentiria mais do que finjo sentir.

— Como está a mãe do Art? Como é o nome dela mesmo... Deborah? O que ela acha disso?

— Trocamos mensagens rápidas, tudo de bom e essas coisas, você sabe. Na verdade, sei lá. Acho que não é mais problema meu, né?

Minha mãe ergue as sobrancelhas e dá uma mordida na torrada.

EU ADORAVA

a mãe do Art. Ela era incrível — altiva e mordaz, em seu apartamento pequenininho perto do rio, em Glasgow. O nome dela era Deborah, mas todos a chamam de Debs. Me lembro com frequência daquelas noites de sexta-feira em que pegávamos o trem com leite para visitá-la. O lago dos patos. Os tijolos vermelhos. O corredor com piso de cerâmica, decorado com arte de bom gosto. Eu atravessava a sala ensolarada e ia até a varanda, e ela se levantava da espreguiçadeira em que estava tomando sol e me puxava para um abraço com tanto carinho que eu tinha a sensação de que *ela* era *minha* filha. Quando ela cozinhava para nós — frango assado, invariavelmente —, todos os condimentos eram oferecidos. Ela era generosa. Cheguei a um ponto em que tinha medo de dizer que gostava de alguma coisa, para não correr o risco de ela me dar. Uma vez, Debs embrulhou pra mim uma estátua de madeira da Virgem Maria, fina e sinistra (achei que era uma calçadeira decorativa!), e Art revirou os olhos enquanto eu saía pela porta com a imagem na mão, obedientemente. Eu ainda a tenho, em algum lugar, em uma caixa de sapatos, junto com uma medalha de São Geraldo que ela me deu quando contei que estávamos tentando ter um bebê.

RASCUNHOS

Caro São Geraldo,
O senhor foi bem inútil.
Cordialmente,
Jenny McLaine

ART DISSE

— Não me leve a mal, amor, mas você não é muito maternal.

Eu o encarei.

— Não é uma coisa ruim.

— Parece ruim.

— Você só é muito meticulosa e neurótica, deliciosamente cheia de caprichos e contradições... e hilária, é claro.

— O que é isso, Art? — pergunto. — A técnica do feedback sanduíche?

— Ha! Pronto... viu?

— NEURÓTICA?

— Desculpa, usei a palavra errada. Você só pensa demais.

VOCÊ

Você não é maternal, disse o sangue.

Você não é maternal, disse o tabaco.

Você não é maternal, disse a passagem do tempo.

Você não é maternal, disse a conta bancária no vermelho.

APELIDO CARINHOSO

Na noite seguinte, espero Sonny do lado de fora da escola de dança, perto da Tower Bridge. Fico olhando para as luzes dentro do prédio, procurando por placas de saída, enquanto vejo os comentários na minha coluna, que essa semana é sobre os benefícios de, só para variar, ser a pessoa que fica atrás quando se dorme de conchinha.

Sonny sai. Por um momento, fico espantada com a altura dele.

— Tudo bem?

— Tudo bem? Sua mãe disse que eu vinha?

— É claro que disse. Ia ser meio estranho se ela não tivesse dito.

— Pois é.

Ele começa a andar. Vou atrás. E me pergunto se deveria ter levado alguma coisa para ele beber, um chocolate, talvez. Biscoitos? Um Kinder Ovo?

Ele pega um maço de cigarro.

— O que você está fazendo?

— Você fuma.

— E daí? Isso é errado. — Tiro os cigarros dele e guardo no meu bolso. — Você não pode fazer isso na minha frente. Tem que fazer escondido, com os seus amigos, em um ponto de ônibus sujo em algum lugar por aí. Ou melhor ainda, não faça.

- Achei que você não era como eles, mas é.
- Como quem?
- O resto deles.
- Desculpa ter esquecido o seu aniversário, Sonny.
- Tudo bem.
- Eu estou... no meio de uma fase um pouco frenética.

Vou te dar um presente logo, logo, tá?

- Tá.
- Diga se tiver alguma coisa específica que você queira.
- O maço de cigarro.
- Engraçadinho.

Ele começa a olhar o celular, então pego o meu. Faço uma ronda pelos meus aplicativos e atualizo alguns. Quando meu feed do Instagram atualiza, vejo que há um post novo de Suzy Brambles, de poucas horas antes. Como perdi isso?

É uma foto do braço de alguém. Um braço de homem. Dá para ver uma parte de uma tatuagem. Uma espécie de tridente.

É o braço do Art.

Caio de joelhos com o celular na mão.

É UMA FOTO DO BRAÇO DO ART.

Não só isso, mas ele comentou embaixo.

Bela composição, Foxface bjs

— Tia Jenny? Você está bem?

Não consigo responder. Só consigo ficar encarando o celular.

— Você está tendo um AVC? Está com uma cor esquisita.

Quarenta e seis pessoas curtiram o comentário de Foxface.

Minha mente parece deixar o meu corpo. Não sou mais eu mesma. Não sei quem eu sou, mas não estou aqui, não sou isso e não sou eu mesma.

Eu me levanto e saio correndo.

Escuto Sonny gritando atrás de mim:

— Tia Jenny? TIA JENNY?

Não sei aonde estou indo, mas, enquanto corro, vou ligando as coisas na minha cabeça, calculando, computando, somando tudo aquilo. Como fui tão cega? Sou melhor do que essa... ignorância obscena. É indesculpável não ter deduzido isso antes. Se eu pudesse me demitir da administração da minha vida, faria isso. Fui de um desleixo grosseiro. Negligente. Uma cabeça tem que rolar! Alguém precisa morrer. **ALGUÉM PRECISA MORRER!**

Alcanço a ponte e passo por um grupo de manifestantes parados, erguendo cartazes, por um motivo qualquer.

— **SAIAM DO CAMINHO** — grito. — **É UMA QUESTÃO DE VIDA OU MORTE!**

Eles saem. E se unem, momentaneamente, pelo medo que sentem de mim, daquela mulher maluca indo para a beira da ponte. Encontro uma saliência para apoiar o pé, subo em cima da barreira e fico parada ali, olhando para o rio abaixo.

— Chamem a polícia! — grita alguém.

— Não faça isso! — grita outra pessoa para mim.

— Tenho que fazer! — grito como resposta. — Não há mais nada que eu possa fazer agora!

— Nunca é tão ruim quanto a gente acha que é! — grita outra pessoa.

— Não diga isso! Você não deve dizer isso! — responde outro.

Reparo em uma caixinha com cartões presa à viga ao meu lado. Pego um. Há uma mensagem escrita, que diz: AS COISAS ESTÃO RUINS, MAS VÃO MELHORAR. VOCÊ TEM VALOR. NUNCA SE ESQUEÇA DISSO B!

Eu me pergunto quem escreveu aquilo.

Mas estou decidida. Todos chegaram tarde demais. Dou um passo para trás (alguém arqueja), giro o braço como um lançador segurando uma bola e arremesso o meu celular — bem, bem, bem longe dentro do Tâmisa. Então, encolho todo o corpo e começo a soluçar.

— Você está bem? — grita alguém.

Levanto a cabeça. Uma trilha de catarro liga meu nariz ao piso de concreto da ponte.

— NÃO, EU NÃO ESTOU BEM, PORRA!

* * *

Volto para casa e fecho a porta. Fico parada no hall.

— Jenny? — chama minha mãe, vindo da sala. — Achei que você fosse pegar o Sonny, não? Voltou cedo.

Não respondo. Subo as escadas e pego o meu notebook. Fico olhando mais algum tempo para a foto. Então, entro nos meus e-mails e mando uma mensagem para Art.

Por que tem uma foto sua com a Suzy Brambles?

Ele responde na mesma hora.

Oi. O quê?

Por que tem uma foto sua com Suzy Brambles no Instagram dela?
É uma pergunta simples.

Quem?

SUZY BRAMBLES PARA DE ME FAZER REPETIR ISSO

Ah hahaha esse não é o nome dela de verdade. Esqueci que ela tem esse pseudônimo bobo! O nome verdadeiro dela é Suzanne.

Respiro fundo. Expiro, inspiro e expiro de novo.

Onde você conheceu ela?

Ela entrou em contato pelo Instagram

Que merda é essa?

Nos conhecemos no lançamento do livro de fotografia da amiga dela.

Você está saindo com ela?

Como assim?

Eu estou perguntando se você está saindo com ela seu bostinha e vc sabe o que eu quero dizer.

Não quero discutir isso assim então podemos conversar por telefone?

NÃO PODEMOS

Estou tentando ligar

Não estou acessível no momento

Estou hiperventilando.

Jenny, por favor, fala comigo

Não. Acho que não vamos chegar a lugar nenhum

Tudo bem. Deixa só eu dizer uma coisa. A gente terminou há seis meses

Posso sentir meus poros se contraindo nas costas.

Não é isso. Ela me conhece!!!!

Suzanne tem certeza absoluta de que não conhece você, Jenny.
Você deve estar se confundindo bj

O que, ela está aí agora?

Art?

Ela está aí?

Espero que não esteja jogando seu papinho de merda para cima dela, Art

Que papinho?

O papinho de “minha ex está muito magoada porque eu sou muito poderoso”.

O papinho de “minha ex é doida”

FODAM-SE TODOS ESSES PAPINHOS, VOCÊ E TODOS OS HOMENS
PRA SEMPRE

Se cuida, Jenny. Passe um dia num spa! Bj

Meu fluido cerebroespinal está borbulhando. Estou formigando.

Quero que você se foda muito, Art, que se foda de todas as maneiras possíveis e também de maneiras que ainda nem foram inventadas

Meu corpo todo está pipocando, como uma carcaça em uma fornalha.

— JENNY — diz a minha mãe. — Saia da frente desse computador.

— Não fode, mãe.

— Jenny, vou tirar esse computador da sua frente agora...

— Ela faz isso como se estivesse desarmando uma bomba. Como se eu estivesse prendendo explosivos a um colete. — Só... respire, e fique calma.

Desabo no chão.

— Aquele maldito está saindo com ela.

— Quem? O quê?

— Art está saindo com Suzy Brambles. Sério, você acredita nisso? E todo mundo me diz que eu sou paranoica, que penso demais... bem, sabe de uma coisa? As pessoas paranoicas *farejam a merda*.

— Vou só colocar isso ali.

Então, me dou conta.

Ela stalkeou Art no meu Instagram. Isso explica tudo.

— AI, MEU DEUS.

— O que foi?

— PEGA UM GIM PARA MIM, MÃE.

Ela pega um gim. Estou na mesma posição quando volta — calcificada. Pego o gim sem mover o rosto, ou qualquer parte de mim, na verdade.

— Muito bem, querida, aqui está. Agora me conte, devagar, o que aconteceu.

Transmito rapidamente a informação.

— Suzy Brambles postou uma foto do braço do Art e ele comentou embaixo usando um apelido que usava comigo. É uma atitude completamente psicopata deles.

— Cadê?

Abro o meu notebook e mostro a ela.

Minha mãe suspira.

— Ah, querida, isso não prova nada. Sua imaginação está preenchendo as lacunas e juntando os pontos para criar a imagem errada. Você sempre foi boa demais nisso.

— Ele acabou de confirmar que está com ela agora!

— Isso não significa nada. Poderia ser um episódio isolado. Você está exagerando na interpretação dos fatos, como sempre.

— Você precisa ir embora.

— O quê?

— Não consigo fazer isso. Não podemos ser amigas. Quero que você vá embora.

SE

você vai abortar, recomendo muito que faça isso durante uma produção de *Macbeth*. Não apenas é tematicamente adequado, como você vai conseguir a vingança perfeita pelo preço exagerado do assento que vai acabar todo sujo de sangue.

Fomos ver Shakespeare porque eu queria alguma coisa mais intelectual.

A gravidez tinha me deixado assim. Nostálgica. Elitista. Sedada. Era janeiro. Estávamos com nove semanas. Eu estava pensando com bastante frequência (e perplexidade) em agosto. Todo o futuro tinha mudado. Meu corpo estava mudando. Eu estava sendo invadida. Realinhada. Indescreivelmente. Permanentemente.

Então, não estava mais.

Tinha acordado às três da madrugada, sabendo que havia alguma coisa errada. Meus peitos não estavam mais inchados e eu me sentia completamente normal — o anormal anterior de repente se destacando e se revelando, em toda a sua absoluta anormalidade. Eu tinha me esquecido de como era me sentir normal, mas então lembrei. Eu me sentia nitidamente não grávida. O Google me levou a chats sobre aborto. Não posteí nada, só li, na verdade. Encontrei um fórum de discussão de um site sobre gravidez e um monte de postagens de outras mulheres em pânico, que

estavam apavoradas e sozinhas, de manhã cedo, compartilhando suas histórias sobre essa coisa terrível e não falada, que não deveria ser uma coisa terrível não falada, mas é. *Acabei de acordar e dar de cara com isso... Não consigo voltar a dormir... É sangue ou é muco? É só um pouco rosado, na verdade, não acham? Mais alguém teve isso? Alguém por aqui?* Aquilo me fez amar a internet por um segundo. Me fez amar as mulheres ao redor do mundo, de um jeito protetor. Maternal.

O dia passou sem sangue. Aguentei firme.

Então, no teatro, naquela noite, lindamente, horrivelmente, perfeitamente — começou. Durante uma cena de batalha, senti algo como uma gota quente, e... E. Eu soube. Reconheci o aborto, o aborto me reconheceu e veio com tudo. Pedi licença e corri para o banheiro, não sem antes dar uma olhada no tecido enquanto me levantava do meu lugar. Atencioso da minha parte, não acha? As mulheres são As Melhores.

Eu me sentei no vaso sanitário e fiquei olhando para a porta, sem saber como me sentir. Estava grata por ninguém saber, mas também não tinha ninguém com quem compartilhar aquilo naquele momento. Quis Kelly. Não minha mãe. Kelly. Tinha a sensação de ter falhado em algo básico (*VOCÊ NÃO TEM INTEGRIDADE...*). Por que estava tão chateada? Eu nem tinha certeza se queria um bebê (como se pode, racionalmente, querer uma coisa tão sísmica e imprevisível?). Seriam os hormônios? O orgulho ferido? Ou — mais sombrio ainda, será que devo... sim, sim, vou fazer

isso — será que eu estava chateada por não estar levando aquilo pelo que paguei, que encomendei, que achava que era direito meu? Seria aquilo a consumidora insatisfeita que morava em mim? A consumidorazinha ocidental raivosa? Era confuso.

Enfiei um monte de papel higiênico na calcinha e voltei para meu assento. Art me olhou com curiosidade e pegou minha mão.

— Acho que eu estou perdendo o bebê.

O “eu”, então, não o “nós”. O bebê era meu, depois foi nosso, então era meu de novo. Fiquei com os dois lados de merda da moeda.

— Ah, amor.

Ele apertou minha mão. Ouvi a pena em sua voz, e odeio ser motivo de pena. Tive a sensação de que, por algum motivo, ele tinha perdido o respeito por mim. Que eu tinha sido reduzida por toda aquela empreitada, e não do modo como eu esperava.

Nos sentamos em lados opostos do táxi, a caminho de casa. Olhei pela janela e fiquei vendo a chuva dançar nas marquises baixas das lojas. De volta em casa, servi suco de laranja para nós, como sempre. Art foi para o porão. Eu normalmente também desceria, para xeretar um pouco, perturbar ele um pouco, mas algo me fez ficar no andar de cima. Meu celular, suponho. Procurei por conselhos de quando ir para o hospital. Naquela noite, dormimos em lados opostos da cama. Digo “dormimos”, mas eu não dormi. Coloquei a máscara nos olhos e, mesmo conseguindo ouvir a

respiração de Art, era como se houvesse quilômetros de silêncio entre nós. Em certo momento, ele peidou. Aquilo soou como o canto de uma baleia.

Eu me levantei às cinco, ainda sangrando. E disse:

— Quero ir para o hospital agora.

Ele disse:

— Sim. Eu ajudo você.

A MÃE DO ART DISSE

— A Jenny não vai descer?

Eu a ouvi, do andar de cima. Ela tinha ido nos visitar, poucas semanas antes de terminarmos. Eu não consegui reunir energia ou civilidade para descer e conversar. Também estava punindo Debs como uma forma de punir Art, agora percebo. Os pecados do filho. Qualquer coisa assim.

RASCUNHOS

Caro barista,

Não tive a intenção de gritar Oi! para você, quando me entregou o café hoje de manhã. Quis dizer Obrigada! como uma pessoa normal. Sinto muito se lhe dei um susto. Estou passando por um momento ruim – embora, mesmo nos melhores momentos, eu não seja uma pessoa muito alerta. Ou uma Jenny muito alerta. (É que meu nome verdadeiro é Jenny, o que também pode ser uma surpresa para você, porque sei que eu disse que me chamava “Suzy” algumas vezes no passado, e que é isso que o caixa tem escrito no meu copo.)

Sinceramente,

Jenny McLaine

Bacharel em Artes com Honras

TOTALMENTE DESESPERADA

O que aconteceu??? Sonny acabou de me contar que você saiu correndo. Teve alguma espécie de ataque de pânico?

Art tá saindo com alguém que eu conheço.

E isso faz você deixar o meu filho no meio da rua?

Meu filho??? Porque está sendo tão maternal e crítica?

Desculpe, o quê?

Estou desesperada de verdade, Kelly. Vi os dois juntos.

Tiro fotos do meu copo de café de vários ângulos, até parecer bom. Esse celular emprestado não vai ganhar nenhum prêmio pela câmera, mas tem a vantagem de não estar no fundo do Tâmis. A conversa com a empresa de seguro na loja de celulares foi interessante. Falei que tinha estado em um barco, no rio, que balançara de repente. Kelly demora um longo tempo para responder — fico olhando para as bolinhas cinza dançando na tela, com a promessa de uma mensagem de resposta — até que:

Quer me encontrar para almoçar?

Ok

— Qual é o problema da mais ruiva das resmungonas? — Eu dou um pulo de susto. É Mia. Ela está usando um vestido que parece uma enorme flecha vermelha apontando para baixo. Pouso o celular. — Quero dar uma palavrinha com você!

— Alguma coisa em particular?

— Uma coisa especial!

Pego o celular e sigo Mia até a sala. Uma coisa especial. Soa como um mau presságio. *Por aqui, perus, é hora da surpresa especial de Natal de vocês!* O salão principal fica em silêncio ao nosso redor. Dedos param de bater nos teclados. Globos oculares param de olhar de um lado para outro. Sinto a queda iminente da bomba.

Mia fecha a porta da sala. Simone está embaixo da mesa, mordendo um brinquedo no formato de um iPad.

— Então — diz Mia. — Lamentavelmente — (Sério, você nunca viu alguém demonstrar tão pouco arrependimento) —, preciso informar a você que estamos passando por uma grande reestruturação e, infelizmente, a coluna *Mulher moderna e intensa* vai ser cortada do novo projeto da *Foof*.

Fico olhando para ela. Lembro da minha conta bancária, afundando com vermelho em cima de vermelho. Eu provavelmente vou para a prisão dos devedores (isso ainda existe?). Estou quase desesperada. Não, espera. Estou desesperada. Estou Totalmente Desesperada.

— Olha só — digo —, sei que as colunas têm sido meio banais nas últimas semanas, mas posso voltar com força total de novo se você me der só mais uma chance. Me dê só

mais um mês para virar o jogo e provo para você que tenho as qualidades necessárias...

... para ser sua aprendiz, Lorde Sugar.

... para estar no seu time, will.i.am.

Mia faz que não com a cabeça.

— Você pode trabalhar mais essa semana, mas então é *sayonara* no bar do Monocle. Vamos ter drinques de despedida para você! Já está tudo organizado.

— Ah, Cristo, por favor, não publique isso — digo. — Me dê ao menos isso. Me dê minha dignidade.

— Não seja boba. As pessoas seguem em frente. Se deixe empoderar por essa transição.

Saio da sala de Mia e entro em um dos reservados à prova de som para chorar. Olho para o celular. Por algumas horas. De que adianta qualquer coisa agora, né? Posto uma foto da minha mão com o polegar erguido no reservado vazio, com a legenda:

**GRATA POR UM TEMPO QUIETA EM UM LUGAR TRANQUILO ANTES
DA GUERRA QUE VAI SER O DIA #OCUPADAOCUPADAOCUPADA
#MANDECAFÉ**

Então, descanso a cabeça em cima da mesa e choro até virar uma verdadeira uva-passa.

ALMOÇO INFELIZ NO VIETNAMITA

Encontro com Kelly no Noodle Hovel para o almoço. Quando ela chega, eu me levanto e lhe dou um abraço. Ela enrijece um pouco o corpo. Kelly pede uma cerveja e eu peço um kombucha. Nos sentamos de frente uma para a outra e olhamos o cardápio. Não quero comer nada.

— O que você precisa entender é que estou em um momento tenso da vida, Kelly — digo baixinho, emotiva. — Fui pega de surpresa na rua. Não estava no controle das minhas ações.

Ela me olha por debaixo da franja.

Acrescento:

— E também fui demitida hoje.

— O quê? Como assim?

— Provavelmente porque não tenho mais um namorado famoso.

— Acho que você está um pouco paranoica. Tem certeza de que não é só...

— Mia sempre teve um tesão cultural no Art. E agora minhas ações estão em baixa. Sinto isso.

Kelly dá um gole na cerveja.

— Merda de Foof Towers. Merda. É tudo uma bosta mesmo.

— Shh — digo.

— O que foi?

— Você está falando um pouco alto.

— Estou defendendo você.

— Ainda assim, nunca se sabe quem está ouvindo.

Ela me olha do jeito que está olhando para mim desde que eu entrei — como se estivesse tentando ver onde o meu rosto está ligado à minha cabeça, ou meus cabelos ligados à minha cabeça, ou alguma coisa assim.

— Sim! — digo em voz alta, como se estivesse respondendo a outra coisa que ela tivesse dito... alguma coisa em uma conversa divertida, para o caso de alguém ser capaz de ver ou ouvir a gente.

Kelly balança a cabeça e toma outro gole da cerveja.

— Então, você deixou um garoto de catorze anos sozinho na rua, à noite.

— Ele já é grande!

— Ele tem catorze anos.

— Ele é capaz de tomar conta de si mesmo!

— Mas eu pedi para você tomar conta dele. E você deixou Sonny na rua. Porque o seu ex está saindo com alguém. Essa é a sua prioridade.

Um garçom surge ao nosso lado.

— Já querem pedir? — pergunta ele.

Faço que não com a cabeça.

— A história do Art nem é a pior coisa com que estou tendo que lidar — digo.

— Na verdade — diz Kelly —, eu só tenho quarenta e cinco minutos, podemos pedir logo?

— Por favor, pode nos dar só uns minutinhos? — peço ao garçom.

Ele assente e se afasta.

— Não consigo pensar em comida enquanto estou contando a você sobre isso. Nem estou com fome.

— Ok — responde Kelly.

— Ele está saindo com a Suzy Brambles — revelo, dando à frase a entonação que ela merece.

— Suzy... *Brambles*?

— Não diga o nome dela.

— É uma pessoa real?

— Tão real quanto a minha cara nesse momento.

— Bem, nunca é bom descobrir essas coisas — comenta Kelly, e agora ela realmente abaixa a voz.

Eu me sinto aliviada, e também um pouco desconfortável com o tom da voz dela. Mas Kelly não sabe da história toda, por isso eu conto. Falo da foto do braço, do comentário, das curtidas, das mensagens, do fato de Suzy ter parado de me seguir depois de obviamente ter me usado para encontrar Art. Depois precisamos chamar o garçom duas vezes até que ele venha anotar os pedidos.

Kelly checa o relógio e sorri para mim de um jeito que nunca sorriu antes, como se sorrisse para alguém prestes a receber a notícia de que não conseguiu o emprego. Uma pessoa legal com notícias ruins. Não é assim que se imagina que uma amiga vá reagir a essa história trágica e devastadora.

— O que você acha que eu devo fazer? — pergunto.

— *Fazer?*

— Sim. Em relação ao emprego, eu não me importo, posso conseguir outro. Mas a humilhação do Art e da Suzy... não consigo nem começar a digerir isso.

— Bem, é chato mesmo.

— *Chato?*

Minha própria voz se eleva agora, e vejo que os olhos da Kelly estão marejados. FINALMENTE a reação apropriada! Odeio vê-la chorar, mas também estou feliz por ela estar chorando. Podemos chorar juntas pelo que está acontecendo. Por semanas. Meses!

Ela para de chorar e seca os olhos. Espero sua ajuda.

Depois de algum tempo, Kelly fala:

— Olha só, Jenny, sei que você está passando por um momento difícil. E quis me encontrar com você para a gente conversar sobre isso. Mas já estamos aqui há quase uma hora e você não perguntou nada sobre mim. Nada. Não se desculpou por ter deixado meu filho adolescente sozinho na rua. Achei que podia confiar em você. Mas não posso.

Faço uma pausa na minha comemoração interna.

— Ei, sou eu que estou vivendo uma catástrofe nesse momento, Kelly.

Ela assente e olha para a garrafa de cerveja.

— Então, acho que eu deveria contar a você que Paul mandou uma mensagem para o Sonny, pelo Facebook da mãe dele, e Sonny ficou todo animado, e respondeu, e agora Paul sumiu de novo, e eu seria capaz de me estapear por não monitorar tudo isso mais de perto. E parece que Esther vai

ter que vender a casa logo, porque os filhos estão pressionando ela para fazer isso, e não tem como eu encontrar lugar algum em Londres com um aluguel tão barato, por isso estou procurando outro lugar para morar no Reino Unido.

— Nem me fale sobre dinheiro! Ninguém poderia estar mais preocupada com dinheiro do que eu agora.

Kelly bate com a garrafa na mesa. Eu me assusto.

— Você tem uma casa própria.

— Que não consigo mais pagar!

— Você tem UMA VIDA BOA com poucas obrigações. Precisa amadurecer e se responsabilizar pelas coisas.

Sussurro, irritada:

— Não ouse “banciar a mãe” comigo! Tenho uma hipoteca para pagar! Isso é tão ruim quanto um filho!

— Então venda a casa e vá morar em um lugar mais barato. Você tem opções. Meu crédito fiscal é uma merda. Vou ter que tirar Sonny da escola quando ele estiver se preparando para as provas finais. Talvez eu não consiga outro emprego de que goste tanto e que também seja flexível em relação aos horários da escola dele.

— Ele nem vai passar mais tanto tempo assim na escola. É praticamente um adulto. Com toda a sinceridade, já está na hora de ele começar a cuidar de si mesmo.

Kelly fica sentada, respirando fundo por um momento. Não é uma cara boa, mesmo para ela. Então, fala, calma, quase gentil:

— Jenny, posso fazer uma pergunta?

— Claro. Tenho muito mais detalhes para compartilhar.

Ela move a cabeça quase imperceptivelmente para o lado, e volta à posição anterior. Depois diz:

— Você acha que seríamos amigas se aquele dia não tivesse acontecido, aquele dia em que Sonny estava indo para o meio da rua?

— Como assim?

— É que venho pensando muito sobre a nossa amizade, sobre como ela aconteceu.

— Também tenho andado um pouco nostálgica...

— Não, não estou falando de nostalgia. E, sim de uma reavaliação, se posso usar essa palavra. Você também não tem feito isso? Tudo parecia um pouco confuso até agora, mas estou parando para avaliar. — Ela puxa com a unha a ponta solta do rótulo da garrafa de cerveja. — Você nunca parou para pensar que aquele dia, na rua, nos forçou a sermos amigas?

— Nos forçou?

— Sabe o jeito que a gente fica amigo de alguém no colégio só porque é da mesma turma? É uma amizade meio institucionalizada. O que nos faz ser amigas de alguém quando ficamos mais velhas? Será que teríamos nos encontrado naturalmente? Teríamos forjado uma amizade naturalmente?

— Acho que sim?

Um armário se abre na minha mente, e vejo aquele dia, na rua. Então, meu coração acelera e a porta do armário se fecha com força.

— Você acha que ela é melhor do que eu porque é mais nova? Acha que foi por isso que ele ficou a fim dela? Sempre vi Art com mulheres mais velhas, mas ele é sorrateiro... sei disso, mesmo que ele não saiba.

Kelly me encara com uma expressão triste.

— Amo você por vários motivos, Jenny.

Incho de orgulho ao ouvir isso.

— Mas acho que vários deles perderam a validade.

Murcho.

— Você nem sempre foi essa maníaca frágil. Antes, você ia atrás das coisas. Tinha tudo de que precisava. Não olhava para trás. Não sei se você percebeu... para ser honesta, não sei mais no que você presta atenção, a não ser no que certos estranhos pensam de você... mas não tenho muitas amigas. Você é uma das poucas pessoas com quem realmente consigo conversar. Com quem *conseguia* conversar. Agora, só o que vejo é essa pessoa artificial, se autopromovendo o tempo todo, que eu não conheço mais.

— Bem, dizem que as pessoas que você conhece melhor são as que acaba odiando mais nas redes sociais. Porque você vê por trás das aparências. Se não conhece bem a pessoa, só pensa, nossa, que pessoa incrível, que momento sensacional.

— Pare com essas teorias! Você está perdendo tempo tomando conta de toda essa merda superficial, enquanto o mundo está indo para o inferno em um carrinho de mão. Bebês estão sendo encarcerados na fronteira do México. Uma pessoa com quem estudei acabou de montar um banco de alimentos na cidade em que eu nasci.

— Tenho plena consciência da realidade. Sou jornalista.

— Você é a porra de uma criança! Sofro de fadiga de empatia no que diz respeito a você. E nem tenho certeza se isso... bem. Talvez tenha acabado para nós duas. Talvez tenha só acabado. Agora. Nesse momento. — Ela chama o garçom.

— Não diga isso.

Kelly encolhe os ombros.

O garçom se aproxima.

— Já querem fazer os pedidos? — pergunta.

— Sim — digo. — Acho que sim, quase.

Kelly coloca uma nota de cinco libras e duas moedas de uma libra em cima da mesa. E se levanta.

— Estava falando sério quando comentei sobre como nos conhecemos — diz ela. — Porque, nesse momento, eu sinceramente não gosto de você. Essa é a mais pura verdade. Não gosto de você. Nunca tivemos uma amizade. Tivemos um romance que começou com um encontro não muito fofo.

Ela vai embora. Fico olhando para o meu kombucha. De repente, me dou conta de que as pessoas talvez estejam olhando para mim. Tiro uma foto do meu kombucha.

Para todos os fermentos que já amei.

Posto enquanto pago a conta.

RESPIRANDO POR UM

Já quase no fim, Art começou a se recusar a sair para “eventos de casal”. Ele começou a cancelar presença em aniversários, casamentos, happy hours, tudo. Eu estava ocupada com as minhas próprias preocupações. Não conseguia me forçar a usar nada do que eu tinha usado enquanto estava grávida, e a maior parte dos meus cardigãs e jeans foi parar em bazares de caridade. Eu não conseguia suportar usar nem os mesmos perfumes, e coloquei todos nas bolsas para a caridade também, embora não tivesse certeza se era fácil vender um vidro de perfume já aberto ou se ele seria classificado como adulterado. Achei que talvez estivesse sendo supersticiosa — tinha a sensação de que todas aquelas peças estavam amaldiçoadas, de certa forma, ou de que trariam lembranças ruins. Mas a verdade era que eu estava diferente. Eu me sentia outra mulher. Nada da minha vida anterior cabia em mim ou me satisfazia. Eu estava menos carnal. Me sentia mais como um inseto. Tinha olhos e ouvidos em lugares estranhos.

Na festa de aniversário de Sonny — uma festa grande, para comemorar os treze anos dele —, Art deu uma desculpa dez minutos antes de sairmos de casa. Passei a desculpa adiante para Kelly e Sonny. Eu era a mediadora. A intermediária. A secretária da estranheza dele.

Sonny disse:

— Ele não se importa mais com a gente, né?

Kelly disse:

— Não que já tenha se importado, na verdade.

Tive uma briga com Art por causa disso quando voltei. Conteí a ele o que Kelly e Sonny tinham falado.

— Não vou brincar de família feliz nos seus termos — disse ele. — Já fiz isso demais. Já soltei os “hums” e “ahs” em todos os momentos certos. Agora me dá um tempo.

— Uau. Você estava mesmo interpretando um papel por mim.

— Sim, fico feliz por reconhecer isso.

— *Nós* somos uma família, Art? É isso que somos?

— Tenho a sensação de que essa pergunta é uma armadilha. É isso que está fazendo?

— Porque você nunca está aqui. Está sempre fora.

— VOCÊ está sempre fora — retrucou ele, dando uma batidinha na cabeça com a mão. — As luzes estão acesas, mas não tem ninguém em casa.

Art estava errado a esse respeito. Às vezes, fecho meus olhos à noite e é como se ainda houvesse uma luz acesa por trás das minhas pálpebras.

PROBLEMAS POPULARES

Volto para casa de metrô, escutando Leonard Cohen. Escutar Leonard Cohen faz com que eu sinta que, enquanto conseguir manter uma postura atenta e irônica em relação ao mundo, tudo vai ficar bem.

Chega um e-mail. Mia.

Ei! Não vai voltar do almoço? E seus drinques de despedida essa noite?? Temos uma hashtag #JENNYSDDESFOOFANDO
MIA

Não respondo. É preciso muita força de vontade para que uma pessoa como eu não responda, mas não respondo. Em vez disso, mando uma mensagem para Nicolette.

Está a fim de beber alguma coisa mais tarde? Um monte de coisas para contar. Bj

Sim Também tenho novidades Bj.

Santo Cristo, será que as pessoas podiam parar de ter novidades? Estou de saco cheio de novidades.

Então, penso:

Será que ela está grávida?

O QUE FAZ O MEU CÉREBRO PENSAR ISSO? MALDITO CÉREBRO. Por que essa é sempre a pergunta que me vem à

mente quando alguém diz que tem uma novidade — uma espécie de *Diga isso, cérebro, diga, você já disse todo o resto* —, a pior pergunta relacionada a uma novidade. A pergunta que me faz ter a sensação de que meu coração está cheio de fuligem.

O que é? Bj

Conto mais tarde! Bj

Mando por mensagem um horário e um pub, e então coloco para tocar “Don’t Get Me Wrong”, do The Pretenders, e me deixo levar por uma fantasia em que entro em um café ensolarado, a música está tocando, e minha mãe, Art, Kelly e Suzy estão todos lá, e eu estou toda, “Ah, oi, acabei de voltar dessa viagem incrível onde ganhei o equivalente ao Oscar do jornalismo”, e todos se levantam e me abraçam e batem palmas, e acabamos tomando um brunch juntos para comemorar, e é INCRÍVEL e inspirador como sou descolada com todo mundo sobre tudo.

Um homem atravessa o vagão com uma expressão preocupada no rosto. Eu tiro os fones de ouvido e endireito o corpo no assento.

— Alguém perdeu uma mochila preta? — pergunta.

Todos nos endireitamos nos assentos.

— Mochila preta? Alguém?

Olho para trás no vagão. Agora, quero fazer contato visual, quero ser tranquilizada. Todos nós queremos. A que distância de nós está essa mochila? Alguém olhou dentro

dela? Vamos jogá-la para fora do trem na próxima estação? Não podemos jogá-la para fora do trem agora mesmo?

Mais duas pessoas cruzam o vagão, com a mesma expressão no rosto. Guardas à paisana? Funcionários do metrô à paisana?

Uma voz fala pelo alto-falante: “Senhor faxineiro, por favor se apresentar para receber uma mensagem. Repito, senhor faxineiro, por favor se apresentar para receber um mensagem.”

É claro que era um código.

— É um código! — digo.

As pessoas assentem para mim, gratas pela minha percepção. Estão felizes por estarem em um trem comigo, seguindo rapidamente para a morte.

Então, nada acontece. Não se fala mais da mochila preta.

Quando chego à minha estação, parte de mim se pergunta se morri mais ou menos uma hora atrás, se o trem explodiu. E tudo desde então talvez seja uma espécie de sonho de um cérebro sem vida. Já pensei isso várias vezes ao longo da minha existência — na maior parte delas quando estive em um transporte público.

Eu provavelmente deveria andar só de táxis.

* * *

Começa a chover, então espero pelo ônibus no ponto. Estou na dúvida sobre como documentar isso — como tornar mais excepcional, mais significativo, mais como um momento real

da vida — quando meu celular anuncia a chegada de um e-mail e...

Sabe quando você simplesmente *sabe*?

Oi.

Oi.

Como você tá?

Ótima...

Lamento que você tenha descoberto daquele jeito. Com certeza não foi muito legal.

Obrigada por entender. E por ser condescendente. Fico grata.

Podemos por favor falar por telefone?

Não. Mal fazíamos isso quando estávamos juntos, qual o sentido de começar agora?

Para confirmarmos o nosso relacionamento como amigos.

Ah, claro. Então imagino que Suzanne saiba que trepamos no mês passado?

Achei que íamos lidar com isso tranquilamente.

As pessoas mudam de ideia, Art. Normalmente das formas mais inconvenientes.

Só gostaria que pudéssemos parar com a negatividade e seguir em frente. Quero que você conheça a Suzanne. Acho que vai gostar dela. Ela é muito legal.

Está tentando fazer com que eu me sinta melhor ou pior dizendo isso? Ela ser legal é uma prova do seu bom coração ou é um indicativo do meu futuro prazer na companhia dela?

Haha. Ainda gosto do jeito que você fala, Jenny.

Obrigada?

Me avise quando estiver disposta a conversar direito comigo bjs.

Vou tentar bj

Espero que esteja tudo bem no trabalho. E vi que a sua mãe está aí, tudo certo também?

É claro

Agora, sobre ISSO eu gostaria de saber bjs

Obrigada pelo incentivo

BjBjBjBj

RASCUNHOS

Art,

NÃO MANDE UMA FILEIRA DE BEIJOS. Isso não é uma despedida. Ah, obrigada por me conceder seus poderosos beijos – pena você não conseguir se dar o trabalho de usar PALAVRAS DE VERDADE, seu fanfarrão ignorante.

Bj,

J

NO ÔNIBUS

Vejo um garoto tentando usar a janela como tela. Ele tem uns dois ou três anos, e está usando uma capinha de chuva vermelha. Fico olhando o menino pressionar os dedos contra o vidro embaçado e deslizá-los por ele, deixando uma trilha. Percebo que ele fica cada vez mais frustrado e confuso conforme as coisas passam do outro lado da janela, fora de seu controle. A mãe está sentada olhando para o celular, sem reparar na aflição do filho. No fim, o menino desiste, e fica sentado, olhando pela janela com uma expressão triste, como se ela fosse mesmo só uma janela.

Sinto a dor dele.

CONTAS

Abro a porta da frente e vejo uma pilha de contas em cima do capacho, se derramando pelo hall de entrada. Contas em cima da prateleira do aquecedor. Como eu não tinha reparado? De cartões de crédito e só Deus sabe do que mais. Não consigo suportar a ideia de abri-las.

Não consigo suportar a ideia de dizer para minha mãe que fui demitida.

Eu a encontro dormindo na sala, com a TV ligada — algum drama horrível de um serial killer quase no desfecho. *Mas ninguém poderia ter previsto o que ela encontraria no lixo...* Há uma garrafa de gim pela metade no chão. Caiu da mão dela. E um copo equilibrado no braço da poltrona. Também há migalhas de torradas em um prato no seu colo. Fora isso, a sala está arrumada — é como quando encontram incidentes de combustão espontânea humana e há um raio de destruição carbonizada, mas, fora isso, apenas uma normalidade inquietante. Eu a encontrei uma vez no chão do banheiro, inconsciente, de bruços, os dedos flexionados, as unhas cravadas no piso, como se tivesse tentado rastejar para fora.

O notebook dela está no chão. Mexo e vejo as abas abertas — abas de todas as minhas redes sociais. Meu Twitter, meu Instagram, minhas colunas, meu site praticamente morto.

Desligo a TV. Ela acorda.

— Jenny! Desculpe, devo ter cochilado.

Assinto.

Ela pega o notebook do chão.

— Já comecei a arrumar minhas coisas — diz. — Amanhã, às nove da manhã, vou estar fora daqui.

Assinto de novo.

— Teve um dia ruim, querida?

— Na verdade, não tenho mais com que comparar.

— Quer uma torrada?

Faço que não com a cabeça.

— Acho que vou sair e encontrar Nicolette, uma amiga, para beber alguma coisa.

Ela responde quase rápido demais:

— É claro! Divirta-se! Tome. — Minha mãe procura a bolsa dela pelo chão, pega a carteira e tira uma nota de cinquenta libras... uma nota de cinquenta libras! Graças a Deus... E me entrega. — Compre uma garrafa de alguma coisa boa para você e sua amiga, por minha conta.

Eu fungo e pego o dinheiro.

— Obrigada. — Então as palavras saem de mim antes que eu consiga detê-las. — Você vai estar aqui quando eu voltar?

— É claro que vou estar aqui! Não vou a lugar algum até amanhã de manhã.

Assinto. E fico parada ali, pensando naquilo.

— A propósito, segui seu conselho. Fui ver uma terapeuta. Olho para ela.

— Não acredito.

— Pois acredite.

— Você disse que não acreditava em terapia. Disse que era velha demais. E que a terapia piorava as pessoas.

— Todas essas coisas podem muito bem ser verdade, mas segui o seu conselho.

— E?

— E foi como eu desconfiava. Minha mãe ferrou com a minha cabeça, mas também devo todo o meu sucesso a ela. Um cálice envenenado ainda é um cálice, Jenny.

— Eu dispenso o cálice envenenado, obrigada.

— É uma pena que não possa escolher isso.

— Espere para ver.

— Ela me perguntou sobre minha pior lembrança.

— Direto ao ponto. Sem enrolação.

— Comecei a contar sobre a morte da minha mãe, e de como cheguei apenas cinco minutos depois. — Abaixo os olhos. — Então me dei conta de que não era nada daquilo. Foi encontrar seu bilhete de suicídio.

— Você pode ficar um pouco mais, se quiser. Se for útil para você, quero dizer.

— Seria útil para você?

— Sim.

— Então vou ficar!

Meu peito se enche de calor. Ela me abraça de onde está sentada e apoia a cabeça na minha barriga. Penso que, quando ela era um feto no útero da minha avó, já tinha óvulos dentro de si, e que um desses óvulos se tornaria eu. O que fazia com que nós três estivéssemos lá, em um só corpo, de uma única vez — como aquele efeito Droste, das fotos:

uma garota lendo um livro com uma foto de uma garota
lendo um livro com uma foto de uma garota lendo um livro
com uma foto de uma garota lendo um livro com uma foto de
uma garota...

Mãe,

Desculpe fazer isso no Natal, sei que a visão do meu corpo na banheira vai ser uma coisa terrível de encontrar depois de voltar das Bahamas, só achei que era melhor sair do caminho enquanto você estava fora. Também pensei: Ano-Novo (o Novo Milênio), Novo Começo — que melhor época para ter uma reestruturação completa de vida do que agora? Depois do funeral, você e Roger vão poder seguir com a nova vida chique de vocês juntos. Só torço para que a esposa dele entenda. Depois que contar a ela que sua filha se matou, ela provavelmente vai estar mais inclinada a deixar você se sair bem dessa.

Quanto às minhas razões, vamos só dizer que acabei me sentindo sem propósito em relação à minha existência, e essa é uma atitude bastante incompatível com a vida. Sabe o que eu não consigo tolerar? A consciência. Especificamente essa consciência. Torço para que você esteja errada em relação a tudo e que eu não termine presa nessa consciência por toda a eternidade, só que sem um corpo. Porque o meu corpo é a única parte de mim de que realmente gosto, a não ser pelas coxas e por aquele segundo dente de

cada lado dos meus dentes da frente, e dos meus pés sem forma, e da ausência de cílios e sobrancelhas discerníveis.

Li uma coisa interessante outro dia sobre as abelhas. Em uma colmeia, a rainha governa, enquanto as filhas não fazem nada além de trabalhar. Elas renunciam à chance de terem os próprios filhos, apesar de serem fisicamente capazes de procriar. Quando a rainha morre, as operárias encontram um óvulo com a idade adequada e o alimentam com geleia-real, o que resulta em uma sucessora da rainha. Mas, às vezes, não dá certo, e a colônia fica sem rainha. É um risco. Elas desistem de tudo pelo bem da colmeia. Imagine esse tipo de altruísmo.

Sinto muito, mas não tenho isso em mim.

Portanto, adeus.

Bj,

Jenny

VOVÓ DISSE

— Ah, vocês duas de novo, é?

— Oi, vó — falei.

A sala de visitas era bege e marrom, como a camisola dela. Minha avó me ignorou.

— Cadê o meu cachorrinho? — perguntou.

Estava se referindo a Nathaniel (o cocker spaniel).

— Nathaniel está bem — disse minha mãe.

Era mentira. O cachorro estava morto.

Minha avó se virou para mim como se eu fosse uma estranha amigável, precisando de conselhos. E gesticulou na direção de minha mãe.

— Ela mente, essa daí. Você precisa ficar de olho nela.

Eu concordei.

— Desde que ela começou a fazer todas aquelas coisas. Eu disse a todos eles que fui eu que nasci com a bolsa d'água presa na cabeça, mas você não me vê por aí me exibindo para os enlutados.

— Eu não... — falou minha mãe.

Olhei ao redor da sala. Não era grande, mas era maior do que o quarto da minha avó — eu odiava quando tinha que vê-la naquele quarto. Os biscoitos recheados de groselha, o talco (o nome do talco era *Couro Imperial*, o que, em outro universo, devia ser uma revista de fetiche para colonialistas) — tudo fazia eu me perguntar como algum dia conseguiria

voltar a aproveitar uma noite na vida. Como qualquer pessoa conseguiria?

— Quanto àquelas cartas — continuou minha avó —, elas costumavam fazer isso quando eram pequenas, e eu nunca prestei muita atenção. Eleanor levou para casa algumas dessas cartas que pegou com um namorado um dia, e uma trupe inteira deles subiu para o sótão, para usá-las.

— Aquilo era uma tábua Ouija — esclareceu minha mãe.

— Ouvi gritos, subi e lá estava uma garota, com a perna quebrada, uivando em um canto.

— Alguma coisa quebrou a perna dela? — perguntei.

— Não — respondeu minha mãe.

— Ela já estava com a perna quebrada quando subiu — disse vovó. — Mas as muletas que usava ganharam vida e começaram a bater nela. Ao menos foi o que todos disseram.

Minha mãe abaixou a cabeça.

— O que foi? — perguntei.

Nunca tinha ouvido aquela história antes.

— Mas ela acabou conseguindo um bom ganha-pão com isso. Não que eu jamais tenha visto muito do que ela ganhou.

— Minha avó se virou para mim. — Você deveria ter ficado rica para tomar conta de mim — falou. — Quando vai se casar com um homem rico?

— *Eu sou um homem rico* — respondi, citando Cher.

— Eu participei de *Coronation Street* — contou minha mãe.

— De um episódio — disse minha avó. — Porque não sabe tomar a iniciativa. Espera que tudo seja entregue a ela de bandeja. Espera que *eles* venham atrás *dela*.

— Preciso que assine uma coisa, mãe — disse minha mãe. Ela tirou da bolsa um maço de papéis grampeados.

Olhei para uma mulher sentada em uma cadeira oposta. Ela segurava uma boneca, um bebê, no colo, e tentava alimentá-lo com uma mamadeira de plástico. A boneca não queria tomar a mamadeira, e a mulher, então, passou a embalá-la.

Ouvi minha avó dizer:

— Esqueça o que precisa. Tenho que lhe dizer uma coisa, Carmen. Tenho que lhe pedir uma coisa.

Eu me virei, olhei para ela e, por um segundo, era como se fosse a minha avó de antes, totalmente lúcida.

Minha mãe pousou os papéis na mesa que fazia também as vezes de bandeja e encarou vovó em expectativa.

— O quê?

Sentimos o cheiro súbito e inconfundível de xixi quente. Minha mãe recostou na cadeira. Não olhamos uma para a outra. Pousei a mão nas costas da vovó. A espinha dorsal dela parecia o final de uma escada rolante, a vértebra ondulando embaixo da borracha. Minha avó agarrou a bengala.

— Esqueci.

Depois de um minuto ou dois, minha mãe colocou os papéis com delicadeza em cima da mesa lateral.

— Preciso que assine isso, para conseguirmos movimentar o dinheiro necessário para pagar por esse lugar.

— Vou querer cordeiro — respondeu minha avó.

— Não — disse minha mãe —, isso não é um cardápio. É uma coisa para você assinar, é sobre dinheiro.

— Cordeiro — repetiu minha avó. — Sirva logo o cordeiro. Você está me irritando.

Minha mãe entregou a caneta a ela.

— Você precisa assinar isso, mãe. Aqui.

Vovó escreveu obedientemente a palavra “Cordeiro” no campo de assinatura.

— Ah, não, não assim! — Minha mãe agarrou o papel. — Seu nome não é cordeiro, é? Tenho outro papel igual.

Os olhos de Cordeiro estavam assustados atrás dos óculos.

— Está tudo bem — disse minha mãe. — Vamos dar um jeito.

O tom na voz dela me deixou nauseada de esperança.

O MUNDO É MEU CIRCO E TODOS SÃO MEUS MACACOS

Encontro Nicolette às oito, no pub baratinho perto da Goodge Street, com as janelas de vitrais e sofás manchados de todas as cores para combinar. Estou usando uma camiseta da *Nostromo* e um colar de âmbar. É uma roupa que sugere uma riqueza interior, na minha opinião. Estou com o cabelo arrumado, mas não demais, e uma saia preta de brim curta na medida certa — uma sugestão de bom gosto, mas também uma exposição empoderada do corpo.

Nicolette chega de mau humor.

— Quais são as novidades da cidade, irmã? — pergunto, erguendo a voz.

— Quebrei minha tela de novo — diz ela, furiosa.

— Ah. Vem cá, toma um pouco desse vinho horrível.

— Obrigada. Nossa, está ainda mais horrível do que de costume. Quase tenho vontade de dar os parabéns para o pessoal do bar.

— É que é tão barato que não dá para discutir.

— Verdade. Também acho que alguma coisa em tomar um vinho tão ruim me deixa feliz, considerando como o resto da minha vida parece relativamente saboroso em comparação.

Nicolette coloca o celular em cima da mesa. A tela está mesmo bem quebrada.

— O que aconteceu?

— Defeito de humor.

— Ah.

— O conserto custa sessenta libras, mesmo com o seguro.

Suspiro.

— Tenho meu próprio desastre na forma de um celular emprestado para lidar no momento. Escute. O fato de termos que pagar por todos esses aparelhos já é um ultraje. É como uma versão moderna do imposto sobre as janelas.

— Ai, meu Deus, é EXATAMENTE isso. Estão me cobrando pelas minhas janelas nesse mundo de merda!

Nossas saídas são assim. Bebemos e trocamos comentários irônicos em nossa pequena câmara de eco particular. Começamos até a chamá-la de “A câmara do Prosecco”. Horrível, né? Mas aqui estamos. Sei que Nicolette teve uma vida tão privilegiada quanto a minha, poupada de qualquer adversidade real, o que é deprimente, embora torne tudo mais fácil de se lidar.

Bebo mais vinho e tenho ânsia de vômito.

— Então, como você está? — pergunta Nicolette. — Não paro de ver as fotos idiotas dele por toda parte.

— Você não tem que dizer isso.

— Não, estou falando sério. Elas estão por toda parte.

— Estava me referindo à parte do “idiotas”.

— Ah.

— Você é parceira.

— Então, como você está?

— Bem mal. Fui demitida, briguei com a minha amiga mais antiga porque ela não gostou de eu ter deixado o filho

adulto dela sozinho na rua e, pior de tudo, o Art está saindo com uma mulher por quem eu sou obcecada na internet.

Nicolette deixa escapar um som parecido com o de um balão humano murchando, e fico completamente exultante e aliviada por alguém enfim compreender a enormidade do que está me acontecendo. Coloco a mão no seu braço.

— Obrigada por fazer esse som horrível.

Ela faz de novo. Agradeço de novo.

— Então, respondendo à sua pergunta, tudo o que posso dizer com alguma certeza é que estou... *caminhando*.

— Bem, isso já é alguma coisa — diz Nicolette. — Eu tenho andado em círculos. Ou talvez esteja em um redemoinho, espiralando devagar em direção à minha própria inevitável obliteração. No caminho para cá, passei por um lugar chamado Highcroft Mews e tive um vislumbre do meu futuro: condomínios fechados de casas idênticas, sebes aparadas, tijolos lavados com jatos d'água. Pensei comigo mesma: *Algum dia vou ter um caso com alguém que more em um lugar desses. Vamos dividir garrafas de vinhos comuns e só transar bêbados. E o pior é que isso vai parecer uma pausa na rotina*.

— Você nem é casada.

— Não importa. Sempre soube que meu destino final é um caso amoroso ridículo e deprimente. Muito mais do que a parte do casamento.

Ela vai até o bar. Quando volta, começo a contar uma história sobre alguém que diz *Voltei para a cidade!* quando está chegando ao orgasmo. No meio da história, me dou

conta de que, na verdade, *é a história da Nicolette que estou contando para ela mesma*. Merda. Isso já aconteceu antes. Às vezes, é mais difícil recuar do meio de uma história do que de outras. Eu me pergunto se dei a entonação empática certa. Estou contando a história com a intenção de rir da cara da pessoa que diz *Voltei para a cidade*. É tão difícil ser espontânea e ter consideração ao mesmo tempo. Por isso normalmente é melhor ficar em casa, vendo televisão ou interagindo em segurança pela internet, por trás de uma fachada semiverdadeira. O mundo exterior exige realidade demais. E acho a realidade estressante ao extremo. A realidade não dá o tempo necessário para uma pessoa pensar. Expõe o despreparo. Por um segundo, estou ferrada. Desvio do assunto, contando a ela uma coisa constrangedora que eu disse depois de um orgasmo certa vez: *Hummm, isso é bem-vindo!* Na dúvida, exponha-se ao ridículo.

— Conheço uma história assim — diz Nicolette. Ela parece confusa. — O que vou fazer em relação ao meu celular? Já é o quarto esse ano. Você acredita que quinze por cento dos usuários de celulares no Reino Unido estão usando aparelhos com tela quebrada?

— Acredito.

— É como se eles fossem PROJETADOS para serem frágeis, difíceis e caros. Um celular de vidro. Idiotas.

Bebemos em meio ao sofrimento.

* * *

Horas mais tarde, estamos em um bar privado, só para membros. Todo mundo adora bares assim até estar em um. Já fui ao banheiro duas vezes para cheirar cocaína e acho que todo mundo aqui está totalmente consciente disso, em especial o pianista. Também é possível que eu esteja com o nariz sangrando, ou escorrendo, um dos dois. Me sinto fantástica, de verdade. Tomamos uma garrafa de vinho caro, porque esse é o tipo de lugar que não vende mais nada — uma atitude imprudente quando estou cheia dívidas. Merda. A essa altura já postamos três fotos cada uma no Instagram, além de um vídeo de nós duas dançando sensualmente com um porteiro.

— Vamos prometer que não vamos nos arrepender disso amanhã e deletar tudo — diz Nicolette. — As pessoas se entregam quando fazem isso. Vamos ASSUMIR as repercussões nas redes.

— De acordo.

O vinho escorrega pela minha garganta. É uma garganta de cocaína agora. É um mundo de cocaína.

— Por que você brigou com a sua amiga? — pergunta Nicolette.

— A Kelly?

— Nunca conheci a Kelly, né?

— Não. Acho que não.

— Mas sei quem ela é. Vi uma foto dela... ela deixou um comentário engraçado em uma foto sua, aí fui fuxicar o perfil dela.

— É, ela faz isso.

— Ela parece muito mal-humorada nas fotos. Em geral, tenho medo de mulheres com franjas grandes. Elas são sempre mais nobres, ou críticas, ou as duas coisas. Kelly parece usar muitas jardineiras e blusas listradas.

— Ela adora uma blusa listrada.

— Por que vocês brigaram?

— Estou muito doida para entrar nessa história agora. Mas acho que ela talvez esteja me deixando.

— Deixando?

— E Londres. O pacote completo.

— Caramba, não consigo me imaginar saindo de Londres. Vou viver nessa cidade *para sempre*. Tenho a sensação de que a capital é o lugar perfeito para eu continuar os meus estudos sobre amor e vida. Tantos amores, tantas perdas, tanta busca.

— O que está acontecendo na sua vida amorosa?

— Ah, é uma viagem, sem dúvida. Escuta essa: estou pensando em mudar meu perfil do Tinder para homens e mulheres.

— Por quê?

— Cansei dos homens. Cada vez mais.

— Mas é uma reação bem extrema, para uma heterossexual.

— Talvez eu não seja heterossexual.

— Nem uma turista sexual, mas uma *turista da sexualidade*.

— Qual é o problema com o turismo? É através dele que a gente descobre se quer emigrar.

* * *

Quando volto a me dar conta do meu entorno, estou na área de fumantes do mesmo bar — uma escada de incêndio minúscula, de ferro preto, em estilo nova-iorquino, com algumas samambaias acenando dos patamares. Uns seis ou sete amigos da Nicolette, da mídia, estão com a gente. Não consigo me lembrar do nome de nenhum, mas estou gostando muito de contar a eles o que penso sobre tudo, e só por isso são a melhor plateia que já tive até hoje. Também descubro que adquiri um conhecimento novo e abundante sobre assuntos como globalização, reformatórios juvenis e a saída de áudio da Radio 4. Alguém me pergunta se estou familiarizada com o trabalho de Rembrandt. Digo:

— Foi ele que compôs a música tema de *Friends*?

Ninguém ri. Imagino que seja porque poucos deles estão familiarizados com o trabalho de *Friends*.

* * *

Duas horas mais tarde. Onde estou agora? Um apartamento. Tem uma música tocando — “Blister in the Sun”, do Violent Femmes — e a maior parte das pessoas dança, a não ser por mim e um homem. Ele é careca e está conversando comigo perto de uma mesinha lateral de mármore coberta de restos de drogas. Acho que estou tentando ao máximo parecer muito, muito infértil. Eu me sinto como o Frankenstein — o nariz enfiado na cabeça, a perna na axila. Está escuro, mas —

ah, Deus, aquilo é a luz do dia do lado de fora da janela? Não, é só a luz refletida, graças a Deus — tem uma peça de neon na parede oposta formando a palavra CRYWANK, na fonte Tracey Emin, em um tom forte de rosa. O homem careca se chama Konrad, acho, *acho*, mas isso não importa, porque a *raison d'être* dele no momento é me dizer por que aquela é sua música favorita da vida e por que ele escolheu colocá-la para tocar. O raciocínio dele parece não ter fim, e a verdade é que mal posso esperar para que ele cale a porra da boca e eu possa começar a contar sobre a MINHA música favorita, que por sinal é desse século. Concordo com a cabeça, encorajando-o — a terminar e calar a porra da boca. Ele continua, então a conversa pula para o momento em que ele trabalhou como porteiro de um hospital.

— Não te julgo por isso — digo, basicamente só para conseguir me infiltrar no monólogo.

— Não — retruca ele. — Por que julgaria?

Digo:

— Algumas das pessoas mais inteligentes que eu já conheci trabalharam como porteiros. — Isso é mesmo verdade? Quem se importa?

— Sou da Polônia — diz ele.

— Qual é aquela frase polonesa maravilhosa que a gente usa para dizer que não é problema nosso? — pergunto, tentando lembrar. Ele parece irritado quando joga a cabeça para trás e recita junto comigo: — *Não é meu circo, não são meus macacos.*

— Sim. Odeio essa porra dessa frase.

— Ah.

— É. Por que não queremos mais tomar conta um do outro? Minha vó, que foi a mulher que me ensinou tudo o que eu sei, dizia: *O mundo é meu circo e todos são meus macacos*. E acho que realmente deveríamos nos juntar e cuidar desses macacos, porque, cara, estão por toda parte. Quando amar outras pessoas mais do que a nós mesmos passou a ser uma coisa ruim? Toda essa merda de “autocuidado” é só para sairmos comprando coisas. Isso é porque a sociedade decepcionou você. Você fica esgotado, por isso vai gastar uma fortuna para consertar o problema e então acabar reforçando exatamente o que está te destruindo.

Decidi que gosto muito do Konrad. Também sinto que estou lutando para competir com ele e o desprezo por isso. Imagine encontrar alguém em uma festa que é mais inteligente do que você. É um jeito infalível de estragar a porra da sua noite.

— Quantos anos você tem? — pergunto. — Sei que já passou da casa dos vinte.

— Como pode saber disso?

— Você não está dançando.

— Nem você.

— Mas posso dançar. Veja. Olhe só. Está vendo? Eu saco dos passos. Eu saco das danças. Sou uma maga do movimento.

— Pode parar, já provou o seu ponto.

— Obrigada. Acho que você é mais novo do que eu.

— Quantos anos você tem?

— Trinta e cinco.

— Espera aí, o quê? Trinta e cinco? Achei que fosse mais para trinta e um, trinta e dois.

Não sei se a música para mesmo ou se eu só tenho a sensação de que ela para, e, de repente, há mais duas outras pessoas na conversa. *Ela tem trinta e cinco anos! Cacete!*

— Ah, não — diz Konrad. — Jura? Eu nunca teria dito.

— O quê? Por quê?

— Ah não não não não não.

— O quê?

— Você tem que ir para casa.

— Por quê?

— Você tem marido? Namora alguém? Filhos?

— Não.

— Quer ter?

— Talvez.

— Você tem que ir para casa. Não pode ficar fazendo isso aqui.

— Você não pode me mandar para casa!

Konrad me olha como se realmente estivesse com pena de mim. Eu solto:

— Escuta aqui, meu camarada, você é que é quase completamente careca. Então, assim: quem precisa ir para casa? Não sou eu. Acho que é a pessoa careca. Quem vota para a pessoa careca ir para casa antes de mim? Vamos fazer uma votação sobre isso.

Todo mundo está olhando para mim com uma certa tristeza.

Konrad tem quase a minha idade. Foi por isso que ele gravitou na minha direção? Não sei se ele é careca por natureza ou por estilo — esse não é o tipo de coisa que se pode perguntar assim que você conhece a pessoa. Eu fico irritada toda vez que vejo o príncipe William, a calvície quase completa, porque, por alguma razão, eu o vejo como um contemporâneo. Quando o príncipe William estiver completamente careca, vou saber que tenho que parar de sair. Mas... como estão o meu corpo e o meu cabelo? Perdemos contato. Estão se virando sozinhos, isso é certo. Eles têm os próprios planos.

Nicolette se aproxima.

— O que está acontecendo? Você está bem? — Ela afasta todo mundo. — Ela teve um dia difícil.

De repente, me sinto *muito* cansada... muito mesmo.

— Deixa eu pegar outra bebida para você — diz Nicolette.

— Sabe de uma coisa, acho que não dou conta.

— Não deixe eles mandarem você para casa!

— Não, não é isso. É só que... estou um caco, Nicolette. — Penso no sofá, nos rostos das pessoas da série a que estou assistindo na TV, naqueles amigos esperando por mim na Netflix. Penso em um sanduíche. E me sinto vergonhosa e incontrolavelmente seduzida. — É terrível eu querer ir para casa agora?

— Não. Quer dizer, tudo bem, se é isso que você quer.

— Preciso confessar: sempre que combinamos de sair juntas à noite, fico aliviada quando você cancela. Adoro ver você, mas estou tão... cansada agora. Pronto, falei. Quando você sai na noite da véspera do compromisso que marcamos, uma partezinha de mim sempre torce para você ficar muito louca e se sentir péssima depois e, por isso, ter que cancelar o nosso encontro. Desculpa. Ou para você perceber que está sem grana. Qualquer coisa. Não é nada pessoal, eu só não consigo dar conta. Não me faz feliz. Consigo aguentar um bar ou uma festa por, sei lá, meia hora, depois minha bateria acaba. Você me odeia?

— Não, claro que não.

Mas ela está fazendo uma careta por cima do meu ombro — está? Ah, Deus, já é de dia. Quando está claro é que a coisa fica ruim de verdade. E minha mãe vai se preocupar porque ainda não cheguei, mas pelo menos ela vai estar lá de manhã, e talvez cozinhe um ovo para mim. Não, ovo cozido não, não gosto nada dessa ideia. Talvez eu beba alguma coisa gelada e cheia de gás, para me refrescar e esfoliar minha boca. Sim, isso seria bom. Engulo em seco. Noto que provavelmente venho me esforçando demais. Tenho tentado descobrir os códigos e rituais de um mundo, de uma instituição, mas ao mesmo tempo também parecer atraente. Eu me sinto muito esticada e fina, como se estivesse prestes a arrebentar. Venho me conectando, e conectando, e conectando. Sou como um algoritmo com sentimentos.

— Vou embora agora, Nicolette.

E vou. A garota pseudofesteira (antissocial) fracassada.

* * *

No caminho para casa, como uma pizza tão dura que sinto cada ponta dela machucar minha garganta. É a minha garganta de novo. Eu me pego tendo que cuspir no chão logo depois — um catarro grande de cocaína, avermelhado. Uma mulher que está passeando com o cachorro para e me olha com nojo.

— Eu tenho câncer — digo.

— Ah — diz ela, compreensiva.

Não é uma mentira completa. Para ser honesta, eu provavelmente tenho mesmo, em algum nível. A maior parte das pessoas têm, depois de certa idade.

No ônibus, com farelos de pizza grudados na blusa, vejo um homem que parece uma versão do Art quando for velho. Ele tem a aparência de um pedaço de camurça jogado por cima de uma medula. Quando vou descer, o homem afasta suas bolsas para que eu possa passar. Ele aprendeu a ser gentil — posso dizer isso pelo orgulho com que faz aquilo, o orgulho de um talento adquirido. É um artesão social. Penso: o tempo vai acabar pegando você também, Art. Vai enfraquecer a sua disposição. Vai debochar dos seus desejos. E você vai ser um homem melhor por isso. E eu vou ser uma mulher melhor.

E-MAILS NA LIXEIRA

Oi! Na verdade, eu só queria reiterar como estou satisfeita por você e Suzy Bjs

Quero dizer, Suzanne

Floozanne

Hahaha

Tipo. Feliz de verdade mesmo mesmo.

Espero sinceramente encontrar o filho dela logo

Encontrar com ela logo! Acabou saindo errado!

Imagine se ela tivesse um filho com você Haha

Eu ia ficar de boa

Com isso

Daria minha bênção

A essa criança abençoada

Nos falamos logo! Bjjjj

MENSAGENS SOB O EFEITO DE DROGAS

Oi, Kel, como você tá? Bj

Kelly?

Kellyyyyyyy

KeeeeeeelLLLLLLLLlyyyyyyyyyyyyyyyyyyy

ESGOTAMENTO

Vou dar uma olhada na página da Suzy, mas, em vez disso, me pego olhando para a da Kelly. Confiro seus posts recentes, para ver por onde ela tem andado. Sem dúvida, em algum lugar lá no fundo, me bate a consciência de que perdi alguns eventos importantes na vida dela. Não apenas o aniversário do Sonny, mas também o aniversário dela. E os setenta anos da mãe dela. Uma viagem para o Norte, para o enterro da tia-avó. Procuro saber com quem ela tem andado, as pessoas que tem considerado mais válidas e maduras do que eu. Vejo um comentário que deixei ali meses antes — o último que deixei em seu perfil, acho. Em uma foto dela fazendo aula de ourivesaria com a mãe, escrevi:

OLHA A PRATA DA CASA!!!! MANDEM VER, SUAS PEDRAS

PRECIOSAS!!!! BJS

É um comentário em que eu obviamente pensei muito antes de postar. A visão daquela minha interação violenta, os pontos de exclamação parecendo picos de um eletrocardiograma, das minhas emoções saltitantes... É exaustivo.

Por que estou olhando para isso agora? Por que estou esgotando o meu ser esgotado com o meu próprio esgotamento?

Digo em voz alta. Digo na minha cara. *Esse é um comportamento doentio. Estou doente.*

SESSÃO DE TERAPIA #2

A segunda terapeuta a que fui, quando as fotos de Art fizeram sucesso —, provavelmente *porque* as fotos de Art fizeram sucesso — ficava lá escutando, impassível, mesmo quando eu contava piadas, e aquilo me desconcertou (*Faz parte do protocolo, ser circunspecto?*, tive vontade de perguntar), assim eu tagarelava para preencher o silêncio. contei a ela como estava com medo e com inveja do sucesso de Art, como eu tinha certeza de que ele agora iria me trocar por alguém famosa e descolada. contei como via as mulheres se jogando em cima dele, às vezes mulheres até então respeitáveis, mas que ficavam desesperadas para encostar nele, e que aquilo fazia eu me sentir ainda mais triste e assustada e que eu não tinha certeza se me sentia assim por ele, por elas ou por mim. Depois de quarenta e cinco minutos, fiquei sem fôlego e sem ter o que falar. Ela assentiu sabiamente e disse:

— Acho que foi um trabalho muito bom para hoje, Jenny. Mesma hora na semana que vem?

— Não sei bem... eu... deveria me sentir diferente?

— Ainda não. Dê tempo ao tempo.

Tempo era uma coisa que eu sabia que não tinha muito. O tempo já era uma puta preocupação.

— Tudo bem.

Vesti o casaco. Peguei a bolsa. Quando me levantei, trocamos um aperto de mão e ela disse:

— A propósito, qual é o nome dele?

Se ela tivesse hesitado em perguntar, talvez eu tivesse entendido. Mas a mulher mostrou tamanha falta de noção que minha confiança nela evaporou na mesma hora.

— De quem?

— Do seu parceiro. O fotógrafo famoso!

— Art Wilson — falei instintivamente.

— Vou procurar o nome dele no Google! — disse ela

Olhei para o rosto da terapeuta, tentando descobrir se ela estava brincando, se aquilo tinha sido uma referência irônica à causa exata do problema. Logo ficou claro que não. Ela estava... bem, não há outra palavra. Era o reducionismo mais simples de todos. Ela estava... *empolgada*.

Ignorei e me despedi.

Cancelei minha sessão da semana seguinte, antes do período de aviso exigido de quarenta e oito horas.

Por mensagem.

RESSACA (UM DIA INTEIRO)

IDEIA DE APLICATIVO

O gim não é meu amigo, me dou conta pela centésima vez. Mais do que isso, preciso parar de usar o celular quando estou bêbada. Gente, quando vão criar um aplicativo de bafômetro que desabilite o celular para uso quando você passar do limite? Um celular nas mãos de uma pessoa bêbada pode causar mais danos do que um carro. Juro que seria a primeira pessoa na porra da fila para esse aplicativo, para me livrar desse perigo. Tem que existir alguma espécie de serviço de avaliação de risco que detecte quando você está prestes a usar o celular de um jeito merda e mande uma força-tarefa especial invadir o local pela janela mais próxima, jogar você no chão, arrancar o celular da sua mão bêbada e idiota e incinerá-lo em um incinerador portátil. Então, eles forçam você a tomar meio litro de água, dois comprimidos de ibuprofeno e dois de paracetamol e a comer um hambúrguer, depois botam você na cama. Eu pagaria por esse serviço. Por que ele não existe? É inimaginável que não exista. Só mais outro exemplo da tecnologia estando à frente da humanidade.

Às vezes, tenho a sensação de que seria mais seguro ficar dentro de casa e nunca sair e ver ninguém nem me comunicar de maneira nenhuma, só para garantir que não terei nada do que me arrepender.

No dia seguinte ao Dia de Ressaca, eu me levanto de tarde e vou andar de bicicleta no parque. Contorno um trecho do asfalto rachado por raízes de árvores e um casal adolescente passa por mim. Eles estão de mãos dadas, tendo uma conversa claramente artificial. E ainda por cima estão com o capuz do casaco levantado. Eu me escuto dizer *Ah*.

A noite se aproxima. As sombras das árvores vão tomando a trilha. Às vezes, eu chorava — lágrimas com um sentimento intenso —, apenas pensando na infância londrina que nunca tive. Então me lembrava da poluição da cidade.

Eu me sento em um banco e pego o celular, que tinha deixado no silencioso como forma de protesto.

Kelly respondeu! (FINALMENTE.)

Oi, meu bem, obrigada pela mensagem. Meio enrolada agora, mas retorno assim que der bj

Não me venha com “obrigada pela mensagem”! Que merda é essa????

Uma longa espera. Dois minutos. Então:

Só preciso de um tempinho longe. Se cuida bj

Kelly?????

Dou uma olhada em volta, no parque. Não há nada relaxante ali. Tudo está morto, morrendo ou sujo. Rolo o feed de Suzy Brambles. E, horror dos horrores (quem procura

acha), há uma foto nova de Art e Suzy em um café. Eles estão tomando sorvete de um jeito bobo, fazendo lambança. Será que existe alguma coisa melhor na vida??? Aquilo garante uma legenda com vários emojis de sorvete e algumas estrelinhas radiantes. Agora eles mergulharam de vez naquilo, não têm mais por que se conterem. Jenny já sabe, então vamos com tudo. Foda-se. Fodam-se os dois. E foda-se mais ainda o sorvete. Estamos em novembro. Ninguém mais tem respeito? Sempre acreditei que o uso de emojis é um bom parâmetro para a loucura. E, nesse momento, pelo que estou vendo, Suzy está bem perto do limite.

Deixo um comentário cuidadoso: **Parece delicioso!** Com um emoji. Um coração amarelo, simples e saudável. Nada tão exigente quanto um coração vermelho. Uma escolha mais relaxada.

Suzy não curte o meu comentário.

Imagino os dois discutindo o comentário, inclusive. Sem roupa, pós-coito, com um espresso martíni. *Tão deliciosamente cheia de caprichos, hahahaha...*

Espero dez minutos, então delete o comentário.

E na mesma hora me arrependo de ter deletado.

Eu me pergunto se posso redigitá-lo rapidamente e colocá-lo de volta, ou se eles vão reparar e ver que eu digitei duas vezes. Não quero parecer insegura ou esquisita.

Mas talvez eu queira, sim, que eles falem de mim. Quero estar entre os dois enquanto andam. Imagino se Art está enchendo demais a paciência de Suzy por conta do celular.

Eu poderia muito bem colocar a culpa em uma conexão ruim. Já posteí coisas duplicadas várias vezes antes, sem querer. Bem, uma vez. É factível. Mas quando — quando eu teria a chance de me explicar? A menos que eu explicasse em um e-mail para Art — ou isso pareceria excessivo?

A cada segundo, me sinto mais em pânico. Minha mente grita sem parar: *É agora ou nunca!* Há uma boa chance de ela não ter visto o comentário antes de eu deletar. Nem todo mundo vai olhar os comentários a cada dez segundos. E se fazem isso, então são eles que têm problemas, certo? Sim! Isso justifica tudo. Se a Suzy perceber que posteí o mesmo comentário duas vezes, com dois minutos de diferença entre eles, então é ELA que é esquisita. Perfeito.

Digito de novo.

Posto.

Olho para o comentário.

Ah, meu Deus, eu odeio isso.

Eu me odeio. Eu me contorço por dentro. Me sinto inabitável. Preciso morder alguma coisa. Qualquer coisa. Talvez o meu punho.

Percebo que tem alguém me olhando do banco ao lado. A pessoa desvia os olhos rapidamente e se concentra no burrito que está segurando.

RASCUNHOS

CARA DO BURRITO,
SUA MÃE NUNCA FALOU QUE É FALTA DE EDUCAÇÃO FICAR
ENCARANDO OS OUTROS?
ATENCIOSAMENTE,
JENNY MCLAINE, BACHAREL EM ARTES COM HONRAS

OLHA, SEM AS MÃOS

Oi Jenny, por acaso acabei de perceber on-line que o Art tá com aquela Suzy de novo, acho que talvez você tenha motivo para se preocupar. Mammmmãããããeeeeee bj bj bj

Tô de bicicleta por favor não manda mensagem

Então, eles parecem bem entrosados

POR QUE VOCÊ ACHA IMPORTANTE QUE EU TENHA ESSA
INFORMAÇÃO

Ela parece o cruzamento de um louva-A-deus com a Wandinha
Addams

Para

ALGUÉM ACABOU DE ME DERRUBAR DA BICICLETA

Só estou dizendo que ela mostrou as garras rápido.
Provavelmente deveríamos ir à exposição

QUASE MORRI ESPERO QUE ESTEJA FELIZ

Para de ser dramática

PARA DE ME MANDAR MENSAGEM JESUS CRISTO ESTOU
PILOTANDO UM VEÍCULO

Você pode comprar limões se passar por algum lugar?

O QUE VOCÊ NÃO ENTENDEU SOBRE ESSA SITUAÇÃO

RASCUNHOS

Assunto: Para a mulher no Fiat 500 que me deu uma fechada na esquina agorinha

Madame,

Agradeço imensamente por quase me derrubar da minha bicicleta, mas agradeço ainda mais por me alertar da sua carga preciosa com o adesivo em destaque “Bebê a bordo”. Essa informação específica é inestimável tanto para mim quanto para outras pessoas na rua. Costumo acertar indiscriminadamente carros com adultos. No entanto, me certifico de dirigir com um cuidado excepcional atrás de veículos como o seu, pois sei que está transportando O Futuro e não apenas mais um humano adulto sem serventia.

Atenciosamente,

Jenny McLaine, Bacharel em Artes com Honras

OIOIOI

Na mercearia da esquina, digo *Oi* para o homem do outro lado do balcão, então examino as duas geladeiras. Compro três limões — tudo que restou —, embora um deles esteja todo pintado de um jeito meio nojento. Pego uma lata de Coca-Cola diet e outra de Coca-Cola sabor cereja, porque comprar só uma coisa — limões — parece pouco. Não quero que o homem pense que estou usando a loja dele de uma forma banal, porque sei que esse tipo de tratamento pode ser desencorajador. Dou uma olhada nos queijos. Pego uma embalagem de feta. Solto um murmúrio de aprovação, para ele saber que gosto do feta dele. É um som baixo, que fica em algum lugar entre a palavra “Bom” e só um murmúrio de “Hum” — algo como um “Ah” abafado. Devolvo o queijo para o lugar — com cuidado, com respeito —, porque, mesmo que eu não vá comprar, não vou desdenhar do pobre feta. Quero que o cara do outro lado do balcão sinta isso. Olho mais algumas coisas, pego nelas, deixo escapar sons semelhantes de aprovação. Ahã. Olha. Noooossa. Quero que ele saiba que gosto de tudo o que há aqui. Ele me agradou com suas escolhas no depósito, ou no fornecedor, ou onde quer que compre as mercadorias. Fez Um Bom Trabalho. É um Bom Lojista. Enquanto pago, digo: “Você tem uma loja incrível.” Pego o troco, que se agita na minha mão, exatamente como eu. Por que quero parecer mais nervosa do que me sinto?

Para ele gostar de mim? Para eu me sentir menos ameaçada? Passei a me comportar de tal maneira que me mostrar nervosa passou a ser um elogio social, e não fazer isso é um insulto às pessoas. Ser autoconfiante demonstra falta de respeito, de alguma forma.

Está se tornando muito difícil viver com essa coisa toda.

DE VOLTA EM CASA,

minha mãe me recebe no hall.

— Jenny, você está bem?

— Estou. Aqui estão os seus limões que quase me mataram. — Estendo a sacola para ela. — Espero que tenham um sabor tão bom quanto a quase morte. Um deles está meio sofrido.

— Não estamos todos, querida?

Ela pega os limões.

— Você está bem mesmo?

— Estou! Pelo amor de Deus.

— O que vai fazer hoje à noite?

— Tenho freela para fazer e depois provavelmente vou só ver TV. Alguma coisa tranquila, tipo um documentário sobre a natureza.

— Tranquila? Esses documentários deixam você agitadaíssima.

— Talvez eu relaxe ficando agitada.

Ela pega um limão na sacola e examina.

— Como está se sentindo sobre a exposição do Art? Quer ir?

— Não. Sim. Talvez. Quer dizer, é claro que eu quero ir.

Se eu não for, a curiosidade vai me devorar por dentro, sei disso. Como posso não encontrá-la? Em carne e osso. A

menos carnal de todos os seres humanos. O espectro que roubou minha vida.

Minha mãe leva os limões para a cozinha. Vou para a sala e a tela do celular dela se acende em cima da mesa. Instintivamente vou até ele dar uma olhada. Em minha defesa, estamos condicionados a olhar para uma tela acesa hoje em dia, né?

É uma mensagem do Art.

Fico olhando, confusa.

Esse telefone é o meu? Nossos telefones se misturaram de alguma forma e ela acabou ficando com o meu? Meu cérebro se esforça para encontrar uma explicação.

Não. É o celular dela. Aquela capa cara, obscena, com o fecho magnético.

A mensagem diz:

Também estou arrasado Carmen mas realmente é assim que tem que ser bjs

Fico olhando para as palavras. Pego o celular e desbloqueio. A senha é o meu aniversário.

Abro o aplicativo de mensagens e rolo a tela. Minha mãe vem trocando mensagens com o Art desde que contei a ela. Continuo a rolar a tela.

Eu só precisava entender bjs

Talvez você precise conversar com a Jenny bj

Ela não conversa comigo há 20 anos bj

NINGUÉM NUNCA PENSA NA SOGRA BJS

Ela amou você quando você não era ninguém como pode
abandoná-la agora bjs

Por favor volte para ela Art POR FAVOR BJS

Sei que ela é difícil mas não é culpa dela. Ela sempre foi difícil
mas ainda a amo bjs

Vejo um futuro brilhante para vocês dois, sempre vi.

O verdadeiro caráter de um homem sempre se mostra no final
né.

Todos eles me avisaram sobre você bjs

Sinto muito a sua falta só isso bjs

Milhares de mensagens. Milhares. Do carente ao abusivo,
ida e volta.

Eu me sinto arder por dentro. Agora está tudo bem claro. É
alguma surpresa que eu seja solitária e ansiosa tendo sido
criada por esse... esse demônio de duas caras?

ENVIADOS

Assunto: Ideia de coluna

Oi, Mia,

Estava pensando se você consideraria essa ideia para uma coluna: minha mãe veio morar comigo e está sendo um pesadelo completo. Que tal se eu fizesse uma exposição semanal de como está sendo terrível? O primeiro dos relacionamentos femininos, dissecado.

Atenciosamente,

Jenny

CAIXA DE ENTRADA

Assunto: Re: Ideia de coluna

Jenny,

Se você conseguir transformar a dissecação em crucificação, o show é seu.

M.

Assunto: Re: Re: Ideia de coluna

Mia,

É claro! É preciso combater dor com dor.

Jenny

PROVAS A E B

Estou me arrumando no quarto. Penso: o que a Suzy Brambles acharia da minha roupa? Uma saia preta longa, botas e uma blusa com gola de babadinhos. Cubro meu corpo, camada por camada, e não olho até ele estar vestido. Minha nudez é um fato histórico para mim.

Quando estou pronta, atravesso o corredor em direção ao triste quarto dos fundos, o da janela que deixa passar correntes de ar frio. A casa range ao meu redor. Um rangido de reclamação de canos e pisos. Sons familiares e desconhecidos. Pela primeira vez, sinto a solidão daquele lugar. Uma espécie de saudade que bate no inverno. Minha mãe está no antigo quarto da Sid. Que também já foi o quarto de uma coisa que não era para ser.

Ela está fazendo seus exercícios vocais. Dou uma espiada. O que já foi um espaço grande e vazio agora é um quarto bagunçado, mas agradável. Há uma tapeçaria jogada por cima da cama. Nas estantes, vários objetos artísticos, perfumes que parecem franceses, esponjas para aplicar maquiagem. Também uma lata de leite em pó para bebês, uma das minhas antigas, onde ela guarda amostras de produto de beleza. Minha mãe está seminua na cama, de costas para mim, sentada em cima de uma toalha. Está usando a toalha cor-de-rosa “de secagem rápida” que sempre usa quando está com o cabelo molhado. Ela para com

os exercícios quando me vê e veste um roupão de hotel, do The Shelbourne, Dublin. Enquanto minha mãe se troca, fico olhando para o corpo dela como sempre olhei — com fascínio, gratidão, medo e uma profunda sensação de humilhação autorreferente. A parte de baixo das costas dela e as coxas são marcadas por linhas vermelhas desbotadas que, se eu não tomar cuidado, posso começar a romantizar.

— Você ainda guarda essa lata velha! Por quê?

— É um receptáculo tão bom quanto qualquer outro. Está perguntando isso só porque você guarda todas as suas coisas em uma nuvem, meu bem.

— Não. Muitas delas ainda estão na sua garagem.

Minha infância e adolescência estão registradas em seis ou sete caixas na garagem dupla da minha mãe. Fotos instantâneas e passagens de avião, brinquedos de pelúcia e pecinhas de plástico, cliques de papel e grampos de cabelo em profusão. Recibos, chaveiros, velas enfiadas em garrafas de uísque. O destino de todos os finais. Os episódios da minha vida conservados em âmbar. Pulei de um mamífero para o outro, como uma pulga.

— Não estão mais — diz ela, enquanto começa a aplicar o primer no rosto. — Fiz uma limpeza.

— O quê?

— Esqueci de comentar. Desculpe, querida. Apliquei a regra dos seis anos. Se você não precisou daquilo em seis anos, provavelmente pode ir embora.

— Meus livros antigos da escola estavam lá! E minhas provas de fim de curso!

- Você se saiu bem nelas, não foi?
- Não graças a você! Que nunca respeitou meu trabalho!
- Idem.

Minha mãe mexe o corpo e sinto o cheiro da manteiga corporal de coco que ela usa — a mesma marca há trinta anos. Ela começa a passar a base, espalhando pelas maçãs do rosto, então ao redor dos olhos — ela tirou demais as sobrancelhas nos anos 1970 e desde então vem desenhando-as em um arco fino ao estilo Greta Garbo. Em cima da cômoda repousam dois gins-tônicas.

Torço o nariz.

— Uma das suas sobrancelhas está mais alta do que a outra hoje.

— Sobrancelhas são irmãs, querida, mas não gêmeas.

Eu a encaro muito séria por algum tempo. E mais um pouco.

— Escute, se ficou tão aborrecida por causa das pastas e dos livros, deveria ter falado sobre eles quando estava em casa.

Em casa. A palavra ainda é utilizada, que absurdo. Estou há trinta e cinco anos longe. “Longe” em vez de “de idade”, é como me sinto às vezes.

Balanço a cabeça.

- Não se preocupe com isso.
- Vamos tomar um gim.
- Está muito cedo. Temos que prestar atenção nisso.
- Tenho um ótimo relacionamento com todos os intoxicantes — diz ela. — Muito mais saudável do que

qualquer relacionamento humano que já tive. Nunca tive uma derrocada com o qual não pudesse lidar. Nunca tive uma ressaca pela qual não conseguisse passar.

— Bom para você. Essas coisas agora me deixam acabada por dias. Obviamente não herdei sua resistência.

Ela aplica bronzer no rosto. Passo o gim para ela e dou um golinho no outro copo.

— Você ainda vai demorar? — pergunto. — Não quero me atrasar.

— O que... não me diga que você já está pronta. Vai assim?

— Como você está vendo.

— Você parece... agitada, meu bem. Está se sentindo agitada?

— Talvez um pouco. É compreensível, né?

— Bem, então beba. Boa garota. Agora, por que não deixa que eu lhe empreste alguma coisa para vestir?

— Porque sou dois números maior do que você. De onde tirou que temos o mesmo tamanho? Não usamos o mesmo tamanho já faz muito tempo. Por que se agarra a essa ilusão? Meu Deus, isso está forte.

— É medicinal. Precisamos tomar dois. Você poderia usar um cinto.

— Eu gosto do que estou usando!

— Quer que eu faça sua maquiagem?

— Não, obrigada.

— Você precisa parecer bem.

— Eu pareço bem.

— Poderia parecer melhor.

— A última vez que você me maquiou, eu fiquei parecendo o Babadook.

— Eram olhos esfumados!

— Não pedi olhos esfumados! Quem quer um maldito olho esfumado? Não estamos em 1996.

— É um clássico.

— Não sou clássica, sou moderna. — digo. — Sou tão moderna que dói.

Ela retruca:

— Mesmo que não queira estar com o Art, é importante que esteja com a melhor aparência que já teve na vida.

— Isso é só um clichê horrível e lamentável, e você deveria saber disso.

— Pode até ser verdade, mas tenho certeza de que a Suzy vai se esforçar.

Uma vez, quando eu estava me comparando a uma amiga de olhos escuros, minha mãe disse: *Algumas pessoas conseguem acordar de manhã e parecer ótimas, e você não é uma delas, Jenny, mas, quando se arruma, você é tão bonita quanto qualquer outra.*

Eu me sento diante da cômoda.

— Ok — digo —, mas se esfumar demais eu simplesmente não vou.

— Tudo bem. Agora, não sorria.

* * *

Estamos paradas esperando na estação de metrô, e confiro nas redes se Suzy e Art estão se arrumando, mas eles não entregam nada. Procuro pessoas que sei que eles conhecem e que talvez estejam lá, mas nada também. Nenhuma pista. Eu deveria saber esperar, já que passo tanto do meu tempo fazendo isso.

Dou o braço para minha mãe quando entramos no vagão. Caminhar com ela é como conduzir um carrinho de compras cheio. Quando nos sentamos, ela diz:

— A última vez que peguei o metrô, uns ACROBATAS FENOMENAIS entraram também.

— Shh — digo. — Você está falando alto demais. Ninguém fala alto aqui.

— Ah, ninguém liga para o que eu estou dizendo, e você menos ainda.

— Shhh!

Um homem perto de nós ri. Minha mãe encara isso como um incentivo e fala ainda mais alto.

— Nem todo mundo está interessado na nossa conversa e nas nossas vidas!

— Ele está! — sussurro. — Acabou de rir.

O homem fica sério e pega o celular.

Outro homem entra na estação seguinte, passa por nós e segue pelo vagão. Está sem camisa. Os pelos de seu peito cintilam. Os mamilos parecem feijões assados. Desvio o olhar. O homem ao nosso lado também desvia.

— Nossa — comenta a minha mãe —, o que a gente vê quando não está preparada...

O homem ao nosso lado dá uma gargalhada.

Minha mãe se inclina na minha direção.

— Estou tentando fazer você rir — diz ela.

— Por quê?

— Porque consigo ouvir seus nervos tilintando.

— São só minhas pulseiras.

— Minha menina orgulhosa... Tenho orgulho de você.

— Não diga esse tipo de coisa agora, pelo amor de Deus!

— Desculpe, querida.

Seguimos em silêncio pelo resto do caminho.

Descemos na estação de Embankment e caminhamos em direção à ponte. Duas mulheres vestidas de freiras sexy passam pela gente. Eu me dou conta de que não via freiras há séculos. É como se até Deus estivesse me evitando.

RASCUNHOS

Assunto: Um pedido

Caro Deus, ou quem quer que receba isso,

Por favor, permita que minha morte seja cômica. Por favor, que eu seja a bêbada pulando do trampolim na boca inocente de um hipopótamo bocejando. Por favor, permita que haja pessoas aplaudindo antes que se deem conta de que foi um terrível acidente.

Obrigada,

Jenny McLaine (BATIZADA)

PESSOAS FAMOSAS BOAS

Art e eu uma vez saímos para jantar com um astro pop americano, para quem ele tinha feito as fotos para o álbum. Ele estava passando por Londres, como fazem os astros pop americanos. Ray Brazier. Jantamos em um lugar da moda, nos arredores da Strand. Eu me arrumei, é claro. Usei até uma cinta modeladora por baixo do vestido de cetim — só Deus sabe o que me possuiu, já que não costumo me sujeitar a essas coisas, mas devo ter achado que a ocasião pedia. Me equivoquei. A cinta cortava terrivelmente as minhas coxas e a barra ficava aparecendo quando eu me sentava. Fiquei constrangida por estar usando aquilo, ainda mais quando Ray Brazier entrou no restaurante (atrasado) com nada além de um sorriso maroto e um kaftan roxo bem solto. E fedendo a maconha. Pessoas realmente famosas não precisavam tentar — eu sabia disso porque já havia feito perfis de celebridades e pela transição lenta, mas concreta, de Art para uma autoaceitação arrogante. Faz sentido, na verdade. Eles já haviam passado por essa fase, não é? E não há nada — *nada* — que uma pessoa famosa ame mais do que outra pessoa famosa (e de preferência outra pessoa famosa que seja *ligeiramente mais famosa* do que ela). Eu estava destoando ali, como uma coxa assada por uma cinta modeladora.

— Ei, olá — cumprimentou Ray em seu sotaque arrastado e tãããão agradavelmente californiano. Ele se sentou e levantou uma sobrancelha. — Olhe só para vocês dois.

Art estava de terno. Ainda assim, nem piscou. Ele era uma ponte graciosa entre mundos — o caro e o barato, o elegante e o casual —, conversando sobre a última sessão de fotos que tinha feito de uma banda nas montanhas, e sobre outras fotos que estava fazendo para um diretor de cinema islandês. Ray ria, encantado, e colaborou com as próprias histórias mais recentes, entre azeitonas, pães e manteigas (*Gostaria de um pouco de água, para a mesa?* perguntou o garçom. Eu quase disse: *Sim — e algumas conquistas e uns prêmios também. Traga alguns, por favor? Não temos nem de perto o suficiente por aqui...*). Em vez disso, fiquei sentada quieta — com muito medo de falar e parecer burra, ou pior, mundana —, puxando discretamente (ou não tão discretamente) minha cinta, para que não aparecesse. Eles perguntaram o nome do garçom, visivelmente se esforçaram para decorar e passaram a usá-lo em cada oportunidade, como fazem Pessoas Famosas Boas, que reconheciam a existência dos seres humanos menos importantes. Eu os peguei, os dois, tendo um momento enquanto examinavam os cardápios (Ray escolheu o pato, respondendo à sua pergunta), então suspiraram em uníssono, riram e deram de ombros um para o outro. Os dois estavam no *The New York Times* e também estavam aqui, juntos, em carne e osso. Era tão... *bom*. Mal conseguiam acreditar em si mesmos.

SEM fotos, disse Art antes de sairmos de casa. E foi rígido com isso.

Eu estava tão sozinha, no meu corpo grande, com toda aquela respiração. Fiquei dando umas olhadinhas no celular embaixo da mesa durante a maior parte da refeição, e sorria benignamente sempre que levantava os olhos. No fim, quando nos despedimos, ficou claro que Ray tinha esquecido o meu nome.

— *Je-mima?* — disse por fim.

Bem, eu não ia aliviar para ele.

— Jezebel — falei. E deixei a cinta descer pelas coxas enquanto ia em direção à porta.

Já em casa, tomamos chá na sala. Art disse:

— Você ficou muito quieta essa noite.

— Estava só escutando.

— Você estava olhando para o celular. Aposto que o Ray achou que tinha narcolepsia. Sua cabeça ficava abaixando o tempo todo.

— Não achei que tinha muito a acrescentar à conversa.

— Agora está parecendo ciumenta. Quem é você, Jenny, no meio desses parâmetros que combate?

Acho que ele estava certo. Minha ambivalência sobre a vida, sobre as pessoas, sobre tudo. Art enxergou além daquilo tudo, aquele nada: o nada que era eu. Os muitos fragmentos voando.

Ele suspirou. Eu suspirei. O elefante na sala trombeteou.

— Escuta, está tudo bem mesmo, bem de verdade? — perguntou ele.

Olhei pela janela, para a rua, para a janela do apartamento de um andar do lado oposto. Havia sempre um homem ali, na cozinha, andando. Ele estava lá naquele momento, preparando uma bebida. Nunca nos olhamos diretamente, mas eu me sentia conectada a ele de um modo típico das cidades grandes: por proximidade, por termos espaços de moradia e atividades similares. Já tinha fantasiado sobre ir até lá, apertar a campainha, entrar no apartamento dele e trepar com ele em cima do fogão, olhando pela janela da cozinha, para minha sala, bem dentro dos olhos de Art.

Eu disse:

— Defina estar bem.

— Talvez eu ache que você está começando a ficar ressentida comigo.

— Ressentida com você a respeito do quê? — Estava falando sério. Que Deus me abençoe.

Ele olha para mim.

— A história do bebê.

Eu me perguntei se devia falar. Pensei nas minhas opções daquele jeito acelerado que sempre faço — percorrendo todas as ruas como um foguete, indo rapidinho de uma conclusão a outra e voltando e passando para a seguinte, testando cada hipótese, uma série de especulações furiosas. Por alguma razão, decidi ser corajosa. Falei:

— Só sei que nós dois nos recusamos a ceder, mas, nisso, meu desejo é que foi por água abaixo. Não é?

— Porque você quer a coisa em vez da não coisa, e a coisa é arriscada demais.

Percebi que era uma resposta pronta. Nossas conversas andavam dando voltas sem chegar a lugar algum.

Por que eu deveria recuar?

Por que eu?

Por que eu?

Mas como?

Como você sabe que quer um?

Como pode ter certeza?

Poderíamos ter ficado andando em círculos muito mais tempo, eu acho. Se fôssemos mais jovens, mais fáceis, menos orgulhosos. Só o que me restou foi:

— EU NÃO SEI, CACETE. Desculpa se isso não é bom o bastante. Acho que precisa não ser bom o bastante. Sabe como, às vezes, a gente precisa simplesmente começar a andar para saber a direção em que a bolinha está se mexendo no mapa? É isso.

— Por que todas as suas analogias são com celulares?

— Ah, pelo amor de Deus.

— Você precisa ser um pouco mais clara sobre isso se quiser que eu entenda você, Jenny.

— Olha, não tenho cem por cento de certeza se quero um, mas quero manter a possibilidade em aberto. — *Sinto que estão me apressando, me sinto limitada e muito mortal.* — VOCÊ acha que já se questionou totalmente sobre as coisas?

Ele pareceu frenético naquele momento.

— Não force a barra comigo com isso!

— É você que está forçando a barra, fazendo perguntas impossíveis sobre ressentimento! Não sou vidente! — *Sou*

filha de uma.

Ele assentiu e desviou os olhos para a rua, para o homem na cozinha. Que ainda estava preparando uma xícara de chá. Até onde eu sabia, Art poderia ter fantasias parecidas sobre ele. Então, falou:

— Só não quero que a gente chegue aos cinquenta anos e você esteja ressentida. Só isso.

— Prometo que não vou deixar chegar a esse ponto.

— Mas como você sabe, se não é vidente?

— Talvez eu tenha um pouco de vidência no DNA.

Art olhou para mim e, com uma delicadeza horrível, disse:

— Não quero que esse assunto se torne um motivo para que a gente fique se torturando, porque nenhum de nós tem tempo para isso.

— Ah, eu sempre arrumo tempo para me torturar.

MINHA MÃE

e eu fomos na direção da galeria. Ela pega a minha mão e eu deixo.

— A propósito, você ainda não se safou de ter jogado fora as minhas coisas da escola.

— Você deveria ter me avisado, se eram tão importantes...

Então, vejo a aglomeração do outro lado da vitrine. Digo a mim mesma para ser forte. Para andar com a cabeça erguida. É isso. Se mantenha firme. Ande como um homem. Sou a Ripley no elevador com o lança-chamas. Consigo fazer isso.

Entramos na galeria, um lugar espaçoso. Sempre detestei galerias e nunca pude dizer isso ao Art, mas elas me dão uma dor de cabeça imediata — o mesmo acontece em shoppings e igrejas. É a pressão de um lugar com uma intenção. Minha mãe pega duas taças de vinho de uma bandeja e me entrega uma. Bebo metade de uma vez. Consigo sentir o gim dentro do meu corpo, em busca de um amigo. Ele encontra o vinho. Os dois se dão bem. Minha cabeça é uma festa. Olho ao redor, para todas as pessoas ali, e, por um segundo, me sinto alegremente perdida — mas logo sinto a escuridão das roupas delas e da situação. A qualquer segundo verei Art — aquele que minha alma teme e busca (há sempre alguém) —, é inevitável; mesmo que eu tente conversar com a minha mãe, mesmo que eu finja sorrir para um estranho, mesmo se eu procurar pelo bar, ou pelo banheiro, ainda que eu não

queira ir ao bar ou ao banheiro, ou talvez eu até queira ir ao banheiro, mesmo se...

Agora. Olha. Lá.

NATUREZA

MORTA

Eu o observo — encurvado e com a cabeça raspada, o feiticeiro de sempre. E ao lado dele: ela. Encarapitada em um banco, passando o dedo pela borda de um copo de vinho branco, ela é como um falcão em uma árvore distante — elegante, concentrada, extraordinária, a princípio em dúvida, então: PRONTO.

Ela é menor do que parece no meu celular.

Eu me afasto por um momento, sozinha, me inclino com as mãos apoiadas nos joelhos. Respiro fundo. Algumas respirações da postura do leão, da yoga.

— Olha o Art ali! — diz minha mãe.

Eu me levanto, endireito o corpo.

— Onde? Ah, sim. Olha ele ali.

— Vamos lá.

Art se adianta quando nos aproximamos.

— Oi! Nossa, não achei que vocês viriam! Que legal!

Não deveríamos ter vindo. Abaixo os olhos. Então me dou conta de que não quero que Suzy me veja olhando para o chão, não quero que ela interprete alguma coisa a partir disso, então olho para ela. Mas não posso olhar para ela. Ainda mais quando ela está olhando para mim de um jeito tão... vibrante. Abaixo os olhos de novo.

— Seu cabelo! — diz Art. — Está *incrível*.

— Não está.

— Não está, não — diz minha mãe. — Bem, veja só essa aqui!

Art faz as apresentações:

— Jenny, Carmen, essa é a Suzanne. Suzanne, essas são Jenny e Carmen.

Minha mãe já se adianta para cumprimentá-la com dois beijinhos. Olho para a Suzy.

Art diz:

— A Suzanne estava louca para conhecer você.

Suzy diz:

— Ele fala de você o tempo todo.

Ela diz isso para mim, na minha cara, na vida real. Eu me dou conta de que nunca ouvi Suzy falando. A voz dela é baixa, melodiosa e todas as coisas que a minha voz não é. A realidade é tão indelicada... De repente, tenho uma fantasia insana em que Suzy me pega pela mão e saímos correndo, rindo, com todo mundo olhando — *quem são essas duas, essas ninfas místicas?* —, então nos despimos e pulamos no rio e nadamos juntas, nuas, na água fria e refrescante. Começamos a nadar para longe, para uma ilha no exterior.

Art diz:

— Carmen! Fico tão feliz por você ter conseguido vir também. Já faz tanto tempo. — Ele lança um olhar significativo para minha mãe, mas a verdade é que não sei se estou presa em um labirinto de significados nesse momento. Tudo está tão saturado de significado.

Suzy diz:

— Art falou que você é jornalista. Que empolgante.

Não estou preparada para essa entrevista.

— Sou mais uma colunista, na verdade.

Ela assente. O ar ao nosso redor parece cheio de estática.

— Então — digo —, o que você faz? — A pergunta arranha a minha garganta.

Ela sorri e abaixa os olhos, modesta.

— Uma coisa aqui, outra ali. Art disse que você segue uma das minhas contas no Instagram. É gentil da sua parte.

— Qual é mesmo o seu nome?

— Lá? Suzy Brambles.

Finjo estar tentando me lembrar. *Suzy... Brambles, você diz? B-R-A...*

— Ah, sim, acho que sei, sim, quem é você lá!

— Sim. — Ela sorri. Eu sorrio.

É tudo tão exageradamente amigável. A tensão está em um nível crítico.

— Acho que você também me seguia. Até recentemente.

— É mesmo?

Ela arqueia as sobrancelhas castanhas de forma quase convincente. Suzy escolheu jogar, e eu devo jogar também. Decido que talvez seja capaz de reverter toda a situação — do desconforto extremo ao conforto abençoado — quando conseguir convencê-la a me seguir de novo. Na verdade, não vou sair desse lugar até conseguir isso. Relaxo um pouco. De certo modo, este é o momento que venho desejando há muito tempo: uma audiência com Suzy Brambles.

— O que é exatamente “uma coisa aqui e outra ali” que você faz? — pergunto.

— Coisas relacionadas às artes de modo geral. E também dou aula de francês para crianças carentes.

Francês. Meu único B nas provas de qualificação para a faculdade. Agora eu sei, categoricamente, que a França sempre vai ter isso contra mim. Eu me pergunto se Suzy fala em francês com Art quando eles...

— Você viaja muito, então? — pergunta a minha mãe.

— Não tanto quanto eu gostaria.

— É de Londres? — pergunto.

— A Suzanne não poderia ser mais londrina — comenta Art. — Acabamos de passar o fim de semana em uma das casas da mãe dela, em Belgravia.

Casas. Tenho vontade de assoviar. É o que minha mãe faz.

— E, pelo que entendi, você é de Lancashire? — diz Suzy.

— Saí de lá há muito tempo.

— Eu ainda moro lá! — diz minha mãe. — Estou aqui só de visita e dando uma ajudinha.

Dando uma ajudinha! Santo Deus. Como se ela fosse uma mãe texana melodramática.

Olho para o braço do Art. Para as tatuagens dele.

A pele dele.

SAÍMOS

para beber alguma coisa, conversar. Foi doloroso para mim, mas também me senti empolgada pela proximidade com o perigo emocional. Como se eu estivesse testando meus limites. Eu estava usando um perfume diferente, para parecer mudada e pouco familiar. Tinha substituído a maioria das minhas roupas e perfumes, de qualquer modo.

A noite seguiu e nos sentamos do lado de fora para podermos fumar com mais liberdade. Passamos dos vinhos menores para os maiores, shots de uísque. Eu estava espetacularmente bêbada. A adrenalina me mantinha inteira, animada, falante. Conversamos sobre outra exposição que tinham oferecido a ele. Suas ideias. As viagens que ele queria fazer. Então, chegou a hora de ir embora, e nenhum de nós queria ir. Então, um olhar levou ao outro, hesitamos em relação a quem sugeriria, a culpa e o poder em potencial que aquilo geraria e, subliminarmente, por causa de uma loja de bebidas e de um táxi, ele terminou voltando para a nossa casa. Entrou direto. Respirei fundo e o segui.

Eu o vi observando a sala. Lá estava nossa planta, o “Robert”. O toca-discos. A TV. Tudo ainda existia, sem ele, tão blasé. Lá estava o sofá, com o pedaço mais claro no encosto, onde a cabeça dele suava quando ele jogava videogame. Olhei para aquilo e tive a sensação de que seria capaz de olhar para a mancha com carinho para sempre, o

que me pareceu, de certa forma, magnânimo. Tudo parecia sussurrar para ele. *Oi, oi, oi, oi, oi.* Lembrei do trecho de uma canção do Nick Cave que falava dos “objetos e seus campos”— tudo tinha a própria forma e potencial. Tinha uma história magnética. Havia buracos — literais — onde ele estivera: espaços nas paredes onde tinha pendurado fotos. Vi Art olhando para esses espaços e senti que entendia. Aquele era o sonho dele, e o meu sonho também, de alguma forma. Nosso ideal narcisista: ser adorado sem qualquer pressão. Deixar um buraco vazio no qual poderíamos ser amados.

Art disse:

— Você mal olhou para o celular a noite toda. Impressionante.

Eu quis olhar. Estava louca para tirar uma foto disfarçada de nós dois juntos e postar, para provar que ainda éramos amigos. Mas pareceu dissonante demais, negligente demais. Eu tinha um ponto a provar que era maior até do que a minha reputação. O ponto era: o meu corpo ainda é capaz de matar você. Ele tinha ido embora e eu o puxei de volta. Trepando com ele, eu poderia usar seu corpo para deixar o meu. A castidade que eu vinha preservando estivera esperando por aquele momento. Observei a forma e o tamanho dele e pensei: *Por que você consegue ficar andando por aí como se não tivesse qualquer compromisso? Vamos ver.* O palco estava armado.

Reavivar um romance antigo, mesmo que por algumas horas, é um negócio bizantino. Eu quase o beijei no táxi, mas estava gostando demais daquela tensão: daquela pequena

janela no tempo, quando você sabe que vai *acontecer*, era indiscutível, mas também havia uma pequena chance de que o mundo, ou o veículo em que estávamos, pudesse explodir naquele meio-tempo. Era a véspera de Natal das trepadas.

Art se sentou na sala. E chegou muito perto de me desencorajar.

— Sei que deve ser muito estranho para você. Me ter de volta aqui.

— Estranho para mim?

— Sei que deve ser mais difícil para você, lá fora. Mas você é um mulherão, Jenny.

Você, que me lê: eu trepei com ele assim mesmo.

Montei em cima dele no sofá — desajeitada a princípio, e então com tudo. Ele não se barbeava há dias e a aspereza da barba foi excitante. Eu sabia exatamente como colocar meus lábios nos dele, precisamente como colocar minha língua dentro da boca dele. Art ficou duro.

Ele tinha perdido peso. Agora havia saliências onde antes não havia nenhuma. Havia ângulos e protuberâncias. Beijei todos. Voltei a me familiarizar com o pênis dele. Demorei. Não queria que ele me chupasse porque o faria parecer distante demais.

Ele adormeceu nos meus braços, na nossa antiga cama, naquela cama grande demais, que já era grande demais antes de ele ir embora. Eu o senti respirar aquela penúltima vez antes de cair no sono, uma inspiração profunda, para logo relaxar e expirar — um enorme suspiro, como o de uma criança antes de começar a chorar.

Fiquei acordada, ouvindo sua respiração.

Acordamos da mesma forma. “Tão inocentes”, digo, e ele ri, o hálito pesado, mas não me importo. Era o hálito pesado dele, e continuaria a sair pela boca dele até as rugas em seu rosto se acomodarem em trincheiras, e eu inspiraria e expiraria aquele hálito, e isso me levaria para mais perto da aceleração inevitável e pessoal da minha morte em um mundo de intrusos. O sol entrava pela persiana. Seus dedos do pé roçaram meu calcanhar. Eu me perguntei se faríamos sexo de novo. Me perguntei se eu deveria me permitir querer isso. Me perguntei se eu simplesmente queria que ele quisesse. Art se levantou para fazer café.

Enquanto eu estava sentada no vaso, enfiei a mão nos bolsos do jeans dele, que estava no chão, e encontrei um grampo de cabelo preto. Fiquei olhando para o grampo por algum tempo, pensando sobre o tempo, e em como ninguém nunca é de ninguém.

Eu me vesti, porque me pareceu a coisa menos presunçosa a se fazer. Nos sentamos juntos naquela mesa grande demais da cozinha. Peguei uma colher de chá e mexi meu café, mas não coloquei leite. Eu ainda acalentava um desejo louco de parecer diferente, de parecer nova. Café puro era um começo.

Ele disse:

— Então, tenho um encontro essa noite. — E ele riu. — É meio deprimente, né? A futilidade do romance.

O relógio na parede tiquetaqueava. Um pássaro cantou do lado de fora. Percebi como estava segurando a colher com

força — meu indicador estava branco, sem circulação.

— Sim! — Eu ri.

Ele foi embora em uma brisa de elegância.

RASCUNHOS

Assunto: (sem assunto) Caro Art, Seu babaca. Jenny
--

— É ENGRAÇADO

diz Suzy —, que o Art e eu sejamos ambos fotógrafos.

— Eu também fotografo — digo. — De forma recreativa. Sou fotógrafa amadora.

— Somos todos, hoje em dia — diz Suzy. — Tenho a sorte de conseguir 220 mil libras por ano com as minhas fotinhos modestas. Com os contatos certos.

Minha mãe fica olhando para ela sem acreditar.

— Como? — diz uma de nós.

— É isso mesmo — confirma Suzy. — É uma loucura, de verdade.

Meu coração está entrando em colapso. Meu cérebro está entrando em colapso. Alguém me desligue e ligue de novo. Então, vejo a oportunidade. Que ficção maravilhosa eu poderia canibalizar dessa dor terrível... pego o celular.

— Você se importa — pergunto —, se eu tirar uma foto de todos nós? Sempre faço isso quando encontro pessoas interessantes. Para provar que ainda tenho uma vida interessante. Afinal, já passei dos trinta, né? Haha!

Art me olha de um jeito diferente. Quase não consigo acreditar no meu próprio comportamento, mas não tenho nada a perder, nada mesmo. Levanto o celular para tirar a selfie. Nem me importo por estar na frente, na posição em que a cara da gente parece uma batata. É uma chance de ouro. Eles são todos meus, agora, capturados na minha

caixinha de lembranças. Eu me preparo para tirar a foto. Para lacrar a caixa.

— Não — diz Suzy, saindo da foto —, não, desculpe. Sou muito cuidadosa com privacidade. Além do mais, essa é uma noite de trabalho!

— Você pode ver — digo. — Pode autorizar.

— Não, acho que não — rebate Art. — Vamos só nos conhecer melhor, tudo bem? Vamos ser amigos primeiro, facilitadores depois.

— Hahaha! — Suzy ri, relaxando.

Guardo o celular no bolso, me sentindo repreendida.

— Tenho que tomar um cuidado extra por causa da Clemency — diz Suzy. — E, por favor, não repita o nome por aí, porque nos esforçamos para manter a privacidade dela. Temos uma conta no Instagram só para ela, com apenas uma foto de mãos em posição de prece no avatar. É só o que o mundo vai ter dela.

— Clemency é uma dachshund? — pergunto. — Não, não me diga, é uma galgo italiana. Você escolheu o cachorro para se parecer com o cachorro? Tenho uma teoria sobre isso.

Suzy está me olhando de um jeito estranho. Art também. Será que estou parecendo uma stalker? Não quero soar assim.

Minha mãe diz:

— Oh.

E também:

— Ah.

E depois diz:

— Jenny, me lembrei de uma coisa que preciso falar com você, uma coisa urgente, vem comigo...

Eu me desvencilho dela. Estou gostando do vinho e da minha conversa sobre cachorros com Suzy B.

— Como vai o trabalho, Jenny? — pergunta Art.

— Ótimo.

— Art me mostrou alguns artigos seus. Gostei particularmente aquele sobre variar e ficar atrás na conchinha — comenta Suzy.

— É, obrigada, eles costumam ser bem mais políticos do que isso.

— A propósito, adoro essa sua maquiagem esfumada anos 1990. Já quis tentar, mas, na verdade, nunca uso maquiagem.

— Não? — diz minha mãe. E examina Suzy mais de perto.

— Não. Tudo *au naturel*! Suponho que eu talvez tenha que mudar isso quando chegar nos trinta e três ou trinta e quatro. Mas como só tenho vinte e oito, você sabe, tenho tempo.

Tenho vontade de dizer a Suzy: *Não vamos fazer isso. Não vamos fazer parte dessa competição sexual ofensiva.*

— Fui eu que maquiei a Jenny — diz minha mãe. Tenho vontade de esganá-la. — Estamos todas na indústria criativa. É preciso bastante manutenção.

Suzy diz:

— Aqui na nossa exposição tudo é sobre beleza natural.

— A natureza não é bela — declara minha mãe. — A natureza é a coisa mais feia que existe. A mãe natureza é

uma megera misógina. Basta prestar atenção a um parto para saber disso.

— Estou muito interessado no assunto — diz Art. — Fale mais a respeito, Carmen.

Suzy ri de novo, dessa vez um risinho contido. Faço o que penso ser uma observação silenciosa dela, mas acaba saindo como um guincho. Cubro a boca e finjo que aquilo foi o começo de uma tosse esquisita. Minha mãe tenta capturar meu olhar, mas evito o dela com habilidade. Viro o resto do vinho e pego outra taça de um garçom de passagem.

— Art me contou que você é médium vidente — diz Suzy para a minha mãe.

— Eu era atriz — responde ela. — De teatro.

Suzy dá um sorriso educado.

— Agora ela ataca no máximo o conselho de produção — digo.

Suzy ruge. Como o leão símbolo da Grã-Bretanha. Como um daqueles grandes que ficam à beira do Tâmisa.

— Você é tão engraçada! — diz Suzy. — Exatamente como Art disse que era! Tão deliciosamente cheia de caprichos e contradições.

Estampo um sorriso no rosto, mas estou chocada. Foi isso que eu me tornei: uma anedota recontada na cama — motivo de riso para os dois? Não sou tão ínfima e trágica. Sou? Essa é a versão de mim que Art quer que eu seja — e Suzy também, em algum nível. Os dois querem que eu desapareça em um ponto seguro e definido, até virar um nada na estrada

atrás deles. Para que os dois possam olhar para trás e dizer... *Aquilo é... ? Ah. Não. É só uma poeirinha na lente.*

Olho para Suzy — sua cara de passarinho e todo aquele controle meticuloso. A água na tigela interior de Suzy é o reservatório de um moinho.

Já quase terminei minha segunda taça de vinho. No fundo dela está a liberdade.

— Ah, quase esqueci — diz Art. — Precisamos marcar para eu devolver suas xícaras e seus pires.

Franzo a testa.

— Tão fofos! — comenta Suzy.

Os dois me olham, como se eu fosse um cachorrinho encantador.

— Jenny costumava dar festas maravilhosas.

— Você comentou — diz Suzy, ainda sorrindo.

Encolho os ombros.

— Era só vinho com especiarias e ponche quente. Olha, eu realmente não quero aquilo de volta. Pode doar para a caridade.

Art abre a boca para falar, mas uma garotinha vem correndo até nós. Olho para ela, aquela criança perdida. Ela olha para Suzy.

— Mamãe, preciso ir ao banheiro.

Suzy pega a bolsa. Olho de novo para a garotinha, e vejo o mesmo corte de cabelo, o mesmo rosto.

— Pode ir — responde Suzy. — Me avisa assim que voltar, tá?

Fico olhando, perplexa. A garotinha sai correndo.

— Crianças — comenta ela.

Eu a encaro.

— Sim — digo. — Pois é.

Minha mãe diz:

— Bem, foi muito agradável! Até logo!

Eu não me mexo. Fico encarando Suzy.

— Eu sei — diz ela —, as pessoas sempre se surpreendem com a minha... situação. Tento esconder ao máximo. A maternidade não me define. Quer dizer, fico feliz por ter feito a coisa da procriação, mas, sinceramente, não é como eu quero ser *vista*.

— Ah.

— E o Art é tão incrível com ela. Foi aniversário dela na semana passada e ele comprou uma pilha de presentes. É louco por ela. Art tem jeito com crianças. Ele faz todos se sentirem vistos e valorizados. Você está bem, Jenny?

— Sim, só preciso sair um instante.

Atravesso a galeria correndo e, do lado de fora, vomito com vontade. Quase só bile. De um amarelo fluorescente. As bordas limpas. Quase como uma corda. *Rapunzel, Rapunzel...* Mais ou menos dez segundos de um vômito suave, finalizado com uma ânsia seca, improdutiva.

Quando me viro, limpando a boca, vejo minha mãe e Art me esperando na porta da galeria. Aponto para ele. Ter uma briga do lado de fora de uma galeria de arte às sete da noite não é algo digno, mas aqui estamos nós e, acredite em mim, estou cheia de disposição.

Eu grito:

— Sabe, Art, quando você disse que “a classe dominante precisa se foder”, nunca pensei que estava sendo *literal*.

Ele me encara e pisca. A piscada foda-se dele. Algumas pessoas têm um olhar matador, mas Art *pisca* de um jeito matador.

Atravesso a rua. Suzy aparece. Com a filha. Vou até elas.

— Sei que você quer que eu dê a minha bênção para isso, então é o que eu vou fazer — digo. — Vou ser a pessoa mais madura aqui. Vocês têm a minha bênção.

— Não precisamos da sua bênção — rebate Suzy. Ela olha para o Art. *É. Bem como você disse. Doida.*

— Talvez as mulheres de todo o mundo devessem combinar de não xingar suas predecessoras — digo a ela. — Quando o meu próximo namorado, se é que isso vai acontecer de novo, tentar me dizer que a ex dele era doida, vou dizer *Ela era mesmo doida, ou só ficou de saco cheio de aturar as suas manias?* Porque acho que a resposta vai ser interessante.

— Ei — diz Art. — *Ei.*

— Sei que tudo ainda deve estar muito fresco para você, e que por isso você fica com essas teorias da conspiração. — diz Suzy. — Mas quero que saiba que não estou brava. Você só me parece uma pessoa perdida e mal resolvida.

Engulo com dificuldade.

— Bem — digo —, isso é o oposto do que eu sou. Nenhum de vocês me conhece. — Eu me viro para Suzy. — Escute. Em poucos anos, ele vai estar dizendo para a próxima que *você é*

doida, porque é isso que os homens fazem. Eles fazem as mulheres passarem o bastão da loucura.

Suzy balança a cabeça.

— Art é feminista.

Olho para ele.

— Obrigada. — Minha boca está dizendo isso em benefício de todas as mulheres. Meus olhos estão dizendo *Feminista é o cacete*. — Você começou a rir só com a metade de baixo do seu maxilar — digo a ele. — Como um boneco de ventríloquo.

— Agora você está sendo vingativa — diz Art. Olho nos seus olhos. Não há nada dele ali quando diz isso. É só Art imitando a Vida.

— E, por favor, pare de deixar comentários nos meus posts — diz Suzy. — É inapropriado.

Eu soco o ar e grito:

— EU SABIA QUE VOCÊ ME CONHECIA, PORRA! — Olho para Art. — *VOILÀ!* — Então, me arrependo de falar uma palavra em francês, considerando o francês perfeito da Suzy.

— Acho que não me importaria tanto se você não fosse tão... vendida.

— Vendida?

— Sim, você é vendida.

— Isso vindo da mulher que tem uma vela perfumada preta da Bergamot Brothers, os maiores fabricantes de velas aromáticas do Reino Unido, com o próprio nome. “A Suzy”. Eu cheguei a comprar uma. Que vai para o lixo agora. Por que você não me bloqueia, então? Ou queria que eu soubesse?

— Pareceu inapropriado continuar a seguindo você.

Eu a encaro e tento parti-la ao meio com os meus olhos arregalados. A água da minha tigela interior evaporou e, agora, restou um deserto cheio de gafanhotos.

Minha mãe diz:

— Minha filha e eu estamos indo agora.

Ela me pega pelo braço e me guia pela rua. Ainda tenho coisas para dizer, mas como não consigo formulá-las adequadamente, me deixo ser levada.

— Você sempre vai ter a chance de dizer tudo o que quiser para alguém — diz a minha mãe. — Está tudo bem. Não precisa ter pressa. Vamos para casa.

— Ok — digo baixinho.

Art nos segue. Minha mãe chama um táxi.

— Sempre foi o seu show, Art — digo, indicando o prédio.
— Achei que era meu por um tempo, mas agora vejo que estava só fazendo a abertura para você.

Um táxi para. Minha mãe abre a porta.

Art enfia a mão no bolso e entrega ao motorista do táxi uma nota de vinte libras pela janela. Ele é um Homem Decente fazendo a Coisa Certa.

— Obrigada, Art — diz minha mãe, e me empurra para dentro do carro.

— Não, não. — Jogo o dinheiro dele pela janela. — Para de tentar ser o Fodão

— Não estou tentando ser o Fodão!

— Vamos! — digo ao motorista. — Vamos, motorista, por favor!

Art dá um tapinha na lateral do táxi.

— Vai dar tapinha em outro lugar, seu desgraçado condescendente.

O táxi parte.

— Chega de vinho para você — diz minha mãe. — Para sempre.

— Foda-se você também.

— São sessenta libras se ela vomitar no carro — avisa o motorista.

— Não vou vomitar no carro! Eu amo esse carro.

Pouso a mão na janela deliciosamente fria. Está tão bonito e frio e aaaaaahhhhhh. Passamos por cima do Tâmis, e o rio está agitado, batendo. A cidade passa em lampejos de cinza e amarelo.

— Não acredito neles — diz minha mãe. — Aquilo é um casinho apressado e desesperado. Está tudo errado. Tudo errado.

Levanto a cabeça, o que é difícil.

— Como ele pode estar brincando de família feliz com ela? É tão duas caras!

Minha mãe suspira.

— Bem, querida, talvez ele ainda não tivesse encontrado a garota rica. — Olho para ela, magoada. Ela continua: — Digo, a garota *certa*.

Ela ri — e eu rio. Apesar de mim mesma, apesar de tudo.

* * *

De volta em casa, entro, lavo o rosto, visto o pijama e vou para a cama.

Minha mãe me acompanha em silêncio, ainda de casaco.

— O que está fazendo? — pergunta ela.

— Estou me preparando para a hibernação.

— Mal estamos em novembro.

— Esse vai ser um longo e frio inverno.

— Você só está bêbada, querida. Vou fazer uma torrada para você.

Ela desce para a cozinha. Coloco um documentário sobre natureza para assistir e fico vendo até cair no sono.

SE LIVRANDO

Art estava inquieto na sala de espera do hospital Whipps Cross. Ele ficou andando de um lado para outro, se coçando e saindo e voltando. Depois de meia hora mais ou menos, me perguntou se podia ir embora e voltar para o estúdio, porque tinha que fazer um trabalho grande para uma agência de publicidade, o que eu já sabia. Não tinha por que nós dois ficarmos ali, tinha? Eu era capaz de ver a lógica daquilo. Meu lado orgulhoso se adiantou, e me ouvi dizendo: *Tudo bem*. Porque (e sei que estou arrumando desculpas para mim, mas também estou sendo prática) como podemos nos permitir precisar de alguém que se recusa a ser precisado? Não sabemos que essas não são as pessoas certas para nós, que não nos amam o bastante? A resposta está na pergunta, não é? Essas pessoas não nos amam o *bastante*. Se as fizermos ficar por coerção, isso muda a natureza de qualquer possível satisfação. É melhor desligar a carência. Melhor deixar a carência agir como quiser, mas dentro da gente.

Assim, Art foi embora e eu fiquei olhando ele se afastar — passando pela porta giratória, saindo para o sol. Acho que meu coração se partiu naquele momento. Se partiu em dois direitinho, como um biscoito — uma coisinha doméstica, quebradiça.

A sala onde fiz o exame de sangue não tinha janelas e as paredes eram pintadas de cinza. Havia um único leito,

pequeno, coberto com lençóis cinza e um balde de plástico no canto. A porta pesada foi fechada com um baque. Tiraram sangue do meu braço, o que foi engraçado, porque já havia bastante sangue saindo de mim. E me levaram para uma ultrassonografia.

— Não tem nada aí — disse o técnico. — Não tem nada aí.

De volta à sala de espera, me sentei afastada de todos os outros. Havia pessoas grávidas ali. Não parecia certo colocar minha maldição particular entre elas.

Quer saber o ponto alto da história?

Enquanto eu estava sentada lá, sangrando, decepcionada, confusa, triste, furiosa, levantei os olhos e vi um homem com quem eu tinha me agarrado uma vez, durante uma noite de bebedeira, em Camden. Ele estava sentado na minha frente, com a namorada muito grávida. O cara segurava a mão dela. Ele me reconheceu e não consegui aguentar aquela situação. Então, sabe o que fiz? Fingi que não era eu quando ele disse oi. (Quem fala aqui é uma mulher de mais de trinta anos, lembre-se. Fingindo não ser ela mesma. Naquele instante, eu realmente achava que não era). O cara provavelmente achou que eu era louca. E, ali, naquele momento, acho que eu era mesmo. Peguei o celular e comecei a rolar a tela. Não sabia o que mais fazer, para onde ir. Escrevi um e-mail só para tentar me recompor.

* * *

Quando voltei do hospital, desci até o estúdio do Art, no porão. Pousei a sacola de compras. Estava cheia de queijos até então banidos: brie, gorgonzola. Tinha comprado patê. Salame. Todo tipo de foda-se para o Não Nascido.

— Oi — disse ele baixinho. Então, saiu do computador e foi até onde eu estava. E me abraçou como se eu fosse feita de vidro. — Você está bem? O que eles disseram?

— Por mais bizarro que possa parecer, disseram que havia tão pouco do hormônio em mim que era como se eu nunca tivesse estado grávida. Então, não sei se não tinha crescido muito ou o quê.

A tela do computador dele entrou em modo de descanso. Fotos minhas em locações diferentes apareceram em uma montagem em câmera lenta. Eu alimentando um cavalo. Eu tomando sorvete. Eu fingindo gostar do mar. Sorrindo, sempre sorrindo. Sorrindo sob demanda. Sendo legal e fofa em relação a tudo.

— Posso pegar alguma coisa para você? Venha, vamos lá para cima.

Ele me colocou no sofá, embaixo de uma manta.

— Ainda estou sangrando bastante.

— Vou preparar chá e torradas para você.

Enquanto ele estava na cozinha, peguei um pedaço enorme de brie e enfiei goela abaixo.

Ele voltou e colocou o chá e a torrada na minha frente.

Eu disse:

— Obrigada.

Art disse:

— Escuta, amor, andei pensando.

Levantei os olhos.

Ele disse:

— Não estou pronto para fazer isso. Pra começar uma família. Não tenho certeza se é para mim.

Eu me lembrei das camisinhas na nécessaire de couro dele, embalagens brilhantes, quadradas, como doces. O modo como eu ficava obcecada por elas nos primeiros dias. Tinha que me controlar para não contá-las cada vez que ele me visitava. Estávamos nos encaminhando para aquilo de novo. Batendo em retirada. Nos distanciando. Especulando. Nos protegendo.

— Tá bem — falei. — Então, por que embarcou nessa comigo por tanto tempo? Estava só fingindo que concordava?

— Não — respondeu Art. Então, vendo que a resposta era insatisfatória, acrescentou: — A minha terapeuta entende. É uma coisa psicológica. Também preciso me concentrar na minha arte.

A terapeuta do Art era uma figura. Eles trocavam presentes. Ele queria ser um Tony Soprano. Ela adorava ser a terapeuta de um fotógrafo famoso. Tudo muito pouco recomendado para uma relação ideal terapeuta/paciente. Eu a imaginava como a Sharon Stone, sentada em uma cadeira de escritório esperando por ele, as pernas abertas, a saia marcando sutilmente uma calcinha de frente aberta. No início do nosso relacionamento, ele tinha me dito que ela o aconselhara a sair com uma mulher mais velha, que eu era

jovem demais para ele (eu sou dois anos mais velha do que ele). Ela, por outro lado, era convenientemente dez anos mais velha.

— A sua terapeuta tem segundas intenções.

Ele não disse nada. Cruzou a sala e deu um soco na porta. Um soco com tanta força que fez um buraco (um buraco tosco, que ficou ali por semanas, enquanto nós dois evitávamos discutir o conserto — e, por consequência, o *buraco*). Nós dois olhamos para o buraco. Era bom ter alguma coisa real para olhar.

— Ah, meu Deus — disse Art.

Ele enterrou a cabeça nas mãos e ficou assim por pelo menos cinco minutos. Olhei para ele e, conforme o tempo passava, comecei a pensar, da forma mais inapropriada possível, que ele parecia uma criança brincando de esconde-esconde.

RASCUNHOS

Assunto: Anotações do purgatório

Caro homem com quem um dia eu me agarrei,

Sinto muito ter ignorado você quando estava sentado na minha frente na sala de espera entre mundos – para você, o paraíso; para mim, o inferno. Isso não tem nada a ver com o fato de você beijar mal. É só que estou passando por um momento ruim agora e não consigo lidar com interações sociais como aquela. Espero que você tenha sido uma pessoa boa, honesta e consistente desde a última vez em que nos conectamos facialmente. Espero que não tenha submetido as pessoas mais próximas e mais queridas de sua vida a mudanças profundas de opinião. Fico impressionada com os homens, de verdade. A liberdade! APROVEITE. Quando tiver sessenta e cinco anos, vai acertar você como uma tonelada de tijolos, e com certeza vamos todos ouvir a respeito. Espero que tenha uma vida feliz com sua parceira e seu filho – que eu espero que seja um menino, para que tenha mais oportunidades nessa merda de mundo.

Um abraço,

Jenny McLaine, Bacharel em Artes com Honras

ART DISSE

— Tem certeza? Tipo, tem certeza de que um homem que você conhece estava mesmo lá?

— Sim. Não fale desse jeito.

— Você tem a tendência de ser um pouco paranoica em relação a essas coisas.

— Que coisas?

— Conhecer pessoas que não conhece. Não conhecer pessoas que conhece.

Ele também estava certo. Às vezes, ando pela rua e tenho a sensação de que conheço todo mundo, que amo todo mundo. Em outros dias, dias ruins, sou capaz de passar direto por alguém que conheço.

CONJUNTOS DA OBRA

Na manhã seguinte, havia uma torrada inteira no chão perto da cama, junto com uma bacia sem vômito dentro. É basicamente uma cena de autocontrole e contenção. Decido que não vou me levantar hoje, talvez nunca mais. Enfio o nariz embaixo do braço e dou uma conferida para ver que história o cheiro ali conta. Mando uma mensagem para Nicolette.

Não dá mais para negar a ressaca

Nem me fale — hoje mais cedo, depois do banho, não consegui me convencer a passar hidratante na segunda perna.

Eu sabia que você entenderia

Quase denunciei um homem por estar tocando punheta no parque e quando cheguei mais perto vi que ele estava lixando a perna de uma cadeira.

Enfim, o que aconteceu?

A minha alma foi amassada em um ato de traição inominável

Alguém repostou uma foto sua no Instagram sem dar crédito?

Não, a nova namorada do Art tem uma filha secreta

Como o Mick Jagger???

Mais ou menos

Cara. Que babado

Estou na cama e vou continuar aqui até segunda ordem. É a
única coisa respeitável a fazer

Estou indo praí

Não precisa

Já chamei um táxi

Vai trazer álcool e cigarro

Sim. Vou levar uma bela garrafa de vinho branco que eu tenho

De que país?

Não sei. França talvez

Não posso beber isso

Por quê?

Não quero nada francês

É por causa do Brexit?

Não

Você bebeu vinho francês na outra noite

NÃO ESTOU TOMANDO MERDA FRANCESA NENHUMA CACETE

Tá certo vou pegar a porra de um chileno então

Vou fumar na cama estou nada maternal desse jeito

Vou passar no restaurante escocês, precisa de alguma coisa?

McFish

Ainda fazem esse

Fazem

Quantos?

Três. Um pra cada olho.

Minha mãe entra.

— O Kraken desperta! — Ela se senta na cama. — Vai se levantar hoje?

— Negativo. Estou explorando o meu vácuo fértil.

— Parece uma lambança. Vou precisar mudar os lençóis?

— Uma terapeuta uma vez me falou sobre isso. Esse “nada” pelo qual temos que passar de vez em quando para nos prepararmos para o que vem depois. É bem útil. Tem a ver com parar e se reavaliar.

— Talvez seja mais útil se você der um tempo no celular.

— Não desligue o aparelho que me mantém viva! Sei que você faria isso, se tivesse a oportunidade!

— Aff. Bem, quer uma xícara de chocolate quente?

— Mais tarde, talvez. Nicolette está vindo. Ela vai passar no restaurante escocês, se você quiser alguma coisa.

— Que restaurante escocês?

Olho para ela.

— Está falando do McDonald's?

— NÃO DIGA O NOME!

— Tomei o meu smoothie e comi umas torradas. São onze da manhã.

— Se você quiser alguma coisa para fazer — digo —, podia dar uma arrumadinha lá embaixo. Seria muito útil.

Ela desce. Escuto-a cantar uns versos de uma música da Madonna e acho que talvez, dessa vez, não seja para dispersar os espíritos, mas para dispersar a própria ansiedade. Surpreendente. Escuto o aspirador de pó ser ligado. Então ser desligado e minha mãe andando até a porta da frente e abrindo-a.

— Oi! — diz a voz de Nicolette. — Sou a Nicolette, amiga da Jenny. Você é a Carmen, não é? Nunca nos encontramos, mas ouvi falar muito de você. Vim para me enfiar na cama.

— Deixa eu adivinhar — disse a minha mãe. — Leonina.

— Sim! Ai, meu Deus!

— Você é espiritualizada?

— MUITO. Amo um fantasma. Estou sempre caçando fantasmas.

— SOBE LOGO, NICOLETTE!

KELLY DISSE

— Então, ele estava mentindo o tempo todo? Você estava tentando, realmente tentando. Poderia ter ficado grávida!

— Sim...

Eu não consegui. Simplesmente... não consegui.

Eu disse:

— Ele fala que conversou sobre o assunto com a terapeuta e que tem certeza.

— Não tem mesmo. Para começar, ter filhos é o maior dos projetos de vaidade. E o Art é *muito* vaidoso. Ele vai ter filhos, pode ter certeza.

— Bem, ele diz que não vai ser comigo. Decidiu que não vai ser o pai dos meus meninos.

— Então você tem que terminar com ele — disse Kelly, terrivelmente séria. — Ele vai ficar te segurando até você ter cinquenta anos, e aí vai te deixar por uma de trinta e quatro e ter gêmeos. Pode acreditar em mim quanto a isso.

Ela serviu duas taças de vinho e eu as completei até a borda.

— Uau — comentou Kelly. — Alguém está determinada.

Acho que provavelmente uma parte de mim queria espancar meu corpo — porque é assim que tem que ser às vezes, para que possamos ser realmente donas de nós mesmas, certo? Eu não tinha tempo para passar pela racionalização de *talvez-se-você-se-amasse-mais-pudesse-*

perdoar-o-seu-corpo. Não dava mesmo. Às nove da noite estávamos na segunda garrafa de vinho, no segundo maço de cigarro e na oitava rodada do jogo da verdade.

— Você me acha maternal? — perguntei a ela.

Kelly ergueu uma sobrancelha.

— Hein?

— Não se sinta pressionada a responder.

— Na verdade, não — falou —, agora que estou pensando a respeito.

— Por que não?

— Você gosta de ser independente.

Então foi minha vez de franzir a testa.

— É estranho, né? Precisar ser uma coisa ou outra.

— Achei que você tinha me julgado quando descobriu que eu fui mãe tão nova.

— O quê? Como assim?

— Se você tivesse me conhecido sem o Sonny... Bem, não que isso tivesse sido possível, mas tenta imaginar. Se tivéssemos nos conhecido em um bar, vamos dizer, você me acharia maternal?

— Sim. Acho que sim. Você é muito autoritária.

Ela riu.

— O quê?

— E organizada.

— Ah, para. Eu me sinto supersexy.

— E é muito carinhosa. Toma conta de mim. Eu sinto isso.

Ficamos em silêncio por um momento. Lembrei-me daquela primeira vez em que ela me deixou sozinha com o

Sonny e eu me preocupei com abuso infantil, como sempre acontecia quando eu era deixada sozinha com crianças desconhecidas. Não porque eu tenha qualquer desejo de fazer isso, mas porque talvez as pessoas possam pensar que sim, ou talvez eu possa fazer alguma coisa inapropriada sem pensar.

Kelly disse:

— Achei que você me achava uma idiota.

— Não achei isso, Kelly. De jeito nenhum.

Viramos outro copo.

— Bem — disse ela —, achei que sim.

— O que fez com que pensasse isso?

— Você se referiu a mim como sua “amiga mãe” em uma coluna certa vez, talvez até algumas vezes.

Abri a boca para falar. Do canto da sala, a Siri disse:

“Desculpe, não consegui encontrar nenhum restaurante com essas características.”

Caí na gargalhada. Kelly também. Nós duas olhamos para o celular dela.

— Acho que o que isso significa — falou ela — é que simplesmente não tem como vencer.

FAKE NEWS

Tinha feito isso uma vez com o Art. Quando estávamos bem perto do fim. Mandeí uma lista de compras para ele e coloquei “peidos de frango”, em vez de “peitos”. Pensei em consertar, mas então deixei, porque achei que uma boa risada faria bem a nós dois.

ME PROCURA NO GOOGLE

Nicolette entra no meu quarto. Ela está usando um moletom com os dizeres MORTE A TODOS OS PODCASTS em letras maiúsculas, como a logo de uma universidade.

— Belo quarto. Mas é diferente do que eu vi na última vez, né?

— É, eu mudei de quarto desde a última vez.

Ela tira os sapatos e entra embaixo das cobertas ao meu lado, então pega os hambúrgueres do saco de papel e joga alguns para mim. Abro uma das embalagens e enfio um na boca.

— É claro que isso é só um breve hiato do meu veganismo.

Eu me lembro da vez em que flagrei uma amiga vegana se esbaldando em um prato de porco agri-doce em Chinatown. *Ah!*, falei. *Apostando no turismo carnista, hein.* Uma tirada ótima! Depois disso, ela nunca mais respondeu a minhas mensagens.

— Tudo bem — diz Nicolette, mastigando. — Deixa acontecer, se permita. Para de se predefinir.

Devoro os três hambúrgueres e acendo um cigarro. Estamos deitadas na cama, com o cinzeiro entre nós.

— Você acha que não sou maternal, Nicolette?

— Essa é uma pergunta não maternal, é isso que acho.

— Você está coberta de razão.

— Obrigada. Aceito o elogio.

— Tem ketchup no seu queixo.

— Está vendo?! Você está sendo supermaternal agora mesmo.

— Deixa eu limpar para você.

— Mais do que minha mãe já foi um dia.

Minha mãe grita do andar de baixo:

— Precisam de alguma coisa, meninas?

— Não, obrigada! — gritamos de volta.

— Ela tá só tentando bisbilhotar — digo. — Vai estar aqui em cima daqui a um minuto com um drinque extravagante.

Nicolette lambe os dedos e tira uma migalha da tela do celular.

— Então, como ela é, a namorada nova dele?

— É a minha mulher ideal.

— Merda.

Mostro algumas fotos de Suzy Brambles para ela.

— Ah — comenta ela —, entendo seu drama. Eles parecem um casal descolado.

— O quê? Por quê? Porque os dois estão usando preto?

— Gosto do cabelo dela. Só estou sendo sincera.

Sopro a fumaça do cigarro. Nicolette pega seu cigarro eletrônico.

— Minha vida amorosa está tão desastrosa quanto a sua, se isso é algum consolo.

— É.

Ela traga o cigarro com vontade e solta uma baforada doce, com cheiro de menta.

— Na semana passada, saí com um cara que começou me mostrando as plantas de um apartamento que ele estava comprando. Ele *começou* assim. Foi o encontro mais tedioso da minha vida. Fiquei pensando: qual vai ser o ponto alto? Os relatórios de auditoria dele? Quando eu falei que estava indo embora, mais cedo do que o normal, ele perguntou: *O que faz de você tão incrível assim?* E eu disse: *Me procura no Google.*

— Você realmente disse “Me procura no Google”?

— Sim.

Minha mãe entra com limonada em uma bandeja.

— O que é isso?

— Feita em casa. Achei uma receita on-line. Está ótima.

Ela serve dois copos.

— Está boa — comenta Nicolette depois de dar um gole. — A única coisa que minha mãe faz é esquentar pizza para mim no micro-ondas. Uma vez, um cara estava lá em casa e ela tentou assar uma pizza no forno. Depois ele me contou que parte do motivo para ele ter me dispensado foi porque a pizza estava queimada do lado de fora e congelada no meio, o que acho que é uma analogia perfeita das minhas experiências românticas em encontros. Entreguei meu auge sexual ao Facebook. Sou uma tundra sobre duas pernas.

— Tenho que dizer que simpatizo mais com a sua mãe do que com o cara nesse caso — comenta a minha mãe.

Nicolette toma toda a limonada.

— Mais? — pergunta a minha mãe, satisfeita.

— Sim, por favor — diz Nicolette, estendendo o copo. Minha mãe enche de novo. — Ei — pergunta Nicolette a ela —, você joga tarô?

— Não! — digo. — No meu quarto, não!

— Ah, deixa ela ficar! Quero que ela jogue as cartas para mim.

— Você não acredita nessa merda também, acredita?

Minha mãe pega um baralho de tarô do bolso e entrega a Nicolette, que dá um gritinho de alegria e embaralha.

— Assim?

— Assim.

— Que demais!

Reviro os olhos e tomo a limonada.

LAGARTA SOCIAL

Comecei a entrar na internet bêbada, à noite, sozinha. Criando perfis meio enganosos em sites de relacionamentos. Stalkeando desafetos antigos. Uma vez, em uma névoa assustadoramente produtiva de vodca, encomendei cinquenta caixas de papelão para guardar meus livros. Eu pulava o jantar. Esquecia a senha do alarme. Eram tiros de aviso vindo do maravilhoso navio *Autossabotagem*.

Encomendei aquelas lagartas que a gente incuba e vê elas se transformarem em borboletas. São chamadas de beladama. Eu as mantive pacientemente em um tanque no canto da sala de jantar, e acompanhei conforme elas ficaram mais lentas e aos poucos formaram suas crisálidas e se penduraram como vagens de sementes. Elas faziam aquilo parecer tão fácil. Quando se transformavam, as borboletas se colavam à lateral do tanque, secando. Se elas forem mantidas tempo demais ali dentro, morrem, mas eu as soltei cedo demais. Ou talvez quando já estava frio demais do lado de fora. Acabei encontrando-as mortas e penduradas nas sebes e arbustos perto de casa.

Uma vez, entrei carregando uma delas. Art estava na cozinha, segurando um engradado de cinco latas de cerveja pelo buraco onde tinha estado a sexta.

— Onde você estava? — perguntou ele.

— No trabalho, depois passei na Kelly.

- O que é isso?
- Uma borboleta.
- Parece morta.
- Está morta.

Ele dormiu no estúdio, no porão. Eu dormi na cama — ou melhor, fiquei deitada lá, olhando para o teto, assombrada pelos meus próprios pensamentos.

Art entrou no quarto de manhã cedo. Também não tinha dormido. Seu hálito cheirava a cerveja.

Ele disse:

- Estamos terminando?

Assenti. Ele começou a chorar. Eu me levantei e fui ao banheiro. O cheiro ali. No fim, era como abrir a barriga de um tubarão. Latas de bebida e membros de crianças. Em todo lugar que íamos.

AGORA É SÉRIO

Sou terrível com finais de um modo geral. Às vezes, desligo uma música no meio porque não consigo suportar o fim. Quando a bateria do meu celular ou do notebook chega em cinquenta por cento, posso sentir a ansiedade começando a pressionar meu estômago. Nos trinta por cento, ela já está apertando minha garganta.

ACORDOS COM ESTRANHOS

— Me devolva quando se sentir pronta — diz minha mãe.

Nicolette para de embaralhar na mesma hora e está prestes a devolver as cartas quando para e parece insegura.

— Não, espere — diz. — Talvez eu não esteja pronta. Como vou saber quando estiver pronta?

— Você vai estar pronta quando estiver pronta — orienta a minha mãe. — Não pense demais.

O rosto de Nicolette se ilumina em um sorriso e assente.

— Obrigada — diz. — Então, isso só tem a ver com o futuro, certo? Não é sobre o passado. Só gostaria de saber o que vai acontecer. Não quero... perder tempo com o que já passou.

— É claro, quando pensamos assim em termos simples — concorda a minha mãe. — Embora, na verdade, presente e passado sejam uma coisa só.

— Adoro o jeito como você fala.

— Vejo um homem de óculos e com um rosto gentil em seu futuro próximo. Pode aceitar isso?

— Aceitar? — diz Nicolette. — Estou contando com isso! Quando vai acontecer? Pode me dar uma estimativa? Semanas? Meses? Posso pedir que ele tenha um emprego e nenhum problema de frieira?

— Agora — fala a minha mãe —, vou abrir as cartas no que chamamos de uma ferradura clássica.

Finjo não olhar. Estou focando toda a minha atenção na limonada. Olhe só essa limonada, está vendo essa limonada, ah, nossa, que interessante essa limonada.

— Você pode fazer uma leitura que seja focada no amor? — pede Nicolette. — Na verdade, é isso que me interessa. Sendo bem sincera. Pode tirar a parte da saúde e do dinheiro.

— Isso vai mudar. — Minha mãe vira a primeira carta. — A Morte.

Nicolette arqueja.

— Ela não significa “Morte”, significa “Regeneração” — explica minha mãe.

— Jesus, Nicolette, nunca viu um filme de terror?

— Tem um esqueleto apavorante nela, Carmen.

Minha mãe vira a carta seguinte.

— O Três de Copas.

Uma nova chegada. Também é a “carta da festa”.

— Essa parece melhor — diz Nicolette.

Ela vira a próxima.

O Sol.

— Uma viagem no seu horizonte — anuncia a minha mãe.

— Estou superpronta para isso — comenta Nicolette. — Só não me faça ficar esperando muito tempo no aeroporto, pelo amor de Deus, ou não vale a pena, não para uma viagem curta. A menos que você ache que vai ser alguma coisa mais longa... Preciso começar a providenciar vistos?

Minha mãe e eu nos entreolhamos. Próxima.

A Imperatriz.

Minha mãe espia a próxima carta, então a abaixa. Ela suspira e se recosta.

— Meu bem — diz para Nicolette —, não tenho certeza se essas cartas são para você. Elas não parecem certas. Sinto muito, mas alguma coisa está errada. Às vezes, a energia interfere nas forças ao redor. Pode ser alguém na casa ao lado. Essas paredes são finas.

— Não são tão finas assim — digo. — Essa é uma casa bem construída e sólida.

— Está me parecendo certo — diz Nicolette. — Continue!

Minha mãe vira o Ás de Paus e então o Valete de Copas. Ela parece perturbada.

— Você acha... — diz a minha mãe. — Não, não devo dizer.

— O que foi? — pergunta Nicolette. — Eu acho o quê?

— Bem, existe alguma possibilidade de você estar grávida? Nicolette ri.

— Cacete, tomara que não! Só durmo com babacas!

— Deve ser para outra pessoa, então. Desculpe, nem sempre é claro.

De repente, me sinto enjoada.

— Obrigada, mãe, mas agradeceríamos se você agora nos desse um tempo para conversarmos a sós.

Minha mãe sorri e dá um tapinha amigável no joelho de Nicolette. Então seu rosto muda. Ela e Nicolette sustentam o olhar uma da outra por alguns segundos, mas parece um olhar de amor triste e assombrado. Nicolette desvia os olhos. Minha mãe guarda as cartas no bolso. Ela pega a bandeja de limonada e vai até a porta.

— Não acha um pouco patético ficar tanto tempo na cama? — pergunta a minha mãe.

— Nossa, é exatamente o oposto, mãe. Isso é um protesto corajoso e essencial. Somos tipo o John e a Yoko.

— Eu sou a Yoko — diz Nicolette.

— Contra o que estão protestando? — pergunta a minha mãe.

— Contra a vida! E nossa experiência com ela! — respondo. — Estou com um torcicolo emocional.

— Vidarcicolo — diz Nicolette.

— Sim, é isso. Estamos com vidarcicolo.

— Tudo bem — diz a minha mãe. — Querem gim?

— Sim, por favor — diz Nicolette.

Minha mãe sai do quarto.

— Não deixe ela preparar gim para você — aviso. — Você nunca mais vai sair dessa cama. As medidas dela para bebida são no estilo “pacote de férias com tudo incluído”.

— Talvez me ajude a esquecer a noite passada. Tive o pior encontro de todos. Achei que estava indo tudo bem, mas aí, depois de meia hora, ele decidiu ir embora porque “estava vendo que aquilo não ia levar a nada”. Meia hora! A gente passa mais tempo do que isso vendo uma casa!

— Que grosseria.

— Muita! E eu não ia deixar ele se safar daquele jeito. Pressionei o cara para me dar um motivo e ele disse: *Tudo bem, Nicolette, normalmente não faço isso, mas vou dizer a verdade, porque você é uma mulher legal e merece a verdade. É o seguinte: eu não tenho tempo a perder com coisas que não*

valham cem por cento a pena... e já percebi que essa situação só tem cinquenta por cento de potencial de valer a pena, no máximo, por isso, não é nada pessoal, mas não estou sentindo o fogo, então vou nos poupar tempo e ir embora. E foi embora.

— Jesus.

— Meia hora!

— Você não perdeu nada. Ele é que está perdendo por dispensar você tão rápido. Não tem uma espécie de *captcha* que você precisa marcar quando entra nesses sites e aplicativos, para provar que não é um robô? Como esse cara passou por essa parte? Ele parece totalmente sem alma.

— É tudo binário, zero ou um. Sim ou não. É isso o que mandam para nós, esses caras de aplicativos de relacionamentos. Questionários com perguntas de sim ou não. *Comida indiana ou chinesa. Chocolate ou sexo. Preto ou branco.* Não tem nuances. Só polaridade.

— Ah, meu Deus — digo, a lâmpada dentro do meu cérebro explodindo —, estamos pensando que nem computadores! É isso que está acontecendo! *É isso* que todo esse negócio está fazendo! Você precisa se definir como uma coisa ou outra! Não erre! Não se contradiga! SIM versus NÃO, sinal de positivo ou negativo, somos todos robôs viciados jogados no meio de uma arena azul.

Minha mãe entra no quarto com uma bandeja com três gins-tônicas.

Olho para Nicolette.

— Você acha que o que está acontecendo aqui é uma espécie de evolução?

Nicolette olha para mim, o terror estampado nos olhos.

— *Para robôs?*

Minha mãe dá meia-volta com a bandeja.

— Vocês duas não precisam de gim.

— E se — diz Nicolette — estivermos achando que isso está nos atrasando, nos dando menos tempo para pensar, mas, na verdade, está tudo nos levando na direção certa para que sejamos fundidos psicologicamente com as máquinas para gerar uma super-raça? Como filhotes de um cruzamento entre Cylons e humanos.

— Minha nossa — diz a minha mãe. — Eu achei que vocês estavam conversando sobre encontros. Podemos voltar a isso?

Ela nos entrega os gins. Brindamos e damos um longo gole.

— De qualquer modo, vou deletar todos os meus aplicativos de relacionamento — anuncia Nicolette. — Não quero mais nenhum imperialista vazio, banqueiro ou dono de propriedades me levando a restaurantes descoladinhos em Kensington. Ah, não, vou só entrar em um bar decadente qualquer, chegar num cara e cheirá-lo. Se ele tiver o cheiro certo, pergunto se ele quer trepar.

— Não sei se essa é a melhor abordagem.

— Precisamos voltar ao sensorial. Já fui vítima de MUITO abuso nesses sites e aplicativos de relacionamento supostamente “limpos”. Homens me classificando pelos meus peitos, meu cabelo, meus dentes. Eles dizem coisas bem mais sugestivas do que isso, inclusive. *Gostaria de fazer*

tal coisa com você. E aquilo. Me deixa comprar sapatos de dominatrix para os seus pés feios. Manda para mim o seu sapato mais velho que eu deposito cem dólares na sua conta do Paypal. Eles diriam essas coisas na minha cara? Alguns deles sim, com certeza, mas não a maioria.

— Me conta mais sobre esses aplicativos de relacionamento — pede a minha mãe.

— Estou em seis — diz Nicolette. — Posso mandar os detalhes se você me der seu número.

— Mãe, sinceramente, não acho que você deva entrar em sites de relacionamento. Uma pessoa da sua idade vai ser devorada viva.

— Não vou entrar em nada!

Nicolette estende o celular para a minha mãe, que digita o próprio número com suas longas unhas azuis, depois devolve o aparelho. Segundos depois, o telefone da minha mãe avisa que uma mensagem chegou.

— Tenha cuidado com essas coisas, mãe — digo. — Não aceite se encontrar com ninguém sem que eu aprove antes.

— Só quero fazer umas amizades — retruca ela.

— Certo, claro, mas é assim que eles atraem você — avisa Nicolette. — Cuidado com esse negócio de amizade. Eles começam a cercar você sorrateiramente. Falam coisas como: *As minhas amigas mais próximas são mulheres! Você está na sua zona de conforto, você está na sua zona de conforto, você está na sua zona de conforto... TIRE A BLUSA.* Fique atenta, Carmen.

— Você está esquecendo com quem está falando.

Encontro meu celular embaixo das cobertas.

— Você está se cadastrando? — pergunta Nicolette. — Se estiver, posso ficar sem deletar os meus aplicativos por alguns dias.

— Não — digo —, só quero deixar um comentário no post da exposição do Art para dizer que me diverti muito e que tenho orgulho dele. Parabéns para você. Essa merda toda.

— NÃO! — dizem minha mãe e Nicolette em uníssono. Nicolette derrama gim no meu braço.

— Também quero dizer: NUNCA MAIS ME PROCURE.

— NÃO! — gritam as duas de novo. Nicolette derrama mais um pouco de gim.

— Você vai se arrepender! — diz ela.

— Não vai levar a nada! — diz a minha mãe.

— Vai me fazer sentir alguma coisa, o que já é um benefício. E eu me arrependo de TUDO, então do que adianta evitar, a menos que eu comece a evitar todo o resto?

— NÃO.

— Pelo menos me deixem parar de seguir a Suzy Brambles.

— Não! Para de ser tão agressiva. Isso é um protesto pacífico.

— Vai simbolizar o meu distanciamento da situação.

— PARA DE SEGUIR A SUZY BRAMBLES NO SEU CORAÇÃO — sugere Nicolette. — Isso deve ser o suficiente.

— Está tudo muito fresco ainda — diz a minha mãe. — Você precisa confiar em si mesma.

— Não sei em quem confiar, porque não sei quem eu sou. Tenho trinta e cinco anos, estou na metade do caminho, e

ainda estou esperando a minha vida começar.

— Você acha mesmo que está no meio do caminho? Que trinta e cinco anos é a metade do caminho? Acha que só vai viver setenta anos? O meu pai tem setenta anos!

Minha mãe diz:

— Trinta e cinco é só o começo. Você não está nem remotamente perto da menopausa.

Nicolette e eu trocamos um olhar.

DO NOTICIÁRIO

Foi descoberto recentemente que orcas, um dos três tipos de mamíferos — incluindo os humanos — que tem menopausa, passam por esse fenômeno por causa de um relacionamento complicado entre mães e filhas. Como não estão mais em seus anos férteis, as fêmeas mais velhas têm um papel crucial na vida do grupo. As avós ajudam a aumentar a sobrevivência em grupos matriarcais maiores porque com frequência encontram e compartilham fontes de comida com a comunidade. Um baleal de orcas é formado por múltiplas unidades familiares, conhecidas como grupos matrilineares, que viajam juntas. Durante a prolongada vida pós-reprodutiva de humanas e de baleias com dentes, um desejo de evitar conflito impeliu-as a abandonar a fertilidade.

NICOLETTE DIZ

— Aparentemente, as redes sociais são piores para as mulheres.

— É mesmo? — pergunta a minha mãe.

— É. — Nicolette indica a própria cabeça. — A amígdala no nosso cérebro processa aprendizado emocional, medo e lembranças. Fizeram testes com um bando de homens e mulheres e descobriram que as mulheres ficam deprimidas quando se veem diante do mesmo estímulo negativo inúmeras vezes. Os homens conseguem anular episódios familiares e apenas reagir a novos estímulos — ataques terroristas, coisas assim. Mas as mulheres reagem a eventos familiares. Isso as enfraquece. Elas ficam ansiosas e deprimidas. E ainda assim, aqui estamos, partes integrantes disso. Perpetuando essa estrutura.

— Por quê? — pergunto. — Vamos parar e nos perguntar isso.

— Estou sempre falando isso para você! — lembra minha mãe.

— Bem, acho que isso é parte do meu processo. Ficar andando em círculos. Posso me permitir mais alguns meses. Minha terapeuta me disse isso — comenta Nicolette.

— Que processo?

— O nosso processo. Você sabe. O nosso lance. contei tudo sobre você para minha terapeuta.

— Certo. — Às vezes penso em quantas terapeutas no mundo já ouviram a meu respeito e me sinto nauseada com a fama. — O que disse a ela?

— Que somos parecidas. Que somos... parceiras de bagunça.

Fico esperando o restante, mas Nicolette só fica me olhando.

— Parceiras de bagunça?

— Sabemos como distrair uma à outra enquanto processamos o que precisamos processar.

— Está se referindo ao mundo e aos significados e... coisas assim?

Nicolette me observa. Seus lábios se curvam de um modo que não parece particularmente controlado.

— Sim, mas o que está no inconsciente também. Estamos nos confortando, não estamos, você e eu? Estamos vivendo em repetições e ciclos porque eles são reconfortantes. Eles nos dizem que não haverá surpresas. Que não teremos mais sofrimento.

Minha mãe inclina a cabeça em um ângulo que não parece nada confortável e presta muita atenção a cada palavra de Nicolette. Ela olha para mim quando Nicolette para de falar.

— Mãe — chamo, e balanço meu copo vazio —, acho que precisamos de mais, se não se importar.

Ela pega os nossos copos com relutância e sai do quarto.

Olho para Nicolette. Ela vira o corpo na minha direção e inclina um pouco a cabeça.

— Foi por isso que começamos a conversar uma com a outra, não foi? — diz ela. — Estávamos as duas de luto.

— O quê? — Balanço a cabeça.

— Eu não precisava dos detalhes, só senti essa *vibe* vindo de você. Nossas tristezas nos atraíram uma para a outra e se somaram. Você parecia muito agitada. Como se estivesse em estado de alerta máximo.

Acho que todo esse tempo eu me senti superior de alguma forma, quando, na verdade, era ela que sabia o que realmente se passava no meu coração.

— É mesmo? Você não me achou só... divertida? Eu estava com uma fantasia do Garfield.

— Você me pareceu uma pessoa que estava sofrendo muito. Eu não te passei a mesma sensação?

— Não, você só parecia... irônica.

— Ah. Achei que fora assim que tínhamos criado um vínculo. Por causa da nossa tristeza tão horivelmente silenciosa.

Paro. Engulo em seco.

— E... qual é a sua tristeza, Nicolette?

Tenho medo da resposta, e também sei que isso sempre existiu entre nós: as vastas salinas da mente pós-corpórea. Cinzentas, frias e se dissolvendo na chuva fina. Nós duas nos encontramos ali toda noite e dançamos uma dança lenta.

Ela se curva para a frente. O silêncio chega a pesar. Então, Nicolette levanta a cabeça, seus olhos encontram os meus, e ela se encolhe como se estivesse prestes a receber um golpe.

— Minha irmã se matou — diz. — Em janeiro. Ela tomou três garrafas de vinho e se enforcou. Não consigo parar de me perguntar se foi o vinho ou se ela teria feito isso de qualquer jeito.

— Meu Deus, Nicolette.

— Está tudo bem. Não acredito em fechamentos, por isso só estou... assimilando. E acredito de verdade que ela ainda está por aí, em algum lugar do universo, fazendo alguma coisa. Acredito.

Ela chora sem esforço. Coloco minha mão na dela e aperto com carinho. A mão de Nicolette está mais quente do que a minha.

— Eu não fazia ideia — digo. — Sinto tanto, Nicolette.

— Engraçado, achei que você conseguia ver dentro de mim. Achei que nem precisava dizer, porque você sempre soube. Tinha certeza de que estava implícito em milhares de coisas não ditas. Achei que você talvez tivesse uma ideia.

Minha mãe volta com nossos gins. Ela não pergunta o que aconteceu, e acho que provavelmente ouviu, ou imaginou, ou sintonizou, ou sabe-se lá o quê e quem se importa. Durante os dez ou vinte minutos seguintes, éramos só três mulheres sentadas juntas, olhando uma para o rosto da outra, fazendo o melhor que podíamos. A vida continua. E esse é o grande insulto da vida, imagino.

* * *

Quando Nicolette vai embora, minha mãe desce para preparar o jantar.

Fico deitada na cama, olhando para o celular e concentrada no meu coração entregue às moscas. Com a outra mão, belisco meu mamilo para deixá-lo rígido. Nada. Pressiono meu íntimo. Nada. Sinto falta do meu corpo. De verdade. Sinto falta. Intensa e profundamente. A troca entre neurônio e sensor. A interação interna. Quero pensar novamente com o meu corpo. Sinto falta dessa inocência. Estou tão enjoada de pensar com o cérebro. Belisco o mamilo com força. Nada.

Rascunho um e-mail. Então, faço uma coisa bem estranha.
Envio.

ENVIADOS

Caro Art,

Foi bom ver você na exposição. Só quero dizer que sei que minha mãe vem mandando mensagens para você e que lamento terrivelmente que tenha sido submetido a esse tipo de aborrecimento. Eu não fazia ideia de que minha mãe tinha um problema, e realmente acho que ela tem (um de muitos), e espero que isso não afete nossa amizade ou sua opinião sobre mim. Acredito que possamos passar por cima disso, e que você não pense coisas ruins de mim por isso. Nem sei por que sinto a necessidade de me desculpar por ela, já que somos pessoas completamente independentes e diferentes, mas acho que só queria reconhecer o que aconteceu, como a adulta que sou. Todo o meu amor para você, para Suzy e para a filha muito real dela.

Um abraço,

Jenny

Espero que ele responda. Vou passando de aplicativo em aplicativo, de canal em canal. Passo passo passo passo. E fico cada vez mais irritada quando chegam e-mails inúteis. Não me inscrevi para receber nada daquela merda. Clareamento dental. Promoção de passagens aéreas. Então, um de uma pizzeria em que fiz um pedido algumas semanas atrás, em um surto de fome noturna. São as ofertas de inverno deles.

Respondo, inflamada:

Cara Pizza the Action,

FOI UMA NOITE. UMA NOITE!!! ISSO É ASSÉDIO. NUNCA MAIS
ME MANDEM E-MAILS.

Atenciosamente,

Jenny McLaine, Bacharel em Artes com Honras

MEIA HORA MAIS TARDE

Art responde.

Jenny, por favor, não se preocupe. Encarei as mensagens da sua mãe como o que elas são – mensagens de uma senhora transtornada e solitária que não sabe onde mais desabafar suas frustrações. Também encarei a sua explosão na exposição pelo que foi – a explosão de uma pessoa transtornada e instável, desabafando suas frustrações no único lugar que podia. Espero que esteja bem e que esteja recebendo a ajuda de que precisa. Bjs

Fico olhando para a mensagem por alguns minutos, tentando reunir os vários motivos pelos quais ela me enfurece. Quando acho que já tenho todos em mente, respondo.

Oi, Art.

Em primeiro lugar, ela não é tão velha assim. E tem muito com o que se ocupar – minha mãe trabalha bastante e tem sucesso no que faz. Além disso, o que quer dizer com frustrações? Porque, se está achando que minha mãe está frustrada consigo mesma, ou comigo e a vida que eu levo, está errado. Em segundo lugar, eu estava transtornada e instável, mas pelo menos estou tentando melhorar. Talvez eu ainda não seja o tipo de pessoa premium, mas, lentamente, estou chegando lá.

Jenny

BUNDA EFERVESCENTE

Entro no escritório da *Foof* e vejo um balão amarrado à minha cadeira. O balão tem o formato de um punho enorme.

— Isso é para comemorar o número de acessos que você está conseguindo! — diz Mia. — Sua coluna é a mais lida do site, sua cretininha!

— Eu que escolhi o punho — anuncia Vivienne.

Mia bate algumas vezes com o balão na minha cabeça, animada.

— Ai.

— Desculpa, mas estou TÃO GRATA E FELIZ POR VOCÊ.

— Agradeço, mas, por favor, poderia parar com isso agora?

— Venha cá — fala Mia, levantando o celular que está pendurado em seu pescoço. — Uma foto. Para o perfil da *Foof*. É uma comemoração.

Ouve-se um arquejo coletivo. Ninguém nunca aparece no feed da *Foof*, a menos que seja uma estagiária extremamente atraente ou uma celebridade.

— Vem — manda Mia. Vivienne e as outras se apertam para caber na foto.

— Não vou ficar na frente — diz Vivienne.

— Não vou ficar na frente — digo —, ainda mais se forem me marcar.

— Cacete — fala Mia. — Rita-Kathleen, pega a clutch-drone.

A assistente de Mia corre até a sala da chefe e, segundos depois, a clutch-drone zumba ao ser ligada. Ela circula ao nosso redor, tirando fotos enquanto posamos. Vivienne posa de forma agressiva. Recebo cotoveladas e joelhadas para sair do lugar várias vezes. Para a última foto, ela coloca a perna em cima da mesa.

— Fantástico — diz Mia, enquanto confere as fotos no celular. — Muito bem, Jenny.

— Obrigada. Isso é... inesperado.

— Na verdade, seu sucesso é tão épico — comenta ela — que você me inspirou a tirar um ano sabático e escrever um livro de memórias.

— Me poupe — diz Vivienne.

— Por isso, talvez eu precise que você se reporte a Vivienne por algum tempo. O que vai significar um aumento de salário.

— Não conte com isso — diz Vivienne. — Megeras precisam de diamantes.

— Um livro de memórias sobre o quê? — pergunto para Mia.

— Ora, sobre... mim.

— Isso é... o bastante?

Mia chega mais perto e pousa a mão no meu ombro. Ela me olha bem dentro dos olhos.

— *Você é o bastante*, ruiva, e quanto mais rápido começar a acreditar nisso, melhor. Sua amiga Kelly obviamente acha que você vale alguma coisa. Ela veio falar comigo e com a Vivienne e nos passou um sermão. Disse que não estamos

cuidando de você e que deveríamos lhe dar uma licença, para que você se trate.

— Licença? Para quê?

— Foi exatamente o que eu perguntei. Afinal, sua mãe está morando com você. Você não poderia estar sendo mais mimada. Mas a Kelly disse que a sua mãe e ela estão juntas nisso. Que estão trabalhando juntas para manter você off-line.

— O quê?

— Então ela disse — Mia olha para a Vivienne, cuja boca parece um vulcão —, e ainda estamos atordoadas com isso, que: *Histórias de mulheres não são um gênero. Feminismo não é uma escolha de vida. E isso não é “uma história”, é uma porra de um macacão.*

Caio na gargalhada.

— A arrogância — diz Vivienne. — A ignorância. — Ela ajeita a parte de cima do macacão. — Se eu fosse bi, com certeza teria chamado ela para sair.

* * *

Volto para minha mesa, sento e tento imaginar Kelly entrando e se sentando diante de Mia e Vivienne, acabando com elas. E me pergunto se ela estava usando seu terninho branco (seu único terninho?). Não gosto que debatam sobre mim. Cena ainda mais improvável: Kelly e a minha mãe sentadas na minha sala, planejando uma intervenção. Mas algo naquilo faz eu me sentir efervescente bem lá no fundo,

como na primeira descida íngreme de uma montanha-russa. Sinto uma comichão subterrânea.

Mando uma mensagem para minha mãe:

Você e Kelly estão conspirando?

Ela te contou?

Não, minha chefe me contou. Vocês se divertiram?

Estamos preocupadas. Kelly veio me ver enquanto você estava fora. Ela acha que precisamos interferir, já que mais ninguém vai defender você.

O que mais ela disse?

Que o Art nunca foi um desafio de verdade pra você e que por isso ele não era o cara certo. Mas, como amiga, o maior ato de amor é desafiar você. Você não está bem. Ela disse isso.

Coloco o celular de lado. Nunca me senti tão feliz colocando o celular de lado depois de uma interação com minha mãe.

* * *

Depois do trabalho, vou até o apartamento da Kelly com os alto-falantes portáteis da minha mesa e um microfone do armário de produtos da Gemma. Arrumo tudo na calçada, perto de uma árvore com uma cerca de metal. Fico pulando no lugar, para me aquecer, enquanto conecto meu celular.

Pressiono o play. Começam a soar os primeiros acordes de “Wind Beneath My Wings”, do filme *Amigas para Sempre*. Coloco o volume no máximo. Quando a letra começa, também passo a cantar. Vejo a persiana ser levantada no quarto do Sonny. Surge a silhueta da cabeça dele — eu reconheceria as orelhas do Sonny em qualquer lugar. Continuo a cantar. Quando chego ao refrão, Kelly está ali — o cabelo liso fazendo com que pareça a silhueta de uma boneca russa.

— Cala a porra da boca! — grita alguém do outro lado da rua.

Ignoro e continuo. Algumas pessoas param. Alguém tira uma foto. Kelly some da janela e aparece na porta da frente.

Sonny continua na janela do quarto dele, o celular levantado, balançando a cabeça de vez em quando.

Quando termino, cumprimento Kelly com um aceno rápido de cabeça e desmonto meu equipamento.

Ela grita:

— Imagino que um monte de críticas debochadas sobre você estejam viralizando nesse momento.

Levanto o polegar para ela.

E me afasto. Ela grita às minhas costas:

— Faz tudo valer a pena, sabia, congelar os meus peitos na sua sombra.

* * *

No caminho para casa, escrevo um e-mail para Kelly e envio.

Cara Kelly,

Agradeço por você ter ido falar com a Mia – sei quanto você odeia ela e quanto odeia o escritório da *Foof*, por isso deve ter sido um grande esforço. Entendo que tenho estado em uma masmorra de presunção. Achei que limites eram uma coisa ruim, mas agora vejo que saber onde começo e onde termino me diz o que posso perdoar nas pessoas, e pelo que posso pedir perdão. Porque você é minha, eu ando na linha e tudo o mais, como diz a música do Johnny Cash. Também tenho procurado no Google por terapia para amizade, para ver se existe, e descobri que existe, então, se você achar que precisamos disso para reparar completamente o dano, estou dentro.

Com amor,

Jenny

NAQUELA NOITE

Durmo direto, a noite toda, pela primeira vez em um ano.

Na manhã seguinte, Kelly responde.

Cara Jenny,

Obrigada pelo presente especial da sua música na noite passada e pelo seu e-mail atencioso. Você tem tempo para me encontrar para um café hoje — de manhã, talvez? Posso sair por volta das onze, por mais ou menos uns 55 minutos.

Me avise.

Bjs,

Kelly

Cinquenta e cinco minutos.

Como quiser, Kelly.

Ainda assim acho “Me avise” meio empolgante. Estou claramente tão carente que até mesmo alguém exigindo uma resposta minha me deixa feliz.

Tenho a sensação de que ela está meio que correndo atrás de mim, e gosto disso.

Parece um começo.

POR ACASO ACONTECEU

Entro na cafeteria, compro dois cafés e dois croissants e rapidinho ocupo uma mesa perto da janela, para tornar nosso encontro o mais leve e otimista possível. Kelly chega na hora. Ela vem até a mesa e mostro a ela o café e os croissants.

— Peguei um cappuccino... é isso mesmo, não é?

— É. Obrigada.

Aponto para os croissants.

— E combustível em forma de croissants.

— Perfeito.

Ela tira o casaco e se senta. Dou um gole no café e fico vendo Kelly pegar um pedaço de um dos croissants. Pego o outro e dou uma mordida. Eu poderia ter me sentado embaixo de uma lâmpada de aquecimento por uma semana e não me incomodaria nem um pouco. Penso nos micróbios no meu trato digestivo recebendo toda aquela farinha branca e debatendo sobre o que fazer com ela. Bilhões de vozinhas, desejos e comandos, ordens e opiniões. Calem a boca, digo a eles. Calem a porra da boca, vocês e o resto do mundo. Estou me concentrando.

Kelly olha para mim e sorri.

— Só *você* seria capaz de mandar um e-mail com a expressão “masmorra de presunção” — diz. — Boba.

Sorrio, insegura.

— Mas você ainda me ama.

— Amo. E esse é o problema. Porque você é *muito* babaca. Como mais do croissant, encorajada.

— Como o Sonny está?

— Tá bem.

— O que aconteceu com o apartamento? A Esther vai mesmo vender?

Tenho consciência de que estou sendo atenciosa, gentil, abnegada. Como uma viciada que teve uma recaída, estou me reaproximando com a cautela de uma novata. E talvez eu seja exatamente isso no que se refere a Kelly. Uma nova amiga. E esse é o nosso começo.

— Sim, infelizmente parece que sim. Os filhos dela estão pressionando. Desgraçados.

— O que você vai fazer?

— Não sei. Ainda estou pensando.

Assinto e dou um gole no meu café.

— E você, como está? — pergunta Kelly, e não é uma versão normal da pergunta. É um Como Está com intenção.

— Eu preciso te falar uma coisa.

Ela assente.

— Não quis falar isso quando estava pedindo a você que me perdoasse porque não queria que fosse... sei lá, tipo “o cachorro comeu o meu dever de casa”. — Kelly assente de novo. Ela me encara com a curiosidade profunda e paciente de uma amiga. — Tive um aborto. Com o Art.

— Você ficou grávida?

— Fiquei. E depois não estava mais.

— E você não me contou? *Para mim?*

— Art e eu combinamos de fazer aquela coisa de manter silêncio até completar doze semanas. E depois fiquei com vergonha.

— De quantas semanas você estava?

— Nove.

— Ah, que merda, Jenny. Sinto muito mesmo.

— Tudo bem. Era só, tipo, um monte de células abortáveis.

— Sim, mas era o *seu* monte de células abortáveis.

— Se são abortáveis a gente não pode se importar, certo?

Kelly franze a testa.

— Não sei mais como me sentir em relação a nada, Kelly.

— Começo a chorar. — Devia estar do tamanho de um morango. — Ela me envolve com os braços. — Não vi sair. Só pedaços do que parecia fígado cru. Não sei por que estou chorando.

— Você está de luto — diz ela, baixinho.

— Mas estou de luto pelo quê? Porque eu não amava aquilo. Não amava estar grávida. Eu me sentia como um sucesso e um fracasso ao mesmo tempo. Eu me sentia simultaneamente progredindo e regredindo. Estava ambivalente em relação à gravidez.

— Talvez você amasse a possibilidade de uma vida futura? Ou de um amor melhor com o Art?

— Talvez.

— Como o Art reagiu?

— Ah, na verdade, eu não sei. Ele foi embora do hospital como se não tivesse nenhum compromisso com aquilo.

- Ele deixou você lá?
- Eu deixei ele ir embora.
- Escroto.

Dou um suspiro profundo.

— Acho que ele também estava passando por alguma coisa. E é como Dorothy Parker disse: *É bem feito para mim por ter colocado todos os meus ovos no cesto de um desgraçado só.*

Kelly ri. Depois de um instante, diz:

— O que morreu naquele dia foi o seu relacionamento com ele.

Sorrio.

— Se ao menos fosse tão simples. Mas foi muito mais do que isso. Até aquele momento, eu não sabia o que eu era.

— E o que você é?

— Isso, e só isso.

Ela aponta para mim, de cima a baixo.

— Isso não é tão ruim.

— Sou ferrada. Meu corpo é ferrado.

— Como sabe disso? Pode ter sido o esperma defeituoso dele. Por acaso aconteceu dentro do seu corpo.

— Eu queria poder sair dele.

— Sabe o que li outro dia? Que o óvulo é uma célula agressiva. O esperma não é o único em uma missão. O corpo da mulher tem um plano. Elas são chamadas de doidas por isso.

— Acho que provavelmente tenho óvulos bem agressivos.

— Eu definitivamente tenho óvulos agressivos.

— Mas não tenho integridade, por isso não é surpresa não ter vingado.

— Você está sendo dura demais consigo mesma. — Ela faz uma pausa. — Retiro o que disse — fala, então —, você não é criança. Você amadureceu, enquanto o homem com quem estava não precisou fazer o mesmo.

— Talvez. Para ser sincera, ainda me sinto como uma criança fingindo ser adulta.

— E a sua melhor amiga não soube pelo que você estava passando porque você ficou fazendo a sua dança do “eu estou bem” por toda a cidade.

Sinto que Kelly está pensando antes de fazer a próxima pergunta. Acho que é assim que vai ser agora entre nós, por algum tempo, talvez para sempre: com cautela.

— Como vai indo com a sua mãe? — pergunta ela.

— Tudo bem. Obrigada por se encontrar com ela por mim.

— Ela enrubesce um pouco. Eu me endireito na cadeira. — Na verdade, estou escrevendo sobre ela.

— Eu vi. Ela sabe?

— Não, acho que não. Seja como for, ela me deve essa.

Kelly não parece convencida.

— O eterno débito.

— Ela estava mandando mensagens para o Art. É horrível demais para eu dar mais detalhes.

— Ela se importa com você, você sabe.

Vejo a hora. Nossos cinquenta e cinco minutos estão quase acabando.

— Vamos fazer isso toda semana, pelo menos uma vez — sugiro. — Vamos deixar combinado e honrar nossa palavra. Pense quando seria melhor para você e nós tentamos coordenar as nossas agendas.

Kelly ri.

— Parece tão formal.

— Talvez precise ser. Talvez, se não for, acabe não sobrevivendo aos próximos anos de nossas vidas.

— Por que você e Carmen não aparecem pra comer rosbife no domingo? — diz ela. — Sonny vai gostar de ver você. Ele disse que criou um gif da sua música que está fazendo sucesso.

— Diga a ele que isso é muito reconfortante. Saber disso faz com que eu me sinta banhada em conforto.

Kelly veste o casaco. E suspira.

— Fui muito dura com você. — Ela suspira de novo e deixa o ar escapar por entre os lábios apertados. — Pensando melhor agora, não sei de onde veio tudo aquilo. Acho que, às vezes, sinto uma certa inveja da sua liberdade de poder se importar com coisas sem sentido. Eu tenho que planejar *tudo* a que dou atenção. Pouquíssimas coisas são por acidente.

Eu a abraço e ela me abraça de volta.

— Ah, antes que eu me esqueça, Sonny disse que você pode levar o presente dele.

— Diga a ele que não.

— Então tááá — diz ela, sem entender.

E aí vai embora. E fico olhando ela ir.

#FRAPEH

Na noite seguinte, estou na cama depois que minha coluna entrou no ar. Estou dando uma olhada nos comentários e curtidas. Debochei dela de verdade nessa. Arrumei até um apelido para ela agora. “Frapeh”. Ou devo dizer #Frapeh. Por causa do jeito que ela pede café gelado, pronunciando “café frapé”, o “e” aberto, do jeito errado. Eu me sinto cruel falando disso, mas então me lembro de como ela me faz sentir constrangida, me lembro das mensagens, e penso que ela merece isso e mais. De qualquer modo, é diversão. Escrevi sobre a participação dela em *Coronation Street*, ou *Corrie*, como ela chama, em que teve só uma fala, que fica repetindo regularmente depois de alguns drinques — e também sobre toda a cantoria improvisada dela em público, na rua, especialmente agora, na época de Natal.

Alguém comentou:

Cacete, ela é doida

E tenho que concordar.

Escuto uma batida na porta do quarto. Ela entra com um gim-tônica.

— Tome, meu bem. Para começar a noite.

Viro o celular em um ângulo em que ela não veja a tela e pego o copo.

— Obrigada.

Minha mãe olha com curiosidade para o celular e vejo a tela acesa com mais comentários chegando. Dou um gole na bebida e espero que ela saia do quarto. Ela entende a deixa e começa a sair.

Olho para o espaço onde minha mãe estava parada um segundo antes e sinto como se quisesse chamá-la de volta. O rosto esperançoso dela...

Como ela ousa ter alguma esperança comigo? Não é justo. Minha mãe se vira da porta.

— Essas colunas — diz. Sinto o meu estômago afundar. — Alguém me disse que a última foi... hum, sobre mim?

Como se ela não tivesse lido.

— Possivelmente — falo. — Inspirada em você.

— Acho que precisamos ter uma conversa sobre o que constitui a realidade e sobre o que é justo e o que não é.

E é então que me sinto definitivamente cruel. E irritada.

— É assim que funciona. Não pode ser só o que é real, porque o real não é o bastante para fazer as pessoas lerem. Eu só exagero para garantir efeito dramático. Você sabe como é isso. Não somos tão diferentes, eu e você.

— Hummmmm.

— Você não tem ideia do quanto eu trabalho.

Ela parece à beira das lágrimas. Não consigo aguentar.

— Olhe aqui. — Pego o notebook. Mostro a ela. — Elas são um sucesso. Tem um comentário aqui de um homem que diz que você parece hilária.

Minha mãe olha por um tempo. Rola a tela.

— Tudo bem — conclui. Seu rosto se ilumina.

— E — falo. Ela olha para mim. — sei que você estava mandando mensagens para o Art.

Minha mãe parece envergonhada.

— Trégua? — E estica a mão.

— Trégua — concordo, e aperto a mão dela.

— Nunca mais vou mandar uma mensagem para o Art sobre você. Posso prometer isso, de coração.

— Ótimo.

Minha mãe se senta ao meu lado na cama e se inclina para perto do meu notebook.

— Agora, se essas coisas sobre mim que estão fazendo tanto sucesso vão continuar, quero poder dar uns palpites sobre o desenvolvimento da minha personagem.

MINHA MÃE DIZ

— Acho que se eu viesse morar em algum lugar em Londres, seria em Crystal Palace, só pelo nome... Palácio de Cristal. Só para poder ficar repetindo esse nome todo dia, várias vezes por dia.

— Você pode desligar essa sua versão Nova Era só por uma hora? O ar está roxo e cintilante.

Saímos do táxi. Kelly atende a porta usando um avental com os dizeres: LICENÇA PARA GRELHAR. Na mesma hora tenho vontade de tirar uma foto, mas resisto.

Entramos. O apartamento da Kelly é disposto quase que em um quadrado de corredores, com portas francesas que se abrem para um jardim grande e ensolarado (sempre foi ensolarado aqui? Parece que sim) nos fundos.

Vou ao banheiro. Adoro o banheiro dela. Passa uma sensação adolescente: sais de banho, produtos da Body Shop, porta-algodão. A pia é pequena demais — uma dessas pias laterais, que se costuma ver em salões de manicure —, mas é do tamanho exato para se lavar as mãos, e é preciso realmente se concentrar quando se escova os dentes ali. Na parte de trás da porta do banheiro, por dez anos, havia um desenho de criança de um Dalek com um balãozinho de fala em cima escrito: *Você é o meu papai?* Eu costumava olhar para o desenho e pensar: *Pergunto o mesmo.*

Quando volto para a cozinha, Kelly está cuidando de alguma coisa no forno. Minha mãe encontrou um copo em algum lugar e já encheu com gim e água tônica. Elas estão rindo, como velhas amigas. Eu me pergunto se Kelly está fazendo aquela coisa de ser legal com a família de alguém como uma forma acanhada de mostrar que se importa, como quando Mr. Darcy ajuda Lydia, mas, na verdade, só quer que Elizabeth saiba que ele é um homem poderoso e louco por ela. Eu aceito.

— Mas a amamentação!

— Ah, é INUMANO.

— Até conseguirem desenvolver úteros artificiais, não há esperança de igualdade para a raça humana. Vou voltar como um cavalo-marinho macho.

— Boa escolha.

— Também é um pouco sexual, não? — diz Kelly. — A amamentação.

— O QUÊ? — digo. — Vamos mudar de assunto, antes que eu fique enjoada.

— Bem, é mesmo. É claro que é uma porra de um tabu gigante falar sobre isso. Qualquer combo que misture sexo e crianças é inaceitável. Mas é complexo. É humano. Ai, ai, vocês duas estão me olhando de um jeito engraçado. Não vou falar sobre isso, então.

— Não, eu entendo o que quer dizer — assegura a minha mãe. — A Jenny era bem sexual. Antes de se tornar essa criaturinha distante.

— PARA COM ISSO.

As duas riem.

— Para, por favor. Não trouxe você aqui pra me envergonhar. Pega as suas cartas. Qualquer coisa.

— A Jenny só mamava no meu peito esquerdo.

— Vou lá para fora — digo —, jogar futebol com o Sonny.

— Boa sorte. Ele não joga futebol há três anos — avisa Kelly.

— O que ele faz agora?

— Vê pornô no celular.

— O QUÊ?

— Sei lá. Desculpe, acho que foi só o meu pior medo saindo pela minha boca.

Minha mãe se serve de outro gim.

— Vou acompanhar você — diz Kelly.

— Dose única ou dupla?

— Uma dose só. Aí posso tomar mais um depois, e pronto. Percebi que passei a vida toda em busca do pilequinho com dois drinques.

— Dois drinques? — diz a minha mãe. — Meu Deus. É no segundo que eu começo a me sentir bem.

— O que você anda fazendo em Londres, Carmen? — pergunta Kelly.

— Ah, comecei a fazer um curso. Algumas outras coisinhas. Eu adoraria voltar a atuar enquanto ainda tenho uma cara boa. E comecei a marcar uns encontros on-line.

— O quê? — digo. — A gente combinou que ia conversar sobre isso.

— Não combinamos, não — retruca minha mãe. — Sou uma mulher adulta. Já conversei com alguns homens muito gentis, inclusive.

— Eles são todos pelo menos dez anos mais velhos do que dizem. Só para você saber.

— Um deles estava ajudando a mãe a pavimentar um terraço, então não pode ser assim tão velho.

— É disso que ele fala em um aplicativo de relacionamentos? Pavimentar um terraço? Jesus.

— Vamos lá — diz Kelly. — Mostra para a gente alguns desses campeões.

Minha mãe entra no perfil dela. Estamos aglomeradas ao redor do celular, enquanto ela clica para entrar em suas “combinações”.

Dino, 66 — Tento ser a mudança que quero ver no mundo. Sou o meu próprio futuro. Sei quem sou e do que gosto. Apoio a igualdade e me conscientizei do meu privilégio genital décadas atrás.

Willyfracote, 51 — Procurando alguém que gostaria de rir de um cara com o negócio pequeno. Alguém que se divertiria fazendo eu me sentir ainda menos homem do que já me sinto. Feliz em tentar compensar o meu tamanho com a língua bj.

— Jesus Cristo! — digo. Kelly está no chão, às gargalhadas. — Você é louca! Tem que me prometer que nunca vai se encontrar com nenhum deles. Esses homens são claramente psicopatas dos mais perigosos.

— Tem outra pessoa — diz a minha mãe. — Mas não é do aplicativo. É do Twitter. Começamos a conversar por lá, porque eu me cadastrei no mailing dele.

Eu não gostava da ideia da minha mãe se cadastrando no “mailing” de alguém.

— Ele é um guru de estilo de vida — fala a minha mãe. — Fiquei interessada no trabalho dele. Acho que pode dar bons conselhos. Respeito o *output* e os *utils* dele.

— O quê e o *quê* dele?

Ela entra na conta do cara.

Dan Mosel

Guru de vida. CEO da Torne-se Quem Você É. #DicasdeVida diárias

— O que acha?

— Acho que ele parece um homem que não é molestado pelos conflitos de uma alma — respondo.

— Você é muita dura, Jenny.

— Ele tem duzentos mil seguidores no Twitter. Isso deve impressionar até você.

— Mas quantas pessoas ele está *seguindo*? Provavelmente duzentos e noventa e nove mil. Não se pode confiar no contador de seguidores. O que importa é o coeficiente.

— Pior que não, olha, ele só segue duas mil e trinta e oito pessoas.

— Ah, então ele provavelmente é um desses tipos péssimos que seguem e logo param de seguir. Ele começa a seguir um monte de pessoas, então deixa de segui-las sorrateiramente depois que elas começam a segui-lo de volta.

— Eu preciso de um manual para isso.

— Quanto você está se comunicando com ele? Por mensagens diretas, é isso?

— Trocamos mensagens todo dia, e já mandamos algumas fotos um para o outro.

Olho para Kelly.

— Ai, meu Deus. Fotos de quê?

— Relaxa. Sou boa para julgar o caráter das pessoas, lembra? Tenho informações privilegiadas.

Olho para a foto de Dan Mosel. Ele tem olhos cintilantes e está sorrindo com todos os dentes. E provavelmente também está usando lápis de olho.

— Ele parece um rei pervertido da Bíblia.

— Gosto de reis pervertidos.

— Eca.

Minha mãe acha esse cara atraente? Se ela tem um “tipo” de homem, será que ele... ele poderia... lembrar de algum modo o meu... você sabe?

— Não consigo me ver voltando a sair com ninguém tão cedo — comenta Kelly. — Não vejo razão para isso, na verdade.

Porque você já fez a coisa da procriação?, não consigo evitar pensar. Esse cérebro!

— Você acha que vai ter mais? — pergunta a minha mãe.

Rio, chocada.

— Mãe, você não pode fazer esse tipo de pergunta. É inconveniente. Nunca se pergunta a uma mulher sobre os planos dela de ter ou não filhos, ou de ter mais filhos. Você não sabe como ela encara esse assunto.

— Eu gostaria de ter outro — responde Kelly.

— O quê? — Eu me sento. — Não estou conseguindo lidar com o dia de hoje.

— Bem, é preciso ter dois, certo? — comenta Kelly. — Para o caso de um morrer.

Minha mãe dá uma gargalhada.

— Isso é novidade para mim — digo. — E como você faria?

— Inseminação artificial. Já tenho até os nomes escolhidos. Helvetica para menina e Kale para menino.

— Lindos — digo. — E tão modernos.

— Agora não sei se você está falando sério ou não — comenta a minha mãe.

— Sobre a parte do bebê, estou — explica Kelly. — Mas eu faria uma cesariana, e queria ter mais dinheiro guardado pra contratar mais ajuda, tendo dois.

— Eu simplesmente não faria nada disso, não mesmo — diz a minha mãe. — Eu não teria seguido em frente nem com uma, se soubesse como seria difícil. Nada pessoal, meu bem.

— Não — diz Kelly —, você não pode dizer isso na frente da Jenny. Tem que esperar até ela estar no jardim. A regra é essa.

— Estou indo mesmo! — Saio para o jardim pelas portas francesas. — Agora vocês podem falar à vontade.

Enquanto ando um pouco do lado de fora, escuto Kelly pegar o violão e tocar as primeiras notas de “Love Is Like a Butterfly”. E com certeza minha mãe vai cantar.

Eu queria mesmo ver o Sonny.

E O CORAÇÃO ATRAVESSA O ABISMO

Quando alcancei a Kelly, com um Sonny de dois anos no colo, ele se debateu para ir com ela, e eu experimentei aquela sensação de vergonha que sempre tenho — do jeito mais imaturo e estúpido — quando bebês e crianças preferem outras pessoas a mim, mesmo que seja a mãe deles. Kelly o abraçou com força. O queixo dela tremia.

— Só dei um pulo no banheiro — disse ela. O sotaque do Norte me atingiu como uma brisa morna. Tive vontade de dizer: *Eles entendem o que você quer dizer quando pede amendoins em um pub? Porque nunca me entendem.* — Fiquei longe por trinta segundos. Eu costumo levar ele comigo, mas ele estava vendo TV e... eu não fazia ideia de que ele conseguia usar maçanetas.

— Acontece — falei, como se soubesse do que estava falando.

— Obrigada — disse Kelly. — Obrigada do fundo do meu coração. Nunca vou ser capaz de agradecer o bastante. Quer entrar para beber alguma coisa?

No caminho para casa, ela me mostrou o portão dos fundos.

— Não sei quem deixou isso aberto. Imbecis desgraçados que andam por aqui. De onde você é?

— De Manchester. Originalmente. Perto de lá, na verdade. E você?

— De Huddersfield.

— Sente falta de lá?

— Sinto falta da minha mãe.

— Nunca ficou tentada a voltar?

— Não. Não sinto tanta falta dela assim. Eu a vejo sempre. E o pai do Sonny é de lá, e ele é meio doido. E gosto do meu trabalho. Sou só uma recepcionista, mas é fácil e realmente flexível.

Bebemos vinho na sala dela. Havia pôsteres de festivais — Green Man, End of the Road — na parede junto com arte xamânica. Meu copo de vinho era largo e verde-escuro. O da Kelly era diferente. Rosa, talvez. Enquanto bebíamos, Sonny batia com um brinquedo no outro, em cima do tapete. Depois de mais ou menos uma hora, ela colocou o filho na cama. Ouvi o som de uma canção de ninar tocando no quarto dele, enquanto ela o acalmava para dormir.

Quando voltou, Kelly trazia outra garrafa de vinho.

Do nada, falei:

— A minha mãe foi mãe solo.

Qual era minha intenção? Criar laços? Sugerir que eu entendia a vida dela? Agora, sinto uma ponta de ansiedade quando penso em mim mesma dizendo aquilo. A locomotiva ME AME ME AME ME AME expondo o meu coraçãozinho perdido.

Kelly não prolongou o momento pra mim.

— Onde ela mora? — perguntou.

— Ainda lá perto de Manchester.

— Onde está o seu pai?

— Não conheci o meu pai. E até onde eu sei, a minha mãe mesmo mal conhece ele.

Kelly sorriu.

— Como é a sua mãe? Aposto que é toda gatona.

— Ela é como um filhote de passarinho — falei. — Só tem boca. — Kelly riu. Continuei. — Ela não é fácil.

Kelly riu de novo.

— Nenhuma de nós é.

Era cedo demais para eu ofendê-la. Recuei.

— Acho que todas sofremos de síndrome de Estocolmo no que diz respeito às nossas mães.

— É verdade. Não é de admirar que o Sonny tenha tentado fugir.

— Não, não quis dizer...

— Fique quieta. — Ela serve mais vinho.

Conversamos por horas, perdi completamente a noção do tempo. Então, Kelly pegou o violão e cantou “Love Is Like a Butterfly”, da Dolly Parton. A voz dela era boa, rouca nos momentos certos, e ela tocava bem — tinha aprendido sozinha. Só quando ela terminou é que me lembrei do taxista e corri para fora de casa. Mas logo descobri que ele — assim como a minha solidão — tinha ido embora há muito tempo.

CRIANÇA GRANDE

No jardim, encontro Sonny sentado no banco do lado de fora do galpão. Ele está olhando para o celular. Quando me vê, para e guarda o telefone no bolso. Ele parece tão crescido que quase empaco onde estou.

— Oi.

— Oi.

— O que você tá fazendo?

— Estudando.

— Para o quê?

— Para prova final da escola.

Eu me sento ao lado dele e olho para os nossos pares de tênis, um ao lado do outro no chão.

— Sonny, não assista a nenhuma merda horrorosa na internet, tá?

— Não começa.

— Tô falando sério. Sei que você é esperto, mas essas merdas vão ensinar a você tudo errado sobre sexo.

— Olha, você precisa parar de ser tão exagerada.

Assinto devagar, concordando.

— Trouxe o meu presente?

— Não. Trouxe vinte libras.

Ele olha para mim. Como sempre, vejo o rosto da Kelly no dele.

— Aposto que você fumou tudo, não foi?

— *Faça o que eu digo, não faça o que eu faço.* Deus, a minha vó vivia falando isso e eu detestava.

— Não é de espantar. Também odeio.

— Não sei como conversar com você, Sonny. — Olho na direção da casa. — Eu me sinto entre a cruz e a espada.

— Qual das duas eu sou?

— Ah, você é a espada. Você é todo espada. — Faço um gesto com a mão imitando uma espada.

Ele ri e olha para mim, envergonhado.

— Vai lá e domine o mundo de uma vez — digo.

— Talvez seja por isso que eu não me sinto como uma criança — responde Sonny. — O planeta está morrendo e alguém precisa assumir a responsabilidade por isso.

— Você toma banhos bem longos — digo, inutilmente.

CAÇA-FANTASMAS

No táxi, voltando para casa, ela diz:

— Eu me lembro do momento em que me apaixonei por você. Tipo, *you you*. A pessoa. Você não tem um momento assim, tem? Um momento em que você se apaixonou. Acho que filhos não passam por isso. Mas os pais *efetivamente* se apaixonam pelos filhos. Existe um momento específico. Você estava na sua cadeirinha, na cozinha, enquanto eu fazia o café. Café e açúcar sempre me levam de volta àquele momento. O rádio estava ligado. Começou a tocar a música-tema dos *Caça-Fantasmas* e comecei a dançar, e você desatou a rir. Eu estava exagerando os movimentos, fazendo tudo de um jeito ridículo. Pelo jeito como você riu daquilo, eu soube que iríamos nos dar bem. Soube que amava você. Como você. O serzinho individual que você era, com o cabelo arrepiado e a risada emporcalhada.

Olho para as mãos da minha mãe, no colo dela. Penso em todas as vezes que fiquei assistindo a ela dos bastidores. Os momentos reais, os lembrados e os imaginados. Digo:

— Acho que os filhos têm esse momento, sim. Acho que têm.

Se eu fosse mais evoluída, mais madura, se me sentisse mais confortável com as pessoas, aquele seria um momento em que eu teria abraçado minha mãe (ou coisa parecida).

AMBIÇÃO NUA

Estou saindo do escritório da *Foof*, embriagada com a glória da minha coluna mais recente. Saio da WerkHaus com o passo leve. Decido jantar alguma coisa elegante, comprar algo para levar para casa, um prato para dois de um bistrô elegante. Passo pela Oxford Circus e vejo o sem-teto com quem surtei naquela vez. Paro. Ele me olha, na expectativa.

— Desculpe por ter surtado com você quando estava bêbada — digo.

Ele me olha como se não tivesse ideia do que eu estou falando.

— Desculpe — digo, me corrigindo —, é claro que você não se lembra de mim. Centenas de pessoas devem surtar com você todo dia. Por que iria se lembrar só de uma?

Ele estreitou os olhos.

— Espere um minuto — diz ele. — Você foi a que falou do Facebook?

— Sim! Sou eu!

É tão bom ser lembrada, mesmo que negativamente.

— Pois é — concorda ele.

— Bem, me desculpe. Estou um pouco melhor agora.

Ele diz:

— Não tem problema. Você parecia estar sofrendo muito. Assinto.

— Você não estava muito longe da verdade.

Consigo ver direitinho agora como eu não estava bem. Essa cultura de checagem constante, de ter a sensação de que tudo pode ser classificado, explicado, validado e recompensado na mesma hora — isso acaba sendo transmitido para nós fisicamente, certo? Vou checar, e checar, e checar. O clima, as minhas coxas, a minha política, o meu almoço. Tira todo o mistério. Mas será que isso acontece? De verdade?

Quando dobro a esquina, no fim da rua, eu a vejo. Pisco e olho de novo. Com certeza é ela. Minha mãe. Com certeza. Ela parece diferente, mas é ela. Está usando um chapeuzinho verde e um monte de maquiagem, um blazerzinho preto elegante e uma calça jeans. Ela parece toda arrumada para um... bem, para um encontro.

Oh-ou. Uma febre me domina — preciso salvá-la de seja o que for que ela está se metendo. Com aquele guru de vida horroroso, ou com qualquer outro oportunista sem coração de um site ou aplicativo de relacionamento.

Penso em gritar por ela, mas me contenho. Não, é melhor não. Sigo minha mãe.

Tenho que me certificar de que ela não acabe enganada, ludibriada ou sequestrada, ou que vá ver plantas de potenciais apartamentos de alguém.

Eu a sigo, rua após rua, até chegarmos a um teatro minúsculo no West End. Hora esquisita para uma matinê. Minha mãe entra. Mas alguma coisa não está certa. O teatro parece morto. Não tem ninguém por ali. Que tipo de pervertido ataca uma mulher de meia-idade em um teatro

vazio? Acho que esse é o problema com a internet. Os fetiches são infinitos. Existe fetiche para tudo. Até em mulheres de meia-idade em teatros vazios.

Escuto vozes abafadas, então a voz da minha mãe — é mais fácil discernir as palavras dela, já estou sintonizada. Acelero o passo, avançando pelo corredor.

Ela diz:

— Vou direto ao ponto então, posso?

Então escuto a voz do Art.

Do Art.

Chego ao auditório principal e espio lá dentro. Minha mãe está de pé em cima do palco, olhando para a frente, nua, as roupas amontoadas no chão. Colo o corpo o máximo possível contra a parede e olho pelo canto dos olhos.

Art está andando ao redor, se adiantando e fotografando. Pessoas se movem ao lado dele — cabelo, maquiagem, gente segurando luzes e refletores. Todos olham para minha mãe enquanto ela posa ali, pelada — ah, meu Deus, pelada — naquele palco, no meio de Londres. A minha mãe: o Maior Show da Terra.

— Está muito, muito bom, Carmen — diz Art. — Só um pouco mais de perna, das estrias. Esse trabalho é todo sobre essas linhas lindas.

— Essas coisas!

Então eu a vejo — Suzy — perto do Art. Parada ali como se fosse normal ter uma pessoa pela qual sou obcecada perto do meu ex. O mundo está de cabeça para baixo, e também explodindo. Colo ainda mais o corpo contra a parede.

Suzy diz:

— Você cresceu rápido demais!

E minha mãe — MINHA MÃE — responde:

— Eu encolhi rápido demais.

— Porque você cresceu rápido demais — diz Suzy.

Minha mãe se contorce em várias poses irreconhecíveis — não são poses humanas, mas de insetos se ou répteis serpenteando. Mal consigo olhar. Mas olho.

Suzy diz:

— Posso postar uma dessas? Por favor? São tão cruas e perfeitas. Tão imediatas.

Art diz:

— Claro, mas me dê o crédito.

Minha mãe diz:

— Me dê o crédito.

Suzy levanta o celular e enquadra a cena.

Preciso vomitar ou me mexer. Vomitar ou se mexer, Jenny, vomitar ou se mexer. Eu me mexo. Talvez também vomite, mas estou me mexendo. Sigo reto, pisando firme, e grito:

— O QUE VOCÊ PENSA QUE ESTÁ FAZENDO?

Tive vontade de acrescentar: MOCINHA.

Ou VELHINHA.

Mas basicamente ECCCAAAAAA.

Tudo e todos param. As pessoas que não me conhecem claramente acham que sou alguma funcionária pudica do teatro ou uma tonta qualquer que estava passando. As pessoas que me conhecem que sou todas essas coisas, e também sabem que estou compreensivelmente furiosa. Fico

parada olhando para eles, um por um — minha mãe, Art, Suzy. Todos estão boquiabertos.

— QUE DEPRAVAÇÃO É ESSA?

Minha mãe pega as roupas e se cobre. Estou ciente do absurdo da minha posição. Essa sou eu: meio em pânico, meio teatral. E tudo isso é sobre mim, não é? Tem que ser.

Art diz:

— Carmen, achei que você tinha dito que deixara tudo claro.

Minha mãe faz um gesto com a mão e resmunga:

— A minha filha não é minha guardiã.

Aquilo provoca uma comoção entre os que não me conhecem, quando compreendem a situação. *Ah, é a filha dela...*

— Ela é livre para ser a mulher que quer ser — diz Suzy com o mínimo de civilidade.

Aponto para ela.

— Nem PENSE em tornar essa uma questão feminista, Brambles.

Minha mãe diz:

— Como você me encontrou aqui?

Art diz:

— Posso explicar. Isso é parte de uma história maior. Sua mãe é parte da minha próxima exposição: *Cicatrizes e garotas*. É sobre maternidade.

Minha mãe diz:

— Vai ser uma exposição linda e importante.

Olho para os três, de um rosto para o outro e para o outro. Suzy parece irritada, como se o fato de eu aparecer ali estivesse arruinando o dia dela. Minha mãe está me olhando meio em pânico, como se tivesse acabado de se dar conta da merda monumental que aquilo pode dar. Art me encara com uma expressão deliciosamente assustada.

Sou a Ripley com o lança-chamas. O elevador chega no térreo. *Ding*.

Respiro fundo.

— Você venceu, Art. Você venceu.

Ele tosse, parecendo inseguro, joga o peso do corpo de um pé para o outro, olha para os botões da câmara.

— Não quero vencer.

— Não importa. Não é culpa sua, mas é o que você foi criado para ser. Você planejou tudo muito bem porque em algum nível inconsciente, está jogando a longo prazo. Um jogo longo que eu nunca poderia jogar.

— Não estou jogando nada.

— A sua vida toda é um jogo! Você é como o Peter Pan ou o Picasso. O *puer aeternus*. Mas estou satisfeita por saber o que sei. Por ser quem eu sou, nessa era dolorosa de esclarecimento pessoal.

Com isso, eu me viro e saio do teatro escuro para a luz do dia.

Ela vai me seguir, sei que vai. E quando me encontrar, vou estar pronta.

Do lado de fora, não há sol, o dia está nublado, mas poderia muito bem ser alto verão. É como se uma luz enorme

tivesse sido acesa depois de meses de escuridão. Sou como um animal que deixou para trás a pele antiga e agora está mais forte.

SOHO SQUARE

Olho para o celular. Suzy já postou uma foto no teatro, com a legenda:

Que honra estar aqui na sessão de fotos do meu amor @ArtWilson para a próxima exposição dele, explorando a maternidade com mulheres notáveis como Carmen #cicatrizese garotas #maternidade #estrias #envelhecimento #o corpo inspira

Parece bem bonito em preto e branco. Icônico.

Digito:

Você deve se identificar com vários aspectos, mamãe yuppie do ano — ele vai fotografar a cicatriz da sua cesárea?
#ASSUMAASUAVERDADE

Fico olhando para o comentário como se fosse um pequeno míssil projetado e pronto para disparar. Bum, Suzy Brambles, caia.

Então, delete o rascunho de comentário.

E silêncio a Suzy. Não com raiva, mas porque sei que não vou ter nenhum sentimento bom ao olhar para as fotos dela agora, e provavelmente nunca. É um ato privado de sanidade. Na minha mente, existe uma placa apontando na direção dela, uma placa grande, entalhada em carvalho: *Nessa direção, só problema>>>*

Seguro o celular perto da têmpora e imagino tumores brotando lá dentro.

Quando ela aparece no portão mais distante, é como um ajuste de contas. Como se a minha própria morte tivesse me alcançado. Eu a encaro e ela me encara de volta. O ar entre nós estala. Ela começa a se aproximar.

Fantasio que conto para ela, que me levanto e grito: *TIVE UM ABORTO*. Eu a vejo se jogando no chão e socando a terra com os punhos. *NÃOÓÓÓ NÃOÓÓÓÓ NÃOÓÓÓÓÓÓÓÓÓÓ!* Eu a vejo chorar pelo neto que nunca existirá. Pela vergonha e agonia da filha. *Por que não me contou? Porque você é uma sanguessuga do luto! Uma vampira da infelicidade!* Eu a vejo arrancar os próprios cabelos e jogá-los na minha direção com as raízes ensanguentadas...

Ela se senta perto de mim. Olho para ela, mas ela não olha para mim agora — seu olhar está perdido à frente. Ela é todo mundo que já me amou, todo mundo que já me abandonou, todo mundo que já me admirou, todo mundo que já me ignorou. Ela é uma Maldita Mãe Filha da Puta.

— Sei o que você deve estar pensando de mim.

Eu a vejo torcer as mãos de duquesa. O esmalte azul está lascado no polegar.

Olho para o céu.

— Esse é o seu trabalho.

Minha mãe cerra os lábios e abaixa a cabeça, como um cão repreendido. Ela costumava fazer isso. Martírio, acho que é como chamam.

— Tenho as minhas razões — diz ela. — Tenho o direito de ainda querer coisas para mim mesma, Jenny. Eu não estava pensando em você.

— Evidentemente. Tudo isso é sobre você. Não consigo me desvencilhar de você. Meus padrões de trabalho. Meus padrões de amor. Pelo amor de Deus. — Olho para ela, para os olhos azuis grandes e arregalados. — Você está assustada.

Ela não discute.

— Você o procurou ou foi ele que procurou você?

— Ele disse que estava atrás de modelos para um novo projeto. Eu me ofereci e ele aceitou na hora. Art ficou preocupado com o que você iria pensar, mas eu disse que contaria pra você.

— Então, por que não contou?

— Fiz isso milhões de vezes na minha cabeça, mas acabava sempre adiando. Cheguei até a escrever um e-mail que não mandei. Mensagens que não mandei. É um absurdo, na verdade! Fiquei tão ansiosa por causa disso... Mas aí chegou o dia da sessão de fotos e você tinha saído para o trabalho e... bem, aqui estamos.

— Por que você veio? Para Londres?

— Pelo mesmo motivo pelo qual você sempre veio. Para tirar o gosto.

Acendo outro cigarro.

— Pode me dar um?

Acendo um para ela também. Minha mãe fuma com os dedos curvados, como uma amadora.

O dia está terminando. Os últimos raios de sol se infiltram pela praça.

Ela diz:

— Acho que, em algum lugar profundo e desconhecido, eu estava me agarrando à ideia de que você talvez voltasse para casa.

— O quê? Você anexou o meu quarto ao seu! Jogou fora todas as minhas coisas da escola!

— Acho que eu estava tentando fazer de conta que tinha seguido em frente, sabe, pra não parecer incomodada. Acho que ainda dói o fato de que viver comigo não seja uma perspectiva atraente para você.

— Não há ninguém com quem eu queira viver nesse momento, mãe. E não sei o que vou fazer.

Ela suspira.

— Esse sempre foi o meu problema. Eu sabia com que tipo de homem queria morrer, mas nunca consegui encontrar um homem com quem quisesse viver.

CHEFE EXECUTIVO DAS EMOÇÕES

Então, tenho uma confissão a fazer

Você também posou pro Art.

Não, pior: estou seguindo o novo crush da sua mãe

AH, NÃO

Sim

(Eu também tô)

Hahaha

Ele é MUITO NOJENTO

MUITO

Ele se autointitula Chefe Executivo das Emoções, do site
motivacional Torne-se Quem Você É

CHEFE EXECUTIVO DAS EMOÇÕES

Você viu o que ele postou hoje de manhã? A foto de uma zebra
de óculos com a legenda “você é do tipo que corre para a bola
ou que corre dela”?

Ele tuíta cinquenta vezes por dia

A minha inteligência quer conseguir uma liminar contra ele.

Quando leio o lixo daquele homem, me sinto fisicamente
agredida

Aquilo é mesmo o trabalho dele???

Fico tão feliz por estarmos juntas em relação a isso, Kelly

ELA DIZ

— Um dia juro que vou levar poucas malas, mas não nessa vida. Ele acha que sou a melhor pessoa de todas.

Ela traz as últimas bolsas para o hall. A van está esperando na rua.

— Tome cuidado com ele, mãe.

— Acho que ele gosta mesmo de mim! Tipo, de *mim*-mim, quer dizer.

— Estou feliz por *você*-você. Sêrio.

— Ele me convidou para viajar com ele no final desse mês. Los Angeles, São Francisco. Algumas conferências e um pouco de diversão. Acho que vai ser bom para mim, e eu queria conhecê-lo melhor. Tudo bem? Você... se incomodaria?

— Por que eu me incomodaria?

— É na época do Natal.

Olho para ela.

— Tudo bem.

Minha mãe me olha com intensidade e fala, muito séria:

— Obrigada. Ele é um pouco mais novo do que eu, mas não muito — diz ela.

— Mais novo quanto?

— Dez anos. Mas não me sinto com sessenta anos. A verdade é que me sinto com vinte e cinco. Eu me sinto com vinte e cinco anos desde que tinha vinte e cinco anos... é

como se a minha personalidade tivesse sido forjada ali, quando recebi o meu chamado, e nunca mudei. E não é como se eu estivesse enganando alguém. Já tiramos tudo isso do caminho. Ele tem filhos. Eu tenho você. Não temos segredos.

— Ele foi casado?

— A mulher dele morreu há quatro anos. Vou tentar colocá-los em contato.

— Não vai nada disso.

— Farei o melhor que puder.

— *O amor não progride em casamentos, mas em funerais.*

Ela balança a cabeça.

— Ele organiza essas sessões espirituais gigantescas. Encontros, na verdade. Cinco pessoas fazendo reiki em você de uma vez.

— O quê, *gang reiki*?

— Jennifer. Aparentemente, as pessoas se juntam em grupos de meditação on-line e, quando há várias dessas pessoas na cidade, as vibrações são tão fortes que as taxas de crimes caem.

— Então ele é um super-herói.

— Ele é um homem que sabe o que quer.

— Você está querendo dizer que ele é rico.

— Ele encontrou o nicho dele.

— Você está querendo dizer que ele é rico.

— É melhor estar com um... companheiro. A aposentadoria me apavora. Ficar velha me apavora. Não a morte, nunca a morte, mas ficar velha e pobre... Estou usando uma espécie otimista de pragmatismo aqui. Estou

procurando, antes de mais nada, por um companheiro. E se isso significa me subverter a partir de dentro, que seja.

Minha mãe se aproxima e, por um momento, acho que está prestes a me abraçar, então ela diz:

— Como você se sente sobre as fotos?

— As que o Art tirou? Estou me colocando meio à parte disso. Como você se sente a respeito?

— São em preto e branco. De muito bom gosto.

— Claro, essa seria a expressão primordial que eu usaria para descrever a coisa toda. De bom gosto.

Minha mãe ri, mas logo fica séria.

— Estive pensando... você poderia congelar os seus óvulos. Poderíamos criar uma criança juntas.

— Agora você está sendo absurda.

Ela segura minha mão.

— Eu amo você de verdade, meu bem.

— Também amo você, mãe. De verdade. Mesmo sabendo que nós duas nunca vamos ser amigas do jeito normal.

— Colegas de quarto — diz minha mãe. — É isso o que somos.

Assinto.

— E a Kelly está se mudando para cá, então não dá para você aparecer quando der na telha. A porta não vai ficar aberta para você.

— Entendido.

Ela se adianta para me abraçar, e eu deixo. Nossas clavículas se esbarram como chifres. Eu a abraço com força e tento não pensar em cada ponto de contato entre os nossos

corpos e em quanto tempo esse abraço deve durar. Acabo me afastando primeiro e me sinto empoderada por isso, mas também acho que pode ser potencialmente ofensivo, e ah, caramba, eu só preciso parar de analisar cada coisinha ridícula o tempo todo, cérebro, POR FAVOR.

— Ah, meu amor — diz ela no meu pescoço. — Pelo menos eu só tive que tentar me parecer com a Twiggy. Você tem que cantar, dançar, trepar, trabalhar, ser mãe, brilhar, equilibrar tudo e não reclamar e ser linda e amar as suas imperfeições e se manter forte e mostrar a sua vulnerabilidade e assar e encaixotar e fazer de tudo um pouco. É demais, demais mesmo.

Eu digo:

— Alexa, toque “Age Ain’t Nothing But a Number”.

— Você nem tem uma Alexa.

— Hahahahahaha.

INT. QUARTO DE JENNY. NOITE

Uma luminária acesa. Jenny em uma cama de casal, lendo um livro. O celular dela está virado para baixo em cima da mesinha de cabeceira, perto de uma embalagem de suco de laranja.

O celular toca e a tela acende. Jenny olha para ele, hesita, volta a olhar para o livro, então abaixa o livro e pega o celular. Ela lê o nome na tela, hesita de novo, toma uma decisão, balança a cabeça, assentindo para si mesma, e atende.

ART

Jenny! Como você ESTÁ?

JENNY

Bem, Art. É, acho que bem.

ART

Obrigado por atender. Fiquei na dúvida se você atenderia.
Sempre foi um ser tão textual.

JENNY

E como vai você, Art? Já faz meses.

ART

Ah, tudo bem. Sabe como é. A Suzanne tá me deixando meio louco. Ela é bem doida.

JENNY

Peraí... ou eu já ouvi isso antes, ou deu defeito na Matrix.
Você não precisa falar mal da Suzanne comigo, você sabe disso, né, Art? Não tem que ser o grande homem protegendo os meus sentimentos triviais.

ART

E a Clem ficou doente na semana passada e isso tomou conta de TUDO. Tô atrasado com as minhas fotos. Tenho vontade de dizer: ei, também sou uma pessoa! Sou um ser humano com necessidades! A Suzanne parece se esquecer disso quando a filha está por perto... E quanto à filha... bem, a menina não tem noção de nada. Ela não dá a mínima pro meu trabalho, aquela garota.

JENNY

Extraordinário.

ART

Não é? Sabe, Jenny, você parece diferente. Parece bem.
Tipo... sei lá, a antiga você.

JENNY

Não. Essa sou a nova eu. Mas você não acha que o novo provavelmente é a coisa mais antiga de todas, Art? No sentido de que precisa conter tudo que é antigo para existir no aqui e agora?

ART

É. Você tá parecendo bem mais com a garota por quem eu me apaixonei.

JENNY

E você parece bêbado. Onde está a Suzanne?

ART

Fora.

JENNY

Você está bêbado, a sua namorada está fora e você está no telefone com a sua ex. Ai, ai.

ART

Não tô falando mal dela nem nada. Tô... preocupado, mais do que qualquer coisa. Achei que ela tava mais no controle da própria situação, sabe, mas... Você também achou isso, não achou? Você idolatrava a Suzanne.

JENNY

Acho que sim. Mas nunca teve realmente a ver com ela. Era mais eu derramando a minha carência em um buraco em forma de Suzy. Culpe os neurônios-espelho.

ART

Você parece bem de verdade. É bom ter uma dose da minha Jenny.

JENNY

Fico feliz em ajudar!

ART

Não, espera. Eu... desculpa, Jenny. Por ter deixado você. No hospital. Penso sobre isso, sabe... já falei da vergonha que

sinto por causa disso pra outras pessoas quando fiquei bêbado, mas não tinha dito nada pra você até agora.

JENNY

Você não fez nada sozinho, eu também tenho participação nisso tudo. Acho que eu sempre estive esperando me estilhaçar.

ART

Não, com certeza tudo ali foi culpa minha.

JENNY

Sinto muito, mas você não vai poder assumir tudo, não estava tudo nas suas mãos. Acho que pra mim foi uma grande ferida narcísica. Eu não sabia o que o meu corpo era.

ART

Não está tudo nas minhas mãos, então.

JENNY

Sabe, você e Suzy provavelmente deviam ter um filho juntos.

ART

Isso é muito generoso da sua parte, Jenny.

JENNY

Quer dizer, pensa só no trabalho importante que vocês estariam fazendo para o acervo genético.

ART

Ha ha. Tá certo. Tá certo. Escuta, Jenny, a minha carreira não é segura, sabe? Não me dá garantias. Não venho de família rica. Os meus pais perderam a maior parte da aposentadoria deles, lembra? E ela é legal, legal de verdade. É mesmo uma pessoa muito boa.

JENNY

Entendo. E reconheço isso, como mulher.

ART

Aliás, não é um relacionamento de mão única. Apresentei a Suzanne a alguns contatos. Acho que ajudei todas as mulheres com quem estive, e me sinto muito orgulhoso por isso, por ser capaz de ajudar com as carreiras de vocês.

Significa muito pra mim, poder fazer isso pras minhas namoradas. Me deixa orgulhoso poder ajudar as mulheres. Sei que foi uma grande ajuda pra você ir a todas as minhas exposições, andar por aqueles círculos, com aquelas pessoas. Isso também está ajudando a Suzanne, agora.

JENNY

Você é lindo.

ART

Não faça isso.

JENNY

Sempre vou amar você, Art. Meu amor por você só perde para o meu amor pela moda dos conjuntos de veludo molhado. Sempre vou amar mais os conjuntos do que você.

ART

Hahaha. Ah, você.

JENNY

Sim, eu. Essa eu deliciosa e cheia de caprichos.

ART

Ela me forçou a morar com ela, pelo menos, e estou tão feliz.

JENNY

Forçou você?

ART

Sim. Como você fez. Caso contrário, eu nunca teria feito isso.

JENNY

Eu com certeza não forcei você.

ART

Forçou, sim!

JENNY

Não, Art, não forcei. Talvez você fique mais contente em se ver como um nômade aventureiro, arrancado da floresta e catequisado por uma mulher, brilhante em seu papel de missionária. Mas você não é esse personagem. Sou menos civilizada do que você, posso garantir. Você não é o selvagem adestrado. Não tem absolutamente a menor ideia do que é estar em uma jaula. Você não é o aventureiro que volta da tempestade para o conforto do colo de uma mulher. Eu nunca tive um colo que servisse de conforto pra você.

ART
Eu sei.

JENNY
Pois é. Sai dessa. E vê se dá algum crédito para a Suzanne.

ART
Uau.

JENNY
Pronto, tá vendo? É exatamente como no começo, tudo de novo. Eu te dando um fora e você ficando mais impressionado do que ofendido. Um círculo perfeito.

ART
Então, você não me despreza?

JENNY
Não. (suspiro) Você meio que me fez perder o meu precioso tempo, mas sempre vai significar alguma coisa pra mim, Art. Estou falando sério. Essa é a parte profunda.

ART
Ah, bom. Estava esperando por isso.

JENNY
Nós nos ajudamos. Vou pensar em você todo dia, de algum modo, e vou odiar você por isso, mas com um amor profundo, impossível, além da vida. E nunca vou conseguir ouvir a versão da Mariah Carey de “All I Want For Christmas Is You” sem pensar brevemente em você e no que deu

errado, e sem me perguntar se você ainda me quer de alguma maneira durante essa época do ano, embora saiba que nunca vamos colocar isso em ação. De novo. E isso é um clássico moderno, arruinado. Isso é o que você fez comigo, Art. Dito isso, eu gostaria que a gente tentasse ser amigo. Nunca consegui isso com mais ninguém, mas também nunca tive um ex como você, e acho que preciso de você na minha vida, como amigo. Acho que talvez eu esteja pronta pra isso. Com certeza tenho a sensação de que posso te dizer qualquer coisa agora. Como por exemplo que eu não quero que a gente converse assim.

ART

Assim como?

JENNY

Como se a gente estivesse lendo um roteiro. Uma espécie de roteiro de “como conversar com o seu ex”.

ART

Tá certo, então como a gente faz?

JENNY

Não sei. Tenta relaxar?

ART

Sua especialidade.

— Ha ha.

Escuto Art respirar fundo algumas vezes, então ele diz:

— Ei, a abertura da minha nova exposição vai ser na primavera. *Cicatrizes e garotas*. Você vai?

Demoro algum tempo preparando a resposta, então decido ir com tudo. As palavras jorram de dentro de mim, como água escapando de repente por uma rachadura em um dique.

— Olha só, Art, provavelmente não vou. Odeio galerias de arte. Sempre odiei. É um alívio poder te dizer isso agora, como amiga.

Sinto um frio percorrer minhas costas. Escuto os lábios do Art fazerem um som úmido, então ele diz:

— Ok. Obrigado. Sem problema.

— Agora vai para a cama. Boa noite.

— Tudo bem.

Ele fica ali, respirando. Também fico ali, respirando.

— O que é, Art?

— Sabe, você me deixa apavorado.

KELLY DIZ

— É isso? Vamos fazer isso? Nos aposentamos?

— Não tem a ver com aposentadoria. E sim com não esperar. Podemos fazer isso dar certo com o meu aumento de salário, e tem um quarto extra para as mães ficarem... quando e se elas nos visitarem.

— Se vamos ser realmente modernas sobre isso — diz ela —, então temos que pensar em tudo. Se você quiser filhos, por exemplo. Poderia conseguir um doador de esperma. Criamos as crianças juntas. Temos uma vida, um lar e um futuro juntas aqui, tão certo quanto em qualquer outro lugar.

— Você conversou sobre isso com a minha mãe?

— Não!

— Ótimo, porque existem coisas mais importantes a serem resolvidas antes. Precisamos de um revezamento de tarefas — digo — e de uma lista de regras da casa. Ou um acordo de família. Se isso é um projeto, então é um PROJETO.

Kelly ri.

— Cacete. Ok, como quiser, vamos tentar.

Olho para a foto na parede, da minha mãe no palco, alguns anos atrás, no elemento dela. Pendurei a foto em uma moldura perto de uma carta impressa, também emoldurada, que a Anne Sexton mandou para a filha. *Seja dona de si. Pertença a quem você ama.*

“Vou deixar você aí, mãe”, penso. “Agora seja uma boa menina e sorria.”

Kelly pega o celular.

— Olha só isso — diz, e vira a tela na minha direção. — Eles estão em Chateau Marmont.

— Amo como você está obcecada com a minha mãe online agora. Achei que você era imune a isso.

— Olha.

O vídeo começa. Minha mãe e Dan Mosel estão diante do piano, no saguão do hotel. Ela está sentada em cima do instrumento, segurando uma bola de vidro, cantando “My Baby Just Cares For Me”. Dan Mosel está tocando o piano, e não toca mal. Ao redor, há pessoas de várias idades, empolgadas e aplaudindo. Minha mãe claramente é a estrela da festa.

— Acho que, até agora, a sua mãe está tendo uma aposentadoria melhor do que a nossa — diz Kelly.

Observo o rosto da minha mãe enquanto ela canta, e vejo o modo como ela olha para Dan, e o modo como ele olha para ela. Minha mãe parece diferente — como uma garotinha, mas também como uma pessoa que eu nunca vi antes. Penso: *Ok, ok, agora entendi.*

Minha mãe encontrou as pessoas dela.

PERGUNTA SINCERA

A regra dos cinco segundos se aplica ao pênis?

O quê?

Tipo quando você deixa uma comida cair no chão, sabe? E se um pênis só entrar por cinco segundos?

Não tenho certeza se isso é confiável nem com a comida que cai no chão, Nicolette

Sabe, sou super a favor de camisinha, mas acho que, com trinta e tantos anos já, elas são ofensivas — parecem dizer que ou você tem alguma doença, ou que seria uma mãe ruim, né não?

Os encontros estão indo bem, então

Literalmente todo homem que entra em contato comigo on-line me pergunta se quero ter filhos em cinco minutos, e outro dia alguém me perguntou se eu podia mandar uma foto de frente, já que todas as minhas fotos tinham “um ligeiro ângulo”. Eu fiquei, tipo, VOCÊ PRECISA DE UMA FOTO DE PASSAPORTE? VOCÊ É ESPANHOL?

Acho que nunca mais vou sair com ninguém. Não consigo me prender nem a um hobby atualmente

Você precisa tentar uma atividade não verbal

Não é uma má ideia

Embora faça yoga

Eu tento

Você deve estar mesmo muito boa em yoga a essa altura.
Aposto que consegue se apoiar só no seu clitóris. Vou arrumar
um presente de Natal não verbal pra você – uma coisa artística

Intrigada

Já até sei a coisa certa. Entrevistei uma pintora outro dia e ela
disse que passou a aceitar a autoaversão como parte de seu
processo de criação. Não é libertador?

Talvez. Agora tenho que ir – hora de devolver meu celular para
a Kelly

O quê?

Ela está me racionando. Duas horas por dia. Ela é a minha
Cuidadora de Redes Sociais

Sábio

Kelly está adorando isso porque ela é meio sádica. Se a coisa de
recepcionista não funcionar, ela poderia facilmente se tornar
carcereira de prisão.

* * *

Olha, só queria te avisar que a Suzanne e eu combinamos de contar um ao outro tudo sobre todo mundo com quem a gente já fez sexo e como foi bjs

Ah

É muito saudável e aberto bjs

É fascinante que você queira me informar isso. À 1 da manhã.

Como amigo bjs

Estou começando a achar que amigos são piores do que mães.

DESENHO DA FIGURA HUMANA

Antes da aula, fico de pé, sem roupa, depois do banho, de frente para o espelho de corpo inteiro do meu quarto. Olho para o meu corpo e penso: posso maltratar você de novo. Posso amar você de novo. Você é meu para eu fazer o que quiser.

Há doze de nós sentados em uma sala ensolarada no segundo andar de um pub que também faz as vezes de restaurante vegano. O professor explica os princípios do desenho da figura humana para os que nunca fizeram aquilo antes, como eu. Nos sentamos, a postos, com nossos lápis e papéis. Acho que tenho a sensação de que deveríamos estar nus. Essa pessoa está sendo paga para ficar pelada? É pior se estiver? Uma pessoa nua sai de trás do bar. Seu corpo é flexível e está suavemente iluminado. Já é de tarde, e tomei vinho no pub logo abaixo — um rosé pálido que me beijou nos lábios e escorregou pela minha garganta como uma promessa. O céu do lado de fora é rosa e cinza. A pessoa se senta e se coloca à vontade. Parece tão à vontade que me deixa à vontade. Ela não está posando, nem eu, nem ninguém. Todos começamos a desenhar. Deixo o silêncio me envolver mais uma vez. As formas que faço com a ponta do lápis são gordas, leves e fáceis, e aí se transformam em partes humanas, e aí eu paro de pensar de vez e...

RELAXO

Quase. Imagino que se possa chamar de algo parecido.

Quatro horas mais tarde. Agora também estou sem roupa, mas de pé, fumando perto da janela aberta e da placa de não fume, olhando para essa pessoa com quem algo está prestes a acontecer. Deixo o cigarro de lado ainda olhando para essa pessoa.

Nossas roupas estão largadas como degraus em direção à porta.

DEITAMOS

imóveis no silêncio absoluto do quarto. Nossos corpos são como doces chupados. Nem sabemos nossos nomes, e isso nos faz sorrir quando nos despedimos. Peço serviço de quarto e como sentada em cima do meu próprio fedor divino.

Quando termino a refeição, me esgueiro para dentro do banheiro e faço um xixi pesado, lento e sensual. A porcelana cintila. Meu cabelo está uma confusão de cachos suados que secaram ao redor da minha cabeça.

Volto para o quarto e deito na cama, a bunda para cima. Olho a minha nudez no espelho de corpo inteiro. Faço um quadrado com os dedos e me enquadro. Clique.

Deixo o hotel às cinco da tarde. Ando desviando entre pessoas e carros, na agitação da hora do rush, mas agora a hora do rush é do lado de fora. Estou consciente do meu corpo como uma forma que corta o mundo com seu formato, inúmeras vezes, enquanto se move para a frente, deixando para trás uma sanfona de bonecas de papel de mãos dadas. E nos mantemos unidas.

Eu me mantenho inteira.

Quando chego em casa, Kelly olha pra mim e diz:

- Fez alguma coisa diferente?
- Poderíamos dizer que sim.

RASCUNHOS

Cara Jenny,

Parece que você tem duas opções:

1. Abraçar o terror
2. Morrer.

Como uma introvertida de alto nível funcional, você se sente apavorada com tudo, mas supera. Você nunca iria se acomodar em uma vida tolerável. Mas chegou longe e tenho grandes esperanças para você. Calculo que quando você tiver sessenta anos, vai estar a meio caminho de ser uma pessoa semirresolvida. Talvez não a deusa Durg, mas alguém capaz de usar uma boina com confiança. Você vai ter parado de esperar que a sua vida comece, porque vai entender que isso se baseia na ideia de esperar que um momento perfeito chegue, para que então possa parar e descansar. Spoiler: esse momento perfeito nunca vai chegar, porque ele vem de um conto de fadas que contaram para você, para que você continue carente. É uma bela mentira. A sua vida está acontecendo sem você, portanto é melhor estar dentro dela.

Você vai ser bem feliz morando com a Kelly. Ela ronca como um jato em propulsão, mas aquele aplicativo de cancelamento de ronco está realmente ajudando. Quem diria que ela soaria exatamente como fogo estalando? O aplicativo. O APLICATIVO SABIA. A terapia de amizade também está ajudando, mesmo que

o terapeuta seja tecnicamente um terapeuta de casais. Não é culpa sua estar culturalmente à frente do seu tempo de novo. Amizades passam por ciclos, órbitas, e você está se aproximando da Kelly de novo, chegando bem perto, você consegue sentir.

Você ainda não perdoou a Mãe Natureza, mas quando as coisas ficarem realmente ruins, pode assistir ao leão Christian no Youtube até a sua fé ser restaurada. Com certeza o humor mais sombrio vai se dissipar diante da visão daquele leão crescido correndo na direção dos homens que o salvaram da loja de departamentos, colocando as patas nos ombros deles. Minha gente! Há bondade ali. Entre os leões.

Para terminar, um pequeno recado sobre manutenção da casa. Está na hora de você começar a comer mais vegetais crucíferos e usar sutiãs melhores. Na verdade, esse é o seu mantra para o próximo ano: Mais Crucíferos, Sutiãs Melhores. Sugestivo e sexual.

Vamos fazer isso acontecer.

Para sempre sua,

Jenny

Minha caríssima querida Jenny,

Pensei em mandar um cartão-postal para alegrar você nessa casinha úmida, então aí vai! Está tão quente aqui que é possível sentir o calor esticando os seus ossos, e o sushi é De Morrer. Está sendo uma delícia aqui com o Dan – os amigos dele me receberam calorosamente e são muito respeitosos com o meu trabalho. Estamos nos dando muito bem e estou pensando mais em viver com ele do que em morrer com ele, o que é uma vitória e tanto. A melhor coisa é que parece que existe muito trabalho por aqui para alguém como eu e, como você sabe, sempre quis viajar, por isso Dan e eu estamos estudando possibilidades mais a longo prazo, mas é claro que mantereii você informada. Outro dia fui ver a placa de Hollywood e, sabe, ela parece frágil de perto. De qualquer modo, deixe que gritem dos topos dos prédios (e das colinas): Carmen McLaine conquistou Hollywood!!!!

Amor e luz para você!

Bjs,

Mamãe

NOITE FELIZ (E RAZOAVELMENTE SILENCIOSA)

Volto da festa de Natal da *Foof* e encontro Kelly deitada no sofá, usando um gorro de Papai Noel. Ela está no meio de uma garrafa de vinho do porto.

— Você está fantástica.

— Estou dando o meu máximo.

Eu me sento e me sirvo de uma taça, mas não inteira. Kelly abre espaço para mim no sofá e coloca as pernas uma de cada lado do meu corpo. Na TV está passando um desses programas abomináveis de nostalgia. *Os anos 1990 não foram incríveis?* Não, eu penso. Deixe os anos 1990 morrerem com dignidade.

Ela grunhe e se mexe no sofá, tira o meu celular de debaixo do corpo e me estende.

— Manda ver. Meia hora.

— Você é uma ama cruel.

— Você sabe disso.

Pego o celular e ligo.

— Eu me sinto bem equilibrada — comento. O celular volta à vida.

— Você comeu alguma coisa de tarde?

— Uns petiscos festivos — digo, enquanto olho distraidamente meus aplicativos.

— Humpft.

— É — concordo. Meu telefone desperta com alertas e novas mensagens.

— Jenny?

— ...

— Você tá ficando com aquele olhar vidrado. Acho que é melhor me dar esse celular de volta.

Mas não posso.

— JENNY.

Kelly pousa a taça de vinho e começa a se levantar. Corro para a cozinha com o celular.

— Jenny!

Ela está correndo atrás de mim. Lutarei com ela se for preciso. Hahahaaaaaaaaa.

Ela me ama.

CAIXA DE ENTRADA

Suzy Brambles começou a seguir você no Instagram.

AGRADECIMENTOS

Aos meus amigos, por me amarem e por me deixarem roubar todas as suas pérolas, em especial: Sally Cook, Katie Popperwell, Natalie O'Hara, Nicola Mostyn, Maria Roberts, Sarah Tierney, Alison Taylor, Emily Morris, Jesca Hoop, Holly Smale, Alex e Simon Glew, Eden Keane e Romana Majid.

À minha agente e amiga Clare Conville, que sempre me traz de volta à terra e já me buscou em inúmeros conveses nesta vida. A todos da Conville & Walsh. E também a Camilla Young e todos da Curtis Brown.

À Sophie Wilson, pelo maravilhoso e extremamente necessário direcionamento inicial.

À minha editora Charlotte Cray, pela confiança, afinidade e por incentivar esse livro a ser o mais ousado que poderia ser. A Ore, Suzie, Ann e todos na The Borough Press.

À Anna Burtt, por ser uma ótima líder de torcida e a melhor Suzy Brambles.

À Sarah Brocklehurst, minha amiga querida e parceira de trabalho.

À Jenn Ashworth, pelas chicotadas e nudes.

À Society of Authors, pela bolsa quando eu estava tentando combinar maternidade e escrita. Se você for um autor falido, se inscreva.

À minha família: mãe, pai, vovó, Lucie, Dave, Charlie e Matilda. E a Ian e LF, por me dividirem de maneira tão

graciosa com meu trabalho.

Por fim, a todo leitor que entrou em contato durante o abismo entre *Animals* e este livro. Vocês me fizeram continuar.

SOBRE A AUTORA



© ALEX LAKE

EMMA JANE UNSWORTH é escritora e roteirista premiada. Já foi colaboradora de diversos veículos, como *The Guardian*, BBC Radio e *Red Magazine*. Além de *Adultos*, é autora de *Hungry, the Stars and Everything* e *Animals*, cuja adaptação para o cinema estreou no Festival Sundance de 2019.

LEIA TAMBÉM



Teto para dois
Beth O'Leary



Rede de sussurros
Chandler Baker



Alucinadamente feliz
Jenny Lawson